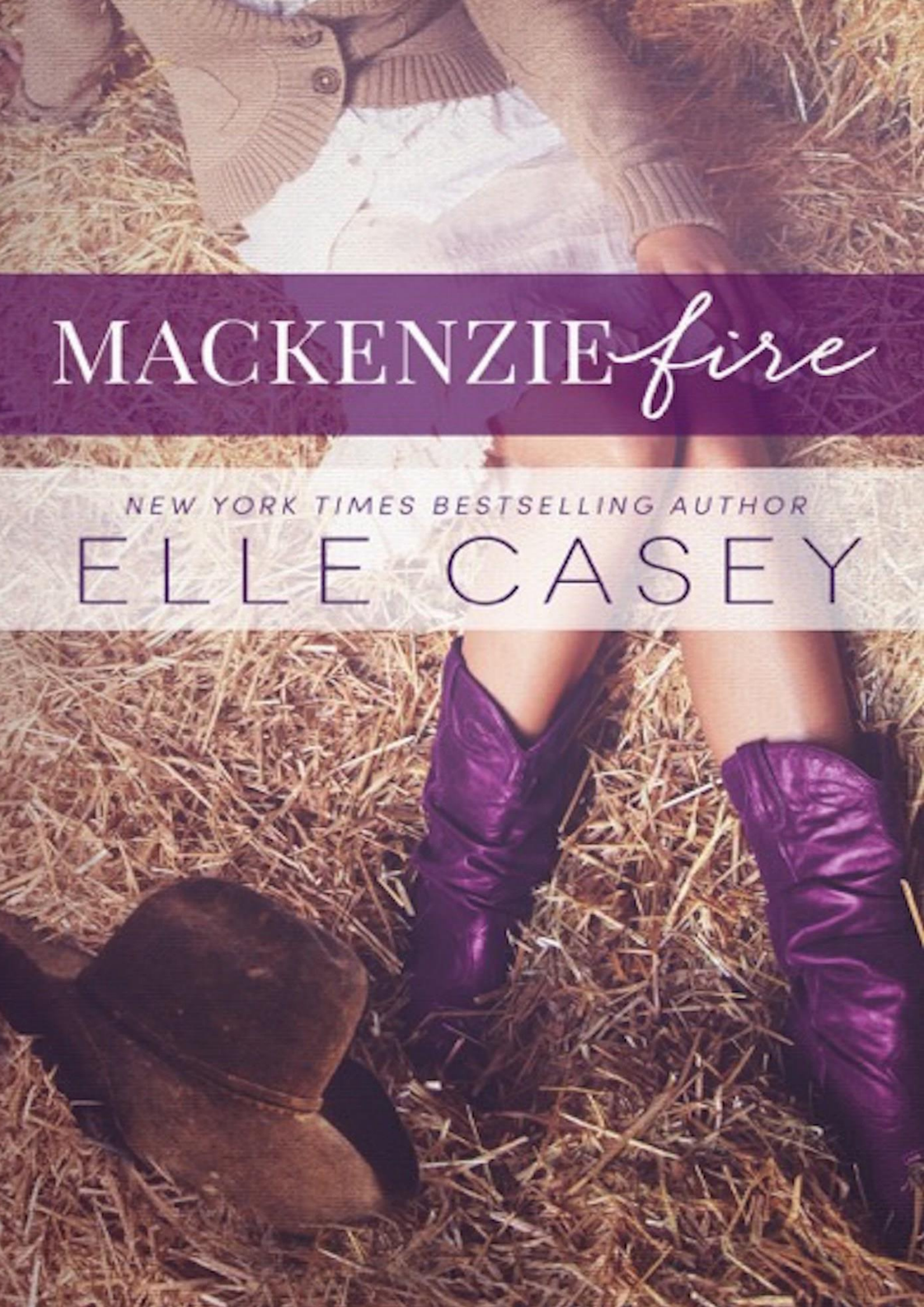

MACKENZIE fire
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
ELLE CASEY


Um
Ano
de
WAS!



Tradução Mecânica: Kah

Revisão Inicial: Valentina

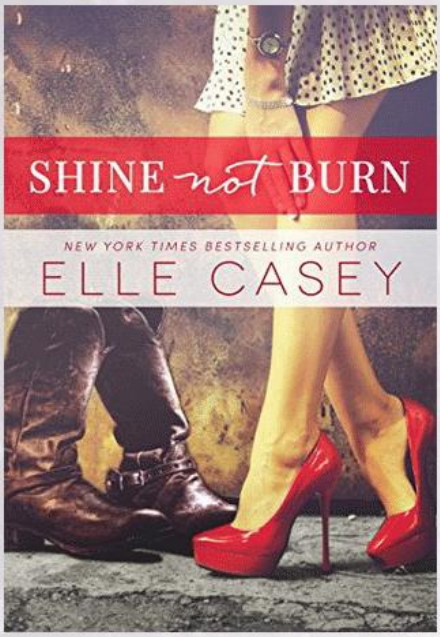
Revisão Final: Agatha Wings

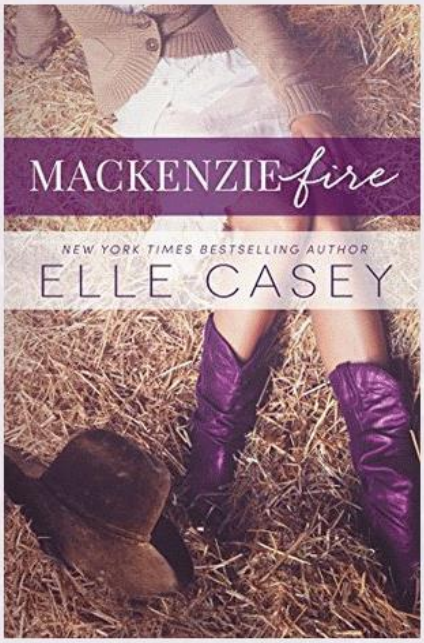
Leitura Final: Aurora Wings

Formatação: Aurora Wings

Série Shine Not Burn

Elle Casey





WARRIORS
ANGELS
OF
SIN
WAS
TRADUÇÕES

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Ainda amargurado em relação ao seu fracassado noivado e à vida na fazenda da família, Ian MacKenzie está irritado há quase três anos. O casamento de seu irmão Mack não ajudou, e agora a melhor amiga de sua cunhada grávida está vindo para uma visita.

Candice chega para ajudar com o novo bebê, mesmo que isso signifique trocar seus sapatos Louboutin por botas de neve e suas chapinhas por flanela. Ela está longe de estar preparada para o frio congelante e certamente não estava esperando o calor escaldante de sua atração por certo cowboy de olhos verdes. Ian pode ser rude e enfurecedor, mas ele parece pecaminosamente bom em seu jeans.

Os dois brigam a cada momento, mas há uma coisa em que ambos podem concordar — se eles cedem à sua inegável química, então é só uma aventura... porque ele é um garoto do interior e ela é uma garota da cidade, e seus códigos postais estão ligados a lados opostos do mapa.

UM

O AR EM BOISE, IDAHO, é tão frio que quando respiro, congela os pelos da narina. Eu mexo meu nariz e literalmente sinto estalos acontecendo lá dentro. Isso não está certo. Eu sou da Flórida. Narinas nunca, *jamais* fazem ruídos nos trópicos.

O ar lá fora parece azul. Eu atribuo isso à frieza. Frio é igual à azul, quente é igual à laranja. É por isso que o céu na Flórida sempre parece laranja. É um fato meteorológico; você pode pesquisar. Estou pensando no equador, tudo é provavelmente todo vermelho.

As nuvens enevoadas no alto do céu cinza parecem que estão com vontade de jogar neve na minha cabeça, e isso vai ser um problema, porque eu gastei uma tonelada de tempo certificando-me de que meu cabelo estaria perfeito. A cor loiro acinzentado com destaque da aparência natural no topo e lowlights[1] abaixo é uma configuração difícil para ficar perfeito, mas eu fiz isso. Claro. E o corte propositadamente descuidado para o estilo ondulado, leva mais de uma hora para ficar bem com a ajuda de vários produtos e chapinha. Um chapéu arruinaria totalmente o efeito. O cabelo é meu negócio e estou sempre publicando sobre ele.

Eu examino a área de desembarque e me pergunto pela décima vez desde que o avião tocou o chão por que estou aqui, mas então vejo minha rechonchuda melhor amiga gingando pela calçada fora do aeroporto, e me lembro; Eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar

[1] Lowlights — mechas nos cabelos com colorações diferentes.

do mundo do que aqui na tundra[2] congelada que é o noroeste, esperando o nascimento do meu primeiro afilhado.

— Candice! —Andie grita alegremente, pegando o ritmo. — Você está aqui! —Ela parece que vai tombar primeiro para um lado e depois para o outro. Seus pés estão angulados como os de um pato. A neve na calçada range e ressoa com o ritmo de seus passos.

Eu corro para encontrá-la e seu acompanhante cowboy que ela está puxando atrás, os pompons no topo das minhas botas batendo em meus tornozelos e panturrilhas. Eu encontrei esses bebês online, e não podia esperar para usá-los. Nunca uso botas de pompons com forro de pele na Flórida, mas aqui estou girando e desfilando em toda forma de exposição do norte. Eu não posso deixar que o diploma da UF[3] seja completamente desperdiçado.

Estou quase abraçando minha melhor amiga quando bato em um pedaço de gelo. — Whooop!

Meus braços voam para fora em uma tentativa de criar alguma resistência ao vento e retardar minha descida. Não tenho certeza se funciona desta vez, embora a teoria seja sólida. O céu vira de cabeça para baixo e troca de lugar com o chão. Eu não consigo ver nada além daquelas nuvens finas, e então minha bunda cai com força na calçada. A umidade fria imediatamente começa a infiltrar-se no meu jeans da Diesel.

Bunda? Conheça o gelo. Muito frio, gelo muito duro.

— Santa Merda, — eu xingo quando tento me sentar, — aquela calçada é como concreto ou algo assim. — Meu corpo está um pouco atordoado demais para obedecer a meus comandos ainda, e minhas luvas

[2] É um bioma que se desenvolve sobre solos permanentemente congelados. A palavra “tundra” significa terra estéril.
[3] UF – Universidade da Flórida

estão grudadas no chão. Agora sei como uma tartaruga se sente quando é virada. *Pobres tartarugas.*

Um chapéu de cowboy bloqueia o céu cinzento e um rosto sem emoção está acima do meu. — Isso foi gracioso, — diz ele.

Eu franzo a testa para ele, ignorando os belos olhos verdes e cinzelados de boa aparência deste cowboy nascido e criado no Oregon. — Claro que foi. Eu tenho praticado.

Ele segura uma mão enluvada, que eu tomo sob protesto. O cunhado de Andie, Ian, está na minha lista. Minha lista de merda. Andie me manteve informada de seu mal humor por e-mail, mensagens e telefonemas no último ano, então tenho muitos motivos para não gostar dele. Pelo visto, sua atitude depois do casamento de seu irmão não melhorou muito desde quando Andie o conheceu pela primeira vez. Analisamos a situação repetidas vezes e chegamos à conclusão de que ele ainda está culpando o marido de Andie, ou talvez mesmo Andie, por sua vida bagunçada.

— Você está bem? Oh meu deus, isso foi mau. — Andie está agitando as mãos em volta de mim, me dando tapinhas quando fico de pé.

— Não há nada quebrado além da minha bunda, e já tenho uma rachadura nela. Estou bem. — Eu levanto as mãos dela para os lados para que eu possa vê-la no meio e distraí-la de seu louco programa de mãe. É muito estranho vê-la agindo de forma diferente. Estou disposta a apostar que a garota festeira nunca mais estará no mercado.

— Como você está? — Eu pergunto. — Pronta para parir? — Seu casaco branco de plumas de ganso está tão estufado que parece o Homem da Michelin[4] ou talvez o Stay Puft Marshmallow Man[5]. Eu não

[4]Michelin- mascote da empresa francesa de pneus Michelin.

posso realmente ver a barriga dela, mas deve estar enorme, do jeito que está transformando a minha ex-pequena amiga advogada em uma gigante bola de neve humana.

— Você não tem ideia. — Ela me puxa para um abraço desajeitado. Ela tem que se abaixar para impedir que a barriga me bata, e eu tenho que dobrar ao meio para encontrá-la, já que ela é mais baixa que eu. — Eu senti tanto a sua falta! —Ela soa quase chorosa.

Eu reviro meus olhos para Ian, que está fingindo estar entediado. — Sim, eu sei. Nada a fazer senão olhar para os cowboys o dia todo. Pobre garota. — Ela tem um pequeno trabalho jurídico na cidade onde mora, mas faz todo o trabalho em casa. Eu aprendi que existem os três homens MacKenzie, um amigo da família chamado Boog, e então alguns outros rancheiros que estão lá todos os dias trabalhando. — Você deve estar realmente sentindo falta da vida da cidade. Você se sacrificou muito.

Ian não olha para mim, mas seu rosto se contorce.

Boa. Deixe-o chupar a gota de limão por um tempo. Ele vai me ouvir mais tarde por ter sido um idiota para a minha melhor amiga, depois que ela desistiu de sua vida inteira para mudar para o meio do nada e ser a esposa de um rancheiro. Eu estreito meus olhos para ele, querendo que olhe para mim e me aqueça na minha silenciosa ameaça.

Ele me ignora, balançando uma série de chaves do carro várias vezes.

— Anda, — diz Andie. — Vamos voltar para a caminhonete. Está muito frio aqui fora. — Ian já está se movendo para pegar minha bagagem, mas eu corro na ponta dos pés passando por ele, certificando-

---

[5]Stay Puft Marshmallow Man – personagem da franquia de filmes Ghostbusters.

me de bater nas partes limpa da calçada para não ter que testar novamente a minha teoria de quebrar a resistência ao vento.

Meus peitos estão saltando no meu sutiã de renda, e eu não posso deixar de sorrir quando nada menos que três caras olham para admirar a vista. Eu não tenho vergonha de dizer que agradeço a atenção, que é parte da razão pela qual eu escolhi este casaco que é provavelmente menos quente. Porém, melhor para enfatizar as curvas. Recuso-me a ser uma Doughgirl[6] da Pillsbury nesta viagem ou em qualquer outra.

— Eu posso pegar, — eu digo, tirando a minha bolsa de Ian. — Não, eu entendi, — diz ele, curvando-se.

Eu dou um tapa na mão dele. — Afaste-se, John Wayne. Não toque.

Ele se levanta e franze a testa para mim, seus ombros voltando e me dando uma grande perspectiva de quão amplos eles são. *Santa mãe de todas as coisas musculares.* Ele provavelmente poderia levar duas das minhas malas nessa coisa.

— Você vai carregar isso sozinha? — Pergunta ele. — O que você é... algum tipo de mulher feminista?

Eu olho para a minha mala. É bem grande. E pesada. Mas ele provavelmente vai empurrar e então acho ele um grande homem por me ajudar. Não quero dar a ele a satisfação. Ele tem muito a aprender sobre as mulheres e sou a única a educá-lo. Se eu não conseguir nada enquanto estiver aqui na terra, nenhuma mulher irá, vou me certificar de que minha melhor amiga tenha mais facilidade em conviver com esse cara do rancho. *RESPEITE, descubra o que isso significa para mim. Oh sim.*

— Eu peguei no avião, não peguei? — Eu pego minha mala e a arrasto pela alça, murmurando para ele ou talvez apenas para mim, já que

[6]Doughgirl – mascote da empresa de alimentos Pillsbury.

ele provavelmente nem está ouvindo. — Mulher feminista? Quem mais diz isso?

Empurrar minha mala em linha reta se torna meu maior desafio desde que cheguei nesse inferno ártico. O som das rodas coletando neve, sal e lama embaixo delas me faz querer dar um chute mental por não permitir que Ian a carregue. Menos de um minuto depois, e não tenho certeza de quem está aprendendo que lição.

Andie vem ao meu lado e eu solto uma mão da minha mala para podermos ligar os braços. Infelizmente, andar lado a lado assim me força a andar de pernas bambas. Minha mala e eu temos bastante ritmo agora: *gingando, gingando, tropeçando... gingando, gingando, tropeçando...* Tanto para o meu casaco apertado chamar atenção. Agora estou apenas recebendo olhares de pena.

Ian ri enquanto anda atrás de nós.

Recuso-me a admitir que cometi um erro. Ele não merece a satisfação. Além disso, meu orgulho não permite isso. Eu tiro minha longa franja para fora do meu rosto para que possa ver.

— Então, o que o médico disse na sua consulta hoje? — Eu pergunto, tentando tirar minha mente da minha má escolha no transporte de bagagem.

Gingando, gingando, tropeçando...

— Estou quase pronta para o parto. Qualquer dia agora.

— Você deveria estar aqui, andando por aí? — Eu pergunto, olhando para as manchas de gelo perigosas em todo o lugar. Sua técnica de salgar pavimento deixa muito a desejar. O cara que fez isso tinha que estar bêbado.

— Desculpe-me, mas eu não *gingo*. Eu *deslizo*. E provavelmente não. Mas desafio alguém tentar me impedir de vir buscar minha melhor amiga no aeroporto.

Ian sussurra um pouco de ar, mas nós duas o ignoramos. Transporte de bagagem.

Gingando, gingando, tropeçando...

— Onde está Mack? — Eu pergunto, olhando para frente, quase esperando vê-lo estacionar em uma caminhonete. Ele não é exatamente possessivo, mas está definitivamente apaixonado por Andie. Ela diz que ele não pode ficar longe dela por mais do que algumas horas no trabalho, especialmente agora que ela está visivelmente grávida.

— Ele teve que ajudar seu pai com alguns bebês nascendo. Os bezerros estão nascendo em todos os lugares e todas as horas do dia e da noite.

— Na neve? Isso é horrível.

— Eu sei. As vacas têm o meu total respeito nos dias de hoje. Eu não estou tendo meu bebê em qualquer lugar, mas em uma cama quente e fofa dentro de uma sala aquecida com o rosto lindo do meu marido sobre mim.

Ian pega o ritmo e vai ao nosso redor no estacionamento, parando na pista de carros na parte de trás de uma caminhonete. É um monstro esta coisa, a porta traseira saindo vários metros mais longe do que os outros carros.

— Nós temos uma data de nascimento real definida? — Eu pergunto, balançando para fora de seu aperto e arrastando a mala até a parte de trás da caminhonete. Estou tentando descobrir se vai caber no banco de trás ou ter que ir na carroceria quando Ian agarra a alça.

— Não, — responde Andie. — Dr. diz que tenho que fazer do jeito antigo. O bebê decide quando ele vem, não nós.

— Ooh, divertido. — Observo, encolhendo-me como Ian tão facilmente lança a minha mala nas costas, sem se importar com a sua marca de designer. *Tanto cuidado para ela ser jogada na carroceria.* Eu balancei minha cabeça enquanto ele casualmente joga uma lona sobre ela. Ele espera que eu reclame - sei que sim - mas não vou lhe dar a satisfação, embora a mala me custasse mais horas cortando e colorindo cabelo do que eu gostaria de pensar.

— Precisa de ajuda para entrar? — Ian pergunta, levantando uma sobrancelha para mim. Isso é um desafio; Eu sei que é.

— Por favor... Eu respondo, revirando os olhos. — Não sou deficiente.

— Eu não estava falando com você, — Responde impassível. Então ele olha para Andie, esperando por sua resposta.

— Oh. — Meu rosto está em chamas. Acho que não foi um desafio. Como eu li isso tão errado? Os homens são geralmente minha especialidade. Sou fluente em conversas, expressões e pensamentos masculinos.

— Candice pode me ajudar, não pode, Candice? Andie vai até a porta do passageiro. Esta caminhonete tem quatro portas e não apenas duas. Eu não tenho ideia de como isso se encaixa nesse espaço de estacionamento.

— Claro, sem problema. — Abrindo a porta do passageiro da frente, eu gesticulo para ela entrar antes de mim. — Alley-oop[7], minha pequena amiga rechonchuda.

Ela aponta o dedo para o meu rosto. — Não *me* chame de rechonchuda. — Então ela se vira, pega a porta com uma das mãos e a lateral da cadeira com a outra, e tenta subir na caminhonete.

Há um grunhido.

Uma quantidade considerável de esforço.

E possivelmente cerca de uma ou duas polegadas de decolagem real.

Então Andie está ainda no chão, com os dois pés, o rosto vermelho e sua expressão irritada. — Você vai me ajudar ou o quê? — Ela olha para mim por cima do ombro.

Eu me preparo para trás dela com as mãos na cintura, agachando-me para levantar essa carga pesada com minhas pernas e não minhas costas. — Ok, tente novamente.

Quando ela começa a subir, eu empurro.

Nada acontece. Ela é como uma tonelada de tijolos. A música — BrickHouse— começa a tocar na minha cabeça. — *Ela é um tijolo... berpberpbeeerberp... casa... ela é poderosa, poderosa...*

— Vamos! — Ela grita, com um pé no estribo e o outro no ar.

Eu me inclino mais e coloco meu ombro sob sua bunda. — Um, dois, três, *vá*! — Eu a levanto com todas as minhas forças.

Seu corpo todo se ergue no chão em uma grande onda de movimento, e sua cabeça bate no topo da porta.

— Ow! Não tão alto, Candice!

---

[7]Alley-oop – É uma jogada de basquete em que um jogador joga a bola na lateral e um companheiro de equipe pega e marca uma cesta em movimento, geralmente uma enterrada.

Estou perdendo o controle da bunda dela e meu pé está escorregando. — Entre! Entre! — Eu estou grunhindo junto com ela, e agora estou suando também. *Droga!* Eu odeio suar; isso estraga totalmente minha maquiagem.

De repente, seu peso se foi e estou caindo para frente. Eu bato meu rosto no banco do passageiro, e então meus pés escorregam. Meu cabelo bate de lado e fica preso no meu gloss enquanto a gravidade toma conta e me arrasta para baixo.

Eu caio de joelhos e depois rolo de costas para não quebrar nada. Eu li que você tem que ir com o movimento de uma queda para evitar que o choque seja absorvido pelo corpo. É a lei de Newton ou algo assim. Eu sou tudo sobre o rolar, rolar, rolar agora. Como uma dublê, mas não uma daquelas garotas.

Céus cinzentos.

Um chapéu de cowboy.

Um sorriso mal disfarçado no rosto estúpido de Ian. — Precisa de ajuda? — Pergunta ele.

Eu começo a girar minhas mãos acima de mim, batendo nele. — Não! Vá embora, John Wayne!

Ele desaparece da vista, mas posso ouvir sua risada aborrecida enquanto seus pés esmagam a neve e o sal ao redor da traseira da caminhonete. É possível ouvi-lo murmurar 'Muito trabalho', também.

Fico ali por alguns segundos, contemplando o meu mundo. Eu nem sequer atravessei a fronteira para o Oregon, e meu cabelo já está arruinado, e minha calcinha está molhada. *Isto não é um bom sinal.*

Eu me esforço para sentar, estremecendo enquanto mais água penetra na minha calcinha. A única maneira que posso suportar é colocar meus pés debaixo de mim como um pato, e nem estou grávida.

Finalmente entro no banco de trás da caminhonete e passo os próximos cinco minutos tentando recuperar meu cabelo. Recusa-se a cooperar. Pode não haver neve no ar, mas isso não impede que a umidade invisível me faça parecer um cachorro molhado. Estou condenada a chegar a Baker City parecendo uma sem-teto que Andie e Ian pegaram na esquina da rua. Até meus pompons estão arruinados, manchados de gosma e encharcados.

Andie está tagarelando sobre vacas, cavalos e todos os tipos de outras bobagens, mas tudo que consigo pensar é o vodu ruim acontecendo aqui. Todos estes são sinais terríveis, certo? Duas quedas no gelo dentro de cinco minutos? Cabelo arruinado? Pompons sujos?

O que mais poderia dar errado?

DOIS

NO MOMENTO EM QUE CHEGAMOS à frente da propriedade da família de Ian, ninguém me reconheceria. Meu cabelo? Liso, molhado, simplesmente arruinado. Minha maquiagem? Manchada e borrada. Meu jeans? Encharcado. Meus olhos? Vermelhos. Tenho certeza de que eles estão vermelhos porque estão queimando agora. Meu espelho de mão está na minha bolsa na parte de trás da caminhonete, e eu não queria ser óbvia e me inclinar no banco da frente para usar o espelho retrovisor, então eu tive que sofrer por mais de duas horas, me perguntando o que estou parecendo. Minha imaginação me transformou em Sasquatch[8] com um mau trabalho de tintura.

Os MacKenzies já me encontraram uma vez no casamento de Andie, e eu estava absolutamente fabulosa na época, graças a Deus. Era verão, e eu tinha um ótimo bronzeado, meu cabelo estava em destaque, loiro, e minha barriga estava tão apertada como sempre foi. Minha aparição hoje será uma decepção séria para todos os envolvidos. Eu sempre acumulo alguns quilos durante o inverno, então tem isso... e aparentemente, meus produtos de cabelo não foram feitos para condições de frio e neve encontradas no Círculo Polar Ártico. Parece que tenho cola no meu cabelo.

[8]Sasquatch – personagem de quadrinhos da Marvel

— Vamos lá, vamos entrar. Ian, você vai pegar a mala de Candice para mim? Andie está deslizando para baixo do banco da frente e para o chão coberto de neve abaixo dela. Agora quem é a dublê?

— Sim, eu entendi. — Ian desaparece atrás da caminhonete, provavelmente para abusar da minha bagagem um pouco mais.

Eu me encolho com a minha amiga, preocupada que ela morde a poeira quando ela fizer contato com toda aquela água congelada. Mas parece que minha preocupação é infundada. Ela obviamente faz muito isso. Ela pousa com segurança com apenas um pequeno ruído de neve e se vira para me esperar.

Tentando a mesma desenvoltura, eu não sou tão confiante ou bem - sucedida. Graças a Deus eu estava segurando a porta com uma mão e o cinto de segurança com a outra, usando meu aperto de kung-fu; caso contrário, eu teria tomado outro tombo, só que desta vez no Oregon e não em Idaho. Eu recuei por alguns segundos antes de meus pés decidirem que é hora de segurar o chão para mim.

O que. O. Inferno. Eu nunca fui tão desajeitado em toda a minha vida.

O que é isso com esses Estados da ponta superior? Por que eles não podem ser mais como a Flórida ou a Geórgia, Estados no canto inferior direito do mapa? Eu nunca *jamais* cai na parte inferior direita desses Estados. Sou graciosa e elegante ali, como um cisne ou um flamingo. Aqui, me sinto como um búfalo de água ou algo assim. E isso faz sentido, já que eles têm búfalos aqui e água com toda essa neve. Eu aposto que búfalos de água vêm originalmente do Oregon, que é como eles conseguiram o nome deles. Vou ter que procurar no Google quando tiver uma chance,

mas até que verifique, eu vou levar isso como um fato. Isso totalmente faz sentido.

— Cuidado, — Andie adverte. — O chão está realmente molhado. E duro. — Ela estende a mão para me firmar.

— Sim, eu sei. — Eu reviro meus olhos para ela enquanto ganho meus pés novamente. De jeito nenhum vou aceitar sua oferta de ajuda. Vou acabar levando-a para baixo e fazendo-a entrar em trabalho de parto, e não vou ver baby goo[9]. Deixo esse tipo de bobagem para os médicos. — Tenho a prova de quão duro este chão é na minha bunda, muito obrigada. Eu vou ficar machucada por toda a semana.

— Bem, isso é ótimo. Isso significa que você terá três semanas inteiras de não estar machucada antes de ter que voltar. — Ela sorri. Ela é realmente fofa quando faz isso, mas eu não estou me apaixonando por isso.

— Eu não posso ficar por três semanas, eu te disse isso. Apenas duas semanas. Esse é todo o tempo que tenho.

Eu me sinto um pouco culpada por isso, já que quase nunca a vejo, mas não tanto quanto fiz no avião. A neve e o gelo atenuaram consideravelmente meu entusiasmo por este lugar. Aparafusar botas de pom-pom. A moda não vale o congelamento das nádegas que estou sofrendo agora. Nada de melhor tem em cair, é tudo o que estou dizendo.

— Oh, ela está aqui! — Exclama uma voz de dentro. A porta da varanda se abre e uma mulher mais velha, de cabelos castanhos mal tingidos, empoleirados num coque, sai correndo. Ela está usando chinelos pesados com jeans e camisa de flanela de homem por cima de uma gola

[9]baby goo – é uma gíria para rompimento da placenta.

alta. Eu não posso deixar de sorrir para o rosto adorável dela e para a forma tristemente coordenada.

— Oi, Maeve! Tão bom estar aqui! —Vou começar agora a mentir. Estou feliz de estar com essas pessoas, sim, mas não neste lugar gelado.

— Vem vem vem... Entre na casa. Está terrivelmente frio hoje. Não é pouco, não é Andie?

Andie bufa atrás de mim enquanto ela sobe as escadas. — Oh sim. Normalmente, é super agradável.

— Você é tão ruim, — Maeve repreende sua nora enquanto ela me leva para dentro de casa. A porta bate atrás de nós com a força de Ian.

O calor me envolve em seus braços e eu respiro um suspiro de alívio. Meus pelos da narina são instantaneamente descongelados. Eu inalo e mexo meu nariz só para ter certeza de que não há gelo restante lá dentro. Ter um desses seria mais do que um pouco embaraçoso. *Não. Sem embaraços.*

Meu sorriso é genuíno. — Muito obrigada por me receber, Maeve. Eu realmente gostei disso. Eu não quero ser um incômodo, então fico feliz em ficar na cidade.

— Absurdo! Você vai ficar aqui com Angus e eu. Não aproveitamos sua visita se você ficar tão longe.

Nós três meninas, entramos na cozinha e nos sentamos ao redor da mesa de jantar. Eles têm uma sala de estar perfeitamente agradável, mas tanto quanto eu vi, nunca se acostuma. O fogão a lenha fica na cozinha, e é lá que todos se reúnem, mesmo no verão.

— Onde você quer sua mala? — Ian pergunta da porta.

Eu tento não olhar para ele, mas é impossível não olhar. Sua presença é totalmente dominante. Eu já ouvi essa expressão antes, mas até estar perto dele, nunca realmente apreciei o que significava. Ele é como o imã dos meus olhos ou algo assim.

Não olhe para o pacote dele, Candice. Não olhe para o pacote dele. Meus olhos se movem por vontade própria. *Oh caramba, você olhou para o pacote dele! E... Oh meu... Meu, meu, meu...*

... Há uma protuberância gigante! Obrigada pela protuberâncias gigantes e os jeans que me deixam vê-las! — Coloque-a no quarto de Mack, — diz Maeve, levantando-se da mesa. Ela não tem ideia que eu apenas devorei seu filho com os olhos, graças a Deus.

— Mas isso é... Ele fechou a boca e não disse mais nada.

— Isso é o que, querido? — Sua mãe pergunta, pegando canecas e ligando a cafeteira.

— Ele ia lamentar que é muito perto de seu quarto, — diz Andie em um tom de provocação.

— Não, Ian não diria isso, — diz Maeve, rindo. — Ele é um menino grande. — Ela olha para o filho. — Você não tem medo de uma garota estar do outro lado do corredor perto de você, ou você tem Ian?

Ele balança a cabeça quando se vira para sair. — Não seja ridícula. — Ele e seu pacote glorioso se foram, e minha bagagem vai com eles. E ai meu Deus, ele não tem o melhor bunda que já existiu? Sim, senhor, ele tem. Isso é uma coisa que eu lembro da minha última viagem aqui. Nenhum homem já preencheu um jeans como Ian MacKenzie. Que pena que a bunda está ligado a um grande cara idiota.

Ainda assim, ele não precisa ser um cara legal para ser um bom rolo no feno. Eu sorrio para a ideia que está se formando no meu

cérebro. *Nota para mim: Pergunte a Andie se eles têm feno em qualquer lugar por aqui.*

— O que é isso tudo? — Eu pergunto, me afastando dos pensamentos sexy em um esforço para controlar meus hormônios em fúria. Normalmente, não sou assim de pensar em bunda, mas Ian tem algum poder estranho sobre mim que me deixa idiota. Deve ser os feromônios. Eu não estou totalmente rolando no feno com ele. Eu não me importo com o tamanho dessa protuberância.

— Ah, ele é apenas um pouco difícil, — diz Maeve. Ela parece um pouco triste.

— Difícil? Eu chamo isso de idiota, — diz Andie.

Agora, Maeve traz canecas vazias e açúcar. — Não deixe que o humor dele chegue até você. — Ela dá um tapinha na bochecha de Andie antes de voltar para a cafeteira. Aparentemente, estar grávida dá a Andie um passe livre para ser honesta e ousada sobre o filho de Maeve. Na verdade, é bem impressionante. Não sei quem admirar mais por isso, Andie ou Maeve.

Eu meio que derreto um pouco por dentro, vendo Maeve ser tão doce com minha amiga. A verdadeira mãe de Andie é uma verdadeira dor na bunda. Minha melhor amiga merece ter uma mãe amorosa em sua vida.

— É difícil quando ele fica de mal humor o tempo todo. — Andie diz isso em voz baixa, mas é claro que ela não está tentando manter sua opinião de sua sogra.

— Ele só precisa de mais tempo, — diz Maeve.

— O que ele precisa é de um chute rápido no traseiro, se você me perguntar, — diz Andie. — Ele teve muito tempo para superar seu coração partido. Agora ele está apenas chafurdando.

Maeve está na cafeteira, observando o líquido escuro escorrer das moendas. — Todo mundo tem seu próprio tempo para o luto. O dele é apenas mais longo que o da pessoa comum.

— Luto? — Eu pergunto, olhando de Maeve para Andie. — Alguém morreu e eu não ouvi sobre isso? — Eu me pergunto se é aquele cara do Booger sobre o qual Andie falou antes. Ele é amigo da família e aparentemente tem sido a maior parte da vida de Ian e Mack. Ela não mencionou ele há algum tempo, no entanto.

— Não, ninguém morreu, — diz Andie, obviamente, não impressionada com o processo de luto de seu cunhado. — Ele foi jogado no altar ou jogou alguém no altar, e ele ainda não superou isso. Foi, anos atrás. Ela revira os olhos.

— Isso foi há três anos, e garanto que já faz algum tempo, mas ele ainda está genuinamente machucado. Ele é sensível. Maeve se vira para nos olhar. — Você não pode saber o que é ter alguém desonroso com você até que isso aconteça com você pessoalmente. Ninguém sabe como reagirão quando a confiança se desfizer, então não devemos julgar.

Andie lança os olhos para o tampo da mesa. — Eu não estou realmente julgando. Só estou brava com ele por estar triste o tempo todo. Ele merece ser feliz.

— Concordo, — diz Maeve, tirando a panela meio cheia do fogo e trazendo-a para nossas canecas. — E ele será. Algum dia, espero. Todos nós esperamos. Ela despeja um pouco de líquido fumegante em uma caneca para mim, e não perco tempo jogando quatro colheres de chá de

açúcar nela e um monte de leite, seguido por uma dose saudável de agitação vigorosa com minha pequena colher. Demora um pouco, mas logo tenho um pouco de espuma flutuando no topo da minha bebida.

— O que é isso tudo? — Andie pergunta, tomando seu café preto com um sorriso enquanto ela olha incisivamente para a minha caneca.

— Backwoods cappuccino. Você deveria tentar. É delicioso. Eu tomo um gole e finjo que estou dizendo a verdade novamente. *Bleck. Isso é horrível.* Eu continuo sorrindo através da dor. Vou ser tão incrível em mentir quando sair daqui, provavelmente deveria começar a jogar poker para que possa limpar o Hard Rock Casino quando eu voltar.

— O que quer que seja o bombeamento de sangue, certo? — Maeve está sentada à minha frente e sorrindo em seu copo também, depois de trocar olhares com Andie.

Eu aceno como se eu soubesse do que ela está falando. Talvez haja uma piada acontecendo aqui, mas eu não quero agir paranoica e exigir saber o que é. É provavelmente uma daquelas coisas que eu não entenderia, sendo uma autêntica garota urbana que geralmente não muda de opinião.

O que não consigo entender é como Andie está tão bem nesse estilo de vida. É como se estivesse aqui toda a sua vida, e eu sei muito bem que ela não esteve. Ela é como eu. O que mais gosta de fazer na quinta-feira, na hora do almoço é ir à manicure no Blissful Spa no centro da cidade, seguido de uma noite no escritório de advocacia, fazendo uma pesquisa massivamente chata. Todo esse grande ar livre, pelos congelados nas narinas, puxando os bebês das vacas, vestindo essa coisa que não faz jus a ela? Não. Isso não é Andie.

Talvez eu deva passar algum tempo aqui tentando convencê-la a voltar para a civilização. Ela me disse que Mack a seguiria aonde quer que fosse. Eu mastigo meu lábio enquanto tento decidir se planejo isso ou não. Provavelmente vou ter que fingir uma lesão ou algo para fazer funcionar. Como um aneurisma, talvez. Mas isso não é nada de mais. Eu poderia mancar por aí com os olhos cruzados por alguns dias. Eu sou realmente coordenada quando não estou no gelo.

— Eu vejo seu *hamster* correndo, — diz Andie, colocando a caneca na mesa. Ela inclina o queixo para baixo e olha para mim, apenas olhando. Ela está totalmente com a coisa de mãe dando bronca.

Eu não sei o que diabos ela disse sobre *hamsters*, no entanto. — O quê? — Eu olho para trás, apreensão assumindo o meu processo de pensamento. *Maeve mantém hamsters na cozinha? Isso é mesmo higiênico? Por que ela faria isso? Meu Deus... Ela os come?* Estou imaginando terríveis espetinhos de hamster quando olho para Andie novamente. — Oh meu deus, eu não estou comendo um hamster enquanto estou aqui. Estou falando sério, Andie. Olho para Maeve. — Eu sei que você come bolas de boi e tudo mais, mas eu não vou comer. Nem mesmo se Andie ameaçar me exonerar a ser madrinha. Sacudo a cabeça e aperto os lábios para que ela possa ver como seria inútil tentar me convencer do contrário.

Andie está rindo tanto que mal consegue pronunciar as palavras. — Do que você está falando?

— Você é a única que citou hamsters. Do que *você* está falando? — Estou perdendo a piada mais uma vez. Odeio quando isso acontece.

— Eu disse que posso *ver seu hamster*. Aquele que corre na esteira em sua cabeça, alimentando seu cérebro. Ele está prestes a desmaiar por asfixia provocada pela superestimulação aguda, Candice. Pare de planejar.

Como ela ousa descobrir o que estou pensando! Tão rude! Minha expressão mais inocente vem para salvar o dia. Subo as sobrancelhas e pálpebras, fazendo meus olhos tão largos quanto possível. — Do que você está falando? Não estou planejando. Nunca planejo.

— O que estou perdendo? — Pergunta Maeve, olhando primeiro para Andie e depois para mim.

Andie aponta para mim. — Olhe essa expressão em seu rosto. Memorize isso. Sempre que você ver, corra. Pegue o extintor de incêndio. Essa é a sua aparência intrigante. Coisas ruins acontecem quando o hamster fica sem fôlego.

Eu franzo a testa, jogando fora. Eu não posso acreditar que ela está me lendo assim. E não há nenhum hamster executando este super computador também. Mais como uma pantera ou um leopardo. Vou ter que usar técnicas de espionagem do google para poder esconder melhor minhas intenções. Nesse ritmo, eles conhecerão meus segredos mais profundos na terça-feira.

— Ela é louca, — eu digo, meu tom casual. Ela é a louca, não eu. — Eu nunca planejo. Sou uma mulher adulta e racional que apenas vive sua vida e deixa as outras pessoas viverem a delas. — Eu bufo para ênfase. — Até parece.

— Então agora sabemos que ela estava planejando interferir na vida de alguém. — Andie balança a cabeça conscientemente para Maeve. — Eu posso lê-la como um livro.

— Isso é impressionante, — diz Maeve, ainda sorrindo. — Quem será essa pessoa, eu me pergunto? — Eu coloco minha caneca para baixo e levanto a minha mão. — Ok, tudo bem, a piada acabou. Ha-ha, muito engraçado. — Eu coloco minha palma na mesa e me inclino um pouco. Eu pareço uma âncora preparando-se para relatar as notícias mais incríveis e suculentas do ano. — Podemos, por favor, voltar ao assunto dessa coisa de bebê? Porque estou um pouco estressada, se você precisa saber a verdade.

Isso. Isso vai ajudar. Andie está focada em bebê, e eu sei que uma vez que eu tenha sua mente sobre este assunto, será preciso nada menos que uma caixa explosivos para tirá-la do assunto. Fale sobre esquemas. Ela não tem ideia. Posso controlar sua *mente* sem que ela perceba. Eu sou perigosa assim. Ela deveria me temer mais do que ela.

Andie se inclina sobre a caneca com as duas mãos em volta dela. Ela sorri como um idiota. — Sim, vamos fazer isso. Vamos falar sobre bebês.

Veja? Eu te disse.

Maeve está de pé. — Eu adoraria, mas tenho alguns pães quentes de frango que precisam ser recolhidos. Vou conversar sobre as coisas de bebê mais tarde. — Ela sai para a varanda de trás, fechando a porta atrás dela antes que eu possa responder.

Eu olho para Andie. — Por favor, não me diga que ela vai tocar em cocô de galinha. — O rosto de Andie é totalmente impassível. — Não.

— Ufa. Isso é um alívio. — Eu levanto minha caneca para os meus lábios. O café é horrível, mas pelo menos é quente, e Maeve simplesmente deixa entrar uma grande quantidade de ar frio. Os arrepios nas minhas pernas estão fazendo os pelos eriçarem instantaneamente.

— Ela vai pegar seus ovos, no entanto.

Eu paro antes de beber, lentamente abaixando minha caneca para a mesa. De repente cappuccino backwoods não soa tão apetitoso como antigamente. — Então ela *está* indo tocar seu cocô.

Ela ri, parecendo confusa. — Como assim? — Ela toma um gole de sua bebida enquanto espera minha resposta.

Eu me encolho. — Ew, Andie. Porque os ovos vêm de suas bundas, é claro. Andie ri tanto que ela cuspiu café em mim. Então ela se inclina, se jogando no braço da cadeira, desde sua barriga está tão grande que ela não pode caber daqui para frente. — Você tem que estar brincando comigo. — Ela enxuga as lágrimas. — Oh, cara, Candice, com certeza senti sua falta.

Eu franzo a testa em sua óbvia ignorância de todas as coisas de frango. — Também senti sua falta. Mas por que você está rindo de simples fatos científicos? O Google é seu amigo, você sabe, Andie. Você realmente não deve negligenciar as pesquisas no Google.

TRÊS

O QUARTO DE MACK É ESPANTOSO, O QUE não me surpreende nem um pouco. Ele é um cara sem noção. Organizar minhas roupas leva pouco tempo, e vinte minutos no banheiro põem meu cabelo e rosto do jeito certo. Agora eu posso me apresentar para o resto de Baker City e não parecer uma hippie de uma comunidade de merda. Um borrifo do meu perfume favorito me faz sentir quase humana novamente.

— Uh-Oh! Vá com calma, — diz Ian enquanto passa pelo banheiro, acenando com a mão na frente do nariz. Eu posso ver seu rosto estúpido refletido no espelho.

— Você sabe que este perfume custa mais de cem dólares e é da França. — Eu coloquei a tampa de prata de volta e olhei para a garrafa pequena e redonda, me perguntando se eu deveria duvidar de mim mesma. *Pfft. Certo.* O que ele sabe? Ele é um caipira total. Sua ideia de um delicioso aroma é provavelmente de bosta de porco fermentada.

Sua voz desaparece enquanto ele se move pelo corredor. — Teria sido melhor *você* gastar seu dinheiro em um simples sabão velho.

Meu queixo cai quando ele desaparece em seu quarto. Como se atreve a insultar o meu cheiro de grife! Passei anos esperando o cheiro perfeito, e por acaso sei que os homens adoram. Eu os tenho me seguindo como cachorrinhos em casa com apenas um cheiro. Este material é puro apelo sexual capturado em uma pequena garrafa.

Largo e saio do banheiro. — Sim, certo, — eu digo, seguindo-o, parando quando chego a sua porta. — Aposto que as mulheres com quem

você costuma sair usam as coisas que compram na mercearia. Essa coisa dá um novo significado às palavras *eau de toilette*[10], você sabe. Eu levanto o queixo e fungo, confiante no conhecimento de que sou muito mais sofisticada do que qualquer garota com quem ele já esteve.

— Sim, — diz ele, sem sequer olhar para mim, quando puxa um boné de beisebol para fora de sua gaveta e o coloca em sua cabeça. — É chamado de sabão. — Ele move o boné para cima e para baixo. — Você deveria tentar algum dia.

— Não é a sua cor, — eu digo, ignorando seu insulto. Eu nem vou dignificar esse comentário com uma resposta. Eu uso sabão. Sabonete, na verdade. Tem óleos essenciais de lavanda, também da França.

Ele franze a testa e tira o boné azul da cabeça, olhando para ele. — O que há de errado com a cor?

Eu reviro meus olhos e passo para o quarto, arrancando o boné de suas mãos. Nós dois estamos em pé na frente do espelho sobre a cômoda, olhando para o reflexo dele. Seu cabelo está levemente inclinado, e sua expressão é descrença misturada com choque. Eu amo esse olhar de confusão sobre ele, já que sempre parece extremamente confiante, mas eu nunca diria isso a ele.

Eu seguro o boné ao lado de sua cabeça com uma mão e aponto para sua bochecha com a outra. — Você é uma pessoa de *verão*, não uma pessoa de inverno. Isso significa que você deve ficar com cores quentes. — Eu agito o boné para dar ênfase. — Esta é uma cor legal. Isso diverge da sua aparência. — Eu o coloco de volta na gaveta e cavo ao redor para encontrar outro. Ele tem uma coleção impressionante. Eu tiro o melhor, coloco na cabeça dele e olho no espelho com ele. — Viu? Retiro o velho da

[10]É uma colônia levemente perfumada usada como ambientador de pele. É também referido como "águas aromáticas" .

gaveta e seguro-o ao lado de sua cabeça para que ele possa ver a diferença. — Muito melhor, certo?

Ele torce a boca e pega o boné da minha mão. Tirando o outro e jogando-o por cima do ombro, ele dá um tapinha no velho. — Não. Este é melhor.

— Você discute apenas por uma questão de argumentar? — Minhas mãos estão em meus quadris.

— Você sempre mete o nariz nos negócios de outras pessoas sem ser solicitada?

Ele bate a gaveta fechando.

— Eu tenho um diploma em moda, para sua informação. E já que você é cunhado de Andie, tenho a obrigação moral de impedir que você saia desta casa parecendo um imbecil.

Ele para em sua porta ao sair, olhando para mim sob a aba do boné, seus brilhantes olhos verdes olhando diretamente para mim pela primeira vez. Normalmente, ele olha para mim meio que de lado, e agora eu sei o porquê. Poder como o dele deve ser usado com moderação, se não por outra razão do que por causa da minha pressão arterial. Eu sou muito jovem para ter um derrame.

— Eu pensei que você cortasse cabelo, — diz ele.

Eu não posso evitar a pequena emoção que me atravessa com a ideia de que ele se lembrava do que eu faço para viver. Eu teria jurado que ele não sabia ou não se importava. — Eu faço. *E* eu dou conselhos de moda, mesmo quando é um caso perdido e as pessoas não apreciam isso. Você deveria me ouvir, você sabe. Eu sei do que estou falando.

— Vou manter isso em mente, — diz ele. Ele pode estar sorrindo também, mas é difícil dizer já que ele já se foi.

— Onde você está indo? — Eu pergunto, correndo para a porta a tempo de ver suas costas desaparecendo pelas escadas. Estou um pouco sem fôlego, mas não é de exercício. Meu, oh, ele pode ser muito fofo quando quer ser.

— Em nenhum lugar que você gostaria de estar, — diz ele.

Por alguma razão, deixar Ian obter a última palavra não é aceitável para mim. Minha primeira reação com ele é discutir a cada ponto. O porquê disso, eu não sei, mas não adianta negar isso. Eu normalmente não sou do tipo argumentativa, mas algo sobre sua atitude me faz querer brigar com ele. Além disso, como ele sabe onde eu gostaria de estar? Talvez eu gostaria de estar *exatamente* onde ele está indo.

Eu corro para o meu quarto e pego minhas botas cowgirl super fofas. Esbanjei totalmente nesses bebês. Elas são bordados em várias cores, e o couro é um roxo escuro com um acabamento natural, fazendo com que pareça um pouco manchado. Elas são incríveis botas cowgirl vintage, e estou totalmente pronta para quando tiver tempestade nesta cidade.

— Espere! —Eu grito enquanto corro do meu quarto. — Eu vou com você! —Meus pés batem muito mais alto do que estou acostumada quando os saltos das minhas botas batem contra o chão. Normalmente, sou praticamente uma bailarina do jeito que eu voo e flutuo por toda parte.

— Não, você não vai! —Ele grita de volta, batendo a porta da frente ao sair.

Eu pego meu curto casaco de couro do gancho perto da porta enquanto corro, indo para a varanda a tempo de vê-lo subir em sua caminhonete. Ele deve ter corrido pelo quintal ou algo assim. Que idiota.

— Espere! —Eu grito, estendendo minha mão como se estivesse chamando um táxi. Eu desço os degraus da varanda na velocidade da luz e estou pronta para decolar como a velocista que costumava ser no ensino médio.

O único problema é que não estou exatamente usando meus tênis de corrida. Eu logo aprendo da maneira mais difícil que as incríveis botas de cowgirl vintage não têm muita tração. Ou qualquer uma, na verdade.

Um segundo estou pedalando ao contrário, chegando a lugar nenhum enquanto meus braços estão girando para fora dos meus lados, e no próximo estou de costas, olhando para o céu cinzento. Minha cabeça dói tão terrível. Tenho certeza que bati em uma pedra.

O motor da caminhonete continua, ressoa e gira, e após alguns segundos depois para de produzir sons completamente. Não tenho certeza se Ian ainda está aqui ou se saiu tão rápido que já está na metade da montanha. Tenho medo de levantar a cabeça e checar. Eu poderia possivelmente ficar paralisada.

Alguém sentirá minha falta dentro de casa a tempo de me resgatar da morte congelando ou mutilando por congelamento? Não tenho certeza. Tempo para puxar meus vastos recursos de poder pessoal, para que eu possa me salvar de morrer ou perder os dedos dos pés muito jovem.

Tempo de inventário. Eu mexo meus pezinhos para ver se estou bem da cintura para baixo. *Sim.* Os dedos dos pés estão se movendo. A bunda está... molhada. Novamente. *Droga.* Eu torço meus dedos. *Sim.* Ainda funcionam também. Mas maldição, eles estão frios. Eu não vou ficar tão adorável com todos se meus dedos se foram. Apertar minhas mãos em punhos parece uma ideia muito inteligente.

Estou trabalhando em mover meus ombros para cima e para baixo quando o rosto de Ian está subitamente pairando sobre mim. — Você está ficando muito boa nessa coisa de cair de bunda. — Ele estende a mão.

Eu soco-o desde que minhas mãos não querem mais abrir. Sentando-me, minhas preocupações com paralisia são rapidamente substituídas por aborrecimento. — Eu te disse... Eu tenho praticado... de propósito.

— Parece que há maneiras mais fáceis de ficar deitada do que escorregar no gelo.

Ele está sugerindo que eu seja uma vagabunda? Ele vai pagar por isso. Eu rolo e me levanto de joelhos e depois meus pés. Minhas botas escorregam imediatamente, fazendo-me estender a mão e agarrar a jaqueta de Ian no ombro para me equilibrar.

— Você está me chamando de prostituta? — Eu pergunto. Virar um pouco para colocar meus pés sob mim com mais firmeza é um erro. Meus pés escorregam completamente e eu tenho que segurar Ian com as duas mãos para não cair novamente.

Infelizmente, ele não estava esperando meu peso extra em seus ombros, então ele perdeu o equilíbrio. Seus pés se arrastam no gelo e na neve para segurar, mas é impossível.

Ele cai de costas e eu caio em cima dele, minha testa batendo em seu queixo. — Ow, filha da puta! —Eu gemo. — Caramba, você tem um queixo duro. — Estendendo a mão para esfregar minha cabeça, meu dedo entra em uma de suas narinas por engano.

— Jesus, tire o dedo do meu nariz, ok? — Ele está ali, sem vida, com os olhos fechados, enquanto puxo minha mão para trás e descanso na neve ao lado de sua cabeça.

— Ow, Deus, eu machuquei minhas costas, — ele grunhiu. Seus braços caem para os lados. Meus olhos se arregalam em alarme. — Ian? Ian, você está bem?

Ele não responde.

Eu bato na bochecha dele, primeiro gentilmente e depois mais forte. — Ian! Você está bem?! — Estou gritando na cara dele porque estou em pânico. Estou quase pronta para chamar as tropas quando um dos olhos dele se abre

— Você vai se deitar em mim o dia todo ou o quê?

Meu rosto fica vermelho. — Oi?. Só porque você deseja. Eu me movo, tentando sair dele, mas não é tão fácil quanto parece. Ele é grande, e o chão ao redor dele é muito liso para eu segurar, mesmo com minhas mãos.

— Se você não parar de se mexer assim, nós dois vamos nos arrepender. Vaí, saia.

Eu falo através de dentes cerrados. — Cale a boca, idiota, estou tentando *levantar*. — Ele ri. — Eu posso dizer.

De repente percebo o duplo significado de nossas palavras, e o constrangimento faz minhas bochechas ficarem vermelhas. Sem pensar, eu pego um punhado de neve e coloco na cara dele. Isso vai esfriar ele, o babaca.

— Ei!, — Ele gagueja, suas mãos saindo do chão para limpar seu rosto. Ele pisca várias vezes e depois franze a testa para mim. — O que foi isso? — Ele está meio irritado e meio rindo. Acho que está tão confuso quanto eu.

— Isso é para me entender quando estou apenas tentando me *levantar*. — Empurro seu peito e consigo sair dele e de costas

novamente. Estou mais uma vez olhando para o céu de Oregon. Estou realmente começando a odiar essa coisa. Estado superior esquerdo estúpido.

E então minha boca está cheia de neve.

Estou ocupada me recuperando do choque e cuspindo a massa fria e derretida quando Ian ataca, deitando parcialmente de lado agora, com a parte superior do corpo virada na minha direção.

— *Ha-ha* ! Como é esse gosto, City?! — Ele está sorrindo de orelha a orelha, e seus olhos estão brilhando.

Eu jogo meus braços para os lados, pego dois punhados de neve e me viro de lado. — Você me diz, *Country*! — Eu empurro duas bolas até o nariz dele.

Ele começa a espirrar e aproveito a oportunidade que a incapacitação dele proporciona para fugir. Eu rolo e rolo e rolo. É minha única chance desde que meus pés são inúteis nesta neve com estas botas.

Uma vez que estou a poucos metros de distância, me esforço de joelhos e começo a engatinhar. Meus joelhos estão deslizando como loucos no gelo, então eu só tenho cerca de cinco centímetros para cada seis movimentos das minhas pernas. Eu coloco mais velocidade para obter mais distância entre nós. Provavelmente meus pés são apenas um borrão roxo agora para qualquer espectador, estou indo tão rápido e furiosa.

Estou quase na varanda antes que Ian agarre meu tornozelo. Medo e talvez um pouco de ansiedade vindo da emoção da perseguição surge em mim, como se eu fosse a vítima em um filme de terror sendo perseguida por um assassino quente. Eu não posso deixar de gritar.

— Onde você pensa que está indo? — Ele rosna.

— Aaaai! Largue! — Eu tento chutá-lo, mas tudo o que ele faz é oferecer os dois pés para a captura. Meu corpo desliza facilmente pela superfície gelada do jardim. Antes que eu perceba, ele me prende debaixo dele, com os dois de nós peito a peito.

Ele imediatamente começa a pegar punhados de neve e os joga no meu rosto, minha cabeça, meu pescoço... em qualquer lugar há uma superfície exposta.

— Tome isso, City! Coma essa neve! É isso mesmo garota! Yum, yum! Saborosa neve de Oregon! Espero que não haja nenhuma das coisas amarelas lá!

Uma porta se abre e um grito vem de algum lugar da varanda. — Ian Michael Angus MacKenzie, o que na *terra* você está fazendo ?!

A mão de Ian congela empurrando a neve.

Eu cuspo a boca cheia de neve e pisco através da água que está derretida nas minhas pálpebras. A expressão de Ian é clássica. *Derrotado.* Inclinando a cabeça para trás, vejo Maeve parada no alto da escada. Eu sorrio passando meus lábios congelados.

— Uhhh, ei, mãe, — ele diz nervosamente. — O que você está fazendo aqui fora?

Ela coloca as mãos nos quadris, a jaqueta aberta, sem mangas, voando de ambos os lados como asas de mariposa. — Aparentemente estou testemunhando um assaltante e uma agressão na nossa casa por um imbecil selvagem cuja extremidade traseira está prestes a se reencontrar com minha espátula de cozinha!

Eu começo a rir e cantarolar ao mesmo tempo. — Você está com problemas, você está com problemas...

Ele pega mais um punhado de neve e enfia no meu rosto. — Valeu a pena, — ele sussurra no meu ouvido antes de se levantar. Ele fica de pé com uma graça que eu não acho possível com todo esse material escorregadio ao redor e se dirige para a caminhonete enquanto responde.

— Eu estou fora daqui, mãe. Tenho que comprar um pouco de comida. Você pode bater no meu traseiro mais tarde.

— Pode apostar seu doce traseiro que eu vou. Besta selvagem. —Ela não parece mais tão chateada. Mais como acabou de fazer uma promessa que pretende cumprir.

Tenho medo de tentar me levantar, então fico de costas, usando a pausa no drama para limpar meu rosto de toda a neve e água. Neste momento minhas mãos estão praticamente congeladas.

— Oh querida, oh querida, oh querida, — murmura Maeve enquanto caminha cuidadosamente pelas escadas. — Não posso acreditar no que acabei de testemunhar. Ele está completamente fora da sua mente. Ele costumava ser uma alma tão gentil.

Começo a rir, quando ela olha para mim confusa, com o coque todo desequilibrado e a capa da heroína colada atrás dela, não consigo evitar; a histeria toma conta. Estou pronta para fazer xixi na calça quando Andie sai para ver o que está acontecendo.

— O que ela está fazendo no chão? — Ela pergunta.

Maeve está lá com a mão no peito, balançando a cabeça lentamente para mim. — Eu não tenho certeza. Chame o Boog para mim no rádio, para que possamos pegá-la.

— Não, não, estou bem, — eu digo, envergonhada com a ideia de algum grande animal peludo vindo em meu socorro. Eu só o vi uma vez, mas isso foi o suficiente. Ele me lembra um Wookiee demente.

Eu rastejo até as escadas e uso o corrimão para me levantar. Uma vez sob a proteção do telhado da varanda e no chão cheio de sal, posso ficar de pé. Eu respiro fundo, feliz por estar viva e revigorada além da razão. É como se eu tivesse feito uma corrida de 5 quilômetros ou algo assim.

— O que você está vestindo? — Pergunta Andie, olhando para os meus pés.

Eu inclino um para que ela possa admirar o bordado. Está apenas um pouco manchado da água. — Incrível bota Vintage cowgirl. Você gosta?

Ela sorri. — Sim eu gosto. Mas os solados são muito escorregadios para gelo e neve. Venha para dentro. Eu tenho outras botas que você pode usar enquanto estiver aqui.

— Mas eu gosto disso, — eu lamento enquanto a acompanho. Não são apenas lindas, mas fazem Ian cair e rolar por toda a neve comigo. Esses bebês valeram cada centavo.

— Eu não quero que você morra enquanto estiver aqui, então use isso. — Andie chega a um armário e pega as botas mais feias que eu já vi em toda a minha vida. Já seria ruim o bastante parecer que elas são feitas para alguém com um caso sério de tornozelo gordo, mas elas também são camuflados. A palavra *hedionda* nem sequer começa a descrevê-las.

— Você não está falando sério. — Eu gesticulo em direção as botas e então meu corpo. — O que em mim diz: Me vista como uma garota da Duck Dynasty[11]?

Seu olhar se move lentamente sobre o meu corpo, começando pelos meus joelhos molhados e encharcados, deslizando sobre a

[11] Duck Dynasty – Seriado de TV americana.

minha jaqueta de couro manchada de água , e terminando no meu cabelo. Ela faz uma careta. — Hum... sim. Poderia dar uma olhada no espelho, docinho.

Meus olhos se arregalam e eu corro para o banheiro do corredor.

A imagem que está diante de mim é o meu pior pesadelo se tornando realidade. — Oh... meu...

DEUS! — Eu não posso acreditar no que estou parecendo. Isso não pode ser real. Isto é um truque de espelho de uma casa de diversões?

Meu rímel de alguma forma foi até meu lábio superior. É como se eu estivesse usando um bigode de Hitler no meu rosto ou algo assim. Meu cabelo está emaranhado na minha cabeça, e os destaques que antes pareciam a glória perfeita do beijo do sol agora parecem com alguém que pintou minha cabeça com lama. — Oh meu pequeno bebê Jesus. — Eu me inclino para um olhar mais atento e, em seguida, rapidamente me inclino para trás. Ninguém deveria ter que ver um desastre desses.

Andie entra na porta para que eu possa ver seu reflexo no espelho. — Bem-vinda a vida da fazenda, garota da cidade.

Ergo meu queixo e tiro o rímel das minhas bochechas com um lenço da caixa no balcão. Por alguma razão, acho realmente irritante que minha melhor amiga tenha se fundido tão bem nesta vida, enquanto estou tendo dificuldades em parecer humana depois de apenas cinco passos na neve. — Eu posso lidar com isso, sou adaptável. — Odeio que ela tenha se saído tão bem aqui, e eu literalmente não consigo nem ficar de pé sozinha quando saio pela porta. Sempre achei que era mais forte do que isso.

Ela me dá um tapinha no ombro. — Claro que você é, querida. Com certeza você é. Vou fazer uma xícara de chá quente para você.

Ela desaparece, deixando-me a olhar para o meu ego no espelho. Eu movo minha boca para um lado e para o outro, certificando-me de tirar todo o rímel e outras manchas do rosto com o pano que encontro debaixo da pia.

Minha mente vagueia enquanto me limpo. Sou deficiente ou posso fazer isso? Eu franzo a testa com a ideia de ser incapaz. Claro que posso. Eu posso fazer totalmente essa coisa country e fazer isso com estilo. Outras pessoas fazem isso, e elas não podem ser mais impressionantes quanto eu. Eu só preciso descobrir algumas coisas primeiro. Gosto de andar no gelo e na neve sem pousar na minha bunda. E como lidar com Ian e meu crescente problema hormonal onde ele está relacionado.

Eu diria que ele é como um irmão mais velho com o jeito que me faz querer importuná-lo e provocá-lo, mas nenhuma garota deveria se sentir do mesmo jeito que me sinto, quando se trata de Ian em relação a um irmão. *Eca* . Não, Ian é muito fofo e sexy demais para ser irmão mais velho de qualquer uma.

A questão é: o que eu quero fazer com todos esses sentimentos? *Hmmm*... Um pouco de tempo sexy enquanto estou no meio do nada não pode ser muito horrível... Poderia fazer isso com o Ian? Eu *quero* fazer isso com o Ian? Estou pensando que talvez eu faça. Apenas a ideia faz meu sangue bombear mais rápido, e meu pescoço fica todo manchado.

Eu definitivamente preciso aprender a andar corretamente aqui. Dessa forma, da próxima vez que ele tentar partir, posso acompanhá-lo e fazê-lo me levar junto.

Eu sorrio para o plano que está se formando em minha mente, sem questionar meus motivos por um segundo. Estou aqui apenas para me divertir, e não há nenhuma razão no mundo em que eu não deva preencher o meu tempo com algumas brincadeiras enquanto espero que esse bebezinho nasça. Posso ficar no rancho. Posso ser uma vaqueira. Ian não acha que posso, mas vou mostrar a ele. Ele não tem ideia do que está procurando. Garota da cidade, minha bunda.

Eu sorrio para o meu reflexo e pisco. Esta viagem vai ser muito mais divertida do que eu imaginei que poderia ser.

QUATRO

A XÍCARA DE CHÁ FUMEGANTE está fazendo um bom trabalho de descongelar meu corpo, por dentro e por fora. Eu coloco as laterais para trazer meus dedos de volta à vida. Andie senta em frente a mim, bebendo uma mistura de ervas que supostamente relaxa seu útero ou algo assim. Não sei exatamente se quero ver um útero relaxado em qualquer lugar ao meu redor, mas não digo nada para Andie. Eu vi garotas grávidas enlouquecendo antes e não é bonito. E, além disso, se você não pode relaxar o seu útero ao redor da sua melhor amiga, com quem você pode fazer isso? Eu suspiro, rezando para não ver nada estranho. Não tenho o estômago mais forte do mundo.

— Então, o que é o negócio de Ian? — Eu pergunto tentando parecer indiferente. Andie nunca vai suspeitar que meus motivos são encontrar seus pontos fracos. Ian MacKenzie? Oh, sim. Desafio aceito. Você está indo tão baixo, senhor.

— O que você quer dizer? — Ela toma um gole de sua bebida.

— Você sabe... Por que ele é tão mal-humorado o tempo todo? O que ele faz aqui? Ele está vendo alguém?

— Você quer que eu responda a última pergunta primeira? — Andie pergunta, mal segurando um sorriso.

Eu dou de ombros, como se não estivesse pegando sua dica. — Tanto faz. Não importa para mim. — Porque sou superlegal, e você não tem ideia do que eu estou fazendo, Andie, então nem tente!

— Bem vamos ver... ele não está vendo ninguém até onde eu sei. Realmente não sei muito sobre sua atual vida social além de que frequenta muito o bar local e bebe mais do que qualquer um gostaria. Ele nunca traz garotas de volta para cá, mas também nem sempre vem para casa todas às noites, então você pode fazer as contas sobre isso.

— Interessante. Alguém com quem você sabe que ele está?

— Na verdade não. Apenas sua ex-noiva, Ginny. E não acho que ele esteja com ela desde o término.

— Ex-noiva? Eu me lembro de você ter dito algo sobre ela antes. Como ela se tornou uma ex?

Andie se inclina sobre a xícara um pouco. Se não me engano, ela parece um pouco culpada. — Quando Mack foi a Las Vegas, na noite em que o conheci, ele estava lá para celebrar o noivado de Ian. Foi sua despedida de solteiro.

— Oh, sim, eu me lembro disso. Você arruinou a festa para todos.

— Hey! — Ela joga um anel de guardanapo de plástico em mim.

Eu me abaixei e mostrei minha língua para ela. — Sentiu minha falta.

Ela olha para mim por um segundo, mas continua. — De qualquer forma, quando ele voltou, rumores estavam voando sobre a coisa toda sendo um fracasso porque um dos caras desapareceu a noite toda com uma garota, e Ginny pensou que era Ian, então ela fez algo estúpido, e Ian descobriu sobre isso e isso foi o fim de tudo.

— Uau. Espere. O que Ginny fez exatamente?

Andie olha em volta, checando para ver se alguém está ouvindo. Abaixando a voz, ela responde. — Ela deu em cima de Mack.

— Ooo quee? — Eu olho ao redor também e me inclino mais perto. — Ela cantou seu homem? *Irmão* de Ian? Que tipo de maluca dá em cima do irmão de seu homem?

— O tipo que é chamada Ginny, eu acho. Eu só a vi pela cidade algumas vezes. Não a conheço nem um pouco. Andie se recosta na cadeira. — Eles ficaram juntos por um bom tempo.

— Hmmm... então Ian provavelmente está muito amargo com as mulheres, hein?

— Não muito amargo, já que acho que ele está dormindo com algumas. Mas ele está amargo para o amor, eu posso te dizer isso.

E como não estou interessada em amor, isso não me incomoda nem um pouco. — Então tem sido como anos, certo? Desde o término, quero dizer?

— Sim.

— Então, por que ele ainda é um idiota?

Andie suspira quando ela encara a xícara. — Uma excelente pergunta. Você quer minha versão do por quê?

— Claro.

— Eu acho que ele quer estar em uma cidade em algum lugar. — Eu bufo. — De jeito nenhum.

— Sim, sim. — Andie olha para cima novamente. — Ele é um arquiteto. Eu acho que ele estava indo para Portland para começar um novo trabalho quando o casamento todo se desmoronou. Ele ficou aqui por qualquer motivo, mas não está feliz com isso.

— Por que ele simplesmente não sai se não está feliz?

— Você terá que perguntar isso a ele. Eu não ouso levantar essa bandeira.

— O que você quer dizer?

Andie se levanta com dificuldade e vai até a pia para lavar a caneca. — Ele é muito sensível sobre qualquer coisa que tenha a ver com essas coisas, e para manter as coisas bem entre ele e Mack, eu fico fora disso.

— Uau. Isso é uma atitude muito madura. — E assim, não é como eu lidaria com isso. Eu estaria envolvida se morasse aqui.

Ela se vira e sorri por cima do ombro. — Eu aprendi algumas coisas desde que me mudei para cá.

— Eu acho que sua sogra está te influenciando. — Eu paro antes de esclarecer. — Quero dizer isso como um elogio, a propósito.

— E é assim que eu estou levando também. — Andie se aproxima e senta novamente com um grunhido. — Ela é minha mãe adotiva. Eu a amo demais.

— O que há com sua mãe de verdade? Você não falou muito sobre ela. Termino meu chá enquanto espero sua resposta. A mãe de Andie é meio idiota, mas ela veio ao casamento, então tenho que assumir que a idiota está tentando, não perguntei muito sobre ela no ano passado porque queria evitar problemas infelizes.

Andie encolhe os ombros. — Ela está em Seattle. Eu não a vejo muito. Nós falamos talvez uma vez por mês. É o melhor que posso fazer com ela agora.

— Isso é melhor do que nada, eu acho. — Talvez.

— Você tem que trabalhar hoje? — Eu bato meus dedos na mesa, procurando por algo para falar quando esta conversa termina. Este lugar é muito tranqüilo para relaxar.

— Não. Eu dei uma pausa para o nascimento. Estou apenas checando as mensagens algumas vezes por dia, mas por outro lado, estou livre. Você já está entediada?

— Quem eu? Não, não seja boba. Este lugar é além de estimulante.

Ela ri. — Venha. — Permanecer em pé é uma luta, mas ela consegue. — Vamos para a cidade.

Levanto-me e caminho com ela até a entrada da frente. — O que há na cidade?

— Civilização, — diz ela com um sorriso. Então aponta para as botas que ela tentou me fazer usar e, de repente, fica séria. — Coloque isso e não me dê nenhuma porcaria sobre isso.

Eu olho para a coisa odiosa e lamento. — Mas elas são tão feias!

— Podemos comprar novas botas na loja.

Isso me anima consideravelmente. — OK. Você me venceu. — Deixando minha impressionante bota cowgirl perto da porta, eu deslizo meus pés para a surpreendentemente botina confortável, mas ainda assim muito feia que Andie forneceu.

Assim que saio para a neve gelada, posso apreciar aquele velho ditado que não parece ser tudo. — Oooo, squishyyy, — eu digo, sorrindo quando o som da neve não significa também que eu estou na minha bunda olhando para o céu. Essas feiosas estão comendo o chão. Eu me sinto como um homem na lua, saltando quase em câmera lenta a cada passo.

Andie fala enquanto vai até o carro. Seus pés esmagam a neve a cada passo curto. — Confie em mim, eu aprendi muito rápido por aqui a mudar o pensamento sobre algumas coisas, calçado sendo um delas.

Eu zombei. — Talvez no inverno, mas não no verão.

— Errado. Verão também. Há cobras por aqui, então sandálias no rancho é uma má ideia.

Cobras. Eu corro para alcançá-la e paro apenas quando estou colada ao lado dela.

— Cobras? — Eu olho por cima do meu ombro para me certificar de que nenhum deles está tentando se aproximar de mim. Andie tenta me dar um tapa, mas não sou dissuadida da autopreservação facilmente. Eu me agarro mais a ela.

— Não no inverno, idiota. Elas hibernam no inverno ou ficam dormentes ou algo assim. — Ela finalmente consegue me empurrar quando chegamos à área da garagem.

— Ou tenta encontrar um lugar quente para se enroscar, — eu grito, pulando para cima do estribo da caminhonete que ela está apontando para o seu chaveiro. Suas luzes piscam e a buzina soa uma vez quando as fechaduras se abrem.

— Apenas relaxe. Você não precisa se preocupar com cobras agora. Leões da montanha, sim. Cobras, não.

Meu queixo cai quando a vejo andar pela frente da caminhonete. Minha voz sai alta e estridente. — Você não pode estar falando sério! Leões da montanha? Mesmo?

— Apresse-se e entre, — ela diz quando abre a porta. — Há um leão por trás daquelas rochas, e eu não quero que ele coma minha melhor amiga.

Meu coração se contorce em meu peito e eu grito involuntariamente enquanto tento abrir a porta enquanto tento não me derrubar do estribo da caminhonete.

— Leão! Leão! — Eu sussurro em voz alta, sem sequer perceber que estou fazendo isso até as palavras saírem. Eu falho miseravelmente em minhas tentativas de entrar no carro e aterrisso de joelhos na neve. Não há tempo suficiente para que nada disso derreta e me molhe, porque eu posso me mover surpreendentemente rápido quando a ideia de ser comida viva está me motivando.

Batendo a porta atrás de mim, posso finalmente respirar de novo, embora pareça um maldito trem de carga. — Uau. Isso foi perto. Eu engulo uma vez para tentar me acalmar. Parece que meu coração está na minha garganta. — Devemos chamar a polícia ou o pessoal de controle de animais ou algo assim?

Andie está tentando se ajeitar na caminhonete, mas não consegue porque está rindo demais. Por um segundo me sinto culpada por não ter ajudado sua bunda grávida primeiro, o que deveria ter feito mesmo com o leão e tudo mais, mas depois fico desconfiada. Ela não está agindo como se estivesse correndo por sua vida. A adrenalina não deveria estar lhe dando o impulso que ela precisa para ficar a mais de meio centímetro do chão?

— Você estava apenas brincando comigo? — Eu olho pela janela de trás, tentando ver o monte que ela estava falando. Não há nada lá além de algumas manchas de neve. — Não há leões aqui, certo?

Se eu tivesse uma bola de neve, jogaria na cara dela. Eu não me importo se ela está grávida. Tenho certeza que acabei de perder um ano da minha vida, ou um mês pelo menos, com esse susto.

Ela está dentro e afivelou antes de responder, suas bochechas vermelhas de tanto rir enquanto solta um longo suspiro. — Não, eu juro, realmente existem leões da montanha aqui. E coiotes e ursos e lobos e

todos os tipos de outras merdas assustadoras. Mas não havia ninguém lá atrás. Estava apenas brincando sobre isso.

Eu aponto meu dedo em seu rosto. — Essa desculpa da gravidez não vai me segurar agora. Ainda posso te bater. Apenas lembre-se disso.

Ela afasta minha mão e liga a caminhonete. — Apenas mantenha os olhos abertos quando estiver fora, é tudo o que peço. Tenho certeza de que você nunca verá um, mas apenas no caso...

Eu me vejo em cima de um leão vagando pelo rancho e tomo minha decisão. — Eles vendem armas aqui?

Ela bufa. — O papa é católico?

— Que tal calçado de inverno?

— Não. Você está pegando botas.

— Bem. — Eu cruzo meus braços, tentando imaginar como eu vou me armar para atividades de perseguição ao ar livre enquanto me protejo dessas feras que comem homens. Uma arma é provavelmente uma boa ideia. Além de algum tipo de sapato, posso correr sobre a neve.

— O que você está planejando aí? — Andie pergunta, atirando-me olhares como nós saltamos sobre a estrada que leva à rodovia.

— Nada. Nenhuma intriga. Só pensando em comprar uma arma. Ela ri.

— Você não está comprando uma arma. Não seja ridícula.

Não digo nada porque ela não é minha chefe e vou comprar uma arma. Uma garota tem que se proteger, certo?

CINCO

QUAIS SÃO AS CHANCES DE dirigir até a cidade? Espiar uma loja de armas e ser capaz de entrar sorrateira sem que Andie saiba?

Muito bom. Muito, *muito* bom, na verdade, porque as senhoras aparentemente grávidas precisam fazer xixi e gostam de comprar roupas de bebê, e no Oregon, as lojas de roupas para bebês às vezes ficam na mesma rua das lojas de armas. Ela comprou totalmente minhas mentiras quando eu disse que queria navegar em torno da loja de peruca nas proximidades, enquanto ela estava no supermercado usando o banheiro. Nós concordamos em nos encontrar no local de roupas de criança logo depois da rua.

Eu ando na loja de armas e paro dentro, apenas olhando para todas as armas de fogo em exibição. Há o que eu presumo ser rifles de caça em todas as paredes e um estojo de vidro perto do registro com armas de mão nele. Alguns corredores têm outras parafernálias do tipo caça.

Eu ando e olho para o estojo de vidro. Ninguém está aqui que eu possa ver, mas vozes flutuam para mim de um corredor perto da parte de trás da loja. A conversa é filtrada e eu ouço descaradamente.

— Já tenho trinta e seis. O que eu realmente gostaria de experimentar é o arco curto do Mathews Creed. Tem algum desses?

— Sim, eu tenho um. O 2014, se você quiser dar uma chance. Sem trocadilhos. — O homem ri e lembro-me de Dukesof Hazzard [12] eu assisto

[12]Dukesof Hazzard — é uma série de televisão estadunidense exibida originalmente de 1979 a 1984. Criado por Gy Waldron, era protagonizada por Tom Wopat e John Schneider.

quando estou precisando de uma piada caipira. Eu amo Bo e o Luke naqueles jeans apertados.

Aquele Roscoe[13] *está lá atrás?* Eu estou na ponta dos pés para tentar ver o idiota, mas está muito trás e muito mal iluminado para ver qualquer um.

— Sim, vamos pegá-la.

Passos me faz voltar para o estojo de vidro. Eu não quero que eles me peguem ouvindo a conversa, então franzo a testa para as facas de caça embaixo do vidro.

— Eu vou pegar algo na parte de trás. Apenas me dê um segundo e eu vou abrir o leque para você. — Eles estão quase perto de mim quando ouço a voz do cliente com mais clareza. Meu sangue gela.

— O que você está fazendo aqui, City[14]? Você está me seguindo?

Eu me viro e fico surpresa. — O que? Olá, Ian. Gostei de vê-lo aqui.

— Isso está ficando um pouco assustador, você não acha? — Pergunta ele. — Você está me perseguindo agora?

— Por favor. Nem em seus sonhos. — Eu reviro meus olhos, sentindo que meu pescoço está avermelhando enquanto ele fala.

O homem que estava ajudando Ian olha para mim enquanto passa. Sua barriga é muito redonda sob uma grossa camisa de flanela. — Posso ajudá-lo, senhorita?

— Sim, — eu digo, sorrindo com todo o charme que tenho em meu corpo, — você pode. Eu gostaria de comprar uma arma.

Ele sorri de volta, totalmente de frente para mim agora, um pouco aturdido. — Bem, você não é tão fofa como a orelha de um inseto?

— Henry, você está se sentindo bem? — Ian pergunta.

---

[13] Roscoe — termo usado uns anos atrás para arma de fogo.
[14] Ele a chama assim por ela ser uma garota da cidade.

O sorriso de Henry desaparece num piscar de olhos. — Cala a boca Ian, estou tendo uma conversa com senhorita aqui.

Eu sorrio novamente, ignorando completamente Ian. — Você é um doce! Você é Henry?

— Sim, senhora, sou Henry. Henry Dawkins ao seu serviço. Você tem uma arma específica em mente? Ele se move atrás do balcão.

— Ei! Eu estava aqui primeiro! — Ian protesta. — E aquele arco?

Ian está atrás de mim, mas não vou dar a ele a satisfação de me virar. Eu resisto o desejo de lhe dar uma cotovelada no intestino.

Henry franze a testa para ele. — Apenas mantenha o cavalheirismo, Ian. Damas primeiro.

Eu olho por cima do meu ombro agora que meu triunfo está completo. — Sim, Ian. Senhoras primeiro. — Seus lábios se alinham e, em seguida, seu olhar cai para os meus pés. — Botas bonitas.

Coloquei minhas mãos na minha cintura e estiquei um quadril, torcendo pela esquerda e para direita um pouco para mostrar o meu calçado. — Você gosta? Eu chamo este lugar de chique.

Henry se inclina para ver o que eu calçando e parece esperançoso. — Você gosta de botas Sorel[15], minha senhora? Porque eu recebi um novo carregamento de todos os estilos mais recentes, mais bonitos do que os que você tem agora.

— Ah, vamos lá, Henry, não mostre suas botas! Eu estarei aqui o dia todo esperando!

— Então espere, — diz ele, virando a esquina para me levar para outra parte da loja.

[15] Sorel — marca de botas, especialista em bota de inverno.

Eu o sigo com um enorme sorriso, sabendo que isso está deixando o Ian louco. Eu vou comprar algumas botas só para ele.

— Veja, bem aqui, — diz Henry, parando na frente de uma pequena tela que parece uma reflexão tardia no canto da loja. — Eu tenho roxo se você gosta de cores ou você poderia simplesmente ir com um estilo mais de couro.

Eu confiro sua seleção, surpresa ao ver que não é uma droga. Eu ia comprar um par só para irritar Ian, mas agora vou comprar um par porque eles vão ficar fabulosos com meu novo jeans. — Você tem trinta e sete dessas? — Eu pergunto, segurando um par com a borda de pele mais fofa no topo. Esses bebês vão até meus joelhos, garantindo que minhas pernas nunca mais fiquem molhadas neste lugar esquecido por Deus.

— Eu com certeza tenho. Basta sentar ali e eu vou buscá-las para que você possa experimentá-las. Sento-me em um banquinho de madeira e tiro uma das botas de Andie. Ian caminha ao virar da esquina quando estou puxando minha meia.

— Você sabe, eu tenho coisas para fazer aqui. — Ele cruza os braços sobre o peito.

— Eu não estou te impedindo. — Eu volto minha atenção para minhas cutículas. Não posso o olhar, ele é muito fofo quando está todo amuado e eu preciso ficar forte.

— Sim você está. Você tem Henry todo trabalhado e agora ele nunca vai conseguir meu arco enquanto estiver aqui.

— Para que você precisa de um arco de qualquer maneira? — Eu pergunto, olhando para ele. — Indo correr pela cidade tipo Robin Hood?

— Não. Para sua informação, vou fotografar com isso.

— Fotografar o que? — Eu começo a franzir a testa quando percebo o que estamos falando. É melhor que ele não diga animais.

— O que você acha, garota da cidade?

— Alvos? — Eu sei que não é a resposta certa no momento em que sai da minha boca. Isso me deixa triste.

— Errado de novo. — Ele se afasta e me deixa lá.

Levanto-me e sigo-o, o meu pé batendo com a bota, dois centímetros mais curtos que a outra enorme bota. — Atirar em animais é assassinato.

— Não por aqui não é, — diz ele, ainda caminhando. — Aqui é chamado de alimentar a família.

— Você tem um rancho inteiro cheio de carne. Você não precisa fotografar nada.

— Eu gosto de fotografar coisas.

Eu paro de segui-lo nisso. Sua sensualidade simplesmente acabou para mim. Em vez de continuar a conversa, volto ao meu lugar e espero Henry.

Ian voltou em menos de um minuto. — Qual é o problema? Toda chateada agora porque alguns animais fofos que vão morrer?

— Vá embora, Ian. Você não é engraçado. — Supremamente desapontada, me recuso a olhar para ele. Em vez disso, me ocupo com os cadarços da minha outra bota feia.

— É um fato da vida aqui fora, City, é melhor se acostumar com isso. As pessoas têm que comer.

Ele me deixa tão brava que é impossível continuar ignorando-o. — Eu não tenho que me acostumar a matar animais, *Ian*. Você pode comer o que encontrar na mercearia.

Ele ri. — Você ainda ouve a si mesmo quando fala? De onde você acha que vem essa carne?

— Não da selva! — Eu digo muito mais alto do que eu provavelmente deveria falar.

Ele realmente tem a coragem de continuar rindo. — Oh, sim. Está certo. Porque os animais criados em fazendas e ranchos são de alguma forma diferentes.

Eu abro minha boca para concordar, mas depois paro. Ele está torcendo o que eu quero dizer e fazendo parecer estúpida. — Não vou mais jogar esse jogo com você, Ian. Terminei. Vá embora.

— Do que você está falando? Que jogo? Ele não está mais rindo.

Eu suspiro pesadamente antes de olhar para ele, piscando algumas vezes. — Ouço... Entendo que nós tivemos alguma química antes, e eu pensei em socializar com você enquanto estava aqui poderia ser divertido, mas você pode simplesmente cancelar esse plano porque no mínimo eu não acho os assassinos atraentes. Você pode estar no seu caminho agora. Eu o aceno com meus dedos. — Continue. Esterco. Vá atirar em um coelho ou Bambi ou algo assim. Não tenho mais nada a dizer para você.

Ele fica lá parado e gagueja por alguns segundos antes de encontrar sua voz. — Você é uma figura, você sabe disso?

Eu levanto meu queixo. — Então, me disseram.

Henry chega com uma grande caixa nas mãos, me salvando de ter que ouvir mais do Ian.

— Aqui está, senhora. Tamanho trinta e sete, assim como você pediu. Elas são resistentes à água também.

— Muito obrigada, Henry, — eu digo, exalando charme. Abrindo a caixa, vejo as botas que gostei dentro. A primeira se encaixa como uma

luva, e eu não posso deixar de sorrir como fica bonita em mim. — Absolutamente perfeita. — Eu coloquei a segunda bota. É linda.

Virando e pulando para cima e para baixo algumas vezes me diz que elas são tão confortáveis quanto bonitas. Pontuação dupla. Normalmente eu tenho que sacrificar um pelo outro, mas não hoje. Baker City não é tão ruim tanto agora, apesar de haver assassinos morando aqui.

— Venha até o caixa e eu mostrarei as armas. Você pode experimentar qualquer uma que você gostar.

Eu recolho a bota feia e a coloco na caixa, usando meu novo amor enquanto passo por Ian. Ele se tornou uma espécie de estátua, só de pé ali, franzindo a testa para mim e Henry. Eu estou ignorando-o completamente.

— O que você quer dizer com eu posso experimentá-las? — Eu coloquei a caixa da bota no chão perto da caixa registradora para que eu possa ver as armas sob o vidro. — Tipo, apenas puxe o gatilho aqui na loja? — Eu olho em volta, mas não vejo buracos de bala nas paredes ou qualquer coisa. Talvez ele tenha espaços em branco que eu possa usar.

— Temos uma área coberta, — diz ele, sorrindo com orgulho. — Não é grande, mas serve.

— Legal! Eu nunca atirei uma arma antes.

Seu sorriso desliza um pouco. — Oh, não, isso não é bom. E por que você está comprando a arma, posso perguntar?

— Não vou atirar em ninguém, — eu digo. Eu tento, sem sucesso, suprimir o estremecimento que se move através de mim.

— Okaaaay..

Ele aparentemente ainda está esperando por uma explicação, então eu continuo. — Há alguns leões onde estou hospedada, então eu só queria

alguma proteção. Você sabe... no caso de um leão tentar me comer ou minha amiga. Vou usar a arma para assustar.

— Leões?

Ian está atrás de mim agora, rindo.

Eu reviro meus olhos. — Deixa pra lá. Apenas me mostre às armas. Qual delas é boa para proteção?

Henry olha para o estojo. — De leões? Bem... Suponho que qualquer um delas funcione se você acertar o leão entre os olhos. Você acha que tem um bom tiro? — Ele olha para mim, esperançoso, possivelmente um pouco estressado também.

Eu aceno com entusiasmo. — Tenho certeza que serei. Eu sou cabeleireira.

Henry me encara. Agora ele tem o problema da estátua que Ian tinha. Infelizmente, Ian não tem mais. Ele está de pé ao meu lado e apontando para algo.

— Mostre a ela essa.

— As nove milímetros? Você não acha que é um pouco demais para ela? — Henry pergunta. Sua felicidade acabou. Agora ele parece preocupado.

Eu franzo a testa para ele. — Claro que não é demais para mim. Eu seguro secadores de cabelo e chapinhas o dia todo. Você já fez escova por duas horas ? Porque eu sim. Sem pausas. — Eu bufo. — Confie em mim, eu posso lidar com isso.

— Ok, — diz Henry em voz baixa , — se você diz isso.

Alguns minutos depois, estou no final de um longo corredor, segurando o pedaço de metal mais pesado que já tive na mão e olhando

para um alvo. Para sua informação secadores de cabelo são muito mais leves do que armas de fogo.

Ian está de pé ao meu lado, apontando para o papel que tem anéis pretos, e geralmente é irritante. — Apenas aponte e dispare. Puxe o gatilho. E tome cuidado com o chute. — Sua voz vem para mim abafada devido ao fato de que estou usando proteção auditiva.

Eu me sinto totalmente como uma agente do FBI agora, com minhas pernas abertas e meus braços esticados, segurando a arma. Eu aposto que minha bunda parece incrível. — O pontapé? — Eu olho por cima do ombro para ele. Meus braços já estão cansados de segurar a arma.

— Vai chutar para trás com a força do tiro, como um impulso. Apenas esteja preparado para isso.

— Ok. — Eu olho para o alvo, segurando a arma como vi os caras do FBI fazerem isso nos filmes. Eu sou tão foda.

— Isso é muito alto, — diz Ian.

Deus, ele é tão irritante! — Como você sabe? — Eu tenho um olho fechado e o outro apertando os olhos para que eu possa ver o cano da arma até a parede mais distante.

— Tenho atirado desde que eu tinha seis anos, e a menos que seu plano seja acertar a luminária lá, eu baixaria um pouco.

Eu bufo, mas sigo o seu conselho. Antes que ele me dê mais disso, porém, eu puxo o gatilho. Eu vou mostrar a ele quem sabe atirar uma arma.

Mesmo com proteção de orelha, o *BOOM* é incrivelmente alto. E eu sei que deveria estar preparado para o chute, mas mentalmente me preparando para algo que você nunca experimentou é muito mais difícil do que você esperaria. Os efeitos sonoros não ajudam.

A arma sai voando da minha mão e cai no chão com um estrondo gigante. Soa como outro tiro, é tão alto. Ainda bem que eu tinha a proteção do meu ouvido.

Ian grita atrás de mim e, em seguida, começa a pular em todo o lugar.

— Qual é o seu problema? — Eu pergunto, deslizando os protetores de orelha. — Eu simplesmente deixei cair — não é um grande problema. Não está quebrada. Pelo menos não acho que seja.

— Você atirou em mim! Você *atirou em* mim! — Ele está gritando tão alto que Henry chega da loja.

Meu coração para de bater enquanto tento descobrir se ele está apenas brincando comigo. Não deveria haver sangue se eu atirasse nele?

— O que aconteceu?! — Henry grita, olhando para a arma no chão e depois para Ian.

— Oh, ele está sendo ridículo, — eu digo, rezando para ter razão. Eu realmente atirei nele? Não vejo sangue. Não há nada além dele agindo como um pula-pula humano. *Boing! Boing! Boing!* Ele é muito mal-humorado também. Eu não acho que ele esteja fingindo essa parte.

— Ela atirou em mim! —Ian diz, apontando para mim. Ele para de pular e fica em pé, agora apontando para a parte inferior da perna. — Veja?!

Há um buraco no material perto do tornozelo. Quando ele levanta a perna da calça, há uma marca vermelha escura em sua pele, mas sem sangue.

— Parece que você foi de raspão, — diz Henry. Ele olha para mim. — Como você conseguiu isso? — Então ele olha para o alvo. — Belo tiro pelo caminho.

Eu olho por cima do meu ombro e vejo que acertei o alvo quase exatamente no centro. Não posso deixar de sorrir como um idiota. — Olhe para mim.

A voz de Ian sobe uma oitava. — Você está aí todo orgulhosa de si mesma depois que você *atirou em* mim?

Eu olho para ele, sentindo-me melhor que não há sangue e que não acabei de matar o cunhado da minha melhor amiga. Estou um pouco tonta com o alívio, na verdade. Mas não quero que ele saiba disso.

— Ei, foi um acidente, ok? Desculpe-me, eu arranhei você com uma bala. Nossa. — Reviro meus olhos. — Que bebê.

Ele fica lá olhando para mim com a mandíbula abertada. Então ele ri, mas ele não parece muito feliz. — Você é louca, você sabe disso? Você é perigosa Você só precisa ficar longe de mim.

— Oh, acredite em mim, eu pretendo. — Eu ignoro a dor da rejeição. Ele é um assassino de Bambi de qualquer maneira. O que me importa se ele quer que eu fique longe?

— Não, é sério. Fique longe. Sou muito jovem para morrer.

— Oh, por favor, pare de ser tão dramático. Além disso, eu já lhe disse que você não é meu tipo e não tenho interesse, então fique fora do meu caminho.

— Hoo-hoo-hooo, — Henry ri, — você tem alguns problemas. Quando é o casamento?

— Cale a boca, Henry, — Ian rosna. — Você não é engraçado. E sabe de uma coisa? Você pode manter seu arco também. Eu tenho que ir para casa e colocar gelo em minha perna. — Ian sai da sala de prática com um mancar exagerado, e suponho que ele saiu da loja já que não posso ouvi-lo choramingar mais.

— Então, você gosta da arma? — Henry pergunta, uma sugestão de um sorriso ainda em seu rosto.

— Inferno, sim, eu gosto da arma. Acertei um alvo *e* Ian MacKenzie. Eu diria que é um guardião.

Henry ri até que ele esteja como beterraba vermelha no rosto. Sua barriga balança como uma tigela de gelatina. É nojento e fascinante ao mesmo tempo. Não consigo parar de olhar.

— Eu vou começar a papelada. Sinta-se livre para atirar mais algumas rodadas, se quiser. Apenas observe o recuo da próxima vez.

— Sim, bons conselhos. — Eu pego a arma do chão. Desta vez, quando aponto para o alvo, não parece tão pesado ou tão estranho.

— É isso mesmo, leões, — eu digo principalmente para mim mesmo enquanto eu levanto e olho para baixo do barril. — Venha para mim agora.

Eu esvazio o clipe, marcando mais golpes no anel central e, em seguida, volto para a loja para fazer a verificação de antecedentes. Eu vou ser muito foda com esse bebê no meu quadril e minhas novas botas roxas. Ian MacKenzie é melhor ficar fora do meu caminho.

SEIS

ESTOU SAINDO DA LOJA QUANDO encontro Andie andando pela calçada indo direto para mim. *Pega no flagra.*

Droga. Eu tenho que pensar em uma boa mentira rápida. A arma pesada e uma caixa de balas estão na minha bolsa, e se ela tocar na minha bolsa ela saberá que está lá.

— O que diabos você está fazendo? — Ela pergunta.

Eu sou toda inocência. Eu poderia trabalhar totalmente para a CIA como uma super espiã, do jeito que posso esconder minhas emoções. — Quem eu? Nada. Estendo uma perna para ela admirar. — Acabei de me presentear com um lindo par de botas Sorel. Dê-me uma olhada. A grande caixa que segura sua botas horrorosa bate no meu quadril e o saco de plástico barato enruga. Surpreende-me que já não tenha quebrado, deixando minha embalagem encharcada na lama que cobre a calçada.

— Eu recebi uma mensagem de Mack. Ele disse que você *atirou em* seu irmão. Ela olha para frente da loja em frente a nós. — Você realmente não atirou nele, não é?

Eu franzo a testa, agindo como se ela fosse louca. — Não fique tão preocupada. Claro que não atirei nele. Eu meramente o arranhei. Grande diferença. — Enfiando meu braço no dela, eu a conduzo pela calçada. O cheiro de algo frito oleoso está me chamando, e eu preciso distraí-la dessa linha de questionamento. Me sinto culpada o suficiente, pois é; Eu não preciso adicionar mais stress a uma senhora grávida. — Vamos. Alguém está soletrando meu nome em tiras de bacon agora mesmo.

Andie para de repente, e quando ela faz isso com todo esse peso atrás dela, é muito eficaz. Eu quase caio, mesmo com a incrível sola da minha bota nova. Luto para me equilibrar. Eu realmente odeio gelo. É impossível parecer graciosa ou legal nas coisas.

— Não, eu não vou entrar naquele restaurante.

Eu me solto dela para não cair de novo, feliz por tê-la distraído do incidente, mas agora curiosa sobre sua fobia de jantar. Tenho a intenção de ficar de pé quando chego ao fundo desta questão, então mantenho minhas pernas separadas um pouco para o caso de o gelo ter outras ideias. Provavelmente é uma coisa boa que eu não tenho minha arma no meu quadril ainda; Eu parecia que estava pronta para um tiroteio no O.K. Corral[16].

— Por quê? — Eu olho por cima do meu ombro para a colher gordurosa. — Parece inofensivo o suficiente.

— É onde Hannah trabalha. Ela e eu não estamos bem. — Andie leva alguns passos para trás. Eu admiro sua habilidade de inverter no gelo sem nem ao menos piscar um olho. Baleias tem habilidades.

Eu não a sigo, sentindo-me mais segura apenas mantendo meus pés plantados em um terreno sólido. Tentando negociar a calçada gelada, evitando o assunto de Ian, e também falando sobre fofocas da cidade, tudo ao mesmo tempo poderia ser um problema para mim agora.

— Hannah? — Eu pergunto. — Como Hannah Banana?

Andie sorri, mas sem muito humor. — Você se lembra dela, eu acho.

[16]O.K. Corral — Foi uma troca de tiros que durou aproximadamente trinta segundos entre bandidos cowboys e homens da lei. É frequentemente lembrado como um dos tiroteios mais famosos da história do Velho Oeste dos Estados Unidos. A luta aconteceu as 3:00 h da tarde de uma quarta-feira a 26 de outubro de 1881, em Tombstone, no território do Arizona.

— Quem poderia esquecer? Daisy Duke do lado errado da vida e péssima colorista. Eu pensei que vocês haviam se resolvido. — Hannah tinha uma queda por Mack se bem me lembro. Mas como Mack nunca gostou dela, achei que não era grande coisa.

— Sim. Nós seguimos em frente, evitando uma a outra.

Meus olhos percorrem a rua, e a imagem do mapa da cidade queima no meu cérebro. Eu sou uma humana do Google Earth. Quando vejo um mapa, ele está permanentemente lá. — Isso não pode ser fácil em um lugar tão pequeno. — Eu me sinto mal pela minha amiga. Talvez ela se sinta presa naquele rancho. Talvez seja por isso que ela trabalha em casa a maior parte do tempo. Não pode ser porque ela gosta do cheiro de cocô de vaca.

Ela me pega pela mão e tenta me puxar na direção oposta, mas resisto. A tração nas minhas botas é incrível quando há sal no chão. Estou totalmente com vontade de dar um chute alto agora só porque meu novo calçado me deixa tão feliz, mas eu não faço. Eu poderia acidentalmente acertar minha amiga grávida e com o incidente com a arma mais cedo, isso me faz pensar de que lado a Senhora Sorte está hoje. Eu vou dar aquele chute mais tarde quando voltar para a casa dos MacKenzie. Há muito espaço no meu quarto para uma pequena ação de Rockettes[17]. Eu tento fazer alguns treinos altos todos os dias só para manter minhas pernas bonitas.

— Vamos lá, não seja teimosa, — diz ela.

— Teimosa? Eu? Eu realmente não sei do que ela está falando. Eu sou tudo sobre se comprometer e ceder aos desejos de outras pessoas. Uma estilista tem que saber quando manter a boca fechada e

[17]The Rockettes — Companhia de dança.

deixar as pontas e mullets[18] iluminados acontecerem. Às vezes, uma experiência ruim é um professor muito melhor do que um conselho puro.

Ela ri. — Como se isso fosse novidade para você. Vamos. Ela acena com a mão repetidamente, como se estivesse tentando enganar uma criança.

Eu mostro meu lábio inferior. Ela não pode resistir a mim agora. — Não. Estou com fome. — A verdade é que eu não estou com tanta fome. Eu só quero ver aquela garota Hannah Banana e deixá-la saber, sem Andie me pegando, que ela não pode continuar fazendo Andie se sentir desconfortável. Esta é a casa da minha melhor amiga agora. Ela deve se sentir livre para ir a qualquer lugar que quiser, e vai ter um bebê em breve, e esse bebê acabará querendo comer uma panqueca.

Ela tenta usar a razão em mim. — Nós apenas comemos antes de sair.

— Isso foi há horas atrás, — eu argumento. — É quase hora do almoço. — Andie olha para o relógio. — São dez da manhã, Candice.

— Veja? Já passou do meio-dia na costa leste e estou esfomeada como uma cadela. Vamos lá. Eu pego a mão dela e a puxo junto. — Eu ouvi tudo sobre as panquecas que eles têm lá. E você sabe que eu amo bacon.

— Suas panquecas são uma droga. São os seus waffles que são bons. Ou então eu ouvi.

— Sim, foi o que eu quis dizer. Waffles, eu também ouvi isso.

Consigo levá-la quase até a porta antes que ela recue novamente. — Sério, isso é uma má ideia. Se você está com fome,

[18]Mullets — é um corte de cabelo curto na frente em cima e nos lados e longo atrás. Foi muito popular no início dos anos 1980 até o início da década de 1990.

podemos ir ao supermercado e comprar um pacote inteiro de bacon. Você pode comer a coisa toda sozinha.

Eu seguro a porta coberta de adesivos de cartão de crédito e um velho folheto de rodeio, abrindo-o e deixando escapar uma explosão de ar deliciosamente quente e bacana. — Nada bate a comida de uma colher gordurosa. Você sabe disso. Gesticulo com a minha bolsa. — Você vai, tubby tubblenstein.[19]

Sua boca cai aberta. — Oh meu deus, você não acabou de me chamar assim. — *Opa. Eu disse isso em voz alta? Rápido! Pense em algo!*

— Não, foi Ian quem falou. Eu estou apenas repetindo as palavras dele. — Isso é uma mentira total, mas eu posso apenas imaginar o quanto ela vai dar a ele por isso e então como ele ficará indignado quando se achar falsamente acusado. Começo a rir apenas vendo isso na minha cabeça. Não é realmente um apelido ruim, venho a pensar nisso. Ela está bonita e gordinha. Eu adoro quando meu cérebro simplesmente assume isso espontaneamente. Isso sempre me surpreende.

— Ele vai pagar por isso, — diz ela, sua expressão ficando sombria.

— Sim. Ele deveria. Eu a sigo para dentro, sentindo que acabei de fumar uma droga ou algo com a quantidade de alegria estou experimentando. Ian vai ouvir sermão no grito, eu tenho botas roxas, e há um delicioso waffle prestes a entrar na minha barriga. Então *isto* que é felicidade.

O ar está cheio de gordura, vapor e o cheiro de pessoas que deveriam ter provavelmente usado um pouco de sabão extra antes de sair de casa. Eu bato meus braços algumas vezes, tentando deixar meu

[19]tubby tubblenstein — (tubby—gorda) (tubblenstein— desenhos de art comic).

perfume embaçar em volta do meu rosto. Minha sacola se agita, batendo em mim e na porta.

— O que você está fazendo? — Andie sussurra em voz alta. — Tentando chamar atenção para você de propósito ou o que? Eu te disse, Hannah e eu...

Meu perfume entra em ação, e tudo o que resta dos estranhos ao meu redor é o leve cheiro de cominho. *Eles servem tacos aqui?*

— Bem, bem, bem, olhe quem decidiu aparecer e nos agraciar com sua presença, — diz uma exagerada voz sulista estalando atrás do balcão.

Como é que uma garota que passou toda a sua vida no canto superior esquerdo do país está falando como uma garota da parte inferior direita ou parte inferior do meio, como o Texas ou algo assim? Eu não sei. Posso ser capaz de descobrir isso com mais tempo, já que linguística é um interesse especial meu, mas agora estou muito distraído para tentar.

Eu não posso me concentrar em nada além do horrível trabalho de clareamento que foi feito para o cabelo da pobre garota. Suas cutículas estão totalmente fritas, fazendo com que seu cabelo pareça uma pilha de palha em sua cabeça, e a cor é o que nós na indústria chamamos de amarelo gordo. Não é tão atraente.

— Olá, Hannah, — diz Andie, toda recatada, como se ela não estivesse chateada que essa garota acabou de dizer algo que soou rude para mim. — Como você tem estado?

Nós nos movemos mais para dentro do lugar. Andie se dirigiu a um reservado no canto. Hannah vem de trás do balcão para me seguir. Estou tentada a andar para trás, para que ela não consiga colocar uma faca de manteiga entre minhas omoplatas, mas não faço. Por quê? Porque

Hannah Banana não me assusta. Ela é nomeada quase como uma fruta, por Cristo. Como ela pode ser perigosa? Se o apelido dela fosse Hannah the Horrible [20]ou Hannahbelle Lecter[21], talvez. Mas banana? Nah! De jeito nenhum. Além disso. Eu tenho uma arma e um monte de balas. Oh sim. Eles me chamam de O Duque. Não... A duquesa.

Eu me viro quando paro em uma cabine e vejo Hannah toda sorridente. Ela tem dentes bonitos, eu vou dar isso a ela. Não esconde o cabelo ruim, mas me distrai um pouco.

— Oh, eu estive bem, — diz ela. — Muito bem. Estive passando algum tempo com Ian, você sabe.

Minha boca aperta sem que eu perceba. Rapidamente relaxo quando eu pego Andie me encarando. Ela está ao lado do estande, pronta para sentar.

Eu me sento no lugar em frente a ela, uma mesa de fórmica em alumínio entre nós. O assento coberto de vinil desmorona sob a minha bunda com um chiado de ar de protesto, mas não sob as minhas coxas na borda. Já sinto falta de circulação. É melhor não ter uma veia na perna ou vou ficar chateada. Nenhum waffle vale a veia da perna.

— Mesmo? Com o Ian? Isso é bom. Andie se agacha para se sentar, mas depois para quando sua barriga a impede de se encaixar na cabine. Ela tem cerca de cinco centímetros de barriga estendida para pensar em fazer isso.

— Oh, senhor, você está ficando enorme, garota. Quero dizer, *imensamente* enorme. — Hannah olha para a área da cozinha. — Joe, você viu isso?

---

[20]Hannah the Horrible — Hannah a Horrivel.
[21]Hannahbelle Lecter — Ela faz um trocadilho com o Dr. Hannibal Lecter, médico psiquiatra canibal do filme Silêncio dos Inocentes.

O homem que cozinha nem sequer olha para cima, mas isso não impede Hannah. — Talvez você deva se mudar para uma mesa. Você poderia se encaixar em uma cadeira normal, provavelmente. Eu acho. Você provavelmente poderia se sentar de lado ou algo assim. Meu Deus, você deve ter estrias terríveis.

Meus olhos se arregalam. Se sei de algo é que isso é um alerta de briga. Meu dedo no gatilho se contrai um pouco.

As narinas de Andie se inflamam, mas ela mantém a calma. — Não, eu vou ficar bem. — Ela grunhe enquanto empurra a borda da mesa. — Só preciso mover a mesa um pouco.

— Está presa, e você não será capaz de movê-la. — Hannah se afasta.

— Claro que podemos. Só precisa de um empurrãozinho. Andie grunhe mais uma vez, enquanto tenta novamente abrir mais espaço.

Eu posso ver que ser capaz de se encaixar neste estande estúpido é importante para ela. A tristeza me oprime quando vejo minha melhor amiga se sentir constrangida com seu peso e essa garçonete idiota banana ostentando sua magreza sobre ela. Eu me sinto terrível que chamei Andie de tubby tubblenstein.

A emoção me enche de poderes super-humanos de força e determinação. Eu literalmente posso senti-lo em minhas veias. Agarrando a mesa do meu lado, eu puxo com toda minha força.

A mesa solta um poderoso estalo, um grito e algo como um latido de cachorro antes de se separar do chão. É quase diagonal entre os dois bancos agora e estou quase pronta para suar.

Eu olho para o chão para verificar o dano, presumindo que pelo barulho que fizemos, os parafusos ficarão para fora do linóleo. Em vez

disso, encontro uma pilha de gosma cinza-escuro que costumava manter a única perna da mesa no lugar, e tenho certeza de que não é cola. Há felpas saindo também. *Ai credo.*

Andie se senta com um sopro de ar, o rosto rosado e coberto por um brilho de suor. — Veja? Nada demais.

Eu sorrio tão grande. — Sim. Não é nada demais. Olhando para Hannah, levanto uma das sobrancelhas para dar ênfase. — Você pode querer algo para limpar aquela gosma repugnante no chão, no entanto. Eu acho que tem estado lá por um tempo. Vocês nunca limpam por aqui?

Hannah me dá um olhar mal-intencionado. — Claro que limpamos o chão. Nós limpamos todos os dias. — Suas mãos vão para seus quadris.

Eu olho para a mancha cinza no chão e dou de ombros enquanto dou a Andie meu famoso olho de inseto. — Se você diz isso. — E então eu ri.

Andie sorri, e nós duas olhamos um para a outra enquanto enviamos mensagens privadas de ondas cerebrais de um lado para o outro. Ela está me amando, grata por ter tirado a menina Banana de suas costas e também muito feliz por ela ainda poder se encaixar em uma cabine. Estou feliz por poder ajudar a fazer isso acontecer por ela. Talvez ela esqueça por enquanto que eu atirei no irmão do marido dela.

— Você quer alguma coisa, ou você acabou de entrar aqui para fazer uma inspeção de saúde? — Hannah bate o pé no chão.

Eu olho para ela e sorrio docemente. Eu posso me dar ao luxo de ser magnânima porque ganhei essa rodada. — Eu vou querer um daqueles waffles que eu já ouvi tanto e uma xícara de café. — Eu mudo o meu olhar. — Andie?

Ela voltou a ser séria. — Vou tomar um chá de ervas.

— Desculpe, estamos todos em falta. — Hannah dá um sorriso apertado para Andie. Ela não parece muito triste com isso.

— Ok, que tal um pouco de descafeinado?

— Não. Também não temos.

Olhando para o local atrás do balcão onde a máquina de café repousa, eu posso ver claramente que há dois potes lá e um deles tem uma tampa laranja. *Hannah, você está mentindo cadela.*

Eu fico sem pensar no meu próximo passo. Mais uma vez, meu cérebro incrível assume e salva o dia. — Ei, Joe! — Eu aceno como uma maníaca em sua direção.

Junto com o cozinheiro, todos sentados no balcão se viram para mim. Joe, o cozinheiro, está claramente confuso. Ele provavelmente não está acostumado com estranhos chamando-o para o meio do restaurante, mas tempos de desespero pedem medidas desesperadas. Mulheres grávidas não devem ser negadas seu chá de ervas. Quero dizer, e se o útero de Andie começar a relaxar demais? Nós não podemos ter isso acontecendo em torno de bacon e waffles. Essas pessoas ficariam com cicatrizes por toda a vida. Eu sei que estaria.

— Você tem algum chá de ervas? — Eu grito. Ele encolhe os ombros e diz: — Sim. Acho que sim.

Sento-me e falo de forma fofa para Hannah. — Acho que você tem alguns que esqueceu.

Hannah gira e nos deixa sem outra palavra. Nem um único fio do seu ninho de cabelo se move. Eu quase sinto pena dela. Quase.

Andie descansa o queixo na mão com um suspiro. — Exatamente o que você está tentando fazer aqui?

Eu pego o guardanapo de papel de baixo da prataria e uso para lustrar as manchas de água da minha faca. — Apenas quero os waffles.

Ela cruza os braços sobre a mesa à sua frente. — Você sabe que eu tenho que viver aqui, certo?

— Claro que sim. — Enfio meus talheres e coloco meu guardanapo no meu colo, alisando-o o melhor que posso. Não posso encontrar seus olhos agora. Ela será capaz de detectar o fato de que seu útero me deixa nervosa.

— Se você pudesse *não* fazer inimigos com a metade das pessoas na cidade, isso seria incrível.

Eu ergo a cabeça para cima e olho para ela porque estou chocada que ela se sente dessa maneira comigo. Agora esqueci tudo sobre o seu ventre bobo. Depois de tudo o que fiz por ela até agora, é isso que ela tem a dizer para mim? Estou começando a me preocupar com a influência de Mack. Talvez não seja tão boa quanto eu pensava.

— Inimigos? — Eu digo. — Do que você está falando? — Talvez a gravidez a faça falar bobagem. Eu sei que ter cervejas demais faz.

Ela olha para Hannah, que está ocupada batendo as xícaras atrás do balcão. Então ela olha para mim e levanta uma sobrancelha.

—Quem? *Ela?* Menina banana? Pffft. Ela é apenas uma gatinha velha e boba fazendo xixi nas paredes. Ela só precisa saber que você espera que ela use a caixa de areia, só isso.

Andie franze a testa. — Eu não a persigo.

Eu suspiro. É uma dor sempre ter que explicar as coisas para ela. Nunca entende minhas metáforas. Nós funcionamos em um nível totalmente diferente, às vezes. — Você sabe o que você faz quando às

vezes pega um gato que não usa a caixa de areia, faz xixi na parede ou na lateral da cama ou no seu cesto de roupa suja?

— Uh... não.

— Ok, bem acontece. É o gato tentando lhe dizer que não é feliz. Você não está fazendo as coisas do jeito que quer. E xixi de gato fede. — Eu espero um momento para minha sabedoria afundar.

— Sim, eu acho que sim.

— Então você só tem que bater no gatinho. — Eu faço uma mímica batendo um gato nos pães. — Pop! Mostre quem é que manda.

— Bater no gatinho?

— Sim. Bata no gatinho. Ela finalmente está entendendo. *Ufa* Eu pensei que isso ia ser uma dessas vezes que eu tenho que mostrar passo a passo. Esses momentos me dão dores de cabeça.

— Você bate em gatinhos? — Ela pergunta.

— Claro que não. Por que você me ver como uma agressora de animais? Eu instantaneamente imagino Ian com um arco na mão. — Ah, e falando nisso... falando de abusadores de animais, você sabia que seu cunhado mata animais? — Eu aceno, mas não espero pela resposta dela. — Sim. É verdade. Eu pensei que ele era fofo antes, mas uma vez que eu descobri *isso*, decidi que não é nem um pouco fofo. Ele é feio. Talvez não do lado de fora, mas do lado de dentro, sim. Estou feliz que ele esteja pegando a Banana. Eles se merecem.

Andie suspira como se ela apenas soltasse todo o seu estresse em um só fôlego e sorrisse. — Você não tem ideia do quanto senti sua falta.

Eu sorrio de volta. — Claro que percebo isso. Você está presa nesta cidade insignificante cercada por caipiras. Como você pode não sentir falta do meu charme metropolitano e das brincadeiras intelectuais?

Ela começa a rir tanto que engasga. Eu tenho que levantar do meu lugar para dar um tapinha nas costas dela. Isso me faz pensar o quão longe o hospital é daqui, apenas no caso.

— Aqui. Talvez isso ajude, — Hannah diz atrás de mim. Ela está segurando uma xícara em um pires. Ela não parece muito preocupada.

— O que é isso? — Eu pergunto, tirando isso dela.

— Chá, ora bolas, — diz ela, fazendo uma cara estúpida. — Herbal. Assim como ela pediu. Ela sai sem esperar que eu responda, o que provavelmente é bom. Andie me pediu para não fazer dela uma inimiga.

— Aqui, — eu coloquei o chá na frente da minha amiga, — tome um gole antes de virar os pulmões do avesso.

Ela bebe e depois fala com uma voz de sapo coaxando. — É mesmo possível?

Eu me sento de volta. — Claro que é. O que desce tem que subir, certo? Isso é apenas física, simples.

— Espere? Os pulmões descem?

— De que outra forma você acha que eles chegaram onde estão? — Eu balanço minha cabeça. Ela realmente não tem nenhum conhecimento médico. Eu suponho que não importa, já que ela não está trabalhando em um hospital, mas você acha que ela pelo menos gostaria de saber sobre isso. Eu sei que eu faço.

Eu explico, apenas no caso de ela realmente querer saber. — Sim. Quando você é um zigoto, tudo está do lado de fora. Então, quando você se transforma em um embrião, tudo vai para dentro. Os meninos recebem testículos, nós temos ovários, mas é basicamente o mesmo processo. Pulmões para dentro, pulmões para fora. Física.

Ela franze a testa enquanto toma seu chá. Então ela balança a cabeça e engole. — Você às vezes me assusta, sério.

— Eu sei, certo? Como faço para manter todo esse conhecimento em um só cérebro? É apenas um daqueles milagres médicos. Eu *me* assusto, às vezes. Eu vou doar meu cérebro para a ciência. Talvez eles possam desbloquear alguns segredos do universo.

— Mais como destravar a caixa de Pandora, — murmura Andie. — Você usa esse aplicativo de música? Eu faço. É muito bom.

Ela balança a cabeça, mas para de responder quando Hannah aparece de novo, comida na mão e uma caneca branca de café para mim.

O prato com um único waffle e uma gota de manteiga batida me distrai do meu próximo pensamento. Hannah sai sem uma palavra, o que é bom para mim.

— Então, o que você estava fazendo na loja de armas? — Andie pergunta.

Eu me ocupo em mergulhar minha comida em calda. O cheiro de noz-pecã e bordo me deixa tonta de prazer. Eu sou uma otária para alimentos de café da manhã que eu não deveria comer.

Eu respondo sem olhar para ela. Eu tenho que agir de forma casual, como se eu estivesse apenas saindo, comprando camisas de flanela ou qualquer outra coisa. — Só comprando algumas botas. Veja? — Eu estendo minha perna para que ela possa admirar meu calçado.

— Você não estava comprando uma arma, não é?

Eu apunhalo um pedaço de waffle. — Eu atirei com uma lá. Eles têm uma grama coberta. Você já viu isso? — Eu empurro a grande mordida na minha boca, esperando distraí-la adequadamente do fato de que realmente não respondi a sua pergunta. Não quero mentir, mas também

não quero que ela tente me convencer a devolver meus nove milímetros. Eu já a chamei de Millie e gosto do peso dela na minha bolsa. Eu provavelmente poderia machucar alguém apenas batendo neles com ela, em vez de realmente puxar o gatilho.

— Não. Mas por que *você* viu seria a minha pergunta.

— Acho... — Eu limpo minha boca e corto meu próximo pedaço — Eu estava lá, olhando para as botas, e Ian também estava lá, falando sobre um arco e agindo como se ele fosse Robin Hood e outras coisas... e o cara me perguntou se eu queria atirar com uma arma. Então eu fiz. Eu dou de ombros e como mais um pouco de waffle.

— E você atirou em Ian?

Eu aceno meu garfo, falando com a boca cheia. — Não, ele praticamente atirou em si mesmo.

— Ele tinha uma arma?

Eu engulo então não engasgo. Meu waffle está meio seco e talvez um pouco salgado demais. — Não, eu fiz. Mas ele estava de pé atrás de mim, me dando um monte de porcaria, e tinha acabado de revelar a maldade de ser um assassino, então uma coisa levou a outra, e então ele foi atingido.

— Estou completamente perdida. Como ele atirou em si mesmo?

— Karma.

— Karma?

— Sim. Karma. Todos aqueles animais que ele atirou? Karma ama essa merda. Minha arma caiu, uma bala veio voando e atingiu-o no tornozelo. Então, na verdade, foi Karma quem atirou nele. Karma é uma puta. Ele deveria saber melhor do que mexer com ele.

Ela se aproxima e fala em um sussurro alto. — Você realmente atirou nele? Eu pensei que era uma piada!

Eu coloco meu garfo e olho para ela. A gravidez faz com que as pessoas fiquem com dificuldades auditivas? Eu vou ter uma pesquisa no google disso. — Não. Ele foi *atingido* por uma bala que *Karma* apontou para ele. Eu nem sequer tinha a mão na arma, então como *eu* poderia ter atirado nele? — Eu balanço minha cabeça, desapontada com minha amiga. Ela é supostamente uma advogada. Isso deve ser fácil para ela.

Eu pego meu garfo e empurro outra mordida em meus dentes. — Ele está bem. Ele disse que estava indo para casa para colocar gelo. É apenas uma contusão. Não havia nem uma gota de sangue. Ele estava agindo como um grande bebê, se você me perguntar.

Ela toma um gole do chá. — Com certeza a vida nunca é chata com você por perto, Candice.

Eu sorrio desajeitadamente, minha boca cheia de waffle. — Você sabe disso. — Ela ri.

— Onde estamos indo depois? — Eu pergunto, tomando um gole do meu café. Está frio. Eu olho para Hannah e a vejo sorrindo. *Aquela cadela.* Ela provavelmente colocou gelo nele. Eu olho para a xícara para ver se há mais alguma coisa flutuando por lá. É melhor não haver um catarro no fundo.

Sinto falta da expressão no rosto de Andie, mas não do tom de sua voz. — Talvez o hospital?

— Huh? — Eu olho para ela e vejo sua pele ficando pálida. Suas sobrancelhas estão descendo da linha do cabelo.

— O hospital? — Eu pergunto, temendo sua resposta. — Siiiiiimmm...

Ela não parece muito certa. Agora estou desconfiada. — Por quê?

— Porque ou eu apenas seriamente mijei na minha calça ou há líquido amniótico no chão aos nossos pés.

E assim, perco o apetite por waffles e bacon.

SETE

LARGO O GARFO e coloco as duas mãos na mesa, olhando profundamente nos olhos de Andie. — Não *entre em* pânico.

— Eu não estou em pânico. — Ela me dá um sorriso preocupado.

Não é hora de brincar, então não sorrio de volta. — Estou falando sério. Se o seu útero cai fora, não sei se estou preparada para lidar com isso. Nunca pesquisei isso antes.

Ela sacode a cabeça. — Meu útero não vai a lugar algum. Mas eu preciso de você para pegar a caminhonete.

Eu olho para Hannah e levanto meu braço, estalando meus dedos rapidamente. — Ei, Hannah! —Eu olho debaixo da mesa para ver com o que estamos lidando. Há uma pequena poça do que parece xixi. — Traga um rodo, ok?

Hannah olha para mim como se de repente tivesse brotado duas cabeças em mim, então volto a ignorá-la em favor de Andie. — Você pode se levantar?

— Eu não sei. Eu acho que sim. Mas vou precisar da sua ajuda.

Saindo do estande, tento lembrar o que aquele cara na loja de armas disse sobre a impermeabilização das minhas novas botas. Quando eles dizem “à prova d'água”, — significa água do útero também? Acho que estou prestes a descobrir.

Eu me inclino para baixo para que Andie possa usar meu ombro para ficar de pé. Ela puxa um monte do meu cabelo por acidente.

— Santa mãe de todos... olhe o cabelo, tubby!

— Não me chame assim! —Ela diz, meio sem fôlego. Finalmente de pé, ela geme e segura em baixo do estômago.

Eu olho para baixo a tempo de ver mais água escorrendo pela sua perna. — Oh... meu Deus... isso é nojento.

— Candice, cale a boca. Basta pegar a caminhonete.

— Tudo bem, eu vou. Vamos. Você vai até a porta e eu corro para o outro lado da rua. — O que está acontecendo aqui? — diz Hannah, parecendo irritada.

— Bebê vindo, — eu digo, acenando para ela sair do caminho. — Tudo sob controle. — Ela olha para o chão e depois para Andie. — Oh meu deus, isso é... devo ligar para uma ambulância?

Eu considero isso, mas depois balanço a cabeça. — Não. Eu vou levá-la lá mais rápido. Não é longe.

— Como você sabe? — Andie grunhe, arrastando-se enquanto segura sua barriga.

— Eu mapeei o Google, — eu digo, quase até a porta. É então que percebo que não tenho a chave da caminhonete. Eu me viro e estendo minhas mãos, pronta para pegar. — Jogue-me a chave do carro.

Andie pesca em sua bolsa e me joga um pedaço de metal tão grande que machuca minha mão quando eu a pego.

— Que diabos? — Eu olho não menos que vinte chaves penduradas de um conglomerado de quatro chaveiros.

— É a azul, — diz ela, irritada por algum motivo. — A azul!

— Ok, Relaxe um pouco. — Estou dizendo isso para nós duas. Estou prestes a explodir com essa situação toda. Por que ela teve que entrar em trabalho antes de eu terminar meu waffle? Quando abro a porta, grito: — Ligue para o seu marido! Diga a ele para nos encontrar lá!

Eu corro como o vento para a caminhonete. O gelo só chuta minha bunda duas vezes, mas pulo e continuo indo como se nada tivesse acontecido, porque sou durona assim quando estou em uma situação tensa. Vou para um estacionamento a duas quadras do restaurante na porta traseira da caminhonete, sem fôlego.

Droga! Isso não pode estar acontecendo! O poderoso monstro de metal está preso entre dois outros veículos, ambos tão surrados que parecem ter sido usados em derbies[22]. Está tão apertado, eu não consigo abrir nenhuma das malditas portas o suficiente para entrar.

Ninguém está por perto para mover seus carros estúpidos, então eu faço a única coisa que resta para mim. Subo na carroceria da caminhonete e empurro a janela de vidro que está atrás do banco de trás. Graças a Deus não está trancado.

Fico feliz por ter parado de comer pão duas semanas antes de chegar a Baker City. Caso contrário, nunca teria me encaixado naquele buraco minúsculo. Estou no meio do caminho quando percebo que a fivela do cinto muito fofa de vaqueira está pendurada na estrutura do carro. Eu chuto minhas pernas e agarro o banco da frente para me puxar, esforçando-me com tudo o que tenho. É possível que pareça que estou tentando nadar através da caminhonete.

— Que diabos você está fazendo agora? — Diz uma voz de algum lugar lá fora. Eu olho para cima e vejo Ian olhando para mim através do para-brisa dianteiro. Ele está em pé na calçada em frente a uma loja que vende tudo por noventa e nove centavos.

[22]Derbies — (corrida de demolição) é um evento esportivo normalmente apresentado nos festivais do Condado de Fair, nos Estados Unidos. O objetivo típico de demolição derby é composto por cinco ou mais pilotos concorrentes deliberadamente chocando-se com seus veículos uns contra os outros até que reste apenas um.

— Cale a boca e me ajude! —Minha voz sai soando um pouco desequilibrada. Eu me sinto muito desequilibrada agora, então acho que é apropriado.

— Que tal um,por favor? — Ele diz, sorrindo.

— Que tal sua cunhada está em trabalho de parto e seu útero está prestes a cair? Que tal isso?!

Seu rosto fica em branco. — Está falando sério?

— Me coloque nesta maldita caminhonete, seu idiota! Eu preciso levá-la ao hospital!

Ele desaparece por alguns segundos e então sinto seus braços na minha cintura. Em vez de me empurrar, ele está me puxando. Eu chuto como louco para tirá-lo de mim. Se pudesse dar um tapa nele, eu faria, mas meus braços estão dentro da cabine. — Saia, seu idiota! Eu preciso entrar, não sair!

— Tudo bem! —Ele grita, enfiando as mãos na minha bunda e empurrando com toda a força. Minha fivela se encaixa e minha pélvis e parte superior das coxas raspam com força contra a moldura da janela, mas pelo menos eu estou dentro. Eu dobrei ao meio para que o resto do meu corpo pudesse entrar, terminando no chão do minúsculo banco de trás. Minhas costas se quebram em protesto. Eu vou estar tão dolorida amanhã. Ele vai pagar por isso.

A cabeça de Ian está do lado de dentro pela janela, e ele está olhando para mim. — Você sabe que essas coisas chamadas portas em caminhonetes são muito mais fáceis de usar do que as janelas.

Eu me arrasto no banco de trás e tomo o lugar do motorista. As chaves caem no chão enquanto Ian ri de sua própria piada, o grande

boneco. Eu não me incomodo de responder, meu cérebro focado em apenas uma coisa: *leve Andie para o hospital.*

O motor se vira com um rugido e eu jogo a caminhonete em marcha a ré. O pedal do acelerador é muito mais poderoso do que eu esperava. Um empurrão e estou meio fora do espaço.

Eu ouço um grande estrondo e um grito. As pernas de Ian voam à vista no espelho.

— Ei! Que diabo! — Ele grita. Um segundo depois, sua cabeça mal é visível no espelho retrovisor enquanto ele se levanta da queda.

Ignorando seus problemas, eu inverto o resto da caminhonete e depois ando.

Aposto que você não sabia que uma caminhonete gigante pode voar; Eu sei que não faz. Mas isso com certeza faz. Devem ter algo com esses pneus ou algo do tipo. Um segundo eu estou na diagonal na frente de um shopping center, e no próximo estou descendo a rua, me afastei do restaurante. *Merda.*

— O que diabos você está fazendo?! — Ian grita. Olhando para o espelho, percebo que ele ainda está na carroceria da caminhonete. Ele está segurando algo acima da cabine e de pé, de pernas abertas, como se estivesse surfando ou algo assim. Bem, não é problema meu.

Eu espero o tráfego clarear e viro a inversão da marcha bem no meio da rua. Os pneus traseiros deslizam, mas acabamos em perfeita posição para sair do restaurante. Eu vejo rostos alinhados no vidro enquanto eu deslizo para uma parada.

— Todos a bordo! —Eu grito, abaixando a janela do lado do passageiro.

Ian pula no chão e coloca o rosto na janela aberta. — Você é completamente insana?! Você quase me matou... *novamente*!

Eu aceno, focada na porta da frente do restaurante. — Pare de chorar e pegue Andie. Eu não tenho tempo para o seu dano agora.

A porta se abre e os sinos da porta balançam, chamando a atenção de Ian. Ele se vira e congela.

— Andie? Você está bem? — Ele pergunta.

— Preciso ir ao hospital. — Um homem mais velho a segura pelo cotovelo, levando-a para fora com cuidado. — Hannah ligou para Mack para mim. Ele vai chegar lá assim que puder. Mas preciso ir agora. Eu não posso esperar.

Eu me encolho quando mais líquido corre pela sua perna. Suas botas devem estar meio cheias dessas coisas agora. Isso não é bonito.

Ian entra em ação. — Calma, calma... calma agora. — Ele praticamente a carrega para o carro e depois a pega.

— Não! Espere! Eu não quero manchar o banco! — Ela chora.

— Oh, pelo amor de Deus... — Ian a coloca para baixo e todos nós nos olhamos.

— Tudo bem. — Eu tiro minha jaqueta de couro e coloco no banco. — Você me deve uma jaqueta. — Eu olho pela janela da frente, tentando fazer com que meu batimento cardíaco fique abaixo de mil batimentos por minuto. Isso é loucura. Acabei de sacrificar minha jaqueta de couro de quinhentos dólares, e minha melhor amiga está prestes a deixar um bebê cair no chão. Tenho certeza que não me inscrevi para isso. Ou talvez eu tenha, mas não queria.

— Obrigada, — diz ela, meio sem fôlego.

Ian a pega e a coloca gentilmente no assento enquanto eu olho para eles novamente. — Encontro você lá? — Ele diz.

Andie acena com a cabeça.

Assim que a porta dela se fecha, eu saio.

— Onde você está indo?! — Eu ouço alguém gritando.

Ian estúpido. Ele está em pé no meio da estrada, agitando os braços atrás de nós. Eu posso vê-lo no espelho retrovisor agindo como um idiota.

— Você sabe o caminho certo? — Andie pergunta. Ela está apoiando o cotovelo no braço, tentando se sentir confortável. Eu não acho que está funcionando.

— Claro que sei o caminho certo. O mapa está aqui em cima, — eu digo, batendo na minha têmpora.

OITO

POR ALGUMA RAZÃO, SOMOS OS últimos a aparecer na porta da sala de emergência. Ian, Mack e a mãe deles, estão parados do lado de fora, os flocos de neve caindo devagar que começaram dez minutos no caminho. Deve ter sido o tráfego que levou tanto tempo. Eu ainda não conheço os atalhos da cidade. Graças a Deus, o bebê não decidiu sair enquanto estava dirigindo. Minha jaqueta já viu punição suficiente.

— Oh, graças a Deus, — diz Andie. E então ela geme e se inclina sobre o estômago, segurando-o com os dois braços.

O primeiro a porta é Mack. Ele é geralmente um cara muito legal, mas hoje eu posso dizer que ele está estressado ao máximo. Seu rosto está cheio de vincos e ângulos duros. Ele abre a porta e tira a mulher como um bebê. Isso faz meu coração ficar todo mole apenas assistindo. Ele é muito forte. Ela é quase do tamanho de um pequeno elefante com o casaco.

— Eu posso andar, — diz Andie, segurando um braço para o lado como uma canoa de ancoragem. Ela está lutando para descer.

— O inferno que você pode, — ele responde.

Uma enfermeira chega com uma cadeira de rodas e ele a coloca nela como se ela fosse feita de vidro. — Você não pode estacionar aqui, — diz Ian, com o rosto na minha janela. — Você quer que eu estacione?

Eu mastigo meu lábio. Uma parte minha odeia deixá-lo fazer algo de bom para mim, mas o desejo de ver minha amiga em seu quarto vence. —

Sim. Faça isso. — Eu me certifico de que a caminhonete está parada antes de sair.

Depois que abri a porta, Ian fica na frente, estendendo a mão para me ajudar a descer. Nós dois olhamos para isso ao mesmo tempo. Ele parece estar perplexo com o fato de ser oferecido, e eu me sinto um pouco chocada. Antes que eu possa aceitar suas boas maneiras, porém, ele puxa a mão para trás e enfia no bolso de trás.

— Não gostaria que o cartão de feminista fosse rasgado ou algo assim, — diz ele.

Eu pego minha bolsa e me certifico de pisar no seu dedão do pé quando deslizo do assento alto para o chão.

Seus olhos se arregalam e ele grunhe.

— Oh, me desculpe. Eu caí em sua bota de cowboy feia e coberta de cocô. Isso doeu?

— Quanto você pesa, afinal? — Ele tenta recuar o suficiente para escapar da minha vingança, mas a porta o impede.

Eu não tenho ideia do que me faz fazer isso, mas eu belisco seu mamilo através da sua jaqueta, dando uma boa torção. — Não me chame de gorda, seu caipira selvagem.

Seu queixo se abre, e ele solta uma risada antes de esfregar o peito com a palma da mão. — Owww... filha de uma... você acabou de me dar um mamilo roxo. — Está claro que ele não entendeu do porque eu fiz isso.

Boa. Eu acho que gosto de mantê-lo na ponta dos pés.

— De onde eu venho isso é chamado de torção das mamas. Lembre-se que da próxima vez você que sentir vontade de comentar o meu peso.

Eu ando na frente da caminhonete com a cabeça erguida, caminhando para o hospital. Estou na entrada da sala de emergência

quando a voz dele sai pela janela do passageiro. — A vingança é uma verdadeira puta, você sabe disso?!

Eu nem olho para trás. — Revida, Country!

— Oh, você sabe que eu vou, City!

Meu corpo inteiro esquenta apenas imaginando o que ele poderia querer dizer com isso.

NOVE

TENHO QUE ESPERAR EM uma pequena sala ao lado de Maeve por cerca de trinta minutos antes que as enfermeiras nos deixem entrar para ver Andie. Ela está conectada a um soro e a uma máquina que está fazendo muito barulho, uma *batida* rítmica, *whup, whup, whup*.

Vou até o lado livre dela, e Maeve está ao lado de Mack, que está do outro lado da cama de Andie. Ele segura a mão dela, e Maeve descansa os dedos levemente na perna de Andie.

— Como você está se sentindo? — Eu pergunto.

— Melhor, agora que estou aqui. — O cabelo de Andie está espalhado sobre o travesseiro em um emaranhado, e ela já parece cansada.

Eu procuro na minha bolsa até encontrar minha escova. Movendo-me para a cabeceira de sua cama, deixo cair à bolsa no chão e começo a consertar a bagunça. Haverá muitas fotos tiradas em breve, e eu não quero que ela me odeie por não cuidar desse problema de antemão.

— Quantos centímetros você está dilatada? — Pergunta Maeve.

— Três? Quatro? Ainda não temos certeza. Andie suspira e olha para a porta.

— Essa era a sua água ou xixi? — Eu pergunto, tentando distraí-la do que está incomodando. — No restaurante, quero dizer.

Mack sorri quando Andie revira os olhos e responde. — Foi a minha água, Candice.

Nossa.

— Ei, como eu ia saber? — Eu dou de ombros quando faço um nó no cabelo dela. É claro que vou ter que dar um corte enquanto estou aqui. Quem fez as camadas dela precisa de um treinamento sério. — Eu nunca vi o útero de alguém explodir antes.

— Explodir? — Andie fecha os olhos. — Deus, isso é nojento.

— Me fale sobre isso. Eu nunca vou comer waffles novamente. — Eu termino com o cabelo dela e coloco minha escova de volta na minha bolsa. — Posso te dar alguma coisa? Café? Chá? Massagem por um homem usando uma tanga, talvez?

— Algum chá seria bom. — Andie sorri para mim.

— Sem chá, — diz uma enfermeira malvada que entra na sala sem sequer bater. — Sem líquidos, sem comida.

— Porquê? — Eu pergunto, ofendida por minha amiga. Está na ponta da minha língua para chamar essa mulher de enfermeira Ratched[23].

— Apenas no caso de precisar de uma cesariana. Ela pode ter algumas lascas de gelo quando chegarmos perto do nascimento, mas, por enquanto, a intravenosa cuidará de seus líquidos.

Eu franzo a testa. *Lascas de gelo?* Isso parece um tipo especial de tortura. Estamos na fronteira do Círculo Ártico, afinal.

— Vá em frente e prepare um café, — diz Andie.

Quando vejo a enfermeira pegando algumas luvas e lubrificando-as enquanto se aproxima da virilha de Andie, aceno rapidamente, esquecendo todo o problema da bebida. Nós vamos deixar a IV cuidar de seus líquidos ou qualquer outra coisa. — Sim. Boa ideia. Vou pegar um café.

[23] Enfermeira Ratched — é a principal antagonista no filme "Um Estranho no Ninho.

Quando saio, olho para Mack e Maeve enquanto evito cuidadosamente olhar para a área da virilha de Andie. — Alguém mais?

Os dois balançam a cabeça, toda a atenção voltada para Andie. Estou tão ocupada observando-os que não noto Ian parado na porta até me deparar com ele do lado de fora da sala.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, irritada, tentando me endireitar sem parecer um idiota completa. Jogando meu cabelo por cima do ombro, finjo estar procurando por algo dentro da minha bolsa. Eu odeio não poder olhá-lo nos olhos agora, mas não faz sentido negar isso.

— Você é a única que me atacou.

Eu levanto uma sobrancelha e reajuste a alça da minha bolsa sobre o meu ombro, abandonando a minha busca e minhas reticências por olhar nos olhos dele. — Ataquei? Vamos agora, você não acha que é um pouco exagerado?

— Deixa eu ver... Ele revira os olhos para o teto enquanto pensa, contando com os dedos. — Primeiro, você atira em mim. Com uma bala. Então você me joga na traseira de uma caminhonete enquanto você dirige como uma maníaca pela cidade. Depois disso, você me dá um mamilo roxo...

— Torção das mamas, — eu corrijo.

— Tanto faz... e então você pisa no meu dedo. — Ele olha para mim e para com a contagem irritante. — E agora, aqui você está me batendo no hospital.

Eu balancei minha cabeça em decepção fingida. — Tão triste.

— O que é tão triste?

Ele está muito perto, mas eu não vou ser a que recua e cede. Deixe *ele* fazer isso.

— Tão triste que você é tão frágil. Eu pensei que os garotos do campo eram mais duros do que isso.

— Frágil? Eu não sou frágil.

Eu enfio meu lábio inferior para fora. — Awww, pobre bebê... como está o seu mamilo? Você precisa de um pouco de gelo para isso? Talvez um curativo? Ainda bem que você está no hospital. Talvez você devesse ir ao pronto-socorro.

— Minha mãe vai me matar, — diz ele, do nada.

Eu franzo a testa, confusa. — Por quê?

— Porque, isso.

Ele aproxima e realmente belisca meu mamilo. Então era isso, ele está tão feliz.

Eu não posso me mexer. Estou congelada em choque. — Você... você apenas...

— Isso mesmo, City. Acabei de te dar o troco. Olho por olho. — Ele começa a rir. “Literalmente”. — Meus olhos estreitam quando considero minhas opções. — Você está na merda agora. — Ele vê o olhar em meus olhos e para de rir imediatamente. — Ei agora... isto é um hospital, jovem senhora. Você precisa se comportar aqui. — Ele está rindo entre rir e estar com medo.

Eu dou um passo em direção a ele, e ele recua dois passos. Suas mãos sobem em um gesto defensivo. — Estou falando sério. — Ele aponta para mim. — Aja como uma dama.

Essa foi à coisa errada a dizer. — Quando você me tratar como uma, eu vou agir como uma. — Eu pulo em direção a ele, minhas botas dando uma mola especial ao meu passo.

Ele tenta correr para trás, mas desiste e gira, tropeçando em si mesmo para fugir. Ele se segura na parede para não cair.

Nós corremos pelos corredores comigo em perseguição, só diminuindo quando alguém está por perto. Eu o persigo até o refeitório, onde ele finalmente desacelera para caminhar. Eu paro ao lado dele e aperto sua bunda com força. Ele empurra a porta e nós dois passamos ao mesmo tempo.

— Ouch! — Ele desliza sua pélvis para frente, tentando tirar sua bunda do meu alcance. — Fácil agora, City, — ele diz em um tom baixo só para mim. — Eu tenho testemunhas. — Ele se endireita e tenta parecer legal.

— É melhor cuidar de suas costas, — eu digo calmamente. Eu me separo dele e vou para a área do café. Estou totalmente sem fôlego, mas tento escondê-lo respirando pelo nariz.

Minhas narinas estão queimando, tentando obter oxigênio suficiente no meu sistema. Não posso dizer se meu coração está acelerado pela corrida ou pela química que se espalhou entre nós novamente. Ele realmente tocou meu mamilo! Como ele ousa! Eu ainda estou formigando e não porque doeu. Definitivamente não doeu.

Sinto algo quente nas minhas costas e perna. É Ian parado perto demais. Sua respiração passa pelo meu pescoço. — É melhor cuidar de *suas* costas, — diz ele.

Eu rio, você se acha superior. — Uau, isso foi original. — Tomando uma xícara de café, eu alcanço com a outra mão para pressionar o botão que vai me encher de cafeína. Não tenho certeza se preciso disso neste momento, mas pelo menos serve como uma distração.

— Não original o suficiente para você? Ok, que tal este?... melhor assistir seu *pescoço*. Eu franzo a testa enquanto coloco um pouco de açúcar no meu copo e mexo. — O que... você é uma vampira agora?

Eu sinto sua intenção antes de sentir. — Talvez. — Sua boca está de repente na minha pele, o ponto entre o meu ombro e meu pescoço. Seus lábios estão presos e ele está sugando.

Eu giro ao redor, completamente tomado de surpresa. Nós terminamos cara a cara quando sua boca é forçada a se separar de mim.

— O que você está *fazendo*? — Tentando parecer tranquila e tomar todo o talento que tenho nessa área. Minha mão segurando a xícara de café está tremendo.

Ele sorri, todo calmo e suave. Eu odeio que ele é muito mais frio do que eu. — Só estou me vingando um pouco.

Meu pescoço continua formigando. É como se os lábios dele ainda estivessem lá. — É melhor você não ter deixado um chupão.

Ele olha para a minha pele e sorri. — Ou então o que?

Eu debato em minha mente o que devo dizer em seguida. Que eu vou dar a ele um pior? Não. Ele é um assassino de Bambi. Não quero trocar chupões com ele. Mesmo que tenha sido muito legal e eu amar o jeito que ele cheira.

— Ou então você só tem que esperar para ver. — Eu volto a mexer o meu café. — Mantenha seus lábios assassinos fora de mim nesse meio tempo.

— Lábios assassinos? Uau, você deve ter gostado muito do chupão que eu acabei de fazer para achar que mata você.

Eu reviro meus olhos. — Você desejaria — Eu sinto que estou de volta ao ensino médio. O que é sobre esse homem que me faz sentir e agir

com dezesseis de novo? Não fico constrangida assim desde que me atrasei para a prova final de química do Sr. Wilkie.

Ele me segue até uma mesa e se senta na minha frente.

Eu tomo um gole da minha bebida quente e tento ignorá-lo, olhando para todos os lugares, menos na direção dele, mas ele continua me encarando. Ele está inclinado para trás na cadeira como se não tivesse uma preocupação no mundo. Minha oração para que a cadeira deslize e ele caia não será atendida.

Eu suspiro pesadamente e desisto de evitá-lo. — Por quê você está aqui?

Ele olha em volta. — No Hospital? O mesmo que você, eu suponho. Esperando um bebê.

— Não, quero dizer por que você está aqui comigo no refeitório?

Ele sorri de novo, seu olhar caindo para o meu peito por um segundo antes de voltar para o meu rosto. — Eu não estou aqui *com* você. Estou no mesmo lugar que você. É uma coincidência.

— Tanto faz. — Concentro-me na minha bebida e qualquer outra coisa na sala, exceto ele. As paredes aqui são a cor mais feia de verde que eu já vi. Psicologicamente, tem que ser ruim para as pessoas. Você pode fazer uma pessoa enlouquecer apenas pintando suas paredes de uma certa cor. Os hospitais devem estar mais conscientes disso. Eles deveriam me contratar como uma consultora de cores.

Sem aviso, ele desliza a cadeira ao redor, então ele está ao meu lado, efetivamente interrompendo meus pensamentos e minha aflição com a falta de design de interiores neste lugar. Seu braço sobe nas costas do meu assento e ele se inclina para perto.

— Bem, isso foi uma grande mudança de atitude. — Eu olho para ele como se ele fosse louco, o que ele é.

Ele não está mais sorrindo e parece preocupado. Talvez seja aquela tinta verde tendo seu efeito sobre ele, mas veio de repente.

Ele se inclina para mais perto, e eu luto um pouco para conseguir alguma distância entre nós. O calor do seu corpo está encharcado em mim. — O que você é...?

— Shhhhh! —Ele sussurra, apertando meus ombros ainda mais. — Apenas aceite.

— Acei...? — Antes que eu possa tirar a última parte da minha palavra, ele aperta seus lábios nos meus.

No começo estou tão chocada que congelo. Então sinto como a pele de seus lábios é suave e como seu rosto cheira bem, e relaxo. Não tenho ideia do que estamos fazendo, mas não vou ser a primeira parar com isso.

Quando ele me sente ceder, ele me pressiona com mais firmeza, seus lábios se mexendo para tornar o beijo mais íntimo. Nós dois estamos gostando agora, acredite ou não. Estou amando o jeito que a boca dele se move na minha. Este é o tipo de calor que eu geralmente guardo para o quarto, mas agora não me importo com quem está assistindo. Raios de desejo estão me rasgando. Eu me inclino mais perto, querendo pressionar meus seios contra ele, qualquer coisa para aliviar a dor. Quando a ponta da sua língua sai para tocar a minha, eu suspiro de surpresa. É o tipo feliz.

— Olá, Ian. O que você está fazendo aqui?

Eu odeio quando ele se afasta para responder a pergunta da garota em pé na nossa frente. Banho frio total, mas acho que gosto dessa tinta verde afinal.

Ele limpa a garganta e limpa a boca antes de responder. — Oh, Hey, Uh, Andie está em trabalho de parto. Apenas esperando o bebê chegar. — Ele aperta o braço em volta das minhas costas e me puxa para mais perto. Tenho certeza que não poderíamos parecer mais desajeitados. Estou tão dura quanto uma tábua, percebendo que sua repentina paixão tinha uma motivação diferente por trás disso do que a pintura ou meu decote.

Os olhos da garota mudam para descansar em mim. — E quem é esta?

Ian se inclina e me beija alto na bochecha. — Esta é Candice. Ela é minha nova garota.

Meu coração para de bater por alguns segundos e meu queixo se abre. A única coisa que me revive é Ian me sacudindo várias vezes com o braço. — Baby, esta é Ginny. Ginny, esta é Candice.

Ginny estende a mão sobre a mesa. — Prazer em conhecê-la. Você é daqui?

Eu agito sua mão fria e seca, esperando que ela não perceba que a minha está pegajosa. Eu abro minha boca para responder, mas o único problema é que minha voz parece não querer realmente funcionar.

— Uhhh...

— Ela é de Back East, — Ian fornece. — Garota da cidade grande. Você sabe como eu amo a cidade grande.

— De volta ao leste, hein? Como vocês se conheceram, então? — Ginny inclina seu quadril, dando todas as indicações de que ela planeja chegar ao fundo desta situação antes de sair.

Ela não parece zangada, apenas curiosa, o que é estranho, porque tenho certeza que essa é a garota com quem Ian deveria se casar. Quantos Ginnys pode haver em uma cidade pequena?

Merda. Acho que é por isso que eu sou a nova namorada. Pobre rapaz não suporta o fato de que ela pode achá-lo ainda solteiro depois de todo esse tempo. Eu não sei o que eu estava pensando, deixando minha cabeça ficar toda difusa que ele está interessado. Claro que ele não quer me empurrar na cafeteria do hospital. Aquela tinta verde é verdadeiramente horrorosa.

As engrenagens na minha cabeça começam a se afastar. Agora que sei que não vou adiante com Ian, tenho duas opções aqui. Eu poderia humilhá-lo totalmente na frente dessa garota... whoa, fale sobre vingança. Ou eu poderia aceitar e depois ele me deve um grande e gordo favor.

Eu não posso evitar o sorriso de gato de Cheshire que tenho quando considero que Ian me deve uma dívida de gratidão. Isso é demais para deixar passar. A opção é B.

Eu viro minha cabeça, agarro seu rosto com minhas duas mãos, e planto um enorme beijo molhado em seus lábios, angulando minha boca para que eu possa enrolar minha língua com a dele. Ele é meu escravo sexual e eu ordeno que ele me beije!

Depois de alguns segundos disso e meu coração enlouquecendo, eu paro, puxo para trás com um estalo alto de lábios, e olho para Ginny enquanto suspiro com imensa felicidade. Eu não estou fingindo essa emoção também. Eu pego com esse mestre beijador e ele me deve um favor depois? Isso aí. Pontos duplos. A vida é boa. Não, a vida é *ótima.*

— Era para ser, — eu digo. — Nós nos conhecemos em um casamento. Você sabe quantas pessoas se apaixonam quando estão em casamentos de outras pessoas? — Eu suspiro novamente, como se eu não conseguisse o suficiente do meu homem enquanto eu afundava em seu lado. — O que posso dizer? Eu sou a garota mais sortuda do mundo. — Minha mão esquerda desliza para descansar em sua coxa. Eu movo para cima e para baixo e, em seguida, mais perto de sua virilha. — Ian é o *melhor*. — Eu rio para adicionar um pouco mais de um toque especial ao meu ato, e apertar sua perna.

Ele pega minha mão e a coloca em seu colo para impedir que fique mais perto de seu pacote. Estou um pouco aliviada, para ser sincera. Às vezes eu posso me empolgar no momento. Sou muito boa no método de atuação. Posso entrar totalmente no personagem e esquecer quem eu realmente sou. Além disso, admito estar muito curiosa sobre o que ele está fazendo.

— Isso é bom, — diz ela em um tom neutro.

Eu não posso dizer se esta garota está chateada ou não dá a mínima. Ela é boa. Muito boa. — Então, — ela continua, — você vai à festa no Boog's neste fim de semana?

— Não, acho que não, — diz Ian. Ele cava os dedos no meu ombro. Eu acho que ele está me dizendo para ficar de boca fechada.

— Você deveria vir, — Ginny diz para mim. — Todos os amigos de Ian estarão lá. Você já os conheceu?

— Não, eu não conheci. — Eu sento o suficiente para que eu possa olhar para o meu querido e mostrar meus seios. Não estou desapontado quando ele olha para eles. — Nós praticamente passamos todo o nosso tempo em casa, se você sabe o que quero dizer. — Eu sorrio

maliciosamente. Ian de repente parece doente. Sua pele quase combina com a cor nas paredes.

— Bem, então, é hora de você sair, não é? — Ginny começa a se afastar. — Vejo você no sábado. Foi bom conhecer você, Candice.

— Você também, Ginny, — eu digo, nunca quebrando o contato visual com o meu novo namorado. — Você está tentando me matar? — Ele pergunta baixinho.

Eu me inclino rapidamente e beijei sua boca aberta antes de me afastar. — Eu te disse que você estava indo para o chão. Esse foi um aviso amigável. É melhor você começar a ouvir ou vai se arrepender.

Ele olha para o teto e desliza para baixo em seu assento. — Eu já sinto muito. — Seu braço escorrega das minhas costas e cai ao seu lado, e ele solta minha mão em seu colo.

— Não seja tão *merda*. — Eu o aperto no alto de sua coxa, certificando-me de que meu dedo mindinho desliza contra algo que não deveria.

Ele salta de seu assento tão rápido que quase bate a cadeira, fazendo as pessoas olharem para o tumulto que ele fez. Ele olha para mim perplexo.

Eu olho para cima em total inocência enquanto estendo minha mão e batendo meus cílios. — Me ajude a levantar? Eu me vejo precisando da ajuda de um homem.

Ele range os dentes com força suficiente para fazer seu queixo saltar para fora, mas ele estende a mão e pega a minha enquanto eu fico em pé. — É melhor você tomar cuidado garota, antes de morder mais do que pode mastigar. — Ele está quase rosnando a essa altura.

Deixando-o ir embora, saio com minha bolsa por cima do ombro, como se não me importasse com o mundo. — Nunca aconteceu antes, não vai acontecer agora. — Eu deixei minhas palavras fluírem sobre o meu ombro, não me incomodando em me virar e dar uma espiada nele. *Mastigue isso, garoto do campo.*

Deixando-o na cafeteria, estou pronta agora para ver minha melhor amiga ter seu bebezinho. Eu faço o meu melhor para ignorar meu coração acelerado, minha pressão sanguínea alta e minhas partes solitárias.

DEZ

A ENFERMEIRA RATCHED NÃO ME DEIXA entrar no quarto. Ela ordenou que eu esperasse no pequeno quarto no final do corredor com os pais de Mack, mas serei amaldiçoada se vou ouvi-la e abandonar minha amiga. Andie precisa de mim por perto. E se ela gritar meu nome e eu não estiver lá para ouvir? E se ela precisar de água quente e toalhas, e a enfermeira Ratched estiver em um intervalo para fumar?

— O que você está fazendo aqui? — Ian pergunta, chegando atrás de mim.

Eu tenho meu ouvido pressionado na porta. — Shhh! Estou ouvindo gritos.

— Por que você simplesmente não entra?

Eu me levanto e me viro para encará-lo, já que ele está determinado a arruinar este momento para mim. — Aquela enfermeira vadia não vai me deixar, é por isso.

— Oh. Bem, por que você não vai até a sala de espera com todo mundo?

— Porque eu não sou todo mundo. Sou a tia Candice e Andie precisa de mim aqui. — Volto a pressionar o ouvido contra a porta. — Na verdade, ela precisa de mim *lá*, mas a enfermeira Ratched está exercitando seu poder e me mantendo de fora.

Eu endureço quando ouço Andie gemer. Eu acho que foi um gemido. Ou isso ou um arroto muito longo. — O que foi isso? — Ian pergunta em um tom abafado.

— Essa é a minha amiga que precisa de mim. — Meus batimentos está ficando louco. Eu não aguento mais. — Eu estou indo lá. — Minha mão desliza para baixo para a maçaneta.

Ian agarra meu braço. — Melhor não.

Empurrando meu braço para longe, eu o enfrento novamente. — Qual é o seu problema, Ian? Eu preciso estar com ela!

— Não, na verdade, você provavelmente deveria ficar aqui fora.

Pela primeira vez ele parece sério. Isso meio que estoura um pouco minha bolha emocional. — Dê-me uma boa razão.

— Porque. O parto é um momento especial entre marido e mulher. Ter toda uma multidão de familiares lá pode não ser o que eles querem, e você deve fazer o que eles querem, não o que *você* quer.

Meu coração dói com suas palavras. Eu cruzo meus braços sobre o peito sem pensamento consciente. — Eu não sou uma multidão. Eu sou apenas eu. Uma pessoa. E eu sei que Andie iria me querer lá.

Ele ri. — Você não é apenas uma pessoa, Candice. Você é um tornado inteiro de uma pessoa. E se Andie quiser você, tenho certeza de que eles virão até você. Talvez às vezes ela só queira Mack e mais ninguém, e não há nada de errado nisso. Isso não significa que ela te ama menos.

Eu estreito meus olhos para ele, suprimindo a centelha de felicidade que vem quando ele realmente fala meu nome. Eu odeio admitir isso, mas ele pode ter um ponto. Nunca fui casada, mas se eu for, quero que seja como ele descreve. Mas em vez de dizer isso a ele, concentro-me na parte mais interessante de sua pequena palestra. A parte em que ele me descreve como um tornado.

— Eu não posso dizer se você está me elogiando ou me criticando quando você me compara com uma força da natureza.

Antes que ele possa responder, a porta se abre atrás de mim e alguém bate nas minhas costas.

— Ei! — Eu exclamo, virando-me para que eu possa ver o meu agressor. — Cuidado.

— Eu lhe disse para ir esperar na sala de espera, — diz a enfermeira malvada. — Você está no caminho aqui.

Eu abro minha boca para deixá-la ter o que merece, mas minha voz é cortada quando Ian envolve seu braço em volta da minha cintura, me puxa para o lado dele, e planta seus lábios na minha bochecha, deixando escapar um som alto e sonoro.

Eu me encolho, não porque não goste, mas porque é tão inesperado. Quem é essa pessoa e por que ele parece tão feliz?

— Eu vou me livrar dela para você, — diz ele, quando finalmente para.

— Bom. Nós vamos avisar quando ela estiver pronta. Pode levar horas, então não espere nada em breve.

Eu estou ali como uma observadora, assistindo a um programa de televisão ou algo assim. Palavras falharam em mim. Eu sou um tornado sendo beijado por uma pessoa com dupla personalidade.

— Vamos, querida, vamos ler algumas revistas. — Ian está me guiando pelo corredor.

— Mas eu não quero ler nenhuma revista.

— Ok, então você pode me ver lendo revistas.

— Eu não quero ver você lendo revistas. E eu não quero mais que você me beije.

— Não se engane. — Ele está sorrindo, obviamente, muito orgulhoso de si mesmo.

Dou uma cotovelada, retirando-o da minha cintura. — Você é tão idiota. — É como se ele soubesse que faz meu coração acelerar com cada toque, com cada piada estúpida. Eu odeio que ele me tenha em tal bagunça. Isso era para ser uma brincadeira divertida no começo, e então era para ser nada. Eu não beijo os caçadores. Então, por que seus lábios continuam pressionando contra mim? E por que eu não bati nele ainda?

— Aqui. — Ian pega um livro da mesa enquanto entramos na sala de espera. — Alguma leitura leve para você.

Eu olho para o volume pesado na minha mão. — A Bíblia do Rei James. Oh legal. — Olhando ao redor da sala, percebo que está muito quieto. Todas as cadeiras estão vazias e a televisão no canto está desligada. — Onde estão seus pais?

— Quem sabe? Talvez tomando café ou algo assim.

Sentada em uma cadeira de plástico não muito confortável, abro o livro gasto em uma página aleatória. Posso muito bem aprimorar meus salmos ou qualquer outra coisa.

— Você deveria ler, — diz ele. — Você poderia aprender muito com isso. — Ele se inclina para trás em uma cadeira um pouco abaixo da minha, pegando uma revista esfarrapada e descansando-a em sua perna.

— Oh sim? — Eu li em voz alta da página na minha frente. — *Ninguém cujos testículos são esmagados ou cujo órgão masculino é cortado entrará na assembléia do Senhor.* — Eu olho para Ian. — Awww, nenhum eunuco permitido no céu. Que pena! — Soltando meu olhar para sua virilha, eu acrescento: — Talvez você devesse começar a usar um copo, só por precaução.

Ele coloca a mão sobre *suas joias* e vira as pernas para longe de mim, sua expressão ficando preocupada. — Apenas no caso de quê?

Eu dou de ombros. — Apenas no caso de você ter seus testículos chutados por um touro louco ou o que seja. Não quero que você perca o Céu só porque você teve suas nozes esmagadas.

Ele se inclina e tira o livro das minhas mãos. — Senhorita, você já teve o suficiente de leitura bíblica. — E joga a bíblia na mesa fora do meu alcance.

Eu ri. — Ei! Eu estava gostando disso. Eu estava prestes a aprender as regras sobre bastardos.

— Bastardos? — Ele franze a testa, olhando para o livro.

Ele provavelmente acha que estou inventando isso, mas eu não estou. Foi ali mesmo em preto e branco. — Sim, e dez gerações depois do bastardo também. Eles não podem entrar no céu, aparentemente. Que chatice para eles.

Ele balança a cabeça para mim como se não acreditasse no que estou dizendo. Eu não vejo qual é o grande problema. Acabei de ler do livro que ele me deu. Honestamente, nunca li nenhuma bíblia de capa a capa. Acho que foi apenas a minha sorte que encontrei a passagem dos testículos. Eu estou pensando que eu deveria lê-lo mais vezes se for divertido. Eu tentei antes, mas eu sempre adormeço na parte em que começa a falar sobre Adão e todos os seus netos. Ele tinha muitos deles.

— Você vai à igreja? — Pergunta ele.

Eu balanço minha cabeça, imaginando o quão estranha esta conversa está prestes a chegar. — Não.

— Eu também não.

Eu concordo. Isso não é *tão* interessante para mim. Mudar de assunto parece uma ótima ideia. — Assim... festa neste final de semana no Boog's, hein?

—Eu não vou. *Você* não *está* indo. Ninguém está indo.

— Claro que estamos. Gina quer que eu conheça todos os seus amigos.

— Que pena.

Eu sorrio maldosamente. — Muito ruim para você, quer dizer. Você me deve. — Ele me dá uma expressão de dor. — Você não pode estar falando sério.

— Claro que posso. — Eu me endireito e sorrio. — Estou realmente ansiosa para isso, na verdade. — Verificando minhas unhas. — E desde que eu salvei sua bunda com a sua ex, você tem que me levar.

Ele se inclina e cobre o rosto com as mãos enquanto apoia os cotovelos nos joelhos. Eu não posso dizer se ele está realmente triste, muito zangado ou apenas muito cansado. Talvez ele seja todos os três.

— Então, qual é o problema com você e ela? — Eu pergunto, sentindo fraqueza para ser capitalizada. — Você ia se casar, certo?

Ian olha para cima, deixando as mãos caírem. Ele olha ao redor da sala, talvez verificando se estamos sozinhos, o que ainda estamos. Isso me faz pensar onde estão todos os amigos de Andie. Certamente ela tem alguns em torno desta cidade, então onde eles estão?

— Eu não quero falar sobre isso.

— Em geral ou especificamente comigo? — Isso é muito mais interessante do que testículos esmagados e bastardos sendo rejeitados nos portões de ouro. De jeito nenhum eu estou deixando-o fora do gancho tão fácil.

— Ambos. Nem um e nem outro.

Hora de ir para a garganta. Isso vai começar a festa. — Eu ouvi dizer que ela te traiu com Mack.

Ele solta um jato de ar e se recosta na cadeira. — Você ouviu errado.

— Eu não penso assim. Ouvi dizer que ela deu em cima dele quando você voltou de Vegas. — Eu aceno para a ênfase, como se eu estivesse toda conectada as fofocas da cidade.

Ele está olhando para longe enquanto responde. — Não foi um movimento importante. Foi uma cantada menor que não deu em nada.

— Parece que deu alguma coisa sim. Acabou seu casamento.

— Não houve casamento. — Ele olha para mim. — Sem matrimonio, sem casamento.

— Ok, então acabou tudo.

Ele sorri, mas não é o tipo de sorriso feliz. — Você pode dizer isso de novo.

— Ok, então acabou tudo.

Fechando os olhos, ele balança a cabeça lentamente. — Você é algo, você sabe disso?

— Algo incrível. Sim, eu sei. — Eu me movo para a cadeira ao lado dele, mas ele não se move. Eu tomo isso como um convite para me aprofundar. Cruzando minhas pernas, deixo meu pé de cima saltar um pouco, casualmente mostrando minhas botas fofas para distraí-lo de perceber que ele está me dando às fofocas. — Então, quanto tempo você namorou?... Antes do término, quero dizer?

— Anos. Desde o colegial. Muito tempo.

— Sim. Demasiado longo. Ficamos muito confortáveis um com o outro. Comecei a ignorar as coisas, eu acho. — Ele encolhe os ombros e olha para longe.

— Com que tipo de coisas?

Ele faz uma pausa e se vira para me encarar por alguns segundos. — Você com certeza é intrometida.

Eu balanço meu pé para distraí-lo de resistir a mim. Mexa, mexa... mexa, mexa... Ele olha para o forro de pele da bota e franze a testa.

— Curiosa? Mais como entediada. — Eu o golpeio levemente no braço com as costas da minha mão. — Vamos. Nós vamos estar esperando por horas e horas. Pode muito bem me contar todos os seus segredos mais íntimos e acabar com isso. Não vou descansar até ter sondado as profundezas de Ian.

Ele ri, olhando de volta para mim. — Você tem alguma ideia de como isso soa errado? — Eu aceno sua tolice. — Oh merda. Admite. Você está impressionado com as minhas expressões poéticas.

Ele ri. — Se isso é poesia, eu sou o cão adjunto.

— O que é isso? Seu apelido?

Ele fecha os olhos e inclina a cabeça para trás na parede. — Estou tirando uma soneca. Não me incomode.

Eu olho para as revistas na mesa baixa à nossa frente. Há um apresentando NASCAR, um sobre Corvettes e uma de motocicletas. Quem estoca esse lugar com leitura, afinal? Jeff Gordon[24]? Que idiotice. De jeito nenhum posso abandonar minha linha de questionamento quando isso é tudo que eu tenho que esperar.

[24]Jeff Gordon é um ex-automobilista americano que pilotou por 23 anos na Nascar, sempre pela equipe Hendrick Motorsports. É considerado um dos principais pilotos de automóvel da história dos Estados Unidos.

— Então, o que você quis dizer quando disse que começou a ignorar as coisas? Ou foi ela que começou a ignorar as coisas?

Ele não responde, então continuo perguntando.

— O que ela ignorou? Foram seus problemas de higiene pessoal? Sua falta de graça social? Seu terrível gosto por bonés?

Ele permanece parado, como se não pudesse me ouvir, e por um momento acho que vou ter que insistir para obter minhas respostas, mas então ele me surpreende.

— Não, não foi nada disso. E nós dois ignoramos, eu acho, não apenas ela ou eu.

— Quais são algumas das coisas que *você* ignorou? — Pergunto. Estou na beira da minha cadeira sabendo que estou prestes a pegar algumas coisas suculentas. — Eu não sei.

— Com certeza. Conte-me. Eu juro que vou manter seus segredos.

Ele abre um olho e olha para mim. — Você espera que eu acredite nisso?

— Claro. Meu cérebro é uma armadilha de aço. Nada sai até eu liberar, e eu não libero as coisas a menos que eu tenha permissão.

— Você? Você é o grande repositório de segredos? Ele fecha os olhos, e então ele meio que bufa. Eu acho que foi um bufo. Ou talvez ele tenha alergias.

— Exatamente. Esse é o meu cérebro. Então me conte.

Ele suspira alto e deixa a cabeça balançar da esquerda para a direita algumas vezes antes de começar a falar novamente.

— Bem, eu acho que esqueci o fato de que ela não estava totalmente feliz em me ter como marido.

— Isso é meio que um grande problema.

Ele abre os olhos e olha para o teto. — Você está me dizendo.

— O que mais? — Eu o tenho preso agora.

— Ela ignorou o fato de que eu não gostava do Havaí. — Ele parece particularmente amargo sobre isso, especialmente quando faz uma careta para o teto.

Eu tento descobrir como o Havaí poderia estar conectado, mas eu desisto muito rapidamente. Não quero que ele durma comigo enquanto tento decodificar suas mensagens. — Hum... confuso?

Ele fala e suspira ao mesmo tempo. — Ela queria ir ao Havaí para a lua de mel. Eu não tinha interesse nisso, mas isso não importava. Fizemos o que Gina quisesse fazer sempre. Ela era a líder do show.

— Sempre tem que haver um líder, você sabe, — eu digo, sabendo que eu nunca poderia estar contente em seguir um cara por perto como um cachorro de colo. É por isso que nunca vou a Abu Dhabi[25]. Se eu tivesse que andar cinco passos atrás de um cara o dia todo, eu com certeza estaria dando a ele pneus furados o tempo todo de propósito. Isso provavelmente terminaria em divórcio ou flagelação pública ou apedrejamento ou algo assim. Não. Eu definitivamente não estou preparada para isso depois de coisas sem pensar. Além disso, teria que usar um daqueles robes de corpo inteiro e cobrir meu lindo cabelo e roupas adoráveis. Fale sobre um desperdício de esforço.

— Sim, eu entendo, — diz Ian, sentando-se em sua cadeira um pouco, mas ainda curvo, — mas nem sempre tem que ser a mesma pessoa que está na frente, sabe? — Ele olha para mim. — Não *deveria* ser sempre a mesma pessoa. De vez em quando você tem que deixar a outra pessoa

[25]Abu Dabi é a capital dos Emirados Árabes Unidos

dar as ordens, ter a palavra final. De outra forma... — ele encolhe os ombros -— eles se perdem.

— O que você quer dizer com 'eles se perdem'?

Agora ele está gesticulando com as mãos enquanto fala. É como se ele tivesse uma audiência invisível na sala de espera à nossa frente, mas ainda é só eu aqui. Eu não posso acreditar como ele se tornou animado.

— Veja, ser o tomador de decisão coloca você na frente e a outra pessoa para trás, certo? E algumas pessoas estão bem de estar lá nas sombras, mas a maioria das pessoas não está. Eles precisam de algum tempo para brilhar também. Mas você coloca alguém que não quer estar nas sombras no escuro por muito tempo, eles começam a perder uma parte de si mesmos. — Seu rosto se torce em algo amargo. — Eu me perdi em algum lugar ao longo do caminho com Gina, e não sei se algum dia o recuperarei.

— Uau. Isso soa maciçamente deprimente.

Ele ri uma vez enquanto olha para o chão. — Conte-me sobre isso. — Ele esfrega as mãos juntas, como se estivesse tentando tirar uma cãibra de seus músculos que nunca irão embora.

Eu não posso acreditar que um cara grande, forte e inteligente como ele é tão confuso com algo que não é tão grande coisa. As pessoas se separam o tempo todo. Desde quando significa que alguém morreu?

Estou tão desapontada com sua atitude de mijar nas calças. Por que todos deixaram ele continuar assim por tanto tempo? Eu não posso parar meu julgamento de jorrar da minha boca. — Também soa como um monte de besteira para mim.

Sua cabeça torce bruscamente para a esquerda para que ele possa me encarar.

— Há quanto tempo? — Eu pergunto, já sabendo a resposta. — Três anos mais ou menos? Quero dizer, vamos lá... seis meses é o mais longo que alguém precisaria superar isso. Não é como se alguém tivesse morrido ou algo assim.

Sua mandíbula, que estava lentamente se abrindo enquanto eu falava, se fechou. Então ele diz: — Você está brincando comigo?

— Não, por que eu faria isso? Obviamente, vocês dois não deveriam estar juntos. Sua separação foi uma coisa boa. Ah, sério. Você está hospedando essa festa de piedade por muito tempo, Ian. Hora de caçar e parar de sentir pena de si mesmo.

Ele se inclina para longe de mim. — Você sabe o que? Você pode simplesmente calar a boca agora mesmo. Você não tem ideia do que está falando.

— Não, é sério.

— Eu posso ver isso, mas isso não significa que você não deveria calar a boca sobre isso. — Ele se levanta, indo para a porta.

— Fugir quando as coisas ficam difíceis? — Eu pergunto, desafiando-o.

— Mais como fugir de uma maldita harpia que não sabe quando se importar com seu próprio negócio.

Quando ele está quase na saída, eu suspiro alto para que ele ouça. — Ainda bem que Ginny se livrou de você quando aconteceu, eu acho. Ninguém quer um grande chorão para um marido de qualquer maneira.

Ele gira e me enfrenta. — Você acabou de me chamar de chorão?

Eu dou a ele o meu melhor olhar inocente e bato meus cílios algumas vezes para um efeito extra. — Sim eu fiz. O que você chama de

um cara que tem a sorte de sair de um grande erro antes que seja um erro ainda maior e então faz com que todos se sintam mal por três anos? Um herói? Acho que não. Mais como um bebê chorão.

Suas narinas se dilatam e sua mandíbula fica tensa. É possível que ele esteja considerando colocar um buraco na parede com o punho.

Eu levanto minhas mãos. — Ei, não atire no mensageiro.

Ele coloca as mãos nos quadris. — Isso não é o que essa expressão significa, — diz ele, seus dentes pressionados juntos.

— Claro que é. Estou lhe dando a mensagem de que é hora de você parar de sentir pena de si mesmo. Você está ficando todo irritado depois de ouvir minha mensagem, e eu estou apenas dizendo... não fique me odiando porque estou apenas dizendo a você as coisas que as pessoas estão dizendo por toda a cidade sobre você.

Ele dá um passo em minha direção, sua raiva se desviando para outra coisa. Aflição, talvez? Medo? Curiosidade?

— Você está falando sério? — Pergunta ele. — Quem está dizendo isso sobre mim?

Eu bufo. — Por favor. Quem *não* está dizendo que seria uma pergunta mais fácil de responder? — Eu realmente não tenho ideia se alguém está dizendo alguma coisa sobre Ian, mas isso me impede? Não. Ele é muito mais bonito quando não sente pena de si mesmo. Talvez ele esteja agindo como um cara por três anos porque ninguém o chutou nas calças ainda. Ele com certeza precisa de um chute nas calças - isso é óbvio.

Surpreendentemente, ele volta e se senta ao meu lado. — Você precisa me dizer quem está batendo os lábios sobre mim e Ginny.

— Não, eu não sei. — Eu sorrio e aponto para a minha cabeça. — Armadilha de aço, lembra?

— Atarraxe sua armadilha de aço. — Ele olha para mim intensamente.

Eu sorrio porque não posso evitar. Ele é positivamente adorável quando está zangado. — Você tem alguma ideia de como isso soa errado?

— Como está errado o que parece?

— Que você quer ferrar minha armadilha de aço.

Ele se inclina para trás, um fantasma de um sorriso brincando em seus lábios enquanto seu corpo fica relaxado. — Eu não disse isso.

Eu dou de ombros e verifico minhas unhas novamente. — Se é isso que você quer dizer às pessoas. Eu vou te apoiar.

— Você vai me apoiar. — Ele diz isso como uma declaração. Eu posso dizer que ele está olhando para mim, mas eu não retorno o olhar para ele. A atmosfera desapareceu de repente... caloroso.

— Isso é o que eu disse. — Eu cruzo as pernas e brinco com o topo peludo da minha bota incrível, ainda não olhando para ele.

— Eu acho que você faria, — diz ele, soando como se estivesse realmente me admirando.

Eu olho para ele para ver se está brincando comigo. Meu coração faz o que só pode ser chamado de pitter-patter[26]. — Você acha que eu faria, o que?

— Me daria cobertura. Teria proteção. Se eu precisasse de você, quero dizer.

Imagino Ian precisando de ajuda, e não há dúvida de que lado da linha eu estaria. Ele é cunhado de Andie agora. — Claro que sim, eu faria. Você é praticamente da família. — Eu dou de ombros e volto a

[26] Pitter-patter— onomatopéia para pingos de chuva

brincar com a minha bota. — A família obtém segurança automático e inquestionável a qualquer momento. Essa é a minha regra.

Ele não diz nada por um tempo e depois sai com — Eu gosto da suas regras.

Eu olho para ele e pisco. — Eu sei que você gosta. — Eu não tenho ideia do que isso significa. Eu só tenho esse desejo de flertar com ele que aparentemente não conhece limites. Eu nem faço mais sentido. Essa situação é tão confusa. Chão e teto, sinta-se à vontade para mudar de posição, porque neste momento não vou saber a diferença.

Ele ri enquanto revira os olhos. — Garota, você é outra coisa.

O clima na sala passou de bobo para triste, para tenso, para explosivo e de volta para feliz e relaxado, com quase nenhum esforço da minha parte. É como um circo, mas sem palhaços, animais, ginastas ou qualquer outra coisa. A única explicação é Ian. É tudo culpa dele. Ele com certeza é um mau humorado. Por que isso o torna ainda mais atraente para mim do que antes, não faço ideia, mas não há como negar. Acho que mesmo que eu esteja chegando aos trinta e deva saber melhor, ainda acho os bad boys um desafio que eu não posso largar. E Ian é definitivamente um menino mau.

Eu olho para ele, observando sua forma magra e musculosa, sua boa aparência esculpida de pedra, suas bochechas queimadas pelo vento, seus lindos olhos verdes e seu boné azul idiota que não combina com sua pele, ele é muito bom, como se eu estivesse interessado nesse tipo de coisa com ele. Como esse homem ainda não é casado é algum tipo de milagre. As garotas de Baker City precisam ser idiotas. Ou talvez elas também não gostem de caçadores.

O pensamento desencadeia uma ideia na armadilha de aço em minha mente. Talvez se eu falar agradavelmente, ele vai parar de atirar em animais. Então ele poderia encontrar uma nova mulher e ser feliz novamente. O cunhado de Andie deveria ser feliz. Então ela vai ser feliz, e Mack será feliz, e todo o maldito mundo será feliz. Eu poderia ir para a Flórida sabendo que deixei o mundo aqui um lugar melhor. Eu suspiro de felicidade, pensando que isso deve ser o que Madre Teresa sentiu.

— O que seria necessário para convencê-lo a parar de caçar animais? — Eu pergunto, meu plano já está em movimento.

Ele me olha por um longo tempo antes de finalmente responder. — Muito mais do que você pode dar, acredite em mim.

Eu apenas sorrio para ele, sabendo que minha batalha já está quase ganha pela metade. Este homem não tem ideia do que ele está procurando.

ONZE

A ENFERMEIRA RATCHED COLOCA A CABEÇA na sala de espera. — Você pode vir para o quarto de Andie agora, se quiser.

Eu pulo da cadeira, deixando Ian comer poeira.

— Ela está empurrando ainda? O bebê está quase aqui? Eu corro passando pela mulher malvada sem esperar por uma resposta.

Ela não me responde, mas a vejo revirando os olhos quando olho por cima do ombro, então sei que ela me ouviu. Cadela.

Tenho certeza de que vou ter que denunciá-la à administração quando tudo isso acabar, mas por enquanto tenho que me concentrar em Andie. Talvez eles me deixem cortar o cordão umbilical se Mack for muito sensível para fazer isso.

Eu abro a porta de Andie e atravesso a abertura, determinada a não perder um único segundo do evento. Maeve vai ficar tão triste que ela não estava aqui para isso. Eu não posso acreditar que ela deixou o hospital quando o bebê estava quase aqui.

Andie está na cama, sentada, segurando um pacote de cobertores em seus braços.

Eu paro e olho para ela e Mack. Ele está inclinado sobre ela, olhando para os cobertores, sorrindo, tão pateta quanto eu já o vi. Andie está sorrindo também, mas parece exausta. Maeve está sentada em silêncio no canto de uma poltrona. Meu cérebro começa a curto-circuito.

— Eu perdi alguma coisa? — Eu pergunto, andando devagar. Estou tentando não soar magoada. Por que Maeve está aqui e eu não estava?

— Não. Você está aqui na hora certa. Andie move a borda do cobertor para o lado. — Candice, eu quero que você conheça sua afilhada, Sarah Jayne MacKenzie. — Ela olha para a cabeça de joelho nos cobertores. — Sarah, esta é Candice.

E assim, não estou mais tão magoada. Madrinha? Nota para si: *Leia a Bíblia amanhã, mas pule a parte sobre os filhos de Adão.*

Estou perto o suficiente agora que posso ver o pequeno rosto amassado de Sarah. — Uau. Ela parece que acabou de fazer algumas rodadas com Mohammed Ali.

Mack ri, seus olhos nunca deixando seu rosto.

— Ela estava bem espremida lá, eu acho, — explica Andie. — Ela não é linda? — Decido que mentir é o melhor plano de ação nessa situação. — Ela é a mais linda bebê que já saiu de uma vagina, com certeza. — Eu olho para a minha amiga e tento forçar um sorriso completo para além da dor que estou sofrendo por ficar de fora. — Você fez muito bem, mamãe. Como se sente ao saber que você trouxe um ser humano ao mundo?

— Parece um milagre. — Ela olha para Mack e começa a chorar. — Eu sou a garota mais sortuda do mundo.

Mack se inclina e lhe dá um beijo muito sexy. — Você me faz muito feliz, você sabe Sra. MacKenzie?

— Sim, eu sei disso, Sr. MacKenzie.

— Posso segurá-la? — Eu pergunto, um pouco nervosa sobre toda a ideia, mas não deixando que isso me pare. Eu tenho que ter esse bebê impresso em mim o mais rápido possível para que ela saiba que eu sou sua segunda mãe na sucessão. E antes que Kelly, a segunda melhor amiga de Andie , chegue aqui. Sarah J. vai *me* amar mais - vou me certificar disso.

— Certo. Apenas observe a cabeça dela. Você tem que apoiá-la.

— Eu sei, eu sei. Entregue essa mercadoria. Eu estendo a mão e levo o bebê gentilmente de sua mãe. Sarah é tão leve que parece que estou apenas segurando cobertores. Eu movo as bordas para ter a certeza que ela ainda está lá.

A delicada penugem dourada em seu rosto me faz derreter por dentro. — Bem, olá, pookiepoo, Wookieewoo, mookie moo.

A porta se abre, mas não me incomodo em olhar para cima para ver quem é.

— Você sabe quem eu sou? — Eu pergunto ao bebê, esperando por algum sinal de reconhecimento de que estou aqui. Seus olhos estão fechados e sua boca está fazendo alguns movimentos de sucção, mas continuo falando. Talvez ouvir isso subliminarmente seria melhor de qualquer maneira. — Sou sua mãe número dois e futura melhor amiga. Sim, está certo. Você é a garota mais sortuda do mundo. Vou ler para você, vou fazer o seu cabelo, vou ensinar-lhe todas as coisas que você precisa saber sobre os homens, e vou me certificar de que você entre em uma boa faculdade. E quando você quiser fugir da mamãe e do papai, você vai à minha casa e vamos fazer nossas unhas e falar sobre o quão injusto eles são.

Há um som ao meu lado e eu olho para cima. Ian está lá, olhando por cima do meu ombro para o bebê.

— Ela é pequena, — diz ele.

— Dois quilos e setenta e duas gramas, — diz Mack. — Quarenta e cinco centímetros.

Eu sorrio porque ele parece estar se gabando sobre o comprimento de seu pau ou algo assim. Mack geralmente não é tão animado.

— Uau. Não é nada além de um tiquinho, — diz Ian. Ele põe o dedo na bochecha dela. — O que você acha, L'il Bit[27]? Você é grande o bastante para um apelido?

Eu me viro para que ele não possa mais tocá-la. — Mantenha seus dedos sujos fora de seu rosto.

— Tenho certeza que ela nem sequer tomou banho ainda. Seu rosto está mais sujo do que minhas mãos.

— O nome dela é Sarah Jayne, não *ela*.

Ian sorri. — Esse é um nome muito bonito, Andie. Combina perfeitamente com ela.

Isso aquece meu coração ao ver a resposta de Andie às gentilezas de Ian. Ele realmente é um cara legal por baixo de toda aquela monstruosidade, eu acho.

Eu ando e dou o bebê para Mack. — Estou com medo de deixá-la cair, — digo como desculpa. Na verdade, eu sei que nunca faria isso, mas encarando seu lindo rosto cor-de-rosa e observando seus pequenos lábios e aquele nariz enquanto Ian fica atrás de mim e diz que todas aquelas coisas legais me deixam triste por algum motivo. Hoje é o primeiro dia da minha vida que me senti velha. E sozinha. Eu realmente não estou preparado para lidar com esse tipo de emoção.

— Bem, eu preciso ir, — eu digo, tentando agir casualmente sobre isso. Acho que preciso de um bom choro e não posso fazer isso na frente de ninguém.

— Ir? Onde você está indo?-— Andie parece preocupada.

— Oh, eu tenho algumas compras para fazer. Coisas para fazer em casa. Voltarei mais tarde ou amanhã de manhã.

---

[27] Lil bit — pouquinho.

Andie olha para Mack. — Você ficará?

Ele sorri e acaricia seu cabelo. — Eu não estou indo a lugar nenhum. Estarei aqui até que você esteja pronto para sair.

Eles olham nos olhos um do outro e Andie começa a chorar novamente.

— Sim, bem, se alguém se importa, eu vou voltar para o rancho também, — diz Ian, levantando a mão para dizer adeus.

Ninguém diz nada.

— Ligue para mim se precisar de alguma coisa de casa, — diz ele.

Mack acena, mas não diz nada, nunca quebra o contato visual com a esposa.

— Voltarei em algumas horas, — diz Maeve a Ian. — Mantenha um prato quente para mim e Angus. Ele saiu com o rebanho no campo sul.

— Farei isso — diz Ian.

Ian e eu saímos do quarto, e nós dois soltamos longos suspiros. Seus sons revigorados. O meu é mais deprimido.

Ele olha para mim e eu olho para ele. — E agora? — Pergunta ele.

Eu estendo meu polegar e sorrio fracamente. — Posso pegar uma carona?

DOZE

A VOLTA PARA CASA É QUASE completamente silenciosa. Teria sido o momento perfeito para acalmar Ian sobre Ginny e a vida desde Ginny, mas estou muito envolvida em minha própria festa de pena neste momento em particular para me importar.

— Qual é o seu problema, afinal? — Ian pergunta, enquanto ele vira para a estrada de terra que leva ao rancho. É mais como uma estrada de blocos de gelo agora, mas eu posso ver pedaços de cascalho e manchas marrons na neve que me dizem normalmente que este é um lugar cheio de poeira, pedras, buracos e cobras.

— Eu não tenho um problema. — Eu olho pela janela lateral. Meu peito está doendo. Talvez esteja com gripe.

— Você ficou triste no hospital. Você deveria estar feliz por sua amiga. Eu olho para ele. — *Estou* feliz pela minha amiga. Por que você diz isso?

— Porque. Você parecia desesperada quando estávamos lá, e você superou tudo bem rápido. Como se você não quisesse ficar. — Ele faz uma pausa, balançando a cabeça. — Eu não entendi. Primeiro você bate a cabeça na porta tentando entrar e então tudo o que você quer estar fora.

— Não foi o que aconteceu. — Eu olho pela janela novamente. Tenho medo que, se ele me chamar a atenção, ele adivinhe o que eu estou pensando, que ele verá que ele leu exatamente a situação, e não diz nada de bom sobre mim como pessoa.

— Então o que aconteceu então? Conte-me.

Eu olho para ver se ele está falando sério. E parece que realmente se importa. Normalmente, não compartilharia meus pensamentos sobre este assunto com ninguém além de Kelly, mas agora eu não posso por algum motivo. Eu preciso de um padre ou algo para confessar, mas Ian é a única coisa que tenho em mãos. Ele apenas terá que servir.

— Eu só estava... Eu não sei. Sentindo-me velha ou algo assim. Ele ri. — Olhando para um bebê faz você se sentir velha? — Bem, sim, mais ou menos.

— Você quer ter um bebê agora?

— Não, não seja ridículo.

— O que é então?

Eu não posso acreditar que tenho que soletrar isso para ele. — Eu acho que você poderia dizer que é meu relógio biológico ou algo assim. Lembrando que estou ficando velha e ficando sem tempo.

Ele bufa. — Okay, certo. Quanto você tem... vinte e cinco? Você tem muitas horas no seu relógio, acredite em mim.

Eu não posso deixar de sorrir só um pouquinho. — Eu tenho quase trinta anos, na verdade, e sei racionalmente que não sou velha, mas ver minha melhor amiga resolvida e com um bebê me faz sentir como se estivesse ficando para trás.

Eu não posso acreditar que acabei de dizer isso em voz alta. Fale sobre lamentável. Eu cerro meus dentes para impedir que qualquer outra coisa se espalhe. Ian vai tanto zombar de mim sobre isso. Aqui estava eu, apenas uma hora atrás, dando a ele uma merda sobre sentir pena de si mesmo sobre algo bobo. Agora quem é o bebê chorão? Sim, sou eu.

Ele me dá um tapinha na perna. — Ah, você não precisa se preocupar com isso. Todo mundo está em seu próprio tempo. Você não

precisa estar no dela, e ela não precisa estar no seu. Você só precisa ser paciente.

Eu mordo meu lábio para não dizer mais nada. Ian ser bom e compreensivo não é o que eu estava esperando. Sarcasmo e provocação eu posso lidar. Bondade não posso. Estou sujeita a começar a chorar como Andie a qualquer segundo.

— Aqui estamos, lar doce lar, — diz Ian.

Só essa frase faz meu coração doer novamente. Cara, estou em má forma. Por que ele está sendo tão bom?

Ele dirige para a esquerda para dar lugar a uma caminhonete que sai da propriedade. Paramos quando estão lado a lado.

— Onde você está indo? — Ele pergunta ao pai depois de rolar minha janela.

— Ver o bebê e pegar Maeve, — responde Angus. — Por que você não arruma o jantar, e nós vamos acompanhá-lo mais tarde?

— Claro que sim, — diz Ian, revirando a janela. Eu sou grato, já que está nevando de novo e vários flocos estavam tentando entrar e arruinar meu cabelo.

— Ele quer que a gente faça o jantar? — Pergunto.

— Sim. — Ian faz uma pausa antes de dirigir em seu espaço. — Você pode cozinhar? — Eu entrei em pânico. Então eu bufo. — Os eunucos estão de *mãos dadas* nos portões de Ouro?

— Então eu ouvi.

— Bem, então você tem a sua resposta. — É uma mentira total dizer que eu cozinho. Quer dizer, não é apenas uma mentira ou um leve exagero, mas uma *mentira* direta e ousada. Mas Ian não sabe disso.

Eu me pergunto quanto tempo levaria para aprender se eu pesquisasse isso?

TREZE

EU TENHO MINHA RESPOSTA trinta minutos depois: não demorou. Essa coisa de cozinhar é uma brisa, aparentemente. Espaguete e molho de carne, chegando.

— Você tem certeza de que sabe o que está fazendo? — Ian pergunta enquanto abro diferentes armários tentando localizar as panelas que o artigo on-line dizia que eu precisava.

— Claro. Você tem carne moída em algum lugar?

— Esta é uma fazenda de gado. O que você acha?

Eu olho por cima do meu ombro para encontrá-lo sorrindo para mim. — Onde eu posso encontrá-la?

— Freezer. — Ele se senta à mesa na cozinha e vira a cadeira para que ele possa me ver.

— Alho e cebola? — Eu pergunto, tentando não mostrar o meu nervosismo na voz.

Ele aponta para uma caixa de madeira no balcão. — Lá.

— Ok. — Eu encontro uma grande faca afiada velha em uma gaveta que se parece com a da foto que eu vi, e coloco os vegetais de papel na tábua de corte. — Então eu vou cortar isso primeiro.

— Você pode querer descascar as camadas externas primeiro, — diz ele enquanto eu me esforço para descobrir por onde começar.

— Claro que eu vou. Eu estava apenas descobrindo o melhor ângulo. Sempre há um melhor ângulo para essas coisas.

— Uh-huh. Se você diz.

Eu trabalho pelo que parece muito tempo, descascando as finas camadas de pele que cercam a cebola e as coisinhas de alho. Quando eles finalmente estão nus, eu os cortei em quadrados. Meus olhos começam a arder tanto que mal consigo ver. Eu acho que meu nariz pode estar inchando também.

— Caramba, esse alho é forte.

— Claro que não, é a cebola? — Pergunta ele. Seu tom sugere que ele sabe a resposta.

— Ambos são. *Gah* Eu não posso ver. Eu me viro. O rosto de Ian é um mero borrão através dos meus olhos semiabertos.

— Mamãe tem óculos de proteção na gaveta se você quiser usá-los. — Ele aponta para a cozinha.

— Não, tudo bem. — Eu não tenho ideia porque ele quer que eu use óculos de proteção. As pessoas usam óculos de proteção na cozinha? Nunca vi isso na TV, e o artigo não mencionou isso. — Estou quase pronta.

Eu desisto de cortar mais vegetais e apenas os jogo em uma panela com um pouco de óleo. Algumas das cebolas ainda são bem grandes, mas tudo bem. Eles imediatamente começam a chiar. No momento em que eu posso ver corretamente novamente, eles estão ficando marrons.

— Molho? — Eu pergunto, cheirando forte. Meu nariz está escorrendo como um louco depois do incidente da cebola. — O que você quer dizer com 'molho'?

— Onde está o molho de espaguete?

Ian encolhe os ombros. — Eu não sei se temos algum.

Meu coração pula algumas batidas. *Sem molho?* Não havia plano de contingência nesta receita para uma cozinha sem molho. O

“Espaguete Rápido e Fácil de 15 Minutos” pode não ser tão rápido e fácil sem esse ingrediente principal. *Oops*

Ele se levanta e entra na despensa. Alguns segundos depois, ele sai com uma lata. — Aqui estão alguns tomates. Eles poderiam servir?

— Claro, — eu digo, não tendo ideia se isso é molho ou não, mas tem tomates na foto e molho é apenas tomates, certo? Eu coloquei meu rosto corajoso. — Abra-os para mim, por favor?

— Claro. — Ele abre a lata e entrega para mim.

Eu olho para ele. O molho dentro não se parece em nada com as fotos no Google. Eu despejo na panela com as cebolas e o alho, porque não tenho escolha.

— Você não deveria começar o macarrão? — Ian pergunta. Ele está apenas atrás de mim.

— Em um minuto. Eu preciso de algum.. Eu procuro minha memória para as ervas mencionadas no artigo. — Manjericão, orégano, tomilho e uh... salsinha.

Ian abre um armário ao meu lado, de pé tão perto que posso sentir o calor de seu corpo. — Faça sua escolha.

Ignoro a química entre nós e encontro as garrafas de que preciso. Não tenho ideia do quanto usar, então coloco alguns punhados de cada um.

— Quer que eu faça o macarrão? — Ele pergunta.

Coloco minhas mãos nos meus quadris e me viro para encará-lo. Ele está muito perto, mas não recuo. — Você parece muito preocupado com o macarrão, Ian. Se é um grande negócio, vá em frente.

Na verdade, estou feliz por ele querer assumir porque não sei como cozinhar essas coisas. Nunca na minha vida isso importou, porque eu

prefiro comer fora ou comprar refeições na rua do meu apartamento, dirigido por estudantes de cozinha, mas hoje parece um grande buraco na minha educação de vida. Como vou impressionar este homem se não puder cozinhar um prato de espaguete para ele? E por que eu me importo em impressioná-lo?

Eu observo muito de perto enquanto ele passa pelo processo de colocar massa para ferver. Parece bastante simples. Eu poderia ter feito isso, provavelmente.

— Como você sabe se está pronto? — Pergunto. — Quero dizer, eu sei como *eu* faço, mas qual é o seu sistema?

— Jogue na geladeira.

Meus olhos se arregalam. — Jogue na geladeira? Você está falando sério? — É isso que todo mundo faz? Tenho comido macarrão preso a uma parede ou que caiu no chão toda a minha vida e nunca soube disso? Uau. Eu realmente deveria ter tentado aprender a cozinhar quando era adolescente. Provavelmente teria sido antimacarrão toda a minha vida adulta se eu tivesse.

— Sim. Você vai ver. — Ele pisca.

Eu tenho que agir de forma casual; caso contrário, ele saberá que eu sou sem noção. — Não posso esperar, — eu digo, voltando para a minha agitação.

— Você vai adicionar a carne em breve? — Ian pergunta. — Sim claro. Consiga um pouco para mim, você faria?

Há algum farfalhar atrás de mim, e então Ian está lá, segurando um pedaço de carne vermelha. Está congelado.

— O que eu devo fazer com isso? — Eu pergunto antes que eu possa me impedir. Ele encolhe os ombros. — O que você faz normalmente? Eu não sei.

Minha mente fica em branco. O que aquela maldita receita dizia? Não me lembro. Este é um passo importante, mas não tenho uma única lembrança de sua menção.

Eu pego a carne dele e despejo bem no meio do molho. — Obrigada.

— Você não vai dourar primeiro?

— Não, assim é melhor. — Inferno, eu não sei como fazer carne ficar marrom, mas eu certamente sei como descongelar coisas. A maioria das minhas refeições tem que ser descongelada antes de comê-las, e quando meu micro-ondas quebrou uma vez, eu coloquei tudo na panela que eu tenho e esquentei no fogão. Isso vai funcionar. Calor é igual a gelo derretido. Ciência simples.

— OK. Se você diz. Precisa de mais alguma coisa?

Eu sacudo minha cabeça. — Não. Você pode simplesmente sentar e relaxar enquanto eu faço todo o trabalho. — Que tal se eu colocar a mesa? Ele se dirige para outro armário.

— Claro. — Por que um homem arrumando a mesa me deixa toda boba por dentro, eu não sei, mas acontece. Tenho quase trinta anos, e todas as refeições que tive com um cara foram em um restaurante. Isso parece muito íntimo e agradável. Essa coisa de bebê realmente mexeu com a minha cabeça, aparentemente.

Empurro o pedaço de carne ao redor, acidentalmente derramando molho sobre a borda da panela. Ele pega fogo um pouco e começa a

cheirar mal na cozinha. Eu rapidamente aceno a fumaça até que ela pare de subir.

— Cheira bem, — diz Ian do outro lado da sala.

Virando-se para ver se ele está brincando, vejo que ele não está olhando para mim, ocupado demais arrumando a mesa para dois. Eu perco minha linha de pensamento quando vejo o que ele fez. Há velas entre os dois pratos. Aqueles estavam lá antes, ou ele os colocou lá? Parece-me muito romântico.

Eu volto para o fogão para que ele não veja a minha expressão. Estou tão confusa agora. Este jantar à luz de velas provavelmente significa absolutamente nada para ele, certo? Quero dizer, precisamos de luz e essa lâmpada acima da mesa é meio escura. Mas e se isso significa algo mais do que apenas iluminação para ele? E se ele está fazendo isso romântico de propósito? Mas, novamente, e se ele estiver fazendo uma brincadeira comigo, me deixando *pensar* que é o que está fazendo, então eu vou dizer algo estúpido?

A maneira como nosso relacionamento foi tão longe, eu nunca poderia confiar nele agindo sério. E não há nada mais embaraçoso do que pensar que alguém está em você quando eles estão apenas brincando com a sua cabeça. De jeito nenhum eu vou cair nessa. Ele ainda está com raiva de mim por quase atirar nele. Ele está definitivamente planejando algum tipo de vingança. Essas velas podem ser parte disso.

— O macarrão já está pronto? — Ian pergunta.

— Isso é com você, — eu digo. — É melhor começar colocá-los. — Eu não posso esperar para ver isto.

Ele está ao meu lado, usando uma colher de um recipiente no balcão para pescar alguns pedaços. — Eu não acho que eles estão prontos,

mas vamos ver. — Puxando um dos macarrões da colher, ele sorri para mim. Então, sem aviso, ele joga contra a geladeira.

Eu olho para a massa enquanto ela desliza pela frente da geladeira e depois cai no chão.

— Não. Não está pronto. Ele come a outra parte na colher. — Muito duro.

Eu resisto ao desejo de fazer um comentário. Em vez disso, eu empurro o pedaço de carne ligeiramente descongelado, tentando não me preocupar com as poças de *algo* marrom-avermelhado que estão se acumulando ao redor dos lados da panela.

— Provavelmente deveria ter lhe dado o lombo, — diz Ian, olhando por cima do meu ombro na panela.

— Por que você diz isso?

— É melhor. — Ele se move para a mesa. Ele pega um jornal dobrado nas proximidades e diz: — Esse acém tem muita gordura.

Meu coração se agarra. Quem é Acém? Ele é uma pessoa nas notícias ou algo a ver com o nosso jantar? Eu decido que o silêncio é a minha melhor aposta para uma resposta.

Eu mexo o molho, tentando misturar o material marrom. Talvez isso torne o molho mais saboroso, mas duvido, já que parece pouco atraente. Deve ser suco de carne, mas por que não é misturado aos tomates? Apenas se move me fazendo persegui-lo com a colher.

— Então, há quanto tempo você está cozinhando? — Ian pergunta.

— Toda a minha vida, praticamente. — Porra, isso escapou antes que eu pudesse pará-lo. Eu odeio quando as mentiras ficam maiores por conta própria assim.

— Qual é a sua coisa favorita para cozinhar?

— Ummm... jantar.

Ele ri. — Eu quero dizer o seu prato favorito.

— Oh... uhhh.. torta, provavelmente. Torta de limão.

— Sério?

Eu olho para ele. Ele parece muito interessado de repente, não mais lendo as notícias sobre Acém.

Ele largou o jornal. — Merengue de limão?

— Claro? Existe algum outro? — Eu lhe mostro um sorriso falso por cima do ombro antes de voltar a encarar o fogão e me encolher. Tem uma pá aqui? Porque acho que acabei de cavar meu túmulo um pouco mais fundo.

— Oh, cara, essa é a minha favorita. Como você sabe?

— Eu não sabia. — Por que eu tenho que dizer limão?! Eu poderia ter dito chocolate ou maçã ou... merda, quaisquer outras tortas que eu não consiga lembrar agora. — Você vai ter que me fazer um desses antes de ir.

— OK. Eu posso fazer isso. — Olá, Google? Eu preciso de uma pequena ajuda. Ou muita ajuda. — Você faz sua própria crosta?

— Claro. Quem não faz? — Oh, Deus. O que estou *fazendo*?! Agora eu tenho que aprender a fazer crosta também?

— Mmmm, eu já posso sentir o gosto. Eu gostaria que tivéssemos alguns limões agora. Eu me ajoelharia e imploraria para você me fazer uma torta de limão com merengue.

Meus olhos se arregalam. Será possível que a chave para o coração de Ian seja uma simples torta de limão? Eu sinto que tenho o verdadeiro poder em minhas mãos agora com esse conhecimento. A questão é: eu compartilho esse poder com uma mulher digna que fará do Ian um

homem feliz, ou eu mesmo uso esse poder para propósitos egoístas? Eu tento imaginar Ginny fazendo essa torta, e isso me faz querer dar um soco no rosto dela. Eu acho que isso significa que eu vou fazer uma torta em breve.

— Macarrão provavelmente está pronto, — diz ele. — Você quer que eu os drene?

Sua preocupação com a massa me acorda da minha fantasia de fazer torta e lutar com garotas. — Sim, por favor. O molho está quase pronto também. — Os últimos pedaços de carne ainda estão juntos, mas não demorará muito para que fiquem separados. As poças estúpidas e marrons estão ficando maiores, mas talvez eu possa simplesmente colher o molho ao redor delas e evitá-las completamente. Eu tenho medo de provar o molho e ver se ele está apto para consumo.

E se for horrível? Não sei por que, mas tenho mais medo de admitir que não posso cozinhar nada após tê-lo saboreando algo horrível. Talvez porque não cheira mal. Talvez tenha esperança.

Ian está ocupado ao meu lado e depois na pia. Alguns minutos depois, ele tem dois pratos de macarrão esticados na frente dele. — Pronto, Chef.

— Pronto? — Eu tenho medo de que haja um passo crítico para a fabricação de espaguete que eu não conheço. — Para o molho. Está terminado?

— Oh! O molho! Sim, está pronto. — Eu pego uma colher grande e tomo meu tempo, escavando pedaços de tomate, carne, e todo o molho que eu posso encontrar que não tem a gosma marrom nele. É apenas o suficiente para os dois pratos de macarrão que ele me presenteou.

Eu olho para baixo na minha panela para a confusão de restos de cebola e gosma marrom. — Eu não fiz o suficiente para seus pais.

— Eh, não se preocupe com isso. Vou pedir para eles algumas pizzas.

Eu me encolho internamente, percebendo que poderíamos ter feito a mesma coisa e poupado a nós dois dessa experiência. *Por favor, não deixe este jantar arruinado!*

Ele me deixa no fogão e se senta à mesa. — Você gosta de vinho ou cerveja com seu espaguete?

— Vinho, se você tiver. — Estou um pouco surpreso ao descobrir que eles bebem vinho aqui. Eu os classifico como pessoas da Budweiser[28].

— Sim. — Ele pega uma garrafa de uma pequena coleção no balcão. — Andie comprou algumas quando estava em Seattle. Minha mãe gosta muito disso. Diz que vai bem com carne vermelha. — Ele serve uma taça para mim e depois abre uma cerveja Sam Adams para si. Ele está de pé atrás de sua cadeira esperando por mim.

A foto na minha frente me faz querer chorar. Massa. Luz de velas. O pedaço de homem mais lindo que eu sempre quis ter. E um boné de beisebol azul estúpido empoleirado em sua cabeça, fazendo seu cabelo enrolar nas bordas dele. Ele é um homem trabalhador, alguém que usa suas mãos e corpo para fazer coisas em torno de um rancho com cavalos e vacas e outras coisas. Eu daria praticamente qualquer coisa para vê-lo nu uma vez.

Ele me vê olhando para a cabeça e rapidamente se levanta para tirar o chapéu. Ele enfia a aba no bolso de trás e alisa o cabelo, tentando

[28]Budweiser— cerveja americana.

suavizar os pontos pressionados. — Me desculpe por isso. Nenhum chapéu na mesa. Regras da casa.

Não posso deixar de sorrir. Ele pode ser tão charmoso e adorável quando quer ser. Ou quando ele não está tentando ser, é mais parecido com isso. É o seu estado natural. O que ele finge é o idiota do Ian. Isso confunde minha mente que ele gastaria tanta energia fazendo isso quando poderia ser tão incrível sem esforço. Isso me faz pensar se Ginny conhecia o verdadeiro Ian ou o falso.

Eu tomo o lugar que ele está segurando para mim. — Obrigada.

— O prazer é meu. — Ele também se senta e pega o garfo, colocando um guardanapo no colo dele um segundo antes de pegar uma grande porção de macarrão e girar em forma de ninho.

Eu olho para ele, esperando para ver se ele realmente vai comer. A garfada está a meio caminho de sua boca quando ele congela. — O que?

Eu balancei minha cabeça e peguei meu garfo. — Oh nada. Desculpa. Eu estava esperando por um segundo. — Observando pelo canto do meu olho, eu o vejo dar uma mordida.

O macarrão lentamente gira no meu garfo, mas eu ainda estou esperando por sua reação antes de tentar qualquer.

— Mmmm... — Ele assente, seus olhos se movendo ao redor da sala. — Mmmm...ummm-hmmm.. mmmm. — Ele engole.

— Bem? É bom?

— Delicioso. — Ele toma um longo gole de cerveja e sorri. — Você pode cozinhar para mim a qualquer momento.

Meu corpo inteiro pega fogo. Largo o garfo, inclino-me, agarro-o pelos lados da cabeça e beijo-o nos lábios. Só um beijo. Realmente rápido. Não pude evitar. Volto rapidamente ao meu garfo e espaguete.

— O que foi isso? — Ele pergunta, perplexo.

— Por cumprimentar a cozinheira. — Eu sorrio e corto meu garfo na massa.

Ele ri e toma outro gole de cerveja. — Não posso esperar para provar sua torta[29]. — Minha mão congela.

Meu garfo cai da minha mão e faz barulho no prato. Meus ouvidos estão positivamente em chamas.

Eu o olho e vejo como ele vai de sorrir para entrar em pânico para ficar envergonhado. — Oh, merda, — diz ele em voz baixa. — Não posso acreditar que eu acabei de dizer isso.

Estou rindo. Não posso evitar. É muito louco estúpido não rir disso. — Cale a boca, — diz ele, ainda sorrindo sem jeito.

— Você não pode esperar. — Eu aponto para ele, rindo muito para terminar.

— Sim, eu me ouvi. — Ele está balançando a cabeça lentamente, como se tomasse o castigo que merece.

— Você não pode esperar. Estou rindo mais ainda apontando. — Sim Sim. Ha-ha, muito engraçado.

— Para provar minha torta. — Meu estômago está doendo tanto agora. Eu tenho que segurar a borda da mesa para me sustentar.

Ele empurra meu joelho debaixo da mesa com a mão. — Supere- se, você sabe o que eu quis dizer.

A sensação da mão dele na minha perna me deixa triste, mas não o suficiente para deixar sua gafe deslizar completamente. Pego meu garfo e pego um pouco de macarrão antes de dar minha resposta.

---

[29] Torta — pie em inglês é torta e também uma das variedades de gíria para boceta.

— Bem, Ian, também estou ansiosa pelo dia em que você provar minha torta. Tenho certeza que você vai adorar.

QUATORZE

DEPOIS DE COMER METADE DO MEU macarrão, tenho que parar. Estou muito nervosa para terminar tudo, mesmo que não esteja exatamente uma droga. Eu não sou Top Chef, claro, mas pelo menos eu consegui sem muita dificuldade.

Tenho certeza que Ian não suspeita de nada. O Google é meu melhor amigo hoje e Andie minha segunda melhor. Ou talvez Sarah deva ser minha melhor amiga agora que sou sua mãe número dois. Isso tornaria o Google em segundo e Andie número três. Não, espere. Isso não parece certo. Quando Andie já foi o número três?

— Quer assistir um pouco de TV? — Ian pergunta enquanto coloca o último prato na lava-louças. O som de sua voz me tira da trilha que meu cérebro estava correndo. Eu tenho que balançar a cabeça um pouco para voltar à realidade. Meu último pensamento sobre o assunto é que as prioridades de reordenamento na minha idade são... difícil.

— Uhhh.... TV? Certo. O que tem? — Estou feliz que ele tenha sugerido algo para matar o tempo. São apenas sete horas e cedo demais para eu ir para a cama, mesmo com o fuso horário que estou passando.

— *Castle.* Meu favorito. Eu tenho isto no DVR.

— Realmente? Eu não imaginei você como um cara do *Castle*.

Ele caminha pelo corredor até a sala principal, comigo logo atrás. — Oh sim. Eu e *Castle* voltamos.

Nós nos acomodamos em um sofá, ele em uma extremidade e eu na outra, a distância de uma almofada inteira entre nós. Há um cobertor de

malha nas costas que eu recolho para colocar em cima de mim, já que a sala está meio fria.

— Você está com frio? Quer um fogo? Ele olha para a lareira na parede oposta.

— Essa coisa realmente funciona? — Eu me aconchego sob o cobertor colorido e espreito por cima dele. Meus pés se enroscam debaixo de mim, esperando que minha bunda descongele eles.

— Sim. — Ele ri. — Por que não?

— Eu não sei. — Meu hálito de alho está alto, e está se formando ao redor do meu nariz, tornando difícil respirar. Eu tenho que puxar meu rosto para longe do cobertor para obter um pouco de oxigênio fresco para que eu possa terminar o meu pensamento. — Todas os que eu vi nas casa são apenas ornamentais.

Ele caminha até a lareira e se agacha, ocupando-se com o empilhamento de coisas dentro do buraco aberto e coberto de cinzas na parede.

— Esta funciona muito bem. Esta sala é muito mais do que suficiente, mas tudo bem. Também temos aquecimento central.

Assim que as chamas começam, Ian sai da sala. Ele está de volta em menos de um minuto com outro copo de vinho e uma cerveja. Ele os coloca na mesa de café em frente a nós antes de pegar o controle remoto e sentar no sofá. Desta vez, ele está um pouco mais perto do centro do que antes. Eu me pergunto se é de propósito. Faz-me feliz pensar que pode ser.

O seriado começa. Não posso deixar de olhar para Ian de vez em quando para ver suas expressões faciais. Ele é tão lindo. É muito perturbador para eu prestar atenção na história real.

— O que você gosta sobre este seriado tanto? — Eu pergunto, querendo saber mais sobre o que Ian gosta.

Ele encolhe os ombros, ainda olhando para a tela. — Eu não sei. Eu acho que gosto que ele esteja morando na cidade, trabalhando em suas próprias coisas, mantendo a vida interessante fazendo coisas diferentes, vivendo um pouco perigosamente com uma mulher sexy, sem nenhuma porcaria ao seu lado. E eu gosto do seu senso de humor. Nathan Fillion é um ótimo ator.

Eu olho para o cara que ele está falando, o personagem Richard Castle, atualmente dando ao seu parceiro policial um momento difícil. Cara, ele é fofo. Ele poderia me dar um tempo difícil em qualquer dia da semana e duas vezes no domingo. — Ele é quente, eu sei disso.

— Mais quente do que eu? — Ian inclina a cabeça em minha direção e balança as sobrancelhas para mim. Eu o chuto levemente no quadril. — Talvez se você tirasse esse boné idiota ele não fosse.

Ian pega seu boné de beisebol pela aba, tira-o da cabeça e arremessa-o através da sala em direção à lareira. Atinge o suporte da lareira e cai no chão, aterrissando em uma pilha de lenha pouco empilhada.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, rindo ao mesmo tempo. Não posso acreditar que ele fez isso. É como se ele realmente se importasse com o que eu penso sobre sua aparência. Isso não pode estar certo. Ele especificamente colocou esse boné hoje porque eu disse que era horrível.

— Vou queimar esse otário de uma vez por todas, tirar você das minhas costas sobre isso.

Eu o chuto novamente, mas desta vez ele está pronto para mim. Seus olhos brilham quando pega meu pé e arrasta-o em seu colo.

De repente, o humor muda. Nós dois voltamos para a TV, agindo assim não é o que parece. Meu coração está a um milhão de milhas por hora. Estou no ensino médio ou o que? Porque é assim que me sinto... um daqueles primeiros beijos, se você gosta de mim, sim ou não, verifique se ele tenta chegar à primeira base, esse tipo de coisas.

— Droga, garota, seus pés estão mais frios do que gelo. — Ele os esfrega rapidamente com sua mão gigante.

Isso me faz pensar como seria tê-los em outras partes do meu corpo.

Rawr.

Eu jogo como se não fosse nada. — Bem, é praticamente o Círculo Polar Ártico aqui em Baker City. O que você espera? Sou uma garota da Flórida, não um urso polar.

— Você nunca viveu em qualquer lugar ao norte de lá? — Sua atenção se afasta da televisão enquanto ele continua a esfregar meu pé. Não está fazendo muito pelos meus dedos, mas com certeza está aquecendo outras partes do meu corpo.

Fácil, Candice. Inspire, expire. Você consegue fazer isso.

— Não. Nunca. — Quando seu rosto fica vazio, eu acrescento: — Não que eu não iria, só que apenas nunca fui.

Ele acena e volta a olhar para a TV.

Por que acabei de dizer isso? Parecia que eu estava insinuando que ele deveria me pedir para sair daqui ou algo assim. Qual é o meu problema? Desde quando sou tão idiota com um cara bonito? Jesus, estou uma bagunça. Não admira que Andie se casasse com seu irmão depois de

conhecê-lo por uma hora. Esses caras MacKenzie são perigosos com o sexy homem-vodu.

Eu alcanço e pego meu copo de vinho, esticando meu outro pé no processo. Ian pega aquele e o coloca em seu colo também.

Tentando segurar meu último fragmento de frio, tomo um pequeno gole da minha bebida. Mas quando seu polegar pressiona o meio do meu pé e desliza para cima e depois para trás, e sinto um formigamento bem ali em minhas partes de dama, engulo o resto do copo em dois goles.

Ele olha para mim e sorri. — Você tem um bigode de vinho. — Tão legal, eu acho.

Limpo com as costas da mão, tentando manter o ar que engulo o mais delicado possível quando me escapa.

— Qual é o problema? — Ele pergunta, esfregando profundamente na sola do meu pé.

Gotas de suor estão surgindo no topo do meu lábio e entre os meus seios. O lugar especial entre minhas pernas está ficando todo inquieto. Ansioso como se precisa dele *lá* em vez de aos meus pés. Eu me pergunto o quão grande ele é sob aqueles jeans dele.

Santa *merda*. Talvez seja o vinho ou a lareira ou algo assim, mas estou quase no ponto em que vou precisar trocar minha calcinha. Eu olho ao redor da sala, me perguntando se fui drogada.

Não. A TV ainda está lá mostrando imagens de Richard Castle, as fotos nas paredes não estão falando comigo — ainda não — e as cadeiras não estão dançando com as mesas laterais. Mas mesmo sem qualquer ajuda farmacêutica, se ele continuar assim, algo muito inapropriado vai acontecer neste sofá e não está nem perto de tocar na minha VG. Como isso é possível?

O que...?

— O que diabos você está fazendo? — Eu pergunto, de repente, suspeito quando vejo sua expressão astuta.

Um sorriso lento começa a se espalhar por seu rosto. — O que? Eu? Ele olha para baixo em seu colo. — Só esfregando os pés. — Ele olha para mim de novo, e esse sorriso ainda está lá. Então ele levanta uma sobrancelha. — Está se sentindo bem?

Ele não poderia parecer mais sexy ou mais safado do que está agora.

Eu tento puxar meus pés para trás, mas ele me agarra pelos tornozelos e fica pendurado. — Eles ainda estão gelados. Deixe-me esfregar um pouco para você. Faço você se sentir bem e aquecida.

Ele não está me assustando, mas não gosto desse sentimento de não ser capaz de controlar minha libido quando ele está tão perto.

— Pare. Pare com isso. — Eu me sento e empurro as mãos para longe dos meus pés, batendo nele um pouco quando isso não funciona.

Ele usa o cotovelo para me defender, ainda me segurando e me mantendo prisioneira.

Então a porta da frente se abre e ouvimos vozes. — Apenas relaxe, — ele sussurra, piscando para mim, e então ele olha para cima enquanto seus pais chegam à entrada da sala e param para olhar para nós. — Oh, ei, mãe. Pai. A pizza está a caminho.

— Cheira como se você já tivesse uma, — diz Angus, levantando o nariz em direção à cozinha.

— Oi, — eu digo, torcendo para vê-los melhor, grato pela interrupção. Minha pressão sanguínea está rapidamente voltando a níveis

não perigosos. — Nós fizemos espaguete, mas não sobrou muito. Ian pediu algumas pizzas para vocês.

— Certo, docinho. Obrigada. Maeve pega o marido pelo braço e o conduz pelo corredor como se estivesse com pressa. Angus está olhando para nós por cima do ombro. Antes que eles entram na cozinha, o som de sua voz flutua de volta para a sala.

— Eu pensei que ele odiava pés.

— Shhhh. Apenas sente-se e eu lhe farei uma sopa.

A porta que separa a cozinha do corredor, que ficou aberta desde que cheguei aqui, se fecha, deixando Ian e eu sozinhos de novo.

Eu estreito meus olhos para ele. — Se você odeia os pés, o que você está fazendo esfregando o meu? — Ele volta a olhar para a televisão, mas eu posso dizer que ele não está vendo nada na tela. Ele está sorrindo demais.

— Acho que o seu é muito fofo para deixar congelar.

Eu o pego desprevenido com meus movimentos repentinos de ninja puxando meus pés para longe em um borrão de velocidade. Colocando-os debaixo de mim e envolvendo o cobertor ao redor e sob eles, faço uma cara feia para ele. Uma certa pesquisa no Google que eu fiz no passado está me lembrando, e eu lentamente percebo o que é isso tudo. Eu deveria saber mais do que pensar que ele estava apenas sendo legal com meus pobres e velhos pés frios.

— Ou talvez você tenha lido muitos artigos sobre reflexologia, e você acha que pode me levar a uma massagem orgástica nos pés.

Sua cabeça sacode de lado para olhar para mim. Ele ri um pouco e depois para. — Você sabe disso?

Eu bufo e reviro meus olhos. — Por favor. Eu sou praticamente uma especialista da Internet. Boa tentativa. — Ainda estou suando com o quase orgasmo que ele acabou de me dar com uma massagem estúpida. Maldito seja Ian MacKenzie! Ele vai pagar por isso.

Enquanto estou brava por ele ter tentado me manipular assim, tenho que admirar sua criatividade e astúcia geral. Nunca conheci um cara mais parecido comigo na minha vida do que com o Ian MacKenzie. Isso pode ser perigoso.

Ele ri baixo em sua garganta. — Não pode culpar um cara por tentar.

— Oh, inferno sim, eu posso, — digo baixinho. Quero chutá-lo, desta vez muito forte, mas tenho medo que ele tente capturar meu pé novamente e eu vou deixá-lo.

Nós assistimos o resto do seriado em silêncio, mas meu cérebro está uma colmeia de atividade. O que significa que ele tentou um ataque de orgasmo em mim? Foi à melhor vingança para o tornozelo que ele conseguiu no campo de tiro ou um desejo real era de me deixar toda quente e incomodada?

Oh, esse homem tem que ser o ser humano mais enlouquecedor que já lidei. Não posso dizer se ele é realmente o cara incrível que está agindo ou se todo esse ato é apenas um plano diabólico para me levar de volta para o incidente do *não-tiro*.

Eu vou ter que ficar em guarda pelos próximos dias até que eu possa descobrir isso. Graças a Deus, tirei duas semanas de folga. Isso deve ser tempo suficiente para determinar seus motivos, se divertir um pouco e, em seguida, terminar as coisas bem, ao mesmo tempo absorvendo um pouco desse amor de melhor amiga e bebê Sarah.

Minha confiança está restaurada agora que tenho um plano de ação, eu sorrio por dentro, pensando em quão incrível Baker City está se tornando. Ian MacKenzie vai receber o dele, e ele nem vai ver isso acontecer até que seja tarde demais.

QUINZE

DEPOIS DE ABANDONAR O SOFÁ E IR PARA O QUARTO de Mack e o sono necessário, passo horas virando na cama. Por volta de uma da madrugada, tiro a Millie, minha nova arma, e pratico o carregamento de balas no clipe e as tiro para fora. Depois de uma hora, estou bastante qualificado para o FBI.

Eu tento dormir novamente às duas horas da manhã e finalmente fico inconsciente depois das três da manhã. Então algum galo ridículo começa a cantar às cinco e me força a levantar depois de apenas duas horas. Tenho certeza que também não tive nenhum sono REM[30].

Nota mental: Compre tampões de ouvido na cidade hoje. Talvez eu tenha que ir apresentar Millie ao Mister Rooster[31] para que possamos chegar a um entendimento. *Diga olá para minha pequena amiga.* Eu vou deixá-lo saber que ele pode cantar a qualquer hora depois das oito, mas qualquer hora antes disso é simplesmente falta de educação.

A porta de Ian está fechada, mas não posso dizer se ele está dentro ou fora na neve, trabalhando. Parece que é tudo que eles fazem por aqui. Estou tentada a bater, e se ele estiver lá, perguntar o que vai fazer durante o dia, mas não sei. Um banho quente está chamando meu nome, e como café é uma porcaria aqui, é tudo o que tenho para me despertar da exaustiva soneca de duas horas. Além disso, não quero que ele pense que a primeira coisa que quero fazer quando me levanto é ver o rosto dele, mesmo que seja.

---

[30] R.E.M., ou Rapid Eye Movement, é a fase do sono na qual ocorrem os sonhos mais vívidos.

[31] Mister Rooster — é um galo de história em quadrinhos, vídeos, livros...

Quando a água quente começa a vapor ao meu redor, meus pensamentos se esclarecem. Minha primeira ação é visitar Andie e Sarah. Então vou comprar alguns protetores de ouvido e alguns produtos de cabelo mais adequados para este negócio de neve. Então eu vou...

Hã.

Eu franzo a testa.

Não há nada no meu cérebro além de um vazio. Meus pensamentos param por aí porque não tenho ideia do que mais vou fazer aqui. Não é como se este fosse um ápice da vida metropolitana. Não há museus de arte, shoppings ou parques de diversão. O plano do meu dia inteiro só vai levar duas horas. O que devo fazer com as outras doze horas ou mais?

Passo shampoo em meu cabelo enquanto considero minhas opções. Provavelmente poderia seguir Maeve aonde fosse. Aprender a encher coisas. Talvez faça alguns picles ou algo assim. Eu poderia ir ver algumas vacas.

Sim. Isso parece muito divertido. *Mentira.*

Ou eu poderia encontrar Ian e fazer o que ele estiver fazendo.

Eu sorrio enquanto imagino isso acontecendo. O olhar em seu rosto — provavelmente irritação — e seus comentários espertos , ele insistindo em deixá-lo em paz... sim, esse é um ótimo plano. Muito melhor do que fazer picles.

Passo rapidamente o condicionamento em meu cabelo para que eu possa estar vestida e pronta para ir quando ele estiver acordado. Talvez até consiga que me leve para almoçar na cidade. Então vamos ver se ele está realmente namorando aquela garota Hannah Banana. Podemos ir direto para a lanchonete juntos e ver como ela reage. Dessa forma, saberei tudo o que preciso antes da nossa grande festa no Boog's.

Tenho que ter certeza que ele não tente sair dessa pequena festa. Estou realmente ansioso para conhecer todas essas pessoas que deveriam estar na sala de espera enquanto Sarah estava nascendo. Há algo acontecendo aqui nesta cidade, e eu vou saber disso. Não gosto da ideia de minha melhor amiga ficar isolada sem nenhuma amiga para sair. Uma garota pode enlouquecer sem tempo para falar e fofocar.

Felizmente, eu trabalho com cabelo, então faço isso no trabalho o dia todo. Ser advogado torna isso quase impossível para Andie. Ela quebra as leis quando fala. Quão coxo é isso, eu gostaria de saber. Por que ela decidiu ser advogada está além de mim. Ela é extremamente inteligente e boa nisso, mas droga, advogados não são divertidos. Nós quase terminamos a amizade por causa disso. Estou tão feliz que ela conheceu Mack e voltou a ser velha Andie.

Estou quase terminando de secar meu cabelo quando alguém bate na porta. Eu não tenho maquiagem, mas isso não me impede. Eu abro e sorrio, esperando ver Ian lá, insistindo em deixá-lo usar o banheiro. Estou um pouco desapontada quando descubro que é Maeve, mas tento não demonstrar isso na minha expressão.

— Bom dia, querida. Pronta para um café da manhã? Ela sorri, movendo todo o cabelo para cima.

Sinto cheiro de torrada e faz meu estômago roncar. — Certo. Em cerca de dez minutos, combinado?

— Claro que sim. Tudo está na mesa; apenas sirva-se. — Ela se vira para sair. Eu abro a porta mais completamente e coloco toda a minha cabeça para fora. — Ian ainda está dormindo? — Ela hesita no topo das escadas. — Oh, não, ele está muito longe.

Eu posso sentir meu rosto cair. — Já se foi? Quanto tempo? Quando foi?

— Ele está pronto para as tarefas às quatro. Suponho que ele esteja de volta para o café da manhã por volta das oito.

— Oito? — O que diabos eu vou fazer por duas horas? — OK. Vejo você lá embaixo. Começo a voltar para o banheiro, mas a voz de Maeve me impede.

— Você quer que eu te leve para algum lugar?

Coloco meu rosto para fora novamente. — Oh, não, tudo bem. Vou falar com o Ian mais tarde. Eu tenho coisas que posso fazer. — Como assistir meu esmalte secar ou algo igualmente estimulante.

— Eu posso ligar para ele, se você quiser. Se você precisar dele para qualquer coisa.

Meu rosto fica um pouco vermelho. Eu soei tão desesperada para ela ver? Deus, não posso deixar sua mãe saber que eu quero entrar em suas calças. *Ack!* — Não, não, não se incomode. Estou bem, realmente estou. Só preciso terminar com o meu cabelo, e eu vou descer.

O som de um estrondo alto vem de baixo da escada, e uma corrente de ar frio entra. Desliza sobre a minha pele, me fazendo querer voltar para o banheiro, onde ainda está fumegante.

— Ei, mãe?! — Ian está gritando alto o suficiente para ser ouvido de um canto da casa para o outro. Ele deve estar de pé no foyer. — Aquela garota da cidade está de pé?

O sorriso toma conta do meu rosto antes que eu tenha tempo de esconder, e Maeve vê isso. Ela sorri também quando grita de volta pelas escadas. — Sim, ela está bem acordada e animada, na verdade!

— Bom! Diga a ela para pegar seus pães aqui. Eu tenho algo para mostrar a ela.

— Acho que você está fazendo uma tour de algum tipo, — ela diz para mim em um tom baixo antes de sair para descer as escadas.

— Eu vou terminar em dez minutos! — Eu grito.

— Você tem um! —Ian diz de volta. — Eu não estou esperando!

Eu bato a porta e deixo o secador de cabelo no chão na minha pressa para me tornar apresentável. A ponta de plástico voa e bate na parede, mas eu a ignoro. Se eu tivesse um centavo por cada vez que acontecesse isso na minha vida, não precisaria mais ir trabalhar às terças-feiras. Meu cabelo se enrola com um elástico segurando-o no lugar, e minha maquiagem está limitada a rímel e delineador.

Ótimo. Pronto. Quem disse que eu preciso de muito?

Embrulhada em meu robe de seda curto, eu corro na ponta dos pés do banheiro para o meu quarto e coloco calcinha rosa, combinando com sutiã rendado, jeans de ontem, e um moletom da faculdade que já viu dias muito melhores. Desde que passei tanto tempo pensando no ontem, acho que é melhor eu estar preparado para mais do mesmo hoje, especialmente quando o Ian vai ser meu guia turístico.

Eu me pergunto o que é que ele quer me mostrar. Espero que ele esteja nu. Estou totalmente pronta para derreter neve. Vou mostrar a ele por me dar um ataque furtivo, esfregar os pés para um orgasmo . Ele não tem ideia com quem está mexendo.

Minhas novas botas deslizam com um sussurro e estou pronta para ir. Eu não sei o quão sério ele era naquele minuto, mas não quero perder o que quer que seja. Eu pego minha bolsa e a jogo sobre o ombro enquanto saio correndo da sala.

Descendo as escadas, paro no fundo, percebendo quando olho para os ganchos de casaco ao meu lado que minha jaqueta de couro está no banco da caminhonete coberta de líquido amniótico.

A porta da frente se abre e Ian enfia a cabeça dentro da casa. — Bem, vamos lá, eu não tenho o dia todo.

— Eu não tenho uma jaqueta. Andie pegou a minha ontem.

Ele empurra a porta e entra o suficiente para pegar uma grande jaqueta de camuflagem. — Use esta aqui. — Jogando-a para mim, ele nem sequer espera por mim para responder. Ele saiu pela porta e foi embora, deixando um pouco de neve derretida no chão e um monte de ar frio. Meus mamilos se transformam em pedrinhas e não pelo bom motivo. Espero que eles não parem quando eu chegar lá fora.

Seguro o casaco na minha frente e falo alto o suficiente para ser ouvido através da porta fechada. — Essa coisa é foda de feia. De quem é isso?

— É minha, — diz ele da varanda. — Vamos! Você está perdendo tempo!

Eu jogo meu braço através de um dos buracos e pego a porta, correndo para alcançá-lo. A garotinha do ensino médio em mim está emocionada por estar usando o casaco de Ian. É quase tão bom quanto um casaco letterman[32]. Olá, *Grease*[33] está de volta! Eu poderia fazer totalmente Sandy[34], e Ian não faria um mau Danny[35] agora que penso nisso.

[32] Casaco letterman — casaco de times esportivos do ensino médio e universidades
[33] Grease — nos tempos da brilhantina — filme americano de 1978.
[34] Sandy — personagem interpretada por Olivia Newton John no filme Grease — nos tempos da Brilhantina
[35]Danny — personagem interpretado por John Travolta no filme Grease — nos tempos da Brilhantina

— *Whooo!* — Eu grito, quando o ar é roubado dos meus pulmões pelo frio. Visões de Ian e eu fazendo um musical juntos desaparecem do meu cérebro. De repente estou presa no lugar. Nunca senti nada tão terrível em toda a minha vida. Meus pelos da narina são agora espinhos congelados dentro do meu nariz.

— Coloque sua jaqueta, idiota, — diz ele, no meio do pátio andando para trás. — Está abaixo de zero aqui fora.

— Ho... leeee... sheeee... *isto!* Está *frio* aqui fora, *filho da mãe*! — Eu aperto meu outro braço na jaqueta e o junto em torno de mim, embrulhando isto tão apertado quanto eu posso. Felizmente, é muito grande, então minhas mãos estão fora do frio e enfiadas nas mangas, e há material sobre o meu pescoço e até meus joelhos. Ainda estou tremendo. Temo que meu cabelo ainda esteja meio molhado. É assim que começa a hipotermia? Espero que não.

Eu alcanço a caminhonete que ele está ao lado e espreito entre as dobras de tecido. — Onde... estamos... nós... Vamos? Meus dentes estão batendo.

Ele se abaixa e empurra minhas mãos separadas. Eu protesto até perceber que ele está procurando meu zíper.

— Nós vamos olhar algo que eu acho que você vai gostar, se você puder colocar sua bunda na caminhonete.

— Não são nem seis da manhã ainda, Ian. E você não me deu nenhum aviso.

— Alta manutenção, — diz ele, balançando a cabeça enquanto fecha meu zíper. Ele enfia a mão no bolso externo da jaqueta e tira um pedaço de couro preto. — Coloque isso.

Eu nunca estive tão feliz em ver um par de luvas feias na minha vida. Eu já posso sentir o calor que elas vão trazer para os meus dedos doloridos.

Largo uma tentando fazê-la rápido demais, e nós dois nos inclinamos ao mesmo tempo para obtê-la. Nossas cabeças batem umas nas outras como dois cocos e eu caio para trás tentando escapar da dor.

— Mas que diabos est... Ian fica lá segurando a cabeça, olhando para mim.

Deito no chão, olhando para ele enquanto seguro minha testa. — Ow. Minha cabeça dói.

— Você tem que ser a pessoa menos coordenada que eu já conheci, — diz ele, estendendo a mão.

Eu rolo de lado e me levanto em minhas mãos e joelhos. — Vá embora. Eu não preciso da sua ajuda. — Quando finalmente me levanto, giro para olhar para baixo.

Ele pula de susto e depois parece culpado, como se eu o peguei em alguma coisa. Ele olha para o chão, seu rosto um pouco mais rosado do que antes.

Minhas mãos vão para meus quadris e eu uso a oportunidade de puxar minha calça um pouco. É possível que eu tenha dado a ele um flash de meu cofrinho no esforço para ficar de pé. *Oops* Ainda bem que tenho a minha calcinha fofa e não a calcinha da minha avó. — Ouça, Ian... se você e eu vamos nos dar bem, você vai ter que parar de me insultar.

— Insultando você?

— Sim. Você me chamou de alta manutenção e desajeitada. Não é legal dizer isso para garotas. Sua mãe não te ensinou a ser legal?

— Eu suponho que ela fez. — Ele empurra os lábios e acena com a cabeça uma vez.

— Boa. Então faça sua mãe feliz. Seja um bom garoto. — Dou um tapinha na sua bochecha algumas vezes, talvez mais do que deveria, mas ele precisa de um pequeno toque de despertar. — Agora seja um cavalheiro e abra a porta para mim.

Ele parece estar prestes a dizer algo inteligente para mim, mas em vez disso, ele se move para o lado e abre a porta do passageiro da grande caminhonete preta ao lado do qual estamos. — Posso te dar uma mão? — Ele pergunta, segurando uma palma enluvada.

— Obrigada. — eu digo, sorrindo. Estou tão feliz que ele esteja se comportando. Talvez ele realmente queira se dar bem comigo.

— Você tem um belo sorriso, sabe disso? — Pergunta ele. Ele está me encarando. — Você tem uma covinha bem *ali* na sua bochecha. — Sua outra mão chega e me cutuca na cara. Firmemente. Então ele sorri.

Eu cerro meus dentes para evitar dizer algo que vou me arrepender. Ele está totalmente me provocando agora, esperando por mim para lutar, e é exatamente por isso que eu não vou fazer isso.

Hoje, as mesas estarão girando — e não em mim. Ian vai sentir o gosto de seu próprio remédio se for a última coisa que eu faço antes de sair. Espero que não me leve as férias inteiras para fazer isso, no entanto. Estou realmente ansioso para ver isso acontecer.

DEZESSEIS

ENTÃO, O QUE VAMOS VER? — Pergunto, uma vez que ambos estamos acomodados na cabine da caminhonete, com minha bolsa no chão aos meus pés.

— Apenas espere e veja, — diz ele, mudando a direção da caminhonete.

Eu esperava que ele saísse da garagem, mas em vez disso, ele saiu da parte de trás da propriedade. Ele está usando um pequeno alternador de tração em vez do maior e regular.

— O que é isso? — Eu pergunto, apontando para a coisa menor. — Tração nas quatro rodas. Estamos indo fora da estrada.

— Isso é seguro? — Um sussurro quando o medo percorre meu corpo.

Ele olha e eu e balanço as sobrancelhas. — Provavelmente não.

O calor corre para o meu coração. Não duvido nem por um segundo que estou perfeitamente bem com o Ian. Eu olho pela janela lateral por um momento para ter meus sentimentos femininos sob controle. Não posso deixar ele saber que me afeta tão facilmente. Descansando meu nariz no material de sua jaqueta, respiro o cheiro. É tão Ian. *Delícia*

— O que você está pensando com o seu feijão? — Pergunta ele.

— Que feijão? — Eu mudo o meu olhar para a trilha na frente de nós. Há trilhas sujas saindo da casa, subindo em direção às montanhas em que estamos na base. Espero que não caiamos em nada íngreme. Quão bons são os alternadores de tração nas quatro rodas com gelo na

estrada? Eu não posso imaginar que é muito melhor do que um alternador regular

— O feijão mexicano que é o seu cérebro. Sempre saltando de uma coisa louca para outra.

Eu olho para ele. — Primeiro de tudo, as coisas que eu acho que não são loucas, elas são interessantes. E segundo, estava pensando... que o tempo está bom hoje. De jeito nenhum eu vou dizer a ele que ele me faz sentir segura. Sua cabeça vai explodir de tão grande que vai ficar.

Ele ri. — Isso é uma mentira. Você odeia a neve.

Eu suspiro alto, olhando para a extensão branca e brilhante à nossa frente. A neve nunca acaba aqui. Acho que me enlouqueceria encará-lo o dia todo. — Estou tentando superar isso.

— Algumas pessoas nunca fazem. Eu não sou muito fã, para ser honesto.

Eu olho para ele, desconfiada. Essa afirmação parece muito desleal à família por algum motivo. — Como você pode morar aqui em Baker City e não ser fã de neve?

Ele encolhe os ombros. — Eu não escolhi este lugar. Minha família fez. Não significa que eu tenha que gostar.

— Mas você é um homem adulto. Você é um arquiteto. Você poderia se mudar para qualquer lugar. Por quê ficar se você não está feliz?

Ele perde seu rosto feliz. — Não é tão fácil.

— Claro que é. Você faz as malas, diz tchau, vai. Feito.

Ele olha de lado para mim por um segundo antes de voltar a encarar a estrada. — Você faz parecer fácil, com certeza.

— Diga-me o que é tão difícil sobre isso.

— Que tal se eu mostrar a você?

Um sorriso aparece nos cantos da minha boca. — Hmmm... Estou intrigada. Ele sorri, ainda de frente para a janela.

— Bem. Estou convencida. Mostre-me o que torna tão difícil sair daqui.

— Quase lá, — diz ele, virando a caminhonete em uma curva na estrada. Há uma grande árvore no caminho com cargas de neve equilibradas em seus galhos verdes. Eu me encolho um pouco ao passarmos, imaginando se é o suficiente para se qualificar como uma avalanche.

Nossa conversa anterior na loja de armas volta para mim e meus sentimentos felizes se dissipam. Talvez esta seja uma configuração para que ele possa realmente me fazer bem. — Você vai me mostrar um animal morto? Porque se você fizer, eu nunca vou te perdoar. Não estou brincando, Ian.

Ele franze a testa, reduzindo a marcha da caminhonete para fazê-la subir uma pequena colina com mais força. — Agora, por que eu faria isso?

Eu dou de ombros, sentindo um pouco de vergonha agora que até considerei isso. Ele pode ser uma dor na bunda, mas nunca me pareceu mal-intencionado. Eu vou me perdoar, porque estou correndo com duas horas de sono. Ninguém consegue pensar direito sem uma boa noite de sono.

— Você disse que gosta de caçar, — explico, esperando que ele não jogue acusação contra mim.

— Sim, mas não por esporte. Eu como o que eu caço, simples assim.

Eu não tenho pesquisa do Google suficiente para ter um estoque de conhecimento versus argumento de jogos selvagens com ele agora, então fico de boca fechada. Mais tarde, explicarei de uma forma que podemos

entender. Depois que eu tiver algum sono de qualidade e algum tempo na frente do computador.

— Aqui vamos nós, — diz ele, chegando ao topo de uma colina e colocando a caminhonete no parque. Pisando no freio de emergência, ele abre a porta. — Apenas ande tranquila e fique meio atrás de mim.

Jogo minha alça de bolsa pelo meu corpo e sigo-o para fora da caminhonete. Eu tenho que atravessar a neve até meus joelhos para chegar até ele.

Ele estende a mão para trás e eu percebo, emocionado por estarmos realmente de mãos dadas. Minha garota do ensino médio quase grita de alegria.

— Vê lá? — Ele aponta para uma mancha negra em uma área plana de neve. Há muita lama aparecendo através das coisas congeladas, e por alguns segundos acho que ele me trouxe aqui para me mostrar uma grande pedra. Mas então percebo que a rocha está se movendo.

— O que é isso...? É uma vaca?

— Sim. Ela está parindo.

— Ela o que? — Eu me aproximo, olhando para o evento por cima do ombro.

— Ela está tendo um bebê.

Um movimento pelo canto do meu olho tira minha atenção. Na verdade, existem várias vacas em pé, algumas com pequenos bezerros ao lado deles e outros apenas saindo sozinho.

Um alto mugido no centro chama minha atenção de volta. — Ela está tendo um bebê aqui na neve? Na lama?

— Sim. Não pode parar a mãe natureza. — Ele começa a andar novamente.

— Tem certeza de que podemos ir tão perto? — Estou segurando a mão dele e seu braço com um aperto de ferro. Minha bolsa bate na minha perna.

— Sim. Ela pode precisar de ajuda. Ela me conhece, no entanto. Ela vai ficar bem.

Arrasto-me por um canto sussurrado sem realmente pensar nisso. — Oh meu deus, oh meu deus, oh meu deus... isso é loucura, isso é loucura, isso é loucura... Eu deslizo algumas vezes, mas Ian é tão sólido quanto uma casa de tijolos. Eu apenas o seguro como fosse minha vida e, antes que eu perceba, estamos a poucos metros de distância dela, e minha bunda ainda está seca. É algum tipo de milagre de Natal.

A vaca está em pé também.

— Ela não quer se deitar? — Eu pergunto. Seus lados estão arfando e ela parece realmente desconfortável.

— Sim, apenas observe.

Cerca de um minuto depois, a vaca se ajoelha e depois cai de lado. Algo está saindo do seu traseiro. Alguma coisa... pegajosa. E *grande*.

— Oh meu... Isso é nojento.

— Shhhhh, apenas espere.

Não sei quanto tempo passa, mas, por mais que seja, passo todo o tempo sentindo pena daquela vaca. Andie estava certa. A única maneira de fazer essa coisa toda do parto é em uma cama quente de hospital com enfermeiras e médicos de pé por todo o lado com cobertores. Eu não posso mais sentir meus dedos dos pés.

A vaca descansa quando acho que não poderia ser possível, porque ela tem essa *coisa* gigante pendurada para fora da bunda, e então essa grande bolha simplesmente desliza para fora. O bebê cai direto no chão,

um lençol branco de algo — eu não quero saber — o que cobre seu rosto. Está lá na neve, sem se mexer.

— Vamos! Vamos... Ian parece preocupado.

— O que há de errado? — Eu olho do seu rosto para a vaca. O bebê ainda não está fazendo nada. Na verdade, se não tivesse visto sair da vaca mãe, nem saberia que era uma vaca. Parece um gigante alienígena no chão.

— Rápido! —Ele diz em um sussurro alto. — Tire as toalhas do banco de trás! —Ele se dirige para a vaca e me deixa em pé lá.

Eu quero fazer mil perguntas, mas não faço. Em vez disso, vou o mais rápido que posso através das nevascas de volta para a caminhonete. Eu só caio uma vez tentando entrar.

Há uma pilha de toalhas velhas dobradas no assento. Agarrando-os, luto para me virar e encontrar Ian novamente.

Ele está ajoelhado ao lado do bezerro, limpando o rosto. A vaca mãe está lambendo as patas traseiras do bebê, mas não está tendo nenhum efeito que eu possa ver.

Eu acho que meu coração se transformou em um pedaço de ferro, parece tão pesado no meu peito. O bebê definitivamente parece morto. — Oh meu deus, — eu sussurro, quando se instala em meu cérebro que poderia estar testemunhando a morte de um bebê recém-nascido. — Não, não, não, não, não! — Eu pareço estar chorando. Não posso correr rápido o suficiente. É como um daqueles pesadelos em que tenho que correr em águas profundas. — Ian! Estou indo!

Eu caio de cara na neve, pousando nas toalhas. Levantando-me o mais rápido que posso, tomo-as em meus braços novamente, deixando o

inferior cair um pouco para que eu possa tentar sacudir a neve que está agarrada a ele.

Quando me aproximo da vaca, fica mais fácil andar. Os animais pisaram no chão e o transformaram principalmente em lama. Mas agora eu tenho medo que haja um touro por perto pronto para me enganchar com seus chifres.

— Vamos lá, pare brincar! —Ian está me acenando, com o braço em grandes círculos.

— Onde estão os touros?

— Não há touros aqui; São todas vacas. Vamos!

Eu vejo alguns chifres, mas ao invés de discutir, corro em pequenos passos, tentando minimizar minhas chances de cair na neve novamente. Ian pega a toalha de cima dos meus braços assim que eu estou perto o suficiente e começa a esfregar o bezerro todo com ele.

— Vamos lá, faça isso, — ele exige. — Esfregue!

Largo as toalhas no chão e pego uma, indo para o outro lado da vaca bebê. — Só esfregar? — Eu pergunto, me aproximando.

— Esfregar. Estimule-a. Acorde-a.

Eu coloco a toalha na bunda dela e começo a esfregar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto sinto seu corpo sem vida mexer sob minhas mãos. — Ela é uma menina? — Eu pergunto. Tudo o que posso pensar é a bebê Sarah no hospital.

— Sim, ela é uma garota, eu acho. Vamos garota, acorde. Acorde. Respire. Você pode fazer isto.

Eu começo a esfregar com as duas mãos. Seu pequeno corpo se espreme ao redor com nossos movimentos combinados. — Venha, bebê vaca, acorde! —Eu digo, tentando falar em torno de minhas lágrimas. —

Não se atreva a morrer. Nenhuma vaca morre no meu turno, você me ouve! Nenhuma vaca morre!

A mãe solta um mugido que quebra meu coração. Ela se inclina, dá mais uma lambida no bebê e depois se afasta.

— Ela está indo embora! —Eu choro, pirando sobre a ideia.

— Apenas continue esfregando, — diz Ian, concentrando-se no bebê.

Eu me arrasto na lama e nado até a cabeça do bezerro e esfrego ao redor das orelhas, olhos e nariz. — Venha, bebê vaca. Não se atreva a morrer.

Então um flash de memória vem para mim, e eu paro quando considero isso. Havia um cara no YouTube e um cervo que precisava de ressuscitação ao lado da estrada...

Eu pego a cabeça da vaca e viro para olhar para mim. — Pode muito bem tentar, — eu digo para ninguém em particular. Apertando a boca do bezerro, inclino-me, preparando-me para prender meus lábios às narinas.

— O que diabos você está fazendo? — Ian pergunta, cessando sua fricção.

Eu não olho para ele, toda a minha atenção está focada na boa ação nojenta que estou prestes a fazer por este rancho. É melhor que apreciem isso, é tudo que posso dizer.

— Eu vou dar CPR[36].

Antes que Ian tenha a chance de responder, o corpo do bezerro se movimenta em algum tipo de ataque, e um grande globo de algo quente me atinge no rosto.

[36] Respiração boca a boca.

De repente estou cega, com medo de abrir meus olhos. O que quer que ela tenha vomitado começa a deslizar pela minha testa.

— Isso é uma menina! —Ian grita, sua voz cheia de alegria. Ele bate palmas nas costas várias vezes. Isso me faz arrotar uma vez. Eu provavelmente me importaria o suficiente para responder se pudesse abrir meus olhos, mas não consigo ver nada. Meus olhos, nariz e boca estão cobertos pelo que só posso assumir que são cuspe de vaca.

— Oh... Jesus, Maria e José... — Ian diz em voz baixa. E então ele começa a rir.

Mantendo meus olhos fechados, cuspo tudo o que está perto da minha boca e digo com uma voz muito calma. — Ian. Traga-me uma toalha.

DEZESSETE

ENTÃO, O QUE VOCÊ ESTÁ DIZENDO é que você fica aqui em Baker City, porque sempre há uma chance de você estar coberto de cuspe de vaca. — Eu aceno como se usasse a única toalha limpa remanescente para remover a gosma do meu cabelo. Estou sentado no banco da frente da caminhonete e voltando para o rancho. — Sim. Eu posso ver porque você não se afasta. Quem gostaria de perder isso?

— Não tente mentir e dizer que você não está feliz como um porco na lama agora. — O sorriso de merda de Ian é quase insuportável. Quase.

Eu olho por cima do meu ombro para o passageiro do banco de trás. — Eu não estou dizendo nada sobre qualquer coisa. — A pequena novilha preta está piscando os olhos, olhando para mim. É como se ela soubesse que brincou comigo e de alguma forma nos conecta. Nós nos ligamos em um nível elementar.

Sentimentos maternais que nunca tive antes. Por uma vaca.

Eu devo estar louca.

Eu me viro para olhar pelo para-brisa, para não ser sugada por nada perigoso. — Então, onde agora?

— Temos que levá-la de volta ao celeiro. Dar mamadeira a ela.

— Você está falando sério? — Eu olho para ele para ver se ele está rindo de mim. — Por que não deixá-la lá fora com a mãe? — Eu vi todos os outros bebês lá fora. Parece que não era muito perigoso. Eles pareciam felizes.

— Eu não posso ter certeza que a mãe vai cuidar dela ou que uma das outras vacas irá adotá-la, e ela é muito pequena para se defender sozinha.

Eu olho para trás novamente para os belos cílios longos que estão apenas começando a aparecer enquanto a gosma em volta deles seca. — Você quer dizer... ela pode morrer? Depois de tudo o que fizemos para acordá-la?

— Não, nós não vamos deixá-la morrer. — Ele me dá um tapinha na perna. — Não se preocupe. Ela vai ficar bem. — Eu desisto de tentar ignorá-la e a olho o resto do caminho de volta para o rancho.

Ela é realmente muito bonita, especialmente quando ela secar. Sua pele é toda preta, exceto por uma pequena forma de estrela branca em sua testa.

Ian estaciona a caminhonete ao lado de um grande celeiro e desliza-a para fora do banco de trás, levando-a em seus braços e trazendo-a para dentro. Há uma baia com um pouco de palha, e ele a deita lá, tirando as cordas de suas pernas, que ele disse serem necessárias para impedi-la de tentar se levantar na caminhonete. Ele nos fecha para dentro com ela.

— Vá em frente, pequena Candy, tente se levantar agora. Você pode fazer isso. — Ele a cutuca com a bota enquanto se afasta.

— Candy?

Ele olha para mim e sorri. — Sim. Muito fofo, certo?

— Você nomeou uma vaca com meu nome?

Ele encolhe os ombros. — Você está com raiva de mim por isso?

Minhas emoções são um redemoinho. Isso é completamente louco. Não posso dizer se ele quer dizer isso como um insulto ou um elogio, mas sinto vontade de chorar de felicidade.

No final, o pequeno bebê vaca em pé e cambaleando em torno de suas pernas finas me conquista. — Não, não estou brava. — Eu não posso tirar o sorriso do meu rosto.

Ian me deixa lá para cobiçá-la. Ela parece instável por um tempo, mas depois começa a agir como uma vaca experiente. Não demora muito para ela parecer que está pronta para tentar correr. As vacas são muito mais coordenadas que os humanos, aparentemente.

— Aqui, — diz Ian, batendo-me no braço com uma grande coisa de plástico branco que tem um mamilo marrom gigante nele. — Dê a ela um pouco disso.

Eu olho para isso e depois para ele. Ele não parece estar mexendo comigo. — Sério?

— Sim. Só depende de você. Alimente-a e ela vive. Não e ela morre.

Meu queixo cai aberto. — Chocante!

— Isso é vida no rancho. — Ele me deixa lá segurando a garrafa. Eu olho para Candy e ela olha para mim.

— Você quer um pouco disso? — Eu pergunto a ela.

Ela dá alguns passos na minha direção e para. Eu pego um em sua direção e paro, segurando-o.

Ela toca o nariz no final e bate nele. Eu quase deixo cair. Eu dou risada. — Ei. Cuidado menina. Não seja tão agressiva.

Ela se aproxima e eu seguro a garrafa com as duas mãos. — Fácil, — eu digo. Uma grande língua sai e desliza para ela.

Uau. Essa é uma longa língua.

Eu seguro firme, pronto para qualquer coisa. Espero que ela não vá me enrolar de novo, mas se ela decidir, provavelmente vou deixá-la. Eu sou a mãe dela agora.

Ela abre a boca, pega a ponta e depois é um cabo de guerra entre nós. Ela mastiga e chupa e lambe todo o lugar enquanto bebe até a última gota. Eu me sinto tão orgulhosa, como se fosse a única a fazer tudo.

Quando ela termina, ela dança na palha, até levantando um pouco as patas traseiras, caindo apenas duas vezes. Ela não poderia ser mais bonita. Não consigo parar de encará-la, me pergunto se eles me deixarão dormir aqui com ela esta noite. Eu provavelmente deveria. Os bebês não precisam comer a cada duas horas?

— Você está pronta para sair de novo? — Ian está pendurado no topo da porta da cabine, me olhando.

Demora alguns segundos para eu tirar minha cabeça das nuvens. — Hã... o que? Sair ? Sair para onde?

— Eu tenho que ir fazer uma contagem. Se você preferir ficar...

A ideia de deixar Ian de lado é inaceitável. Candy é doce, mas Ian é... mais doce. Além disso, ele pode precisar que eu faça a RCP novamente. — Poderia haver mais bebês lá fora?

— Possivelmente. Nunca se sabe.

Eu salto e fico de pé. — Eu vou. — Eu paro na porta. — Até mais, Candy. Tire uma soneca enquanto eu estiver fora.

Eu quase derreto quando ela vira alguns círculos e cai na palha. Ian ri quando saímos do celeiro.

— Não ria de mim, — eu digo, sentindo-me autoconsciente. Eu tento jogar meu cabelo sobre o ombro, e é então que percebo que ainda tenho a gosma da vaca presa nela. Oh, até onde eu caí. Se as garotas no salão pudessem me ver agora, tirariam fotos, colocariam no Facebook e nunca me deixariam esquecer.

— Não estou rindo, — diz ele.

Eu olho e vejo o sorriso em seu rosto. — O que é isso tudo então?

— Nada. — Ele entra na caminhonete e me deixa abrir minha própria porta.

Eu suspiro, sabendo que há coisas sobre Ian que são praticamente sem esperança, mas que uma delas *não* é o fato de que ele é um caçador. Ele não pode possivelmente gostar de matar animais... não quando fica com tanta alegria trazendo-os para a vida. Isso me deixa mais feliz do que tenho o direito de estar.

DEZOITO

EU ME SINTO COMO UMA VELHA profissional dessa vez na caminhonete. Nós pulamos sobre as rochas e sulcos como se não fosse nada. Eu nem tenho que segurar a alça da merda da janela. Tudo o que posso pensar é em Candy. Ela meio que parece comigo, e o nome dela não poderia ser mais adorável. Eu me sinto como uma fazendeira agora.

Ian para a caminhonete e olha para o campo em que estávamos antes. Ele não diz nada; ele apenas olha para as vacas.

Seu suspiro de frustração é o primeiro sinal de que pode haver algo errado. A segunda é quando ele bate o volante com a palma da mão. — Droga!

— O que há de errado? — Eu pergunto. — Estamos perdendo um.

— O quê? — Eu me inclino para frente e olho pelo para-brisa. — Um bebê?

— Uma vaca grávida. Ela pode ter ido embora para ter o bezerro em algum lugar, mas não vejo onde poderia estar. Ele abre a porta e olha para mim. — Eu deveria ter contado quando estávamos aqui antes. Espere aqui. Eu vou ver se posso encontrar.

— De jeito nenhum você está me deixando aqui! —Eu pego a alça da minha porta.

— Está frio lá fora. Se eu precisar de você, ligarei. Ele tira o telefone do bolso. — Coloque seu número aqui.

Eu faço o que ele pede e, em seguida, me chama com seu telefone, registrando seu número na minha lista de contatos.

— Ok, mas ligue imediatamente, — eu digo, odiando o fato de que ele está saindo e eu vou ficar. — Eu posso trazer toalhas e tudo o que você precisa.

Ele pisca para mim enquanto pega o telefone de volta. — Salvei você. Agora fique longe de problemas. Volto em breve.

— Se você não estiver de volta em uma hora, estou indo para encontrá-lo.

Ian olha para o céu. — Se eu não voltar em meia hora, ligue para o meu pai. Vou te mandar o número.

Ele me deixa lá na caminhonete, e quando está fora de vista, meu telefone apita. O texto de Ian brilha na minha tela.

Aqui está o número do meu pai. E lembre-se. Fique na caminhonete, fique longe de problemas. Eu envio um texto para ele de volta. *Hahaha Como se isso fosse acontecer.*

Ele me manda de volta um rosto sorridente, e eu não consigo parar de sorrir, acho que somos amigos agora. Por que isso me deixa tão delirantemente feliz, não posso dizer. Eu tenho muitos amigos, homens e mulheres. Realmente não preciso de mais nada; meu funeral ficará em repleto apenas como eles. Mas nenhum deles foi capaz de fazer meu sangue ferver um segundo e minha calcinha ficar toda torcida no próximo minuto. Não como o Ian.

Minha mente vagueia enquanto olho para a extensão branca diante de mim. Eu tive alguns namorados que posso chamar de sérios. Nenhum que eu tenha vivido, mas dois que considerei estar a longo prazo. Mas por uma razão ou outra, eu sempre terminava com eles. Não foi uma briga ou uma grande surpresa que causou isso. Eu acho que fiquei entediado ou inquieta. Andie diz que eu preciso de um homem que possa me manter

sempre surpreendida, que me faça rir, me faça sentir como se eu tivesse encontrado meu par. Ela sempre disse que um dia eu o encontraria... meu par, o que quer que isso signifique.

Eu me pergunto se poderia ser o Ian. Isso seria muito inconveniente se ele estivesse aqui no canto superior esquerdo do mapa e eu estivesse no canto inferior direito.

E se pudesse ter ele, é isso que eu quero? Ele mora no meio da região central de esterco de vaca, e eu moro na cidade. Ele dorme três horas por dia e eu preciso de pelo menos oito. Ele é um desafiador da moda, e sou completamente estilosa. Tenho a impressão de que ele não está muito comprometido agora que está machucado, e estou procurando por isso, especialmente agora que vi Andie deitada ali naquela cama com Sarah em seus braços e Mack pendurado sobre elas.

Eu quero isso. Realmente quero, é sério. Pela primeira vez na minha vida, quero fazer parte de algo maior do que apenas a minha rotina diária. Quero uma família que eu possa chamar de minha, pessoas que estarão esperando por mim em casa, que celebrarão comigo e farão buscas no Google comigo e irão rir de todas as coisas loucas que a vida tem a oferecer comigo.

Eu franzo a testa. A conclusão depois de examinar todas as evidências é que esse relacionamento com Ian estaria condenado desde o início... se estivéssemos planejando ficar sério. Mas esse *não* seria o caso se nós apenas nos divertíssemos, certo? Quer dizer, poderíamos ir a essa festa, talvez em alguns encontros reais, dormir juntos algumas vezes... isso não arruinaria as coisas. Seria divertido. Então, quando minhas férias acabarem, eu sairia.

Talvez enviemos e-mails ou textos de vez em quando assim que eu voltar para casa. E quando eu visitar novamente, se ele ainda estiver solteiro, poderíamos nos divertir mais um pouco, continuar de onde paramos. Ou talvez então eu encontraria meu único amor verdadeiro e estaria tendo bebês. Ian poderia ser meu amigo então. Uma grande lembrança de tempos passados.

É como se eu estivesse me convencendo a ficar feliz com essa ideia. Eu sei que de fato não ficaria bem em não fazer nada, apenas ignorá-lo pelo resto da minha viagem. Muita coisa aconteceu entre nós para eu ir embora assim. Acabamos de trazer uma vaca bebê de volta à vida! Mas pensar em nós um dia formando uma família juntos? Não. Não é realista.

Suspiro. Fale sobre um rosto triste.

Não é como se eu realmente tivesse uma escolha no assunto. A vida é o que é, e eu apenas tenho que me adaptar.

Aceno com a cabeça, oficialmente tomando a decisão. Se Ian estiver disposto, vamos sair, beber um pouco, dançar um pouco e ficar nus um pouco. E então vou para casa e vamos escrever um pouco. Depois disso, vou me concentrar em encontrar o cara com quem posso construir uma família. Meu ponto.

Um texto vem do meu celular, me distraindo do meu planejamento. *Não saia do carro. Tem um gato grande por perto.*

Um gato? No meu cérebro aparece uma foto de um gigante gato persa. Parece exatamente como o gato do meu vizinho, mas maior. Então eu percebo que Ian não está falando sobre um gato de tamanho grande, e meu coração acelera.

Eu envio de volta com uma velocidade que nunca possuí antes. *Quão grande?*

Tamanho de um leão da montanha. Não saia da caminhonete.

Ai de mim!

Meus dedos voam sobre o teclado. *Mas você está aí fora!*

Eu vou ficar bem. Fique na caminhonete.

— Oh meu deus, oh meu deus, oh meu deus. Eu olho para o meu telefone. Ian está lá fora com um maldito leão da montanha, e eu estou dentro da caminhonete com minha arma. Estou segura, mas ele está?

Você tem uma arma? Eu pergunto.

Não. Fique dentro da caminhonete.

Agora ele está apenas me irritando. *Pare de me dizer para ficar na caminhonete. Eu te ouvi pela primeira vez.*

Meu telefone apita com a próxima mensagem: *Fique na caminhonete.*

Eu cavo minha bolsa e encontro a Millie. Pesando-a em minhas mãos, eu olho pela janela. Meu coração está acelerado e minha mente também. Ian está lá fora sem uma arma. Uma vaca está desaparecida. Há um puma lá fora também. E como Ian sabe que está lá fora? Comeu a vaca? Ele viu pegadas? Ele está olhando para baixo neste exato segundo?

Eu coloco a arma no banco e pego meu telefone. *Como você sabe que é um puma?* Eu pergunte.

Eu espero preciosos segundos por uma resposta que não vem. *Ian?*

Minhas mãos começam a tremer.

Ian, isso não é engraçado. Me responda.

Nada vem. Nenhum sinal sonoro, nenhum texto, nada. Eu rastejo para o lado dele do carro e olho pela janela, tremendo toda. A neve está

começando a cair, obscurecendo minha visão. As vacas que eu pude ver antes estão agora veladas. Eu não posso ver muito longe na estrada atrás de nós também.

Ian, então me ajude, se você não responder esse texto, eu vou sair da caminhonete.

Eu estou dando a ele dez segundos.

10... 9... 8... 7...

Eu não estou brincando, Ian. Não seja um idiota.

6... 5... 4...

Estou saindo!

3... 2...

Agora mesmo! Estou saindo!

1.

É melhor que ele esteja lutando contra um puma agora, é tudo que tenho a dizer. Fecho meu casaco, coloco minhas luvas emprestadas, pego minha arma e abro a porta.

— Não se preocupe, Ian! — Eu grito. — Estou indo!

DEZENOVE

EU SEGURO A ARMA APONTADA para o chão, preocupada que qualquer som me enlouquecerá e puxarei o gatilho. Se eu acidentalmente matar uma vaca aqui, vou morrer de coração partido. Candy nunca mais olharia para mim se eu atirasse em sua mãe, mesmo que sua mãe a rejeitasse. E Ian nunca me perdoará se eu arranhá-lo novamente.

Os rastos da bota de Ian estão confusos no centro do campo, mas à medida que se movem em direção às bordas, ela se tornam mais claros. Ele deixou a clareira para uma área arborizada. Estou apavorada, mas continuo. Ian precisa de mim.

— Ian?! — Eu grito para a floresta. Minha voz soa abafada. Eu esperava um eco, mas é mais como se tivesse gritado em um travesseiro.

— Ian! Estou indo! Onde está você?!

— Volte para a caminhonete! — Ele parece chateado e um pouco desesperado.

Sua voz veio da minha esquerda, então eu altero minha direção. Minhas pernas tremem de medo e frio. Há um zumbido nos meus ouvidos também, o que pode ser o resultado da minha pressão sanguínea está acelerada.

— Eu já estou fora! — Eu grito, tentando usar os mesmos passos que ele já fez. É muito melhor do que lutar contra os desvios de neve. Sob as árvores não é tão ruim, mas ainda é muito pior do que qualquer rua

que eu já andei na Flórida. Nunca mais vou reclamar de uma tempestade boba, juro.

Ele grita novamente. — Heey! Saia daqui! Anda!!

— Você não precisa ser rude sobre isso! — Ele precisa de uma séria lição de boas maneiras.

— Eu não estou falando com voce! Heeyah! Cai fora! Anda!!

Ou Ian está tendo uma convulsão ou algo está muito errado. Meu cérebro não me deixa analisar o que essa coisa errada é ou poderia ser. De repente, perdi a capacidade de raciocinar. Ian parece estar montando um cavalo que não se move. Sua voz está ficando mais alta, então, estou confiante de que vou chegar ao fundo desse mistério muito em breve. *Por favor, Deus, não deixe que haja um leão lá. Deixe ser... pegadas ou... uma raposa ou...*

— Onde está você?! — Eu grito, entrando em pânico, sabendo que eu estou apenas enganando a mim mesmo. Essa merda é real, e está acontecendo agora, com Ian no meio dele e completamente desarmado. — Eu não posso ver você!

— Caramba, Candice, eu lhe disse para ficar na maldita caminhonete!

Eu vejo um movimento atrás de um grande grupo de árvores e sorrio. — Ah-ha! Encontrei você! — Eu ando entre duas árvores para andar atrás dele. Eu me sinto muito melhor vendo ele de pé ali, inteiro. Apenas estar em sua presença me faz corajosa. Eu sou She-Rah! *Rawr.*

— Parabéns, — diz ele, sem fôlego e obviamente com raiva. — Olha quem mais você encontrou.

Ele tem um pau gigante na mão — mais um pequeno tronco, na verdade — e está apontando para algo no chão.

Não faz sentido, mas espero ver uma vaca. O conceito de um leão da montanha estar em qualquer lugar, exceto atrás das barras do zoológico, é muito estranho para o meu cérebro processar. Mas em vez de ver uma vaca, vejo um gato. Um gato muito *grande*.

E não é persa também.

— Aquilo é um... Minha mão vazia vai para minha boca enquanto tento processar o que estou vendo. Sim, eu sei que ele me disse que havia um desses aqui, mas ler isso em um texto e ver um ao vivo são duas coisas totalmente diferentes. Os leões da montanha são muito maiores na vida real do que eles são no Google, a propósito. Este é do mesmo tamanho que Ian, basicamente.

Ao levar isso em consideração, é quando tudo fica claro para mim. Ian e eu provavelmente vamos morrer aqui juntos nessa porra da neve. Minha vida passa diante de meus olhos, e eu sofro da cabeça aos pés, sabendo que nunca vou ter a chance de encontrar a felicidade que minha melhor amiga Andie fez. É tarde demais para mim.

— Esse é o gato que matou uma vaca totalmente crescida, — diz Ian, me levando de volta à realidade. — Agora só precisamos sair daqui antes que ela nos mate também. — Uma pequena centelha de esperança vem à vida em meu coração com a ideia de que Ian tem um plano para nos salvar. Meu herói!

As orelhas do leão estão de volta e ela está rosnando baixo em sua garganta. Minha fantasia sobre sobreviver e aquela faísca de esperança desaparecem em uma nuvem de fumaça. Essa coisa definitivamente vai nos matar.

Eu ouvi essa expressão onde as pessoas dizem que o cabelo na parte de trás do pescoço se levantou, mas até este momento, nunca entendi como isso poderia acontecer. Bem, deixe-me dizer-lhe... isso é sério. O cabelo levanta direto das raízes. Ah, e as pessoas também podem fazer xixi quando estão apavoradas, isso é um fato.

Ian fala baixinho para mim. — Nós vamos apenas continuar acenando este ramo e fazendo barulho e espero que isso o assuste. Olhe tão grande quanto você pode.

— O quê? — Eu olho para Ian. Ele está falando maluco. Esse leão endemoninhado vai nos comer no café da manhã. Somos bagels e salgados, no que diz respeito a ela. Há sangue em toda a sua boca já, no seu aperitivo de bife tártaro.

— Gatos respondem a ameaças. Seja uma ameaça! — Ele acena o galho que está segurando e grita de novo, algum tipo de absurdo de homem das cavernas.

Minha mão que tem Millie eleva-se por si mesma, sem qualquer pensamento consciente da minha parte. Eu vejo isso surgindo na minha visão periférica, mas não consigo apontar para ele. Eu aponto para a esquerda dela em vez disso. — Vá embora, gato. Eu não quero ter que atirar em você. — Minha voz sai fraca e trêmula, e meu braço está tremendo por todo o lugar, para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo. Neste ponto, tenho certeza de que não vou conseguir acertar nem o lado largo de um celeiro, muito menos um leão furtivo e agachado, então rezo para que ele saiba o que é uma arma e o fato de que ele deve evitar ter uma apontada perto dele.

Ian para de acenar seu galho ao redor. — O que diabos...?

— Vá em frente! —Eu grito, balançando o braço um pouco para o gato, ficando mais corajosa, uma vez que ele ainda não me matou e Ian parece ter se acalmado. — Isso é muito mais perigoso do que aquele pau que ele tem. Apenas siga em frente e eu vou atirar em você.

Ele se abaixa e eu perco um pouco da força na minha voz. — Por favor? Por favor, com cereja por cima?

— Você trouxe uma arma? — Ian vira a cabeça para olhar para mim. Ele parece confuso.

O gato dá um passo lento e furtivo em nossa direção, abaixando-se muito, muito perto do chão. Seu estômago está na neve. Eu vi o gato do meu vizinho fazer isso uma vez, antes de ele atacar uma borboleta. Ele se moveu tão rápido que a coitada nunca viu isso acontecer. Eu não quero ser como aquela borboleta.

Eu aponto a arma para o leão e tento me imaginar puxando o gatilho. Minha mão está tremendo tanto agora que eu poderia acertar Ian e ele ainda está de pé ao meu lado. Esforços para endireitar minha mão não levam a nada. — Vá embora, leão! — Eu grito, minha voz beirando a histérica. — Não estou brincando!

— Dê-me isso, — diz Ian, pegando a pistola.

Eu o empurro com meu outro braço, sabendo que não temos tempo para ele interpretar o homem-herói comigo. — Sai fora! É a minha arma!

É neste momento que as coisas ficam um pouco borradas para mim.

Um grito de gato seriamente cruel vem de algum lugar na minha frente. Eu faço xixi mais um pouco.

Então sou atingida por um mini-ônibus.

Pelo menos parecia um mini-ônibus. Eu caio para trás e tenho certeza que Ian vai comigo. Minha cabeça bate contra algo realmente duro, fazendo-me ver estrelas. Uma dor de cabeça floresce de lá.

Algo pesado está em mim, e os sons — a única palavra que posso usar para descrevê-los são *xingamentos* — preenchem o ar ao nosso redor. Eu não posso ver nada, mas um borrão de cor e movimento polvilhado entre as estrelas dançando que estão flutuando acima do meu rosto, mas uma coisa é muito clara: alguém está prestes a morrer. Tenho certeza que vai ser eu.

Eu faço xixi ainda mais.

VINTE

MEUS PUNHOS APERTAM enquanto tento afastar meu atacante, e um tiro alto soa.

A neve voa, me cegando, e alguém me dá um soco no estômago, forçando todo o ar para fora de mim.

Eu chio enquanto tento recuperar o fôlego. As estrelas estão de volta, no lugar da minha visão, quando o oxigênio não é suficiente.

Um peso pesado vem de cima de mim, e a neve voa para o meu rosto novamente, congelando-o, enquanto algo no meu braço queima como um apertão. Eu posso finalmente respirar novamente, então as estrelas vão embora. Infelizmente, a dor de cabeça não.

— Me dê isso! — Ian grita, tirando algo pesado da minha mão. Eu estava carregando um pau? Quando peguei o pau de Ian? Não, espere... é minha arma.

Eu ouço mais dois tiros e depois principalmente silêncio.

Pelo menos não há mais desse grito louco. Agora há apenas respiração pesada. Eu não estou mais em pânico porque decidi que provavelmente estou morta, ou quase, e não é tão horrível quanto esperava que fosse. Meus pulmões finalmente estão funcionando novamente, mas infelizmente, minha bexiga não está mais à altura da tarefa. Eu molhei minhas calças completamente. Não só um pouco, mas muito. Normalmente, eu ficaria envergonhada por algo assim, mas minha cabeça doí demais para me importar. Além disso, vou morrer de qualquer

maneira. O que é um pequeno problema de xixi no grande esquema das coisas?

Quando abro os olhos, o rosto de Ian está pairando acima do meu.

— Oi, — eu digo, um pouco tonta e definitivamente confusa. Tudo é tão brilhante ao meu redor. Talvez eu não vou morrer.

— Você está bem? — Ele olha para algo na neve perto de mim.

— Eu acho que sim. Além de fazer xixi na minha calça, de qualquer maneira. — Eu franzo a testa enquanto tento mover meu braço. — Algo queima. — Desde que a morte é suposto para trazer alívio da dor, tenho certeza que não estou na porta da morte agora. Se eu tivesse mais xixi em mim, eu deixaria isso sair para o alívio, mas não o faço.

— Deixe-me ajudá-la. — Ele se inclina e coloca o braço nas minhas costas, cavando-o na neve.

— Onde está o gato? — Eu pergunto, sentando-me e olhando em volta. A neve está cobrindo meu rosto e pingando dos meus cílios. Eu pisco algumas vezes para ver melhor. Há vermelho na neve ao nosso redor. *Sangue.* Eu tento não deixar isso me deixar em pânico. De quem é esse sangue? É do Ian?

Eu examino o corpo de Ian para ver se ele foi baleado ou mordido. Há algumas manchas vermelhas na frente do casaco. — Você está bem? — Eu me sento reta e seguro minha palma em seu peito. — Eu atirei em você? — Meu coração afunda quando meus dedos se movem para cobrir minha boca. *Por favor, Deus, não me deixe te atirado nele!*

— Não. Não eu. — Ian olha para o meu lado.

Eu sigo seu olhar e vejo meu braço deitado lá mole. A grossa jaqueta de camuflagem que estou usando foi rasgada e tem sangue pingando. Eu

posso me sentir pálida quando fico tonta novamente. Minha cabeça está latejando de dor.

— Eu atirei em *mim mesma*? — Oh meu deus! Quão colossalmente desajeitada! Ian nunca me deixará viver isso. E a cicatriz será horrível. *Ugh.* Por que achei que comprar uma arma era uma boa ideia?!

Ian quase sorri. — Não. Nem em você também. Ele aponta para o meu braço. — Você atirou no leão da montanha que fez isso com você. Eu acho. Posso ver isso?

Eu aceno sem palavras. Este é um tipo de pesadelo estranho que estou tendo. De jeito nenhum a vida real é assim. Minha visão fica embaçada por alguns segundos antes de se concentrar novamente. Há árvores por toda parte. E neve. E vermelho. E Ian. Ele parece preocupado.

— Vamos voltar para a caminhonete primeiro. Está mais quente lá. — Ele coloca o ombro debaixo da minha axila e me levanta. Então, sem qualquer aviso, ele me agarra em seus braços e me carrega pela neve como um bebê gigante.

— Eu posso andar, você sabe. — Me sinto totalmente humilhada que ele está me carregando seus braços e meu jeans encharcado de xixi. Estamos nos unindo demais. Como ele vai dormir comigo agora? Toda vez que ele olha para mim, tudo o que ele vai ver é a garota que molhou as calças quando um leão apareceu. Isso não é sexy. Não é sexy em tudo. Isso faz minha dor de cabeça piorar.

— É provavelmente melhor se você não andar agora.

Algo quente está escorrendo pelo meu braço. *Por favor, não deixe que isso seja meu sangue.* — Isso é neve? — Eu pergunto. — Espero que seja neve. — Estou molhada em todos os lugares. É provavelmente neve.

— Nunca pensei que eu iria ouvir você dizer isso, — diz Ian, respirando com dificuldade, com o esforço de me carregar em todo o campo.

Estou prestes a corrigi-lo desde que ele me entendeu mal, mas estou distraída com o fato de que estamos sozinhos neste lugar. Por alguma razão, todas as vacas sumiram. Talvez eu esteja apenas confusa. Talvez nada disso esteja realmente acontecendo. Nada está em foco, e essas malditas estrelas do cérebro estão de volta, dançando em volta da minha cabeça. *Ping! Ping! Ping!* Vaga-lumes no meu crânio.

— Para onde foram todas as vacas? — Eu pergunto, tentando me concentrar na realidade.

— Elas não são fãs de leões da montanha. Elas saíram daqui. Nós as arrebanharemos mais tarde.

— Eu posso ajudar. — Eu realmente quero que ele me coloque no chão. Talvez ele não tenha cheirado minha calça com xixi ainda.

— Não, eu não penso assim. — Ele ri e então sua expressão se transforma em algo mais sério.

— Eu tenho uma arma, — eu digo, imaginando onde está. — Eu posso ajudar a proteger você. — Ele não diz nada por alguns segundos.

Eu continuo falando porque não consigo pensar em mais nada para fazer. — Eu posso, você sabe. — Ele me coloca na porta do passageiro da caminhonete e abre. — E então você fez, — ele diz, me pegando de novo e me colocando no banco.

Eu pulo uma vez antes de me acomodar no assento ainda quente. Minha cabeça está explodindo. Empurro minhas mãos no assento para me equilibrar. É então que noto o quanto meu braço ferido está latejando.

— Você disse que o leão fez isso comigo? — Eu olho para o meu braço. Tenho medo de tocá-lo, nem tenho certeza de que é o meu braço. Toda essa situação é ridícula. Por que estou usando tanta camuflagem? Verde não é minha cor. Como Ian vai cair sob o meu feitiço se eu parecer uma mulher zumbi? Eu juro, verde me faz parecer morta-viva.

Estou dormindo na caminhonete, é isso que está acontecendo.

Eu solto um suspiro de alívio e sorrio. Explicação perfeita. Ian saiu para verificar as vacas, adormeci esperando por ele na caminhonete, e este é o sonho que estou tendo. Eu tenho sonhos muito realistas que poderia jurar que são reais até que realmente acordo. Eu mal posso esperar para contar a Andie sobre isso. Ela sempre encontra grande valor de entretenimento nas histórias dos meus sonhos, e essa é uma loucura. Não tenho certeza se já tive uma onde sofri uma lesão real.

Eu me beliscaria para ter certeza, mas essa falsa lesão está doendo o suficiente para que uma picada não fizesse muita diferença. Enquanto tento misturar isso, O Ian dos Sonhos se move pela frente da caminhonete e sobe para o lado do motorista. Ele vira a chave e liga o aquecedor.

Meu corpo treme quando o calor começa a afundar em meus ossos congelados. Meus dentes batem, e isso faz minha cabeça latejar ainda mais. Eu sinto como se meus olhos cruzassem apenas para tirar um pouco da pressão.

— Eu vou tirar sua jaqueta do seu braço. Não acho que vai ser tão ruim. Não há muito sangue.

— Esse sonho parece tão real, — eu digo, sorrindo para ele enquanto inclino a cabeça para trás para descansar no banco. Eu tenho que movê-lo para o lado para evitar que o caroço volte a doer muito.

— Continue dizendo a si mesmo isso, — diz ele, ajudando-me a sair do meu casaco.

Deslizo meus globos oculares para o lado para olhar pelo para-brisa, sem me interessar pelo que meu cérebro maluco preparou para mim na forma de um ferimento de sonho. Pelo que sei, haverá partes de braços robóticos lá dentro. Às vezes, em meus sonhos, meu cérebro me transforma em um daqueles fembots[37] de Austin Powers[38]. Normalmente, eu gosto de ser um fembot atirando em bandidos com minhas armas, mas não hoje. Hoje eu só quero estar acordada, saindo com Ian, resgatando bebês vaca. Espero que Candy não faça parte desse sonho também, mas agora que penso nisso, ela provavelmente faz. É meio difícil de acreditar que eu dando mamadeira a um lindo bebê com meu nome. Isso soa mais como algo que eu inventaria. Talvez Ian estivesse certo sobre meu cérebro ser como um feijão mexicano.

— Vai precisar de pontos, — diz ele. Eu acho que ele está tocando minha pele, mas não posso realmente sentir isso, apenas a pressão enquanto seu dedo empurra para baixo. Minha cabeça está recebendo toda a minha atenção agora.

— Existem peças de robô lá dentro? — Pergunto com um suspiro. — Peças de robô?

— No meu braço. Eu sou um fembot? Apenas me diga. — Às vezes meus sonhos são muito dramáticos também. Eu vou junto com este desde que é bem único. Talvez deva arranjar algumas lágrimas para ficar realmente bom.

---

[37]Fembots — Alusão ao filme Austin Powers, em que mulheres muito estereotipadas e bonitas eram na verdade robôs projetados para prender o personagem principal com seu apelo físico e depois matá-lo.

[38]Austin Powers — Austin Powers é uma série de filmes de comédia americana iniciada em 1997, escrita e estrelada por Mike Myers no papel-título.

— Você vai entrar em choque, não é? — Ele coloca a mão na minha testa. — Você não está quente. E você está pálida. Isso é provavelmente um mau sinal. — Sua mão cai quando ele a coloca no volante. — Vamos lá, precisamos levá-la ao hospital.

— Sim. Vamos visitar Andie e Sarah. Sorrio enquanto penso no meu pequeno bebê esperando por mim. — Eu preciso criar laços. Sou sua segunda mãe em sucessão, você sabe.

— Pontos e antibióticos primeiro, depois criar laços.

— Tudo o que você diz, chefe. — De repente, estou muito cansada. Minha visão fica um pouco embaçada, mas não luto contra isso. Os pneus saltando da caminhonete sacode meu braço robótico e me faz estremecer. O sono fará tudo isso desaparecer.

— Não durma, — diz Ian, acariciando minha perna.

— Só um pouco... Meus olhos se fecham e minha cabeça se inclina para o lado. Dormir. Tão legal. Apenas um pouco de sono...

— *Ow!* — Sento-me empertigada e olho para ele. Então olho para o meu braço. Meus olhos se arregalam quando examino as bordas da carne esfarrapada e o sangue escorrendo para a jaqueta debaixo do meu braço. — O que você acabou de fazer?!

— Eu lhe disse para não ir dormir. Fique acordada até chegarmos ao hospital, ou vou cutucar seu corte novamente.

— Cutucar meu...? Você está *falando sério*? — Eu quero envolver meu braço em toalhas e segurá-lo contra mim, onde ele não pode alcançá-lo, mas essas toalhas no banco de trás parecem que já foram usadas para um monte de coisas nojentas, e não quero estragar minha camiseta. É uma camiseta feia, concordo, mas é dos meus tempos de faculdade. Eu

tenho muitas lembranças de usar essa coisa. Já é ruim o suficiente que tenha um rasgo agora.

— Você bateu com a cabeça? — Pergunta ele.

Ele alcança como se ele fosse tocar meu couro cabeludo, então me inclino para longe. — Não toque!

— Dói? — Ele olha para mim antes de voltar a olhar para o para-brisa.

Ele está se inclinando muito para frente. A neve está tornando muito difícil ver qualquer coisa, mesmo com os limpadores indo muito rápido.

— Como uma cadela, — eu digo, inclinando o lado da minha cabeça contra o encosto do banco. Estou olhando para o perfil de Ian. — Você é seriamente bonito, você sabe disso?

Ian sorri. — Você acha?

— Sim. Eu provavelmente não deveria dizer isso para você, porque você vai ficar realmente arrogante, mas tenho que dizer isso de qualquer maneira. Estou cansada de pensar e não dizer isso em voz alta.

Ele ri. — Lesões na cabeça são meio loucas às vezes.

— Então são sonhos. — Visões dele em um smoking em pé no final de um corredor assaltam meu cérebro. — Você acha que vai se casar? — Sinto que estou bêbada. Não há filtro entre meus pensamentos e minha boca. Eu provavelmente deveria me importar, mas não me importo. Estou apenas sonhando de qualquer maneira. Ele nunca saberá.

— Sim, algum dia. Eu gostaria. — Ele olha para mim e então volta a ser um motorista responsável. — Eu só preciso encontrar a garota certa.

— Não é Ginny, — eu digo. — Não, definitivamente não é ela.

— É a Banana?

— A Banana? — Ele olha para mim e franze a testa. — Você está bem?

— Claro que estou bem. Eu não pareço bem?

— Não realmente.

— Grosso.

— Você acabou de me perguntar se eu vou casar com uma banana. Eu acho que você tem uma fratura no crânio. É melhor você não morrer por mim.

— Não, eu perguntei se você gostava daquela garota, aquela menina banana na lanchonete. — Eu fecho meus olhos, tentando me concentrar. — Eu esqueci o nome completo dela. Hannahbelle Lecter ou algo assim.

Ele solta uma risada. — Hannah? Você está falando sobre Hannah Banana?

— Sim, é ela. Garota com cabelo amarelado e gorduroso igual penugem de galinha. — Ian está rindo demais para responder.

— Isso é um não? — Eu sorrio através da minha dor, abrindo meus olhos novamente. Sua risada é muito contagiosa para não rir junto. Ele é tão lindo

— Isso é um não definitivo, — diz ele. — Não, cem vezes. Eu nunca a toquei e nunca vou tocá-la.

— Ela diz que você está pegando ela. — Continuo sorrindo porque sei instintivamente que isso vai deixá-lo louco. Eu gosto de ver o Ian enlouquecer.

Ele para de rir. — Isso não é engraçado.

— Ei, é o que ela está dizendo a todos. Eu não inventei. Não atire no mensageiro.

— Você finalmente entendeu direito.

— Entendi o que? — Eu estremeço quando dá um grande solavanco e minha cabeça salta contra o assento.

— Essa expressão. E não se preocupe. Não vou atirar no mensageiro, mesmo que ela tenha atirado em mim. — Ele me lança um olhar aguçado. Acho que isso deveria me fazer sentir culpada, mas isso não acontece. Isto me faz feliz.

Eu sorrio. — Eu não atirei em você, idiota. Karma atirou em você. Estou tão feliz agora, poderia fazer xixi nas minhas calças novamente e nem me importar.

— Não vá dormir, — diz ele, fazendo-me perceber que estou olhando para o interior das minhas pálpebras novamente.

— Eu preciso descansar. Não quero perder a festa.

— Que festa?

— Festa de Boog. — Eu vou parecer mais gostosa nessa festa com minha arma. Eu sou um fembot e estaria disposta a apostar que eles não recebem fembots em Baker City com frequência.

— Você não vai para a festa de Boog ou para qualquer outra festa. Você vai ao hospital.

— Bobagem.

Ele ri. — Veremos.

— Sim, nós vamos, — eu digo. E então essa é a última coisa que me lembro daquele passeio de carro ou daquela conversa. Tudo fica preto e o calor entra e me engole toda.

VINTE E UM

EU POSSO OUVIR SONS, mas não consigo ver nada. Meus olhos estão fechados. Estou tentando abri-los, mas eles não querem cooperar. Então as vozes na sala me impedem de tentar demais.

— Mãe, alguém já te disse que você é intrometida?

— Ninguém que quisesse viver para ver seu próximo aniversário.

Ian solta um longo suspiro. — Veja, eu ouço o que você está dizendo, ok? Entendi. Não vou fazer nada estúpido.

— Parece que você já fez. A melhor amiga de Andie está no hospital com uma concussão e pontos de um ataque de leão da montanha em seu segundo dia. Seu *segundo dia* Ian, e eu te responsabilizo.

— Ma, ela é uma mulher adulta, e se você a conhece, você sabe que dizer *não* é como conversar com uma parede e dizer à parede que *não*. Ela fez tudo isso para si mesma. Eu era apenas uma testemunha inocente.

— Inocente, uma ova.

— Eu te disse que ela atirou em mim, certo? Eu mostrei a você a contusão.

— Filho, conhecendo você, você mereceu.

Ele gagueja. — Como você pode dizer isso? Eu sou seu filho!

— Eu posso dizer isso porque conheço você. Você está procurando por problemas por três anos agora. E enquanto você pode estar determinado a estragar as coisas por si mesmo, não vou deixar você fazer isso para os amigos de Andie.

— Eu não vou.

— Não use esse tom comigo. Você sabe que eu não gosto disso.

— Eu sei. É por isso que eu disse assim. Estou tentando fazer você parar de me incomodar. — Eu não posso deixar de sorrir. Pelo menos ele é honesto.

— Hey, — a voz de Ian fica desconfiada. — Eu acho que ela está ouvindo. — Eu ouço passos e, em seguida, a voz de Ian muito mais perto do que era. — Acorde, Bela Adormecida. Hora de encarar a música.

— Eu estarei lá fora, — diz Maeve, sua voz mais suave, mais gentil. — Me avise quando ela estiver pronta para um visitante. — Uma porta se fecha e há silêncio.

Eu abro meus olhos para encontrar os penetrantes olhos verdes olhando para mim. Meu coração pula uma vez quando percebo como ele é lindo. Há barba crescendo em seu queixo e bochechas, e seu chapéu é de uma cor diferente da que me lembro dele usando. Desta vez ele está usando o que eu escolhi que ele jogou no chão do seu quarto. Isso me faz ficar toda pretensiosa por dentro, pensando que ele poderia ter feito isso de propósito. Ele gosta de mim?

— Essa cor fica boa em você, — eu digo.

— Isso é o que minha consultora de moda me disse. — Ele sorri. — Você está se sentindo melhor?

— Melhor que o quê?

— Melhor que uma menina que se mijou, teve uma leve concussão e uma braçada que levou pontos lutando contra um leão da montanha?

Eu fecho meus olhos enquanto meu rosto se aquece. Ele sabe sobre o xixi. — Vá embora. Estou inconsciente agora. — A sala estava girando um pouco quando meus olhos estavam abertos, então é muito bom voltar

a estar meio adormecida. Evitar a humilhação também parece uma ótima ideia.

— O doutor aplicou algumas drogas muito boas, ou assim diz a enfermeira.

— Dormindoooooo — Eu faço alguns roncos falsos para ele ir embora. Não acredito que ele mencionou o fato de que mijei na calça. Quem faz isso? Agora nunca serei sexy para ele. *Droga.*

— Quer saber quantos pontos você tem?

Eu suspiro alto para mostrar meu aborrecimento. — Quer levar um soco no globo ocular? — Eu pergunto.

— Não particularmente.

— Então vá embora. Estou cansada, minha cabeça dói, e nada faz mais sentido. — Há o som de móveis sendo movidos pelo chão, mas me recuso a abrir meus olhos e descobrir o que isso significa.

A voz de Ian está ao lado da minha cabeça. — O que não faz sentido?

Quando sinto sua mão quente pegar a minha e segurá-la, isso faz meu peito apertar. — Isso não está ajudando, — eu digo antes que eu possa me impedir. *Maldito seja essas drogas.*

— O que? Eu segurando sua mão? — Ele acaricia meus dedos. — Eu só estou sendo legal. Preocupado com o seu bem estar. Grato que você salvou minha pele.

Eu tenho que sorrir um pouco com isso. — Eu salvei sua pele, não é?

— Sim. Como o Zorro. Montou e salvou o dia com sua pequena pistola. Abro os olhos para encontrá-lo sorrindo para mim.

— Eu não confio nesse rosto, — digo, franzindo a testa para ele.

Ele é todo inocente comigo. — Que rosto? — Ele aponta para o queixo. — Este rosto?

Eu puxo minha mão para longe dele. — Sim. Vá embora. — Eu olho para o teto. Tê-lo tão perto me deixa triste por algum motivo. Devem ser as drogas novamente. Eu nunca gostei delas. O vinho é muito melhor.

Ele pega minha mão de volta. — Não fique assim.

— Ian. — Eu cerro os dentes, tentando segurar a dor e esconder minhas emoções. — Não brinque comigo, ok? Não posso lidar com isso agora. Pelo menos espere até eu voltar a ficar de pé.

Ele estende a mão e afasta o cabelo do meu rosto. — Eu não estou fazendo nada.

Eu levanto meu braço machucado e afasto a mão dele. — Sim você está. Você está me tocando como um... como um...

— Violino[39]?

— Não. Como um violoncelo. Mais como um violoncelo. E eu não gosto de ser tocada como um violoncelo. — Ele ri. — Por que como um violoncelo e não um violino?

— Ian. — Eu olho para ele.

— Não, é sério. Eu quero saber.

— Porque. — Eu paro, imaginando se ele vai entender. — Eu sou muito mais profunda do que um violino. — Ele pensa sobre isso por alguns segundos e, em seguida, balança a cabeça. — Concordo. Mas não com o fato que estou jogando com você.

— Você e eu sabemos que a partir do segundo momento em que você colocou os olhos em mim, decidiu que não gostava de mim e que ia mexer comigo. E até agora, você fez um ótimo trabalho. Mas eu tenho

[39]Violino — Gíria americana — quando alguém que é facilmente enganado ou manipulado (ou melhor, jogado) por outros.

uma dor de cabeça monstruosa, e estou tonta, e meu braço lateja, então não é muito justo você fazer nada disso enquanto eu estou sofrendo. Apenas me dê quarenta e oito horas e você poderá reiniciar sua campanha.

Ele está rindo novamente. — Minha campanha? Que campanha?

— Sua campanha de... Mexendo comigo.

Ele para de rir. — Você acha que isso é apenas um jogo comigo? Que eu não gosto de você?

Reviro meus olhos, mesmo que dói fazê-lo. — Claro que é. Sem essa. Pare. Eu te disse, eu estou apenas em férias. — Eu tenho que fechar meus olhos para bloquear a luz. É muito doloroso se concentrar nele.

— Ok, se é isso que você quer, eu vou deixá-la sozinha. — Sua mão começa a sair da minha e meus dedos se contraem incontrolavelmente.

Ele faz uma pausa. — O que? Você não quer que eu vá? Sua voz provocadora está de volta.

O tempo se estende entre nós. Não tenho certeza do que dizer. Deveria mentir ou dizer a verdade? Eu decido sobre algo no meio.

— Sua mão é quente, e eu agradeço a companhia. — Eu sei que Andie não pode estar aqui, e além dela, não consigo pensar em ninguém que eu queira aqui comigo mais do que Ian. Idiota estúpido.

Sua mão se move mais profundamente na minha e ele alisa o polegar na parte de trás dos meus dedos. — Ok, eu vou ficar. Mas só porque faz parte da minha grande campanha.

Eu sorrio enquanto volto a dormir. — Bom. Eu vou ganhar de você, sabe.

— Ganhar o quê?

— Ganhar a guerra.

Enquanto estou flutuando, ouço-o dizer: — Vou deixar você vencer uma ou duas batalhas, mas serei eu quem vencerá esta guerra.

VINTE E DOIS

A PRÓXIMA VEZ QUE EU ABRO meus olhos é Andie ao lado da minha cama em uma cadeira, e somos apenas nós duas no quarto.

— Onde está o bebê? — Eu pergunto, minha voz rouca e não muito atraente. Parece que venho fumando três maços por dia nos últimos trinta anos. Não faço ideia de que horas são ou mesmo se estamos no mesmo dia em que cheguei.

— Ela está com o pai no andar acima. Como você está se sentindo?

— Bem. Ótima. — Eu tento me sentar, mas as batidas na minha cabeça diminuem a velocidade. — Dor de cabeça maldita.

— Você tem uma ligeira concussão. Talvez você deva ficar abaixada. Ela coloca a mão no meu braço e sua expressão é de pura preocupação.

— Não, obrigada. Eu preciso sair daqui. Meu plano de saúde é escandaloso.

— Não se preocupe com o seguro. Apenas melhore. Andie se senta na cadeira e esfrega a barriga. Ela ainda parece bem grávida, mas de jeito nenhum eu vou dizer isso a ela.

— Como está Sarah? — Eu pergunto, direcionando a conversa para longe de mim. Eu sei que uma vez que Andie perceber que estou bem, ela vai começar a me xingar por ter essa arma. É melhor desviar sua atenção antes de se fixar em coisas que prefiro não discutir.

— Ela é perfeita. Nós vamos para casa mais tarde hoje. Talvez todos possam sair juntos. Eles disseram que você não precisa ficar mais uma noite. Você só precisa descansar.

— Posso ir atrás com ela? — Eu gosto da ideia de fazer caretas para ela pelos trinta minutos que levará para voltar para o rancho. Preciso que ela memorize meu rosto antes de eu ir embora, então quando ligar para ela no telefone, ela saberá com quem está falando.

— Se você quiser. — Andie olha para mim e depois se inclina para mais perto, abaixando a voz. — Então o que está acontecendo com você e Ian?

Eu olho ao redor da sala, certificando-me de que ele não está se escondendo em nenhum canto. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, estou fora por um dia e, de repente, vocês estão em todos os tipos de problemas.

Algo me diz que o melhor plano de ação aqui é jogar o drama o máximo possível. Não quero que Ian entre em problemas. Ele não fez nada de errado. — Eu estava apenas dando uma volta na caminhonete enquanto ele verificava vacas. Não foi grande coisa.

— Não foi assim que ouvimos. — Ela franze a testa para mim. — Você sabe que ele tem um traço selvagem.

Isso me deixa irritada só de ouvi-la dizer isso. — Ele não estava fazendo nada de errado.

— Então o que você está fazendo aqui no hospital com pontos e uma concussão?

Me esforço para sentar. Estou zangada demais para permanecer deitada nessa conversa. — É uma *leve* concussão, não uma completa. Além disso, isso não tem nada a ver com ele, ok? Ele foi perfeitamente legal. Um perfeito cavalheiro. — Faço uma pausa para que ela possa ver o quão sério estou. Ela simplesmente não o entende como

eu, aparentemente, o que é muito triste, já que ela o vê todo maldito dia. — Você já verificou vacas antes?

Ela sorri vagamente. — Algumas vezes. Com Mack.

— Está bem então. Então você sabe que às vezes pode acontecer, e só precisa lidar com isso.

— Então o que aconteceu?

— Ian não te contou?

— Não. Ele ficou bravo com Mack e Angus e fugiu antes que eles tivessem toda a história dele.

— Provavelmente porque vocês estavam acusando-o de algo que ele não fez. — Eu tento cruzar os braços sobre o peito, mas o soro no meu braço fica no caminho. Eu olho para baixo, e isso me lembra uma coleira. — Alguém precisa tirar esse lixo de mim para que eu possa sair.

— Aonde você vai?

— Eu tenho que ir encontrar Ian, é claro.

— Por quê?

— Porque! — Agora que penso nisso por uma fração de segundo, percebo que não tenho nenhum motivo para ir encontrá-lo. Mas tenho uma razão para voltar para a casa dele em breve. Pobrezinha Candy. E se ela estiver morrendo de fome? Ela precisa de mim! — Eu tenho responsabilidades no rancho.

Andie ri.

— Isso não é engraçado. Estou falando sério. — Eu levanto o queixo um pouco. Acontece que tenho um recém-nascido para cuidar, não que seja da sua conta. Ou talvez seja, mas agora estou muito chateada para contar a ela sobre isso.

— Ok, eu vou jogar com isso. Quais são suas responsabilidades? Você é responsável pela seleção de guarda-roupa?

— Não. — Sua declaração faz sentido zero. Estou olhando para ela como se ela fosse idiota. — Você precisa fazer o cabelo de alguém?

— Não. Por que você está dizendo isso? — Tenho certeza que ela está zombando de mim agora, mas isso não é algo que Andie faria antes. Faz o meu peito doer pensar que ela está fazendo isso agora.

Ela encolhe os ombros. — Eu só estou tentando descobrir o que você poderia precisar fazer em casa, isso é tudo.

Acho que vou chorar. — Para sua informação, eu sou necessária para muitas coisas, não apenas tinturas e cabelo. — Agora estou de qualquer maneira. Graças ao Ian. Meu coração se enche de calor só de pensar no que ele fez por mim hoje. Ele me fez uma vaca mãe.

O rosto de Andie cai. — Eu não quis dizer isso assim.

— Sim, você fez. Você quis dizer *exatamente* isso. — Eu pressiono o botão vermelho em um fio enrolado na borda da minha cama.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta quando eu balanço minhas pernas para o lado oposto da cama e me movo para a borda do mesmo.

— Estou indo embora.

— O que você quer dizer com você está indo embora?

— Onde está o meu telefone? — Eu pergunto, olhando em volta.

— Em um saco plástico na gaveta de cima de lá. — Ela aponta para a mesa lateral ao lado da minha perna esquerda.

Eu me levanto e abro a gaveta, achando meu telefone. Quando eu ligo, fico aliviada ao descobrir que ainda tem bateria. Eu envio um texto rápido.

— Quem você está chamando? — Andie pergunta.

— Não estou ligando para ninguém. Estou mandando mensagens. — Minhas roupas estão na bolsa também, mas não posso usar o jeans. Ele cheira ranço. Eu os mantenho na bolsa com o resto das coisas e envio outra mensagem.

— Pra quem você está digitando?

Antes que eu possa decidir como responder a ela, recebo uma resposta. *Estarei lá em alguns minutos. Estou na cidade. Qual o seu tamanho?*

Eu lhe mandei um texto com os detalhes e depois me sento na cama, olhando por cima do ombro para Andie. — Você tem uma escova? — Eu pergunto.

— Claro. — Ela puxa uma da bolsa e entrega para mim. — O que está acontecendo?

Levo meu tempo escovando meu cabelo, sem dizer nada. Eu preciso descobrir como vou lidar com essa situação sem fazer Andie enlouquecer. Ela tem o bebê para pensar, e eu não preciso dela se preocupando comigo. Eu posso lidar com isso, não há problema.

A enfermeira entra enquanto estou tentando ganhar tempo. Ela não é a mesma que estava cuidando de Andie, mas tem a mesma expressão em seu rosto. Por que todas as enfermeiras agem como se me odiassem?

— Você precisa de alguma coisa? — Ela diz, sua boca toda torcida e enrugada quando ela termina de falar e está esperando pela minha resposta.

Eu levanto meu braço para que ela possa ver a agulha IV. — Sim. Eu preciso que você tire isso.

— Sinto muito, mas não posso fazer isso agora.

Eu dou-lhe um sorriso apertado. — Ou você faz ou eu vou.

Ela olha para mim. — O médico é quem dá as ordens por aqui, senhorita, e ele diz que você precisa dos fluidos e dos remédios. — Ela olha para a bolsa transparente pendurada acima de mim. — Quando isso terminar, vamos voltar e dar uma olhada.

— Errado, Enfermeira Ratched. — Eu puxo a fita no meu braço, estremecendo quando arranco alguns dos meus cabelos fora do braço. — Eu digo que terminei, então terminei. Meu corpo, minha decisão.

Andie se levanta e se inclina, colocando a mão no meu ombro. — Querida, talvez você deva esperar.

Eu dou de ombros. — Não. Não estou esperando. — Eu tenho que pentear meu cabelo e melhorar meu rosto antes que Ian chegue aqui. Eu não posso fazer isso ligada a essa engenhoca.

A enfermeira se aproxima e tenta entrar no meu caminho. — Você precisa esperar.

Eu paro e olho para ela. — Você tenta me tocar, e você vai ser uma filha da puta arrependida. — Eu quero dizer a ela que luto com os leões da montanha e venço, mas guardo isso para mim mesmo. Provavelmente não ajudará a convencer ninguém de que estou pronta para receber alta.

A enfermeira para de tentar tocar no meu braço. — Você está me ameaçando? — Ela pergunta. — Porque eu posso pedir por segurança.

— Oh, não é uma ameaça, estou fazendo uma promessa. Toque-me e você sentirá dor, isso eu garanto. — Paro de mexer na fita e a encaro. — Você não pode me manter aqui, e você não pode forçar meu tratamento. Eu conheço meus direitos. Então ou você me ajuda a sair disso, ou você sai do meu quarto de qualquer forma. Essa é a sua escolha: pegar ou largar.

Veja, o que está acontecendo aqui, acho que é porque lutei contra um leão da montanha e vivi para contar isso. Eu sou a personificação da valentia. Além disso, todos acham que o que aconteceu foi culpa de Ian, o que não é totalmente justo. Quer dizer, talvez tenha sido culpa dele, mas não de um jeito ruim.

As coisas que aconteceram comigo hoje foram incríveis em um jeito que eu enfrentei a morte e chutei bundas, e tenho que agradecer a Ian por isso, sem mencionar o vínculo com Candy. Eu sinto como se precisasse dizer a ele agora como estou grata antes que alguém chegue perto dele e encha sua cabeça com bobagens que o fazem se sentir mal. Hoje fui a melhor versão de mim mesmo — forte, corajosa, engenhosa. Eu nunca teria me conhecido sem Ian para ver essa transformação.

— Vou pedir segurança, — diz a enfermeira, deixando-nos no quarto.

— Vá em frente! — Eu grito atrás dela. — Linguaruda!

— Candice, estou realmente preocupada com você, — diz Andie, dando a volta na cama. — Sério, você poderia, por favor, se acalmar e deixar isso em paz?

— Me dê algumas toalhas de papel, — eu digo, ignorando-a. Eu tenho toda a fita e apenas a agulha para sair. Eu tenho medo que esse otário vai sangrar. A agulha parece muito grossa.

Eu me inclino e olho para isso mais de perto. O que é isso, uma maldita mangueira de jardim que eles colocaram no meu braço? Provavelmente essa enfermeira rude escolheu o maior que eles têm porque ela está com ciúmes do meu cabelo. Puta.

— Aqui. — Andie me entrega um chumaço de toalhas do banheiro e uma gaze que ela encontrou em algum lugar e tirou do embrulho.

Eu empurro a pilha inteira contra o meu braço, usando o meu estômago para pressioná-lo enquanto deslizo a agulha para fora com a minha mão livre. E maldição, queima como... ooooh.. *fogo* ! Meu braço está pegando fogo! *Gah!*

Eu deixo cair à agulha no chão e dou uns pequenos pulos para tentar aliviar a dor. Andie espera pacientemente enquanto eu faço o cha-cha, o tango abreviado de uma mulher e uma valsa curta. Faz maravilhas pela dor.

Enquanto seguro meu braço e pressiono diretamente a mangueira do jardim com a mão oposta, sorrio para Andie. E eu continuo sorrindo, direto através do fogo queimando meu braço e a náusea que ameaça vir. Eu engulo, lutando contra a bílis que continua tentando subir. — Veja? Nada demais.

— Você é louca, — diz ela, quase sorrindo. — O que deu em você?

— Nada. — Eu dou de ombros quando me inclino contra o lado da cama, totalmente casual e no controle — ou então quero que ela pense porque não quero que ela tente me forçar a ficar aqui sem Ian. — Acabei em ficar aqui e não gosto quando as pessoas não me escutam.

— Querida... você foi atacado por um *leão da montanha*. Você tem pontos no seu braço e um grande caroço na cabeça. — Ela olha para o curativo no meu bíceps. — Você precisa ter cuidado, ou você pode ter uma infecção. Essas unhas dos leões são muito sujas.

— Assim? Eu vou tomar antibióticos.

Andie olha para a sacola. — Isso é o que você estava fazendo antes de você puxar aquela coisa Fora.

Eu olho para a bolsa e depois para a agulha que está pingando líquido no chão perto do meu pé. — Oh. — Meu braço queima ainda mais, vendo todo aquele germe assassino sendo desperdiçado.

Andie suspira. — Tenho certeza de que podemos conseguir algumas pílulas. Eu só quero que você pare e respire fundo e me diga o que está acontecendo. Ela balança a cabeça. — Desde que você conheceu Ian, parece que você saiu dos trilhos.

Nós duas paramos de falar por um tempo. O silêncio se estende até o ponto em que está ficando estranho. Eu tenho que dizer alguma coisa.

— Ian não tem nada a ver com isso. — Ela me olha até desmoronar.

— Ok, talvez indiretamente ele tenha algo a ver com isso. *Muito* indiretamente.

— Diga-me. — Ela se senta na beira da cama ao meu lado.

Demoro algum tempo para explicar a ela o que está passando pela minha mente e meu coração. Não faz muito sentido, o jeito que sinto como matar seu cunhado um segundo e trepar na perna dele no outro. Como coloco isso em palavras que não me fazem parecer maluca?

— Eu não sei. Ele apenas... ele me deixa toda irritada. E ele me faz rir. Ele me desafia. Eu faço coisas com ele que nunca fiz antes. Gosto desse novo eu quando estou com ele.

— Oh, — ela diz suavemente.

E então ainda mais suavemente ela diz: — Oh meu.

O medo escorre em meu cérebro e meu coração. Então a ideia de que eu deveria estar ofendida. — 'Oh meu'? O que isso significa?

— Nada.

— Não minta. Você quis dizer algo com isso 'Oh meu'. O que você estava pensando? Porque se for algo ruim sobre Ian, vou ficar com raiva de você.

— Não, não, nada mal. Bem... — ela faz uma pausa — nada muito ruim.

Eu a golpeio na costela com o meu cotovelo saudável.

— Desembucha isso. Ela fica toda séria e brava comigo. — Você já dormiu com ele?

Meu queixo se abre com a rapidez de sua abordagem. Eu me inclino para trás na cama ao lado dela. — Qu...?

— Não banque a inocente comigo. Eu te conheço há muito tempo para cair nessa.

— Eu quero que você saiba que sou uma virgem de Ian, ok? Nossa. Acabei de conhecer o cara. — Fico feliz que ela não possa ler minha mente; caso contrário, ela saberia que estou totalmente preparado para dormir com ele na próxima vez que colocar os olhos em sua beleza.

— Talvez você não devesse dormir com ele, quero dizer.

Eu olho para ela, tentando ler sua mente através de seus olhos. Tudo que vejo é tristeza. — Por que não?

— Porque, poderia dar errado.

— O que poderia ir mal? — Eu balanço minha cabeça para ela. — Você está falando em enigmas, Andie, e eu tenho que te contar... é irritante como o inferno. Estou ferida, se você não percebeu. — Eu levanto o braço para confirmação. — *E* tenho uma dor de cabeça. Basta dizer o que você precisa dizer e acabar com isso.

Ela olha para o chão por um bom tempo. Estou começando a pensar que ela caiu em transe, quando finalmente levanta a cabeça e fala.

— Eu posso dizer que você gosta dele. Quero dizer, gosta *mesmo* dele. Mas querida, Ian não está se comprometendo. Se você dorme com ele, é um coração partido garantido para você, e eu odiaria ver isso acontecer.

Eu zombo, tentando brincar com o jeito que suas palavras fizeram meu coração pular e virar. — Por favor. Como se eu fosse me apaixonar por Ian MacKenzie.

Uma pequena batida chega na porta e uma cabeça aparece. — Você está decente?

Felicidade me enche ao ponto que eu sinto que estou prestes a engasgar com isso. — Ian! Você veio! — Ele deve ter quebrado todos os recordes de velocidade para chegar aqui tão rápido. Talvez ele já estivesse comprando para mim quando mandei uma mensagem. Apenas a ideia me faz ficar toda quente e alegre por dentro.

Ele abre a porta com mais força e acena para Andie. — Andie.

— Ian, — diz ela, em pé. — De onde você veio?

— Loja. — Ele segura uma bolsa que tem um grande círculo vermelho sobre ela. — Consegui o que você pediu. — Jogando-o na cama, ele se vira para sair.

— Onde você está indo? — Eu pergunto, preocupada que ele está prestes a me abandonar.

— Pensei em esperar do lado de fora até você estar vestida.

Eu sorrio para Andie e dou a ela o olhar. — Isso é educado da sua parte, Ian. Obrigada, mesmo.

— Claro. — Ele está do lado de fora antes que Andie tenha a chance de dizer qualquer outra coisa em sua presença.

Ela sacode a cabeça. — Você vai se arrepender seriamente disso. Marque minhas palavras.

— Isso é apenas maldade, Andie. — Eu balanço minha cabeça. — Eu não entendo você. Por que você está assim? É falta de sono ou algo assim? Hormônios? — Eu paro, de repente lembrando que ela só teve um bebê. Duh. — São hormônios, não é?

Andie se vira de lado e pega minha mão. — Baby. Escute-me. Ian é um amor quando quer ser. Eu não estou discutindo isso. Mas ele não quer compromisso, entende o que estou dizendo? Ele teve anos para se acalmar e fez exatamente o oposto, ok? Ele está levantando o inferno na cidade todo fim de semana, bebe demais, dorme por aí. Ele não é o seu tipo.

Eu puxo minha mão da dela e pego a bolsa que Ian jogou no quarto, abrindo-a para ver o que está dentro. — Ele não dormiu com a velha Banana, se você quer saber. Ela estava mentindo sobre isso.

— Tanto faz. Se não era ela, era outra pessoa. E eu conheço você. Você não é o tipo de ficar só uma noite. Você diz que é, mas não é.

Eu franzo a testa para ela. Algum tipo de alienígena assumiu o corpo da minha melhor amiga, aparentemente. Andie saberia melhor do que dizer isso sobre mim. — Do que você está falando? Eu tenho relacionamentos de curto prazo.

— Um nome.

Eu levanto meu queixo. Isso é fácil. Eu tenho casos o tempo todo. Eu sou a mestre em aventuras. Eu sou uma aventureira do mais alto grau. Eles me chamam de caçadora. — Matthias.

— Você queria ter seus filhos. Você me disse isso depois do primeiro e único encontro. Isso não é uma aventura. É uma obsessão e exatamente o oposto.

— Eu só estava brincando. — Ele *era* muito fofo, no entanto. Ele tinha um DNA incrível. Eu podia ver em suas bochechas. Você pode dizer muito das maçãs do rosto de um homem e outras características faciais.

— Eu ainda me lembro dos nomes de bebê que você me disse que ia usar, — diz ela franzindo a testa, dando-me o olho do mal de Andie.

— Tudo bem. — Ela ganha esse. Mas eu tenho mais. Muito mais. — E quanto a Jason?

— Quando ele não ligou depois do seu terceiro encontro, você praticamente o perseguiu.

Eu suspiro. — Eu não! Eu nunca!

— Ok, talvez perseguiu seja uma palavra forte, mas você fez amigo sob um nome falso no Facebook para que pudesse verificar o status e as fotos dele.

Meu rosto queima com a memória. — Eu bebi muito vinho. Não posso ser responsabilizada por aquela noite.

— Estou apenas dizendo... você não é o tipo de aventuras. Seu coração é grande demais para esse tipo de bobagem.

Penso no comentário dela por alguns segundos antes de responder. — Eu tenho um coração muito grande, isso é verdade. Mas eu não acho que isso significa que eu não posso me divertir enquanto estou aqui. — Eu tenho muitas outras histórias para desafiá-la, mas não faz sentido agora. Ela está decidida sobre mim e sobre o Ian.

Andie me puxa para um abraço. — Divirta-se. Apenas não tenha esperanças ou seu coração será quebrado, ok? Não acho que eu poderia lidar com isso.

Eu me inclino para trás para ver seu rosto. — Você está chorando?

— Claro que estou chorando, — ela grita. — Você quase foi morta por um leão da montanha pelo amor de Deus, e agora você está prestes a ter seu coração esmagado por um mulherengo que não posso matar porque sou parente dele!

— Awww, pobre bebê. Eu acaricio sua bochecha. — Esses hormônios estão apenas chutando sua bunda agora, não estão?

Ela bate a minha mão para longe. — Não, estúpida, não são os hormônios. É *você*, correndo riscos que não deveria. Agora, onde está a arma? Ela estende a mão como se eu devesse colocar algo nela.

— Que arma? — Eu sou toda inocência.

— A arma que você comprou.

— Eu não sei do que você está falando. — Eu não estou mentindo tecnicamente já que não sei onde está a arma. Espero que Ian a tenha em sua caminhonete ou em algum outro lugar seguro. Essa coisa salvou nossas vidas hoje. Eu acho.

Uma batida vem na porta, e a voz de Ian flutua no quarto. — Você ainda não está pronta? Eu tenho que ir. Se você quer uma carona, é melhor você vir agora.

Eu cortei a próxima pergunta de Andie com uma mão levantada. — Guarde para mais tarde. Preciso me vestir e ir antes que a enfermeira Ratched traga a Guarda Nacional.

Andie me observa enquanto me esforço com a roupa que Ian me comprou na loja. Meu buraco no soro está pingando sangue, mas assim que estou vestida, coloco a gaze de volta nele.

Quando finalmente estou pronta, percebo a camisa xadrez vermelha e o elástico na cintura que Ian me comprou, pareço uma bêbada vadia caipira dos anos quarenta. Andie e eu encaramos minha roupa e depois caímos na gargalhada juntas.

— Eu não estou mais preocupada, — diz Andie finalmente, ainda sorrindo.

— Preocupado com o quê?

— Preocupada que Ian vai convencê-la a fugir com ele.

— O que é que isso quer dizer? — Eu pergunto, um pouco confusa.

Ela aponta para mim. — Se essa é a sua ideia de uma roupa fofa, ele não tem chance com você.

Ha-ha

Eu ri junto com ela, mas por dentro estou dizendo que ela não sabe nada sobre mim ou Ian. Ele fez isso de propósito, que é o jeito dele de me implorar para ir até ele com tudo que eu tenho. Estou tonta por dentro, sabendo que ele acha que está ganhando, mas que está errado. Eu vou pegá-lo seriamente quando menos esperar. Ele descobrirá totalmente seu jogo em mim.

VINTE E TRÊS

A VIAGEM DE VOLTA DO HOSPITAL É estranha. Ian me resgatou do interrogatório de Andie, mas agora, quando penso em todas as coisas que estava dizendo a ela e no que estava acontecendo em minha mente, percebo o que realmente quis dizer. Eu gosto do Ian. Quero dizer, gosto *muito* dele.

Olhar furtivamente para ele enquanto dirige e cantarola com o rádio apenas confirma minha suspeita. Deus, ele é lindo. Sexy. Adorável. Não tem como eu dormir com esse cara e escapar ilesa. Ele vai pegar um pedaço do meu coração, e vou ter que deixar para trás quando eu for. Eu quero fazer isso? *Posso* fazer isso?

— O que está acontecendo em seu feijão? — Ele pergunta sem olhar para mim.

— Só pensando em como eu pareço sexy nessas roupas, — digo, feliz por ele não poder ler mentes. — Eu não sei como você vai manter suas mãos longe de mim agora.

Ele ri. — Nem eu. Pensei que essas cores combinavam com você.

Eu puxo o cós. — E esse elástico também. Sexy, sexy.

— Torna mais fácil entrar e sair deles com um braço machucado.

Eu ri. — Não brinque. Você sabe que comprou isso para mim porque era o par mais medonho de toda a loja.

— Errado de novo, — diz ele, puxando para a estrada de terra. — Confie em mim. Havia coisas piores que eu poderia ter comprado para você. Eu posso voltar e pegá-los se você quiser. Ele olha para mim e pisca.

Eu só sopro um pouco de ar e olho pela janela lateral. Não tenho resposta para isso. Meu cérebro não está funcionando em todas partes. Parece que ele estava sendo legal de novo, mesmo que tenha me vestido como uma vovó bêbada.

— Quer que eu cuide de Candy para você? — Pergunta ele. Eu olho para ele. — Ela é real?

— É claro que ela é real. — Ele franze a testa para mim algumas vezes antes de voltar a ver a estrada. — Tem certeza de que você deveria estar fora do hospital?

— Claro que deveria estar. Eu só... Não tinha certeza se sonhei essa parte ou não.

— Não, você definitivamente não sonhou. E ela provavelmente está com muita fome agora mesmo. — Meu instinto se torce desconfortavelmente enquanto penso sobre aquele pobre bebê morrendo de fome sem mim lá para alimentá-la. — Apresse-se, Ian, vá mais rápido.

— Apenas relaxe. Estou brincando com você. Ela vai ficar bem.

Eu limpo o suor nervoso da minha testa. — Apenas se apresse.

O carro fica quieto por um tempo, e então ele fala novamente quando não estamos longe do rancho. — Você está realmente preocupada com essa bezerra, não está?

— Claro que estou. — Eu olho para ele e tento descobrir por que isso é tão surpreendente para ele. — Você não está?

— Eu acho. — Ele vira para estacionar a caminhonete, mas não desliga o motor. Em vez disso, ele coloca a caminhonete no estacionamento e tira o cinto de segurança. Ele olha pela janela enquanto descansa os braços no volante.

— O que estamos fazendo? — Eu pergunto.

— Só pensando.

Eu olho para os flocos de neve que caem preguiçosamente no para-brisa da caminhonete. Eles derretem antes que possam construir, provavelmente porque Ian tem o aquecedor ligado em todo o caminho.

— Pensando sobre o quê? — Eu finalmente pergunto, quase com medo de ouvir a resposta.

— Só pensando que você é diferente do que pensei que você seria. — Ele finalmente olha para mim, mas não consigo ler sua expressão. Está luz do entardecer não está ajudando em nada.

— Como assim? Quero dizer, o que você esperava?

Ele olha para minhas roupas e meus sapatos antes de voltar para encontrar o meu olhar. — Não isso. — Ele desliga a caminhonete, abre a porta e pula antes que eu possa dizer qualquer coisa de volta.

Eu abro minha porta e tento sair, me enroscando quando percebo que me esqueci de tirar primeiro o cinto de segurança.

— Eu não ficaria assim se não fosse por você! —Eu grito com o seu rápido desaparecimento.

— De nada! — Ele grita por cima do ombro. — Eu não disse obrigada! —Eu grito de volta.

Quando finalmente estou fora do cinto de segurança, meus pés atingem a neve e, por algum tipo de milagre, não caio. Eu ando com minhas pernas meio separadas, então tenho melhor aderência no chão. Seguindo os passos de Ian, faço todo o trajeto até o celeiro sem colocar neve em nada além das minhas botas. Eu sou praticamente uma nativa agora, do jeito que eu posso negociar essas terras traiçoeiras. Estou sorrindo de orelha a orelha quando entro no celeiro.

— Sim, sim, — Ian está murmurando. — Eu te ouço.

— Você está falando comigo? — Eu pergunto enquanto caminho até o estábulo onde está a bezerra. Ian está virando a esquina fazendo alguma coisa.

Minha bebezinha está andando por aí, farejando a palha e jogando-a ao redor. Ela está coberta em pequenos pedaços disto.

Eu abro a porta e entro, e ela corre para o lado oposto e olha para mim. Quando me curvo e lhe falo besteira, ela dá alguns passos hesitantes em minha direção.

— Aqui, — diz Ian, entregando-me uma garrafa sobre a porta.

Eu levo com meu braço bom e seguro pelo meu rosto. — Jantar, pequena Candy. Venha aqui e coma para que a mamãe possa parar de se preocupar com você.

Ela caminha como se entendesse cada palavra que eu acabei de dizer e então nós jogamos cabo de guerra com a garrafa de novo até que ela suga. Meu braço está em chamas, mas eu ignoro isso. Toda a dor que tenho para suportar vale à pena.

Quando ela termina, ela sai e faz sua dança do ventre de leite feliz, e eu fico no canto assistindo. Eu não percebo que tenho lágrimas de felicidade nas minhas bochechas até Ian se aproximar e enxugar uma delas.

— Você está pronta para o jantar? — Ele pergunta suavemente.

— Sim. Não. Talvez. — Eu não posso me concentrar nele. Eu só posso olhar para esta pequena vaca em miniatura e deleitar-me com o milagre que é ela. Eu não posso acreditar que Ian e eu realmente a trouxemos de volta à vida. Se não tivéssemos aparecido quando o fizemos, ela estaria completamente congelada agora, e sua mãe real

estaria mugindo enquanto seu coração se partia. Eu me sinto como um super-herói.

— Quer que eu traga aqui? — Pergunta ele. Isso chama minha atenção.

— Você poderia?

Ele sorri. — Sim. Volto logo. — Um segundo depois ele está me entregando um banquinho sobre a porta. — Aqui. Sinta-se a vontade.

Eu coloco o banquinho no canto da baia e sento nele. Candy vem para checar as coisas e me lambe com sua língua realmente áspera antes de eu afastá-la, e ela volta a bagunçar a palha ao redor. É só depois de me instalar e ela voltar a dormir que percebo o quanto é frio aqui fora. Mexo os dedos dos pés repetidamente, tentando manter a circulação nos meus pés.

Ian aparece alguns minutos depois com um cobertor que ele joga sobre a porta em cima de mim e algo coberto em papel alumínio. Ele abre a porta da baia e entra, sentando-se na palha ao meu lado enquanto eu coloco a lã quente nos meus ombros.

— O que é isso? — Eu pergunto quando ele me entrega. Ele guarda um para si e arranca o topo da vasilha.

— Burrito. Fresco congelado e de micro-ondas para ser sincero.

— Uau, — eu digo, dando uma mordida, falhando miseravelmente em parecer uma garota com boas maneiras. — Você tem tantos talentos ocultos.

— Você sabe disso, — diz ele, comendo um terço do seu burrito em uma mordida. Eu rio quando um feijão sai da sua boca e fica em seu queixo.

— O quê? — Ele pergunta, todo inocente, mesmo sabendo que ele sente isso no queixo. — O que está errado?

Eu sacudo minha cabeça. — Nada. Nada mesmo.

— Você tem certeza? — Ele move a cabeça para a esquerda e depois para a direita, mostrando seu feijão.

Certo. Você é perfeito exatamente assim. Melhor agora.

Ele vira a cabeça para o lado e, em um movimento rápido, tira o feijão do rosto. Ele cai no meu cabelo.

Suspiro pelo nariz e sento lá, mastigando meu burrito, revendo as tragédias do dia. Eu tenho cuspe de vaca em todo o meu rosto, fui arranhado por um leão da montanha e agora tenho pontos e uma cicatriz futura que vai aparecer toda vez que eu usar um vestido de verão ou uma camiseta. Eu contribuí para a morte do dito leão e irritei minha melhor amiga e praticamente toda a sua família. E agora tenho um feijão burrito *no meu cabelo*.

Um grande sorriso surge no meu rosto.

— Você está sorrindo, — diz Ian. Ele parece preocupado. — Sim, Ian, eu estou.

— Estou com um pouco de medo.

Eu continuo olhando para o estábulo. — Você deveria estar.

— Sério?

Sem aviso, eu mergulho para o lado, efetivamente atacando-o na palha. Meu burrito vai voar. — Sim! Mesmo!

A vaca bebê pula nas pernas bambas e corre para o canto mais distante. Estou em cima de Ian, olhando para o rosto surpreso dele.

Alguns segundos depois, um cheiro estranho vem flutuando em meu nariz. A expressão de Ian fica morta.

— Que cheiro é esse? — Eu pergunto.

Ian fecha os olhos. — Você pode me deixar levantar? Acho que estou deitado em bosta de vaca.

VINTE E QUATRO

NÃO CONSIGO PARAR DE RIR EM TODO o percurso até casa. A parte de trás da cabeça de Ian está coberta de cocô de vaca. E eu pensei que meu cabelo estava ruim com alguns cuspes e um feijão nele.

— Não diga isso, — ele avisa enquanto sobe os degraus da frente.

Estou ofegando por ar, me inclino enquanto seguro meu estômago. Oh, isso dói muito. Não consigo parar de rir.

— Eu vou tomar banho. — Ele abre a porta da frente e deixa cair a jaqueta no chão logo na entrada. — Não tome banho enquanto eu estiver lá.

Faço uma pausa no saguão, meu riso parando com a confusão de sua declaração. — O quê?

Ele sobe as escadas. — Não tome banho enquanto eu estiver no chuveiro.

— Por que não? — Eu grito atrás dele.

A porta do banheiro se fecha sem que ele me dê uma resposta.

Eu ando pela sala de baixo do banheiro para verificar meu rosto e cabelo. Este foi meu primeiro erro.

Fico horrorizado com a imagem refletida de volta para mim. Eu posso honestamente dizer que nunca fiquei tão mal em toda a minha vida, mesmo depois de ter uma bebedeira na faculdade e acabar na casa de um cara cujo nome não conseguia lembrar, acordando com o meu rosto pressionado em seu tapete da sala. Esse foi um dia ruim, mas este é um dia pior do que ruim.

Eu me inclino para dar uma olhada mais de perto e, em seguida, recuo rapidamente. Oh. Meu. Deus. Eu espontaneamente enruguei aqui neste rancho! Eu pareço dez anos mais velha!

Talvez seja a roupa. Talvez seja a comida.

Eu seguro meu estômago quando ele se vira e resmunga. Esse burrito não caiu bem. A natureza está chamando.

Sento-me no vaso e penso no meu dia enquanto cuido do meu intestino. Meu estômago continua a expressar seu descontentamento enquanto reviso minhas memórias. Estou muito feliz por ser apenas Ian e eu aqui nesta casa. Estou fazendo muito barulho neste pequeno cômodo. Uau.

Ian e eu fizemos as tarefas juntos. Ele veio me *buscar* hoje de manhã, então eu estaria *com* ele. Ele queria me mostrar vacas e coisas assim. Isso foi provavelmente um grande problema para ele fazer isso. Ele estava apenas sendo educado? Eu duvido. Parece algo que um cara faria se gostasse de uma garota. O Ian gosta de mim?

Ou talvez ele só queira tirar sarro de mim, rir de todas as vezes que eu caio de bunda e faço papel de boba. E ele riu, com certeza. O idiota provavelmente tem dores abdominais de todo o tumulto que está fazendo. Mas ele também tem sido muito legal e até mesmo educado às vezes. Ele disse que não sou como esperava que eu fosse. Não posso ter certeza, mas acho que ele quis dizer isso como um elogio. Isso é um bom sinal, certo?

Sempre há a chance de ele estar tentando entrar na minha calça. Ele está sendo criativo sobre isso, vou dar crédito a ele. Eu posso honestamente dizer que nunca tive um cara tentando me cortejar me fazendo participar de um parto de vaca. O melhor que eu já tive antes

disto foi um encontro no jardim zoológico seguido por um jantar de luz de vela. Na época, achei que isso era muito criativo, mas não é nada comparado a esse dia.

É quando isso me atinge. *Meu deus*, eu tenho uma vaca bebê para cuidar! Quantas vezes ela come? O que exatamente ela come? Eu preciso ver no Google!

Eu termino, usando quantidades enormes de papel higiênico, e fico de pé, puxando minha calça elástica de avó até a cintura. Preciso descobrir com que frequência Candy precisa ser alimentada e o que tem naquela mamadeira. Vou ter que dormir no celeiro hoje à noite? Ninguém além de Ian está em casa. Preciso ir perguntar a ele e descobrir como vou fazer tudo isso e acompanhar minha programação social, visitando Andie e indo para a festa de Boog e tudo mais.

Dou descarga e saio do banheiro depois de lavar as mãos, não dou dois passos para o corredor quando um rugido alto vem do andar de cima.

Eu subo as escadas de dois em dois. Parece que Ian está morrendo lá.

— O que há de errado? — Eu grito no topo da escada. Quando chego à porta do banheiro, bato nela. — Você está bem?!

— Eu te disse para não dar descarga no banheiro! — Eu mordo meu lábio enquanto o significado disso faz sentido.

— Oh.

— Sim, *oh*. Não aja como se você não fizesse isso de propósito! — Ele está realmente bravo. Deixa-me com raiva que ele está tão bravo. — Eu não fiz!

— Mentirosa!

— Eu não sou uma mentirosa.

— Sim você é. Você é uma *maldita* mentirosa. Você deu descarga de propósito para me congelar. Provavelmente tentando me ver nu ou algo assim, pensando que vou sair correndo daqui.

Meus olhos se estreitam quando o vejo parado ali me acusando de algo que não fiz. E vê-lo nu parece ser uma boa ideia.

Eu me viro e corro pelas escadas, tão rápido quanto consigo. Talvez mais rápido. No lavabo, eu dou descarga e também abro a torneira da pia apenas por uma boa quantidade.

Eu rio como uma pessoa insana quando o ouço rugir novamente. Correndo para a cozinha, ligo a torneira lá também e, em seguida, pressiono os botões para ligar a máquina de lavar louça.

Eu ouço uma batida de pés, mas ignoro isso. Ele provavelmente está pulando por aí como um macaco enlouquecido. Agora tudo o que tenho a fazer é encontrar a máquina de lavar roupa. Olá! Super grande mala de roupa que necessita de enormes quantidades de água quente, chegando!

Estou correndo pela esquina para o corredor quando bato em algo grande, duro e molhado. Está respirando pesadamente.

— Peguei você! —Ian grita na minha cara, jogando os braços em volta de mim.

— Ah! O que você está *fazendo*? — Eu grito. Ele está molhado. E nu. Tipo, muito, muito nu. Eu começo a gritar e rir ao mesmo tempo. Não consigo evitar. A adrenalina explodiu em meu coração e estou completamente fora de controle.

— Apenas dando-lhe o que você pediu! — Ele me pega e começa a andar em direção à frente da casa. Chegamos a sala de estar antes de tudo ir pelos ares.

Nenhum de nós estava preparado para a porta da frente se abrir e Mack e Andie estarem ali na porta, com Angus e Maeve bem atrás deles.

Choque. Surpresa. Merda.

VINTE E CINCO

UHHHH... IAN ME COLOCA NO CHÃO a frente dele. Uma explosão de frio gelado me atinge no rosto.

— Uhhhh, oi, — eu digo. Meu rosto está em chamas apesar da temperatura abaixo de zero.

— Ian Michael Angus MacKenzie... de todos os... — Maeve fica sem palavras, aparentemente, porque é tudo o que ela tem a dizer.

— Eu vou... uhhh... Apenas pular de volta para o chuveiro. — Ian me deixa em pé lá na sala olhando para toda a família MacKenzie em estado de choque. Seus passos batendo desaparecem à distância. Uma porta no andar de cima se fecha.

Andie olha para Mack. — Eu te disse que algo assim ia acontecer. — Ela desloca os braços, e pela primeira vez noto que há um bebê lá.

— Eu vou falar com ele, — diz Mack, sem olhar para mim.

Meu rosto fica ainda mais vermelho quando percebo o quão horrível isso parece. Eu tento explicar. — Eu dei descarga no vaso sanitário.

Maeve entra e me dá um tapinha no braço. — Isso é bom querida. Talvez você deva ir para a cama. Você teve um longo dia.

Angus respira pesadamente, mas não diz nada. Mack passa por mim indo para a cozinha e seu pai o segue. Andie e Maeve apenas olham para mim.

— Sim. Acho que vou para a cama. — Eu me viro para subir as escadas.

Nunca fui tão humilhada em toda a minha vida. Eu costumava ser uma mulher adulta madura, com um diploma em design de moda e um próspero salão em uma cidade metropolitana. Hoje sou uma idiota em jeans de vovó com cuspe de vaca e um feijão burrito em meu cabelo sendo perseguida por um maníaco nu na casa de sua mãe. Boa. Senhor. Tenha. Misericórdia.

— Vamos discutir isso de manhã, — diz Andie. Soa como um aviso. De alguma forma, ela deixou de ser minha melhor amiga para ser minha mãe.

— Ok, chefe, — digo, agindo como se não tivesse uma única preocupação no mundo, mesmo que minhas entranhas estivessem de volta a ser uma bagunça, e minha cabeça parece estar prestes a estourar sobre meus ombros. Tenho certeza de que nunca fiquei tão envergonhada em toda a minha vida, mesmo quando acidentalmente transformei o cabelo de meu sócio em verde. Ele ainda não superou isso, e nem eu, mas agora eu trocaria alegremente outro desses incidentes por este.

Subir as escadas é como dar um passeio de vergonha ou algo assim. Posso sentir o olhar de Andie nas minhas costas. Eu sei exatamente o que ela está pensando também, mas amanhã vou esclarecê-la. Haverá tempo suficiente para fazê-lo então. Hoje à noite eu posso ir para a cama e tentar esquecer por algumas horas que isso aconteceu. Espero que Candy não fique com muita fome nesse meio tempo.

Eu caminho pelo banheiro que Ian ainda está tomando banho e vou para o quarto de Mack do outro lado do corredor. Fechando a minha porta, tento não deixar minha mente vagar para aquele lugar onde imagina o que está acontecendo dentro do banheiro, o que Ian poderia estar fazendo agora, como poderia estar.

Oh! Estou com muito problema. Eu peguei um vislumbre dele nu e... hooey!... Foi muito melhor que a minha imaginação. Fale sobre um pau balançando.

Deslizar para fora do jeans da vovó é muito mais fácil do que pensei que seria. Ian estava certo sobre isso. Isso me faz pensar se ele realmente comprou porque estou na lista de feridos e não porque ele estava tentando me fazer parecer incrivelmente feia.

Decidindo que o meu pijama rendado vai ser um pouco mais difícil de entrar, eu os abandono pela camisa de flanela que Ian me comprou hoje. Deito-me de costas e deslizo sob a coberta, vestindo apenas a camisa e minha calcinha. O quarto está escuro, mas não tenho ideia de que horas são. Não consigo ouvir nada além do som de água no banheiro do outro lado do corredor. Isso gradualmente me coloca para dormir.

VINTE E SEIS

UMA LUZ FORTE CONTINUA brilhando através das minhas pálpebras me trazendo de volta à terra dos vivos e me força a acordar. Eu aperto minhas pálpebras com mais força, tentando bloquear.

— Mas que merda... — Eu digo, minha voz durona e mal está lá.

— Você está acordada? — Ian pergunta.

Eu abro um olho. Ele está vestindo uma camiseta e short. Está escuro lá fora.

— Estou agora, idiota. — Fecho meu olho e tento cair de volta para dormir. Minha cabeça esta me matando.

— A receita diz que você precisa tomar essas pílulas a cada seis horas.

Eu abro um olho novamente e o encontro parado com a palma para cima e um copo de água na outra mão. Há três comprimidos esperando por mim.

Sentando-se gradualmente, sinto a dor no meu crânio e a queimação no meu braço. *Youch!* Lutar com leões da montanha é doloroso. — Para que elas servem? — Eu pergunto.

Ian se senta na beira da cama e entrega as pílulas para mim. — Antibióticos e analgésicos, eu acho.

— Você está tentando me dar algo para que você possa se aproveitar de mim? — Eu pergunto antes de jogá-los na minha boca e beber água.

Ele sorri. — Eu percebi que você não esperou pela minha resposta antes de pegá-los.

Dou de ombros e entrego de volta o copo. — Tanto faz. Tire vantagem de mim se quiser. Estou cansada demais para lutar com você. — Fecho os olhos e tento não fazer uma careta muito forte sobre a dor que me dá quando estou deitada de novo. Virar a cabeça para encarar a parede apenas parcialmente alivia a minha miséria.

— Você está com dor?

— O que você acha? — Eu pergunto.

— Eu me sinto mal.

Isso me faz abrir meus olhos. Viro minha cabeça para o outro lado para poder olhar para ele. — Por que você se sente mal?

— Porque isso é minha culpa, e peço desculpas por isso.

Eu o alcanço e bato no braço dele. Não é um tapa muito poderoso, mas é o melhor que posso administrar agora. — Cale-se. Não se atreva a se desculpar.

— Por que não? Se não fosse por mim, você estaria no seu normal e não ostentaria um braço cicatrizado e uma cabeça com galo.

Eu pisco lentamente algumas vezes, deixando aquela imagem se instalar no meu cérebro. — Obrigada por essa descrição.

— De nada.

— Mas mesmo que eu esteja horrivelmente feia, ainda não estou aceitando suas desculpas.

— Por que não? — Ele parece irritadiço.

— Porque você nunca deveria ter me dado uma em primeiro lugar. Isso não foi culpa sua. Além disso, não me arrependo, então... sim. Mantenha seu pedido de desculpas. Use em outra pessoa.

— Você não tem arrependimentos.

— Isso é o que eu disse. — Eu fecho meus olhos e rolo para o meu lado, de costas para ele. — Eu vou dormir, então a menos que você esteja aqui para esfregar minhas costas, você pode ir embora.

Há silêncio por tanto tempo que acho que ele me deixou e eu começo a dormir. Mas então sinto suas mãos em mim.

— Você é muito legal, você sabe disso? — Ele está esfregando meu ombro. Isso me faz formigar.

— Sim, eu já ouvi isso sobre mim antes. — Minhas palavras saem todas murmuradas. Eu sôo como uma bêbada.

— Quando eu te conheci, pensei que você fosse uma idiota. Toda ligada a aparências e merda... quero dizer.

— Isso é bom. — Minha mente está girando muito lentamente, lentamente, lentamente. Suas palavras e suas mãos estão fazendo algum tipo de mágica em mim. Talvez as pílulas também. Eu sinto que estou caindo em um mundo de sonhos.

— Mas você não é mesmo. Você é realmente inteligente e engraçada e alguém com quem uma pessoa pode contar quando as coisas ficam reais.

— Souuu euu, — eu digo preguiçosamente. — Super-heroína fodida. Eles me chamam de Puta Maravilha. Eu rio do meu novo nome. Eu posso totalmente me ver em elastano com uma capa e uma grande letra P na frente do meu peito. Eu estaria em um corpete, à La Mulher Maravilha, naturalmente.

— Você não é uma puta. Eu acho que você é realmente uma espécie de marshmallow sob todos esses ruídos.

Eu levanto meu braço o mais alto que posso e aceno em sua direção. — Vá embora. Estou dormindo. Suas mãos saem das minhas costas e a cama muda. Algo pesado e quente está atrás de mim agora. Eu percebo quando estou flutuando de novo para a terra de la la land [40] que é Ian. Ele está deitado ao lado. Eu e o braço dele estão sobre meus quadris.

Ou talvez eu esteja apenas sonhando.

[40] La La Land — filme americano de 2016, com Ryan Gosling e Emma Stone.

VINTE E SETE

ANDIE AFIRMA QUE ELA ME acordou para me dar comprimidos e que eu realmente me sentei e peguei, mas tenho muito pouca memória disso. Tudo parece um sonho. Especialmente aquela parte onde eu sonhei que Ian estava dormindo comigo, me mantendo aquecida, me aconchegando atrás de mim. Eu acho que uma soneca de doze horas faz com que uma pessoa perca o contato com a realidade.

— Você não vai a lugar nenhum, — diz Andie, franzindo a testa para mim. — Você tem uma concussão, e você dormiu por doze horas.

— Eu tenho uma *ligeira* concussão, em primeiro lugar, e como você disse, tive bastante sono. Só vou acompanhar Ian por uma hora ou mais, e então ele vai me trazer de volta para casa.

— Eu vou? — Ian diz, entrando na cozinha e indo para a geladeira.

— Sim.

— Onde exatamente estamos indo? — Ele pega um jarro de leite e se serve de um copo gigante.

— Para a festa de Boog, lembra?

Ele faz uma pausa com o copo até a boca. — Uhhhh... o quê?

Andie se senta e sorri, ajustando Sarah em seu peito pela centésima vez. — Veja? Ele nem estava planejando ir.

Eu dou a Ian meu olhar de a-morte-está-vindo-para-você, e ele pisca em resposta. Então bebe o copo inteiro de leite em um grande gole. Deixa um grande bigode de leite acima do lábio que ele ignora.

— Ele estava planejando ir, certo, Ian? — Eu levanto ambas as sobrancelhas. Ele olha para o olhar de repreensão de Andie e minha ameaça implícita, e concorda.

— Sim.

Absolutamente. Deixando em meia hora. Ele não poderia ser mais adorável do que é agora, sendo meu escravo com aquele leite no lábio. Eu quero comê-lo.

Eu sorrio e aceno com a cabeça. — Veja? Nós não iremos demorar por muito tempo.

— Não, — Ian concorda, limpando a boca com as costas da mão. — Nós temos que voltar para alimentar o bezerro, então não podemos ficar fora até tarde.

Andie sacode a cabeça. — Vocês dois estão apenas unidos e determinados a se meterem em problemas, não estão?

— Quem, nós? — Ian pergunta.

Eu me levanto. — Sim. Quem, nós? Minha melhor expressão inocente salta para salvar o dia. — Eu só estou sendo social, saindo de casa, conhecendo alguns amigos de Ian. — Eu saí da cozinha pelo corredor. — Você pode ir conosco, se quiser, Andie. — É maldade, mas espero que ela recuse meu convite.

— Não, obrigado. Vocês vão em frente. — Ela diz algo em um tom baixo para Ian, mas não ouço. Estou muito focada em subir e encontrar algo decente para vestir. Ignoro a dor na minha cabeça e braço enquanto mentalmente folheio através do guarda-roupa que eu trouxe comigo. Graças a Deus eu já fiz o meu cabelo e maquiagem.

Estou dentro do quarto de Mack, mudando quando Ian bate na porta.

— Eu não estou vestida. Apenas espere um segundo. — Enfio minhas pernas no meu jeans, respirando com dificuldade quando meus pontos puxam e picam como diabo.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — Sua voz abafada entra pela porta. — Eu não acho que devamos ir. Você ainda está confusa.

— Não, não estou confusa. Eu estou bem, muito obrigada. — Todo mundo está me tratando como um bebê aqui. Eu tenho quinze pontos e um galo na minha cabeça. Grande negócio. Eu me queimo quase diariamente no trabalho e fico em pé durante doze horas seguidas, com os braços para cima como asas de pássaros. Isso não é nada.

— As festas de Boog não são divertidas.

— As festas de Boog nunca me tiveram lá.

— Você vai usar a calça nova?

Eu abro a porta e deixo-o dar uma olhada em mim. — O que você acha. — Sei que pareço incrível. Eu tenho a minha melhor blusa de decote e uma calça apertada que têm os bolsos metalizados apenas um pouquinho. *Oha!* Vaqueira incrível? Sim, senhora. Eu defino o visual.

Sua mandíbula cai e, em seguida, ele se vira. — Eu vou mudar meu chapéu.

Eu ri. — Não se atreva a usar aquele verde feio. — Eu realmente gosto do verde, então estou testando-o para ver se ele vai morder a isca.

Quando o encontro na sala dois minutos depois, fico toda aquecida por dentro. Ele tem um chapéu de cowboy preto e uma camisa preta enfiada em jeans que foram feitos absolutamente para sua bunda.

Eu tenho dificuldade em respirar. Sério. Esse homem é perigoso. Aposto que ele tem todos os tipos de perseguidoras, e

provavelmente nem sabe disso. Vou dar uma atenção especial as garotas nesta festa para ver quem está dando a ele esse tipo de olhada.

— Pronto, — ele pergunta.

— Pronto. — Eu olho para os ganchos do casaco e franzo a testa, distraída de admirá-lo pelo meu pequeno problema de guarda-roupa. — Eu não tenho uma jaqueta de novo.

Ele concorda. — Você é um tipo de assassina de casacos, não é?

— Super-heróis fazem o que têm que fazer; o que posso dizer.

Ele tira um preto do gancho. — Aqui. Este é o da Andie. Ela não vai se importar. Tente não ser atacado por um leão.

Eu o coloco e me admiro no espelho do corredor. Eu pareço bem bonita, se eu disser isso mesmo. Isso me anima ainda mais. Estou tão pronta para tomar uma bebida e compartilhar algumas fofocas. Meu plano é pegar um dessas garotas de Baker City para me dar informações... Descobrir qual é o negócio de Ian e por que Andie não tem nenhum amigo aqui. Matar dois pássaros com uma festa só.

— Como está Candy? — Eu pergunto enquanto passo pela neve até a caminhonete. A touca de malha que encontrei no bolso do casaco de Andie está me deixando muito mais quente do que esperava. Talvez valha a pena bagunçar meu cabelo um pouco para ficar quente em alguma parte do meu corpo. Minhas mãos estão presas nos bolsos, mas já estão congelando.

— Ela está bem. Ela sente sua falta, no entanto.

Eu olho para o celeiro, me sentindo como uma mãe vaca muito ruim. — Ooh... talvez eu deva ir dizer oi antes de sairmos.

Ele abre a porta para mim. — Você pode dizer oi quando voltarmos, se quiser. Precisamos chegar a Boog mais cedo do que tarde.

— Por quê? — Eu pergunto, tentando ler sua expressão enquanto eu subo no meu lugar. Como sempre, ele está com sua cara de pôquer.

Ele bate a porta e vem ao redor, entrando e afivelando. — Porque as pessoas ficam bêbadas e idiotas depois das dez.

— Ouvi dizer que é o seu estilo de festa, — eu digo, sem olhar para ele.

— Quem disse isso? — Ele sai na estrada que leva a rodovia. Os faróis fazem os montes de neve parecer leões da montanha. Muitos e muitos leões. Isso me faz arrepiar, o que faz meus pontos queimar.

— Ohhh pessoas. A propósito, onde está minha arma?

— Debaixo do assento. Não leve isso para a festa.

— Eu não ia. — Eu reviro meus olhos.

— Quem disse que é meu estilo? — Ele pergunta novamente.

— É verdade?

Ele faz uma pausa antes de responder. Então ele dá de ombros. — Talvez, por quê?

— Por que o quê? — Ele está jogando mudo.

— Por que você faz coisas estúpidas como essa?

— Não é idiota se divertir.

— Você está realmente se divertindo?

Ele não fala nada por um tempo. Principalmente apenas olha para a estrada, franzindo o cenho.

— Eu acho que as coisas meio que sugaram para você desde que seu casamento foi cancelado.

— Você poderia dizer isso.

— Eu acabei de dizer. — Eu sorrio para ele, tentando aliviar a pressão da conversa. Adoro conversar com ele e quero conhecer todos os

seus segredos, mas sei que isso não acontecerá se ele souber que estou cavando sua vida. Tenho que ser furtiva sobre isso.

Ele sorri vagamente e depois volta a franzir o cenho. Eu não posso dizer se ele está fazendo isso porque é louco ou porque a neve continua caindo e tornando difícil ver a estrada.

— Você teve alguma namorada desde Ginny?

— Defina *namorada*.

— Garota que você passou tempo sem beber e transar. Garota com quem você sai quando você poderia estar fazendo outra coisa. Garota que você passou tempo de qualidade. Garota que você faz coisas legais. Garota que você quer beijar a noite toda.

Ele ri uma vez. — Eu acho que isso faz de você minha namorada.

Isso me deixa sem palavras por cerca de dez segundos. — Ha-ha, em seus sonhos.

Ele encolhe os ombros. — Hey, você é a única sempre tentando me ver pelado. Eu percebi que o sentimento era mútuo.

Meu queixo cai aberto. — O que? Você é louco. Ninguém está tentando ver ninguém pelado. — Meus ouvidos estão queimando. Talvez Ian leia mentes afinal.

Eu deixo a conversa diminuir depois disso. Pensei que eu teria que usar um pé de cabra para fazê-lo falar, mas de repente ele está pulando em mim, gostando dele e tentando vê-lo nu. Eu não posso aparecer nessa festa sem cem por cento no meu jogo, e falar com ele sobre esses tópicos perigosos definitivamente me tira. Meus ouvidos não vão parar de queimar.

— Qual é o problema? — Ele pergunta quando finalmente estamos na estrada. — O gato comeu sua língua?

— Não. Acabei de falar. — Eu olho pela janela lateral, mesmo que não haja nada para ver.

— A conversa fica um pouco quente demais para você?

Eu bufo. — Até parece.

— Então você admite que está tentando me ver pelado. — Eu tenho que rir da sua audácia.

— Não. Eu não admito nada.

— Veja, você acabou de admitir isso aí mesmo.

Eu bato nele com as costas da minha mão. — Cuidado ou pego a minha arma.

— Cara, você é perigosa.

— Você entendeu direito. — Eu amo ser chamada de perigosa. Isso é provavelmente um mau sinal, mas tudo bem.

— E aqui eu pensei que você fosse uma garota de cabelos fofos da cidade, mais macia do que a barriga de um cordeiro.

— Eu sou da cidade, meu cabelo é fofo e sou definitivamente suave. Não sei o quão suave é a barriga de um cordeiro, mas eu hidrato todos os dias, então... sim. Você me pegou.

Ele ri. — Às vezes eu não posso dizer se você está brincando comigo ou não.

As luzes da cidade estão aparecendo, então aproveito a oportunidade para mudar de assunto. Não gosto quando ele fala sobre suas impressões sobre mim. Eles nunca soam muito elogiosas.

— A que distância da cidade vive Boog?

— Não muito longe. Estamos apenas cinco minutos agora. Você está amarelando?

— Claro que não. Eu não desisto.

— Eu notei isso sobre você. — Ele para em um sinal vermelho, o primeiro semáforo da saída. — Você é muito corajosa, na verdade.

— Eu sou? — Olho para ele para ver se está brincando.

— Inferno sim, você é. Você matou um leão da montanha. Salvou minha vida.

Meu coração cai. — Eu realmente o matei?

Sua voz perde a emoção. — Bem, não, você só marcou. Eu fiz a matança.

Não posso evitar o tremor na minha voz. — Você está apenas dizendo que isso é legal?

Ele abaixa o queixo e olha para mim. — Isso soa como algo que eu faria?

— Sim.

Ele volta a dirigir, a luz agora verde. — Eu pensei que eu era um tipo de cara mal intencionado, com nada bom.

— Você é um criador do inferno, algo assim que ouço. Isso não faz de você um problema ou que não é legal.

— Diga isso para Andie.

— Diga a ela você mesmo. Você apenas senta lá e deixa as pessoas acreditarem no que elas querem acreditar, então você dificilmente pode culpá-las quando elas chegam a conclusões erradas sobre você.

— Quem disse que são conclusões erradas? — Pergunta ele, virando à direita em um bairro de pequenas casas com grandes gramados.

— Eu. Eu digo isso.

Ele estaciona no meio-fio e desliga o motor. — Você não me conhece bem o suficiente para dizer isso.

— Oh, sim eu faço. — Destravo o cinto. — Estamos aqui? Eu preciso de uma cerveja.

Ele sorri. — Uma cerveja, chegando. — Ele abre a porta e pula para fora. — Espere, vou abrir a sua porta. — Sua porta bate fechada, balançando a caminhonete inteira, e então ele está na minha janela. — Cuidado ao caminhar, — diz ele. — O chão está realmente escorregadio.

Estou quente da cabeça aos pés, mas não por causa do meu casaco ou das minhas botas. Ian é um príncipe total, e a conexão entre nós é inegável. Eu sei que ele sente isso também. É quase como se fôssemos um casal e ainda não nos beijamos oficialmente. *Ainda.* Aquele beijo no hospital não conta desde que era falso, não alimentado pela paixão. Eu pretendo beijá-lo totalmente ou depois dessa festa, no entanto. Não posso mais esperar.

Ele estende o cotovelo para que eu possa enganchar minha mão através de seu braço. Eu faço isso não só porque me ajuda a andar sobre o chão escorregadio sem cair, mas também porque quero que todas as garotas nesta cidade saibam que enquanto eu estiver aqui, ele é meu. Meu. Todo meu.

A neve treme sob nossos pés enquanto atravessamos o gramado da frente de alguém. — Espero que você não esteja esperando nada muito chique, — diz Ian. — Boog não é o cara mais sofisticado da cidade.

— Oh, não se preocupe comigo. Eu posso festejar com qualquer um. — O negócio de cabelo e beleza atrai todos os tipos de pessoas, e eu nunca fui de discriminar.

O som do rock pesado vem da casa, mesmo que seja bem fechado. — É isso, — diz Ian, parando apenas na parte inferior dos degraus da frente. — Última chance de voltar.

Eu paro de frente para ele. — Você não pode me assustar longe disso, Ian.

Ele olha para mim e sorri. Eu não posso ver seus olhos muito bem, a sombra da aba do chapéu fazendo-os pura escuridão, mas eu sei que eles estão brilhando. — Não estou tentando assustar você. Apenas te dando uma chance de mudar de ideia. Eu ouvi que a maioria das mulheres faz muito isso.

— Eu não sou a maioria das mulheres. Uma vez que decido fazer algo, eu faço.

— Bem, você está certa sobre uma coisa, — diz ele, subindo as escadas e soltando meu braço para abrir a porta.

— Sobre o que?

Ele puxa a porta e abre, deixando o calor e o barulho explodirem em mim. — Você não é como a maioria das mulheres, com certeza.

VINTE E OITO

ENTRAMOS NA CASA, primeiro eu e depois Ian, que fecha a porta atrás de nós. O calor me atinge de repente, como se tivesse acabado de entrar em uma sauna, mas completamente vestida em muitas camadas. Eu me apresso para tirar meu casaco emprestado, então não começo a suar. Vários caras param de falar e me observam, então eu me certifico de arquear um pouco as costas e dar um bom show. Eu paguei por esses peitos, então gostaria de ter certeza de que valeria o valor do meu dinheiro.

Estou sorrindo com a atenção, mas não dura muito tempo desde que Ian decide andar em volta de mim e bloquear minha visão.

— Cuidado, Ian. Eu não posso ver.

— Vamos lá, vamos tomar uma bebida. — Ele me pega pela mão e começa a me puxar pela sala da frente.

Uma parte minha está emocionada por ele estar segurando minha mão na frente de estranhos, mas a outra parte está ficando irritada que estou sendo arrastada por um grupo inteiro de pessoas como uma espécie de cão na coleira.

Desacelerando, uso seu impulso para quebrar as mãos. Ele dá mais alguns passos em direção a outra sala antes de parar. Antes que ele possa se virar, há um cara parado ao meu lado.

— Olá. Você é a garota que fica na casa dos MacKenzie? — Pergunta ele. Ele é alto e magro, vestido com uma camiseta e jeans. Sua fivela de cinto é do tamanho de um prato de pão, mas ele é fofo. Seu cabelo é

curto como se ele estivesse no exército, e eu vejo o fundo de uma tatuagem apenas visível abaixo da manga da camisa.

Eu sorrio tão grande quanto consigo. — Sou eu. E você é...?

Ele coloca sua garrafa de cerveja na mão esquerda e segura a direita. — Eu sou o Mike. Amigo do Ian. Prazer em conhecê-la. Ele levanta o queixo para Ian, que para ao meu lado.

— Mike, — diz Ian, apertando a mão também.

— Ouvi dizer que você entrou em uma pequena luta com um leão da montanha, — diz Mike, sorrindo quando terminou. Ele tem as covinhas mais charmosas nas duas bochechas; Eu totalmente quero apertar seu rosto.

— Como você ouviu isso? — Eu pergunto, confusa desde que foi apenas um dia desde que aconteceu.

— Passei no restaurante. Ouvi de Hannah. Ele toma um gole de sua cerveja sem tirar os olhos de mim.

— Como Hannah sabe? — Eu pergunto, olhando de Mike para Ian. Mike dá de ombros, olhando para Ian. — Eu imagino que Ian disse a ela.

Me sinto um pouco doente com a ideia de que Ian poderia estar saindo com ela quando estava no hospital, mas não é como se eu tivesse alguma reclamação sobre o tempo dele. Parte da excitação de vir a essa festa com ele desaparece.

— Eu não falei com ela ou com qualquer outra pessoa sobre isso, — diz Ian. — Por que você acha que eu fiz?

Mike toma um longo gole da cerveja novamente antes de responder. — Não sei. — Ele deixa escapar um arroto que ele tenta manter um pouco não alto, cobrindo a boca com as costas da mão. — Eu

suponho porque ela gosta de falar sobre o quanto vocês dois saem. — Ele encolhe os ombros.

Ian solta um silvo de ar. — Cara, você sabe que ela está mentindo isso. Você sabe que eu não saio com ela.

Mike meio que ri. — Assim? Qual é o problema se você sai ou não? — Ele olha Ian e depois para mim e depois de volta para Ian. Antes que Ian possa responder, ele fala novamente. — Oh.

— Oh, o que? — Eu pergunto.

— Nada. — Ele recua uns passos. — Vocês se divirtam. Eu tenho que ir falar com Boog.

Ele se vira e nos deixa de pé ali.

— O que foi isso tudo? — Eu me sinto totalmente excluída. Estendendo a mão, limpo casualmente o meu nariz. Se eu tiver uma meleca saindo, vou morrer de mortificação. Fale sobre como causar uma grande primeira impressão.

Ian esfrega o nariz e aspira alto. — Eu não sei. Ele é louco.

Entro em pânico quando o vejo olhando para o meu rosto. Meu nariz se contorce e tenho que limpá-lo novamente, desta vez com mais força. O jeito que Ian está olhando para mim com aquela expressão preocupada, eu sei que há algo errado.

Ele agarra o nariz com dois dedos e o circula apertado. — Eu vou pegar algumas cervejas, ok?

Eu aceno, fingindo que não estou cobrindo meu nariz com a mão inteira agora. Meus olhos se movem para a esquerda e para a direita, tentando localizar um banheiro.

— Volto logo. — Ele se afasta e respira muito alto.

Viro para a direita, tenho certeza de que vou encontrar um banheiro perto da porta da frente e, acidentalmente, esbarro em alguém. Eu tenho que chegar lá antes que o Ian volte! Alerta emergencial!

— Bem, olá aí. Eu não esperava ver você aqui.

Estou olhando Hannah Banana bem nos olhos. Nós temos a mesma altura em botas de neve, apenas um centímetro. Eu inclino minha cabeça para que minha tragédia não seja tão fácil de descobrir.

— Oi. — Olhando por cima dos ombros, eu ainda não vejo nada que pareça um lugar que possa ter um espelho.

— Com quem você está aqui? — Ela pergunta.

Eu suspiro meu aborrecimento. — Ian. — Um olhar para a área da cozinha me diz que ele está prestes a voltar. O pânico se instala. Não posso deixá-lo me pegar com uma meleca!

— Oh. Ele acabou de te dar uma carona ou...

Eu coloquei minha mão em seu braço para impedi-la, não mais inclinando minha cabeça para baixo. Ela é minha única esperança. — Ouço. Eu sei que você não me conhece muito bem, mas eu preciso da sua ajuda.

— Okaaay. Ela olha ao redor da sala, como se estivesse procurando ajuda de alguém para ajudá-la a lidar com uma pessoa louca. — O que você quer que eu faça?

Eu inclino minha cabeça para trás um pouco. — Você vê alguma coisa? No meu nariz? Ela franze a testa e levanta um pouco a cabeça. — Diga o quê?

— No meu nariz. — Eu aponto com urgência. — Você vê alguma coisa... balançando ou o que seja?

Ela meio que olha, mas depois franze a testa novamente. — *Eca*, não. Por que você está me perguntando isso? — Ela dá um passo para trás.

Eu abaixo minha cabeça e soltei um longo suspiro, tão aliviada. Se ela está mentindo para mim, vou atirar nela, porque Ian está andando na minha direção com uma garrafa de cerveja em cada mão, e é tarde demais para eu fazer qualquer outra coisa. — Desculpa. Acabei de ter uma situação de emergência. Obrigada pela ajuda.

Ela ainda está franzindo a testa quando Ian chega. Ele hesita por alguns segundos a alguns metros de distância, mas depois continua em nossa direção até estar à minha esquerda.

— Aqui está, — ele diz, me entregando uma cerveja.

— Oh, isso é tão bom, — diz Hannah, tomando a outra cerveja de sua mão. — Você é sempre um cavalheiro comigo, Ian. — Ela inclina a cabeça para o lado para ser fofa e, em seguida, começa a levantar a garrafa para os lábios.

Antes que ela leve dois centímetros para cima, eu arranco-a da mão dela. Eu não estava pensando, apenas fiz isso. É irritante que está assumindo que ele é amoroso com ela assim. Além disso, eu o vi tomar um gole da garrafa já que ele estava se aproximando de nós, e odeio pensar nela e Ian trocando cuspe, mesmo que seja apenas na borda de uma garrafa de cerveja.

— Hey, — ela diz.

Eu entrego para o Ian. — Pegue sua própria cerveja. Este tem DST nele. Ian DST.

Ela me dá um olhar duro e depois balança a cabeça, voltando sua atenção para Ian. — Esta menina é louca com um L maiúsculo, querido. Eu ficaria longe se fosse você.

O sorriso lento de Ian me faz ficar toda pegajosa por dentro, e toda a minha raiva se dissipa quando ele vira seus lindos olhos verdes em mim. É como se todo mundo na sala tivesse deixado de existir, e ele só me visse.

— É por isso que eu gosto dela. — Ele se aproxima e lança um braço por cima dos meus ombros antes de voltar sua atenção para Hannah. — Como tem passado, Hannah? Eu ouço que esteve ocupada... iniciando rumores.

Ela lhe dá um sorriso malicioso. — Eu estive bem, obrigado por perguntar. E eu não sei do que você está falando. Não sou fofoqueira.

Eu bufo, sufocando um pouco na cerveja que eu apenas tomei. Hannah me ignora.

Ian gesticula em minha direção com sua garrafa de cerveja. — Candice me disse que você tem dito às pessoas que você e eu estamos juntos.

Ela ri. — Você queria que fôssemos. — Então ela faz uma careta para mim. — Por que você mentiria para Ian assim? Isso não é muito legal. Nós não somos realmente esse tipo de pessoa aqui em Baker.

Ian e eu nos entreolhamos e sorrimos como idiotas. Não consigo parar de encarar seus profundos olhos verdes. Eu vejo manchas de azul lá também, desta vez. Eles me lembram da cor do mar ao largo da costa do México, onde fui uma das férias de primavera durante a faculdade.

E esse chapéu! Santa Calcinha em chamas! Eu nunca pensei que um chapéu de cowboy pudesse ser quente, mas sim, este é definitivamente

quente quando está em sua cabeça. Minha calcinha está prestes a explodir em chamas. Eu posso sentir meus mamilos endurecendo sob a renda do meu sutiã.

— Ok, bem, tanto faz. Vocês são chatos. Até mais tarde. — Hannah nos deixa de pé ali.

— Ela já foi embora? — Ian pergunta, seus olhos revirando imitando louco. Eu não posso deixar de rir. — Sim. Graças a Deus.

Ele solta um longo suspiro de alívio. — Boa. Cara aquela garota... ela é uma verdadeira peça. — Ele bebe de sua cerveja, e o momento em que estávamos tendo desaparece.

VINTE E NOVE

EU POSSO FINALMENTE RESPIRAR NORMALMENTE de novo. Procurando por algo para dizer que soa legal, deixo escapar a primeira coisa que vem à mente. — Eu adoraria apresentá-la a Bradley, o ex de Andie, eles fariam o casal perfeito. De *onde veio isso?* Não faço ideia, mas vou continuar. Meu super cérebro está no piloto automático novamente, e isso é sempre uma coisa boa.

— Faça. Então ela finalmente estaria fora da nossa vista.

— Sim, ela poderia se mudar para a minha cidade. — Eu paro para pensar sobre isso. Talvez meu cérebro mega potente esteja funcionando mal depois de toda aquela medicação. — Com um segundo pensamento, não importa. Não quero aquela garota em qualquer lugar perto da minha cidade.

Ian nos vira de um lado para o outro, de costas para a parede e estamos olhando para os grupos de pessoas em pé e sentados ao redor da sala. Cada pessoa tem uma longa garrafa de cerveja nas mãos. Alguns têm um em cada mão. Várias das meninas têm chapéus de cowboy, e algumas estão vestidas como rainhas do baile de fim de ano no período de entressafra. Hannah é uma das últimas nos grupos.

— Como é a sua cidade? — Pergunta ele.

— West Palm? — Eu dou de ombros. — É quente a maior parte do tempo. Úmida. Mas é um bom lugar. Eles investiram muito dinheiro em suas duas principais áreas centrais. Há muitos lugares para pessoas como nós saírem e se divertirem.

— Se eu fosse visitar, o que faríamos?

Meu coração dá um salto triplo dentro do meu peito enquanto penso no que ele pode estar sugerindo. Mas em vez de deixar meu coração se antecipar à realidade, mantenho minha voz calma e suave.

— Bem, primeiro levaria você ao meu salão para que eu pudesse colocar minhas mãos em seu cabelo.

— Oh sim? — Ele tira o braço dos meus ombros e levanta o chapéu, revirando os olhos para a testa, como se pudesse ver seu penteado sem um espelho. — Algo errado com meu cabelo?

Outra cambalhota do coração. Desta vez é um pouco doloroso. — Não, seu cabelo é lindo. Cabelo é a minha coisa, então quando vejo um bom cabelo, eu quero colocar minhas mãos nisso. — Eu dou de ombros. Eu sei que faz pouco sentido para alguém fora do negócio.

Ele coloca o chapéu de volta, e eu quase derreto de felicidade quando o braço dele cruza meus ombros. Depois de tomar um gole de sua cerveja, ele sorri para mim. — Eu amo uma boa massagem de xampu.

— Eu tenho boas mãos, — eu digo em voz baixa.

— Eu aposto que você tem, — diz ele de volta.

Ahhh o bom humor acabou.

— Olá, Ian.

A voz de uma garota quebra a nuvem sexy que eu estava caindo com Ian. Eu olho para ela, atordoada, meu sangue esfriando quando vejo quem é.

— Olá Ginny. Você se lembra da minha garota, Candice. — Ian inclina a garrafa para mim. Isso me faz sentir meio barata do jeito que ele faz.

Antes mesmo que ela responda, o eco de suas palavras traz de volta a cena no hospital com ela, e então tudo desaba na minha cabeça. Flashbacks dele flertando comigo aqui e sendo tão legal, e então como acabamos vindo aqui em primeiro lugar.

A cena com Ginny na cafeteria do hospital é por isso que estamos aqui. Meu Deus. *Isso tudo é apenas um ato!*

Eu puxo para o lado um pouco, o suficiente para fazer o braço de Ian cair das minhas costas. — Oi, Ginny, — eu digo, estendendo minha mão. — É bom te ver de novo.

— Você também, — diz ela, apertando minha mão. Seu aperto é firme. — Você está gostando da nossa pequena cidade?

Eu rio através da dor que está me batendo por dentro. — Oh sim. Exceto pelos leões e outras coisas.

— Leões? — Ela vira seu olhar interrogativo para Ian. Seu ex-noivo. O cara que está tentando enganá-la para pensar que estamos juntos.

Droga, como eu poderia ser tão idiota?! Esqueci que ele estava fazendo isso de propósito, que foi por isso que concordou em vir a esta festa comigo e a razão pela qual está pendurado em cima de mim. *Estúpida, estúpida, idiota.*

— Sim, nós estávamos checando as vacas ontem cedo, e nós encontramos um leão da montanha. — Ian parece estar falando sobre o tempo, ele está tão tranqüilo. — Mas nós cuidamos disso. — Ele aponta para o meu braço com a borda da garrafa. — Minha garota foi atingida, no entanto. Teve que dar alguns pontos.

— Sério? — Ginny acena para mim lentamente. Eu não posso dizer se ela está tendo alguma consideração ou odeia minhas entranhas. — Impressionante. E no seu segundo dia aqui, certo.

— Sim. — Não tenho mais nada a dizer. Estou triste demais para juntar as palavras. Como uma maneira esmagadora depois de chupar pau grande.

— Quanto tempo você vai ficar? — Ela me pergunta.

— Duas semanas. — Antes, quando Ian e eu estávamos nos dando bem e eu fingia que era tudo real, estava desejando que fossem três semanas. Agora gostaria de ter um voo amanhã.

— Duas semanas, né? Imagine que tipo de problema você poderia ter em todo esse tempo. — Ela sorri calorosamente.

Ian e eu respondemos ao mesmo tempo. — Muitos — diz ele.

— Nenhum, — eu digo.

Eu me apresso a explicar. — Vou concentrar toda a minha atenção em Andie e no bebê. Além disso, tenho um bezerro que estou cuidando, então vai ser muito trabalho. Não tenho tempo para mais problemas.

Eu me sinto mal por dentro. Tola, pensando que poderia jogar esse jogo sexy com o Ian e não deixar meu coração se envolver. Acontece que uma paixão do colegial também vem com o coração partido quando a garota percebe que foi trocada. Andie estava totalmente certa sobre mim. Eu não faço isso de aventuras muito bem, se essa mágoa é uma indicação.

— Uau. Um bezerro? Você está no rancho, então? — Ela inclina a cabeça para o lado um pouco, agindo como se minha resposta realmente importasse. Eu sinto que estou sendo interrogada de uma maneira muito educada.

— Partes disso. — Estou extremamente desconfortável agora. Tudo que quero fazer agora é cair fora. — Você vai me desculpar por um momento? — Eu digo, me separando dos dois. — Preciso ir para a cozinha por um minuto.

Eu saio antes que qualquer um deles possa reagir, e não paro até estar no canto da sala em frente à geladeira. Estou olhando para um calendário que tem dias marcados quando alguém fala atrás de mim.

— Esta é a garota que atirou em Ian MacKenzie? Porque se assim for, quero apertar a mão dela.

Eu me viro e me vejo de frente para um homem de um metro e noventa e oito centímetros de altura. Ou talvez ele seja um urso. Ele poderia também ser um javali gigante e vertical. Uma lâmpada continua na minha cabeça. *Este é o manbearpig*[41] *que Andie me contou!* Eu o conheci uma vez antes em seu casamento, mas seu cabelo tinha sido escovado e sua barba tinha metade desse tamanho e penteado cuidadosamente.

Uau. Ele parece um selvagem total em uma espécie de motociclista Pé Grande. Não é totalmente horrível. Eu me pergunto como ele ficaria com um barbear e um bom corte. Aposto que bem quente, na verdade.

Estendo minha mão e sorrio. — Eu sou ela. E você deve ser Boog.

Ele alisa a barba com uma mão, o que realmente não faz nada para domar, e aperta minha mão com a outra. — Honrado por conhecê-lo. Já é hora de alguém atirar naquele degenerado desordeiro.

Eu já amo totalmente esse cara. — Na verdade, não fui eu; era o karma, mas mesmo resultado.

— Como é que é? — Pergunta ele.

---

[41]Manbearpig — é um personagem do sexto episódio da décima temporada da serie de TV americana South Park. (man-bear-pig na tradução literal homem-urso- porco)

Eu aceno. — Deixa pra lá. Obrigado por me convidar para esta festa... ou me deixando ficar... ou não me chutando para fora. — Eu percebo enquanto estou falando que sou uma espécie de penetra de festa. — Ian é minha carona, então, por favor, não me chute para fora.

— Não seja boba. Você é a convidada de honra aqui.

— Eu sou? — Eu coro por suas tentativas de me fazer sentir melhor, mesmo que esteja mentindo. Isto é muito melhor do que o meu ato anterior, onde estava ocupada me enganando com um cara muito quente para o meu próprio bem na frente de muitas testemunhas. Estou de volta a terra firme agora, na maior parte. Boog é uma pessoa fácil de conversar.

— Sim, — ele me garante. — O que eu posso pegar para você? Você está com fome? Eu tenho pizza e asas no outro cômodo.

— Não, obrigada. Não tenho muito apetite agora. — Algo sobre um cara chamado Ian e ser sua falsa namorada perturba meu estômago.

Boog sorri. Pelo menos eu acho que é o que está fazendo. Seus olhos se franzem nos cantos externos, mas sua boca está muito coberta de pelos negros e barba parecidos com pelos para vê-la muito bem. — Que tal um pouco de chocolate? — Ele pergunta. — Você gosta de chocolate?

Eu bufo. — Arranhões de leão queimam como filhas da puta?

Ele ri muito alto e longo, segurando sua barriga impressionante. — Eu não sei, — ele finalmente diz. — Diga você.

— Claro que sim. — Eu sorrio. — Onde está o seu esconderijo?

Ele se aproxima de um armário e o abre, puxando um recipiente de Tupperware cheio de barras de chocolate. — Não conte a ninguém, — diz ele conspiratoriamente. — Eu não deveria comer umas coisas.

Eu pego um barra e tiro o embrulho. — Você está de dieta? — Eu mordo e quase derreto com a felicidade que está na minha língua.

— Deveria. — Ele pega uma barra também e coloca o recipiente de volta. — O que vocês estão comendo? — Ian pergunta, andando atrás de mim.

Eu me viro no meio da mastigação. Jogo meu braço nas minhas costas em uma tentativa triste de permanecer furtiva.

— Nada, — eu digo, trabalhando duro para engolir a evidência.

— Mentirosa. — Ian olha para Boog, que não está tentando cobrir seus rastros. — Traindo sua dieta novamente?

Boog come metade da barra em uma mordida. — Não. — Quando ele termina de mastigar, ele continua. — Só estou recebendo minha ração diária de antioxidantes, flavonóides e teobromina.

É fascinante como Boog se parece com um homem meio urso meio porco, mas fala como um professor. Isso me faz querer passar mais tempo com ele para ver que tipo de segredos ele pode estar mantendo.

Pensar que me lembra Ian e todos os segredos que ele guarda, não só de mim, mas de Ginny. Nuvens de tempestade se movem sobre o meu humor.

— Você está pronta para ir embora? — Ian pergunta.

— Não. — Eu continuo comendo o meu chocolate, a céu aberto agora desde que Boog não tentou esconder isso. — Estou apenas começando. — Empurrando-me para fora do balcão, levanto minha barra de chocolate em uma saudação a Boog. — Obrigada pelo aumento de energia.

Quando saio da cozinha, ouço a resposta de Boog. — A qualquer hora. *Mi casa, su casa.* — Ian não diz nada e não fico por perto tempo suficiente para ver se ele ficou.

TRINTA

ENTRANDO NOVAMENTE NA SALA principal, estou consciente de vários pares de olhos em mim. As fêmeas parecem suspeitas; os machos parecem interessados. Paro perto de uma poltrona e espero ver quem pode se aproximar de mim primeiro. Eu não estou surpresa quando é um dos caras.

— Hey, — diz ele, ostentando um grande sorriso. Ele tem dentes bonitos e um grande chapéu de cowboy que é da cor de palha, mas feito de coisas muito mais finas, eu acho. As mangas da sua camisa de botão azul marinho estão enroladas umas duas vezes, e a fivela do cinto dele é grande, mas não tão grande quanto algumas que eu vi por aqui, o que significa que poderia encaixar alguns palitos de cenoura em vez de uma refeição completa. Alto e largo ombro, ele tem antebraços muito bronzeados, para o inverno. As cicatrizes nos dedos dele me dizem que ele gosta de lutar.

Eu suspiro. Ele é bonito demais e sabe disso. Posso dizer pela maneira como anda, como se soubesse que todas as garotas da sala estão o olhando e se animando com o que elas vêem. Que decepção. Eu prefiro caras que são alheios aos seus poderes.

Conheço bem o tipo dele; Eu os chamo de galos. Eles gostam de se pavonear e mostrar suas penas, e depois de arranharem seu território, eles não têm problema em lutar por isso. Mas o fato de que Ian estava brincando comigo mais cedo me faz considerar uma conversa com esse cara, alguém que eu normalmente evitaria.

— Ei, — eu digo de volta.

— Você é a nova garota da cidade?

— Suponho que sou. Apenas aqui temporariamente, no entanto.

— Cunhada de Mack ou algo assim, certo? — Ele toma um gole de cerveja e faz uma careta depois que engole.

— Mais ou menos. Quem é você?

— Desculpe, eu deveria ter dito a você mais cedo. — Ele levanta a borda da frente do chapéu e abaixa a cabeça um pouco. — Tate Montgomery, ao seu serviço.

Eu não sei o que é sobre obter uma saudação de chapéu de cowboy, mas é algo engraçado para mim. Acho que gosto disso. Não posso parar de sorrir em resposta, mesmo que tenha decidido há alguns segundos que ele não valeria o meu tempo. Quando ele pisca, sorrio ainda mais. Sim, definitivamente gosto da coisa de saudação de cowboy. E o vaqueiro que está fazendo a saudação. Ele não é tão galo como eu pensei primeiro.

— Posso te fazer uma pergunta, Tate? — Desde o meu plano para entrar na Wranglers[42] de Ian está fracassado, decido passar para a minha próxima ordem de negócio.

— Claro que pode. Pergunte-me qualquer coisa. — Ele dá um pequeno passo para perto de mim e eu não recuo. Ele cheira bem, como sabão de homem.

— Você é ligado às fofocas?

Ele encolhe os ombros. — Eu não sei muito disso pessoalmente, mas suponho que sei o que está voando vento. É difícil não saber aqui.

[42]Wrangler — é uma fabricante americana de jeans e outros itens de vestuário, particularmente roupas de trabalho.

— Eu só estive aqui há alguns dias, mas eu estava apenas me perguntando... Como é que a mulher de Mack, Andie, não tem amigos aqui?

Seu rosto torce um pouco, e então casualmente olha ao redor da sala antes de responder. Ele parece desconfortável, mas é difícil dizer se é porque ele não gosta de fofoca em geral ou não gosta da resposta que está prestes a dar.

— Pode ser que há coisas sendo ditas sobre ela. Não sei, porque não acredito em nada disso.

Meu coração começa a martelar no meu peito. As pessoas estão dizendo porcaria sobre Andie? *Minha* Andie? Eu me forço a permanecer calma. Ele provavelmente não vai me dizer nada se eu ficar maluca. Esse tipo de coisa deixa os caras nervosos.

— Que tipo de coisa e quem estão dizendo isso? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. — Não é grande coisa. Ela deveria simplesmente ignorar isso. Não importa agora. — Eu temo que ele vá recuar e não me dizer nada se eu agir com muita ansiedade, então pego a cerveja da mão dele e tomo um gole.

Ele sorri e se aproxima ainda mais, o calor de seu corpo é como se fosse um radiador humano. É legal em uma noite fria de inverno como esta noite, e com uma sala cheia de estranhos ao nosso redor, não tenho nada a temer, então fico exatamente onde estou.

— Estava apenas preocupado com ela, — eu digo, tentando ser legal. — Ela é minha melhor amiga e está sozinha aqui em Baker City. Eu adoraria saber que ela tem alguns amigos com quem pode contar.

— Qualquer amigo seu é um amigo meu, — diz ele. Ele chega e pega a cerveja de volta, colocando o bico na boca. Ele hesita com isso assim por

alguns segundos olhando para mim. Pouco antes de empurrar com mais força contra sua boca para outro gole, a ponta de sua língua sai e atinge a borda de vidro.

Eu sei que ele não quis fazer isso ser sexy, mas *whoa*. Agora meu cérebro está um pouco descontrolado. Eu olho em volta da sala para ver se alguém percebeu. Várias meninas estão me dando olhares que me fazem pensar que querem me machucar fisicamente.

Eu recuo meio passo, não porque tenho medo de ninguém, mas porque isso parece errado. Eu sei que Ian não está realmente interessado em mim, mas vim aqui com ele, e não estou com vontade de complicar as coisas mais do que já são, mesmo que seja um pouco tentador com esse cara, Tate.

Se eu não tivesse conhecido Ian, definitivamente estaria pegando essa oportunidade, mas agora que Ian entrou no meu cérebro, Baker City está arruinada para mim no que diz respeito aos homens. Se não posso ter Ian, não terei ninguém. Decisão tomada. Desculpe, Tate.

— Você está preocupada com alguma coisa? — Ele me pergunta, seguindo o meu olhar.

— Oh, não, não realmente. Apenas algumas das garotas daqui parecem querer arranhar meus olhos.

Ele ri e se aproxima, colocando a mão no meu quadril. — Não se preocupe com elas. É apenas besteira de cidade pequena. O mesmo que em qualquer outro lugar.

Eu não me afasto dele imediatamente porque quero obter mais informações dele. — Então, o que eles estão dizendo? Sobre Andie, quero dizer.

Ele suspira. — Você vai me fazer te dizer, não é?

Eu sorrio, vendo a derrota em seus olhos. Isto foi muito mais fácil do que eu pensava que seria. — Sim. Não tente me desafiar. Posso ser muito teimosa quando quero estar.

— Eu vou te dizer, — diz ele, um brilho em seus olhos escuros. Ele se inclina para mais perto. — Você concorda em sair comigo uma vez, e eu vou concordar em dizer o que sei. Como soa isso?

Eu mastigo o interior da minha bochecha por alguns segundos, considerando sua oferta, agindo como se ele estivesse tão perto não é grande coisa. — Almoço ou jantar? — Estou empacada, tentando decidir como isso pode afetar Ian. Ele ficará com ciúmes? Louco? E o quanto eu me importo com o que ele vai pensar? Ele está apenas brincando comigo para voltar para Ginny. Talvez ele até queira voltar com ela. Ele negou, mas caras fazem essa porcaria o tempo todo.

— Sua escolha, — diz Tate. — Qualquer refeição, qualquer lugar, a qualquer hora, meu prazer.

Minhas sobrancelhas sobem. Ele está ansioso e de alguma forma disponível em todas as horas do dia e da noite. Talvez ele seja um fazendeiro também. Acho que sou meio parcial com essa raça agora.

Como não tenho outros planos e a ideia de sair com Ian parece uma receita para o coração partido, decido ir adiante com o meu plano de resolver o mistério de Andie, que não tem amigos.

— Café da manhã, — eu digo. — Amanhã de manhã, às nove horas, a lanchonete da cidade onde Hannah Banana trabalha. Não faço ideia de por que escolhi aquele lugar além do fato de não conhecer nenhum outro ponto da cidade além da loja das armas e do hospital. De alguma forma, nenhum desses locais parece ter a atmosfera certa para dar-lhe o terceiro grau. Além disso, no restaurante posso mexer com a Banana, que provou

ser muito divertido. Aquela rapariga, tentando negar a minha melhor amiga, o seu chá de ervas. *Grrrr.*

Ele estreita os olhos. — Você parece um problema puro agora, você sabe disso? — Estendo minha mão para ele sacudir. — Bom. Porque é isso que eu sou se você não mantiver seu acordo.

Ele pega minha mão, mas depois se inclina e me dá um beijo suave na bochecha. — É um acordo. Selado com um beijo.

Estou prestes a sorrir e responder-lhe, mas de repente ele é arrancado do meu aperto. — O que diabos você está fazendo, cara?! — grita um cara furioso.

Leva-me uma fração de segundo antes que eu perceba que é Ian, e ele está segurando a camisa de Tate pelo ombro.

— Que diabos?! — Tate tropeça, mas depois rapidamente se endireita. Olhando para Ian, ele puxa seu braço com força para sair do aperto de Ian. — Saia de cima de mim, cara!

Eu recuo até minhas pernas baterem na borda de um sofá atrás de mim. Boog está andando pelo corredor da cozinha em minha direção.

— Que tal você largar da minha garota? — Ian diz em uma voz calma e mortal. Seu rosto está vermelho beterraba.

Tate se levanta e arruma a camisa. Então ele olha para mim. — Engraçado... ela não mencionou ser sua garota quando marcou um encontro comigo.

Boog fica na porta da sala de estar. Ele fala soando como um aviso, — Ian...

Tate sorri, interrompendo Boog para que ele possa continuar provocando Ian. — Desculpe te chatear cara, mas ela terminou com você. Não posso dizer que a culpo.

Estendo meu braço para parar o que vejo chegando, mas isso não é bom. Ian está a alguns metros de distância e, um segundo depois, ele está atacando Tate no chão.

Eles se chocam contra uma televisão e a trazem ao chão em um poderoso estrondo de vidro quebrado e plástico. Garotas nas proximidades gritam e saltam para fora do caminho. Os caras se posicionam ou se movem para melhores posições turísticas, com objetivo primordial de não derramar suas cervejas. Tate e Ian estão ambos insultando um ao outro.

Boog vem até mim com o celular no ouvido. — Você está pronta para ir para casa? — Ele pergunta, colocando a conversa em espera enquanto espera pela minha resposta.

— Hum... Sim? O— lho para Ian e sei que ele não estará pronto para me levar a algum lugar por um tempo. Ele está ocupado demais tentando lutar para sair de uma cabeça.

— Ela está pronta para ir, — diz Boog em seu telefone. Ele acena algumas vezes enquanto ouve quem está do outro lado da linha, e então olha para mim. — Eu direi a ela. Tchau.

Eu perco todo o interesse em Ian e foco em Boog. — Tudo bem?

— Mack está do lado de fora esperando por você. Pegue seu casaco e eu saio com você.

Eu olho de Boog para Ian, o último agora em algum tipo de posição de luta no chão, pernas emaranhadas com as de Tate.

— O que você quer dizer com 'Mack está aqui'?

— Ele está em sua caminhonete. Venha. — Boog me pega pelo braço e me guia até a porta da frente, onde meu casaco emprestado está pendurado.

Eu me sinto mal. — Sinto muito sobre tudo isso, — eu digo, gesticulando de volta para a outra sala onde posso ouvir grunhidos e, em seguida, outro acidente.

— Não se preocupe com isso. Este é o status quo para Ian. Esta será a terceira TV que ele comprou para mim.

— E ele ainda é seu amigo? — Estou perplexo com a aceitação casual de Boog da destruição de sua propriedade.

Os olhos de Boog se enrugam nos cantos. — Eu atualizo após cada luta. Desta vez vou para o modelo de alta definição de cinquenta polegadas.

Eu rio da emoção óbvia em sua voz. — Você é meio louco, você sabe aquele?

Seu sorriso desaparece. — Você é meio bonita, você sabe disso? — Estou muito atordoada para responder, mas ele continua indo.

— Apenas tenha cuidado. Com Ian, quero dizer.

— O que? Ian? Ele é inofensivo.

— Eu não quero dizer, tenha cuidado, pois ele é perigoso... Quero dizer, tenha cuidado com o coração dele. É muito sensível.

Eu bufo, tão farta de todo o trabalho que vejo acontecendo aqui. Boog está recebendo televisores grátis quando é praticamente culpa dele que a luta continua acontecendo. São todos dependentes da dor. — Por favor, — eu digo com tanto desprezo na minha voz quanto posso gerenciar. — Vocês são todos apenas um monte de facilitadores.

Boog fica mais ereto e parece confuso. Talvez um pouco louco também. — Come é?

— Você deixou ele agir como um bebê gigante nos últimos três anos, em vez de chutá-lo na bunda e dizer a ele para crescer e superar isso. Isso não é comigo, isso é sobre você.

E eles têm a coragem de me avisar. *Ha!* Eles devem se avisar. Eles estão fazendo mais mal a Ian do que eu jamais poderia.

Eu pego a maçaneta da porta da frente, mais do que pronta agora para deixar esta festa. Boog acabou de ir de cara legal para bundão na minha lista. Não me importo se ele me deu chocolate grátis.

Sua mão no meu ombro me para logo antes de eu abrir a porta.

— Eu não quis insultar você. Acho que você seria boa para ele. Mas somente se você estiver comprometida em ver isso.

Eu não me viro quando respondo, minha voz saindo para o frio quando abro a porta e saio. — Você não precisa se preocupar com nada disso. Já o superei. — Só de dizer as palavras me machuca.

A caminhonete que Andie estava dirigindo antes está estacionada no meio-fio, o motor roncando e fumaça saindo do tubo de escape. Eu me arrasto pela neve caindo para o lado do passageiro e entro ao lado de Mack, ignorando qualquer coisa que Boog possa estar dizendo ou pensando atrás de mim.

TRINTA E UM

A CAMINHONETE ESTÁ QUENTE, MAS a recepção está fria. Mack não diz nada por alguns quarteirões. Está tão quieto no carro que não aguento mais.

— Então, obrigado pela carona, — eu finalmente digo, tentando quebrar o gelo. É horrível pensar que ele está me culpando pela briga no Boog's. E como ele chegou aqui tão rápido? Ele já estava na cidade? Por que não com Andie? Quero as respostas para todas essas perguntas, mas tenho vergonha de perguntar.

— Não tem problema. — Depois de alguns segundos, ele olha para mim. — Você está bem?

Eu dou de ombros, não retornando seu olhar. — Sim eu estou bem. Somente... — Eu não consigo dizer o resto.

— Somente... o que?

Desisto rapidamente da ideia de confessar a Mack. Ele não é do tipo confessor. — Você não quer saber.

Ele vira à direita e a traseira da caminhonete desliza um pouco. Ele fica sob controle antes de responder. — Eu não perguntaria se não quisesse.

Estou debatendo se vou dizer a ele o que realmente está na minha cabeça ou fazer algo quando ele continuar.

— Andie me pediu para falar com você sobre Ian, — diz ele antes que eu possa decidir o que vou dizer.

Estou instantaneamente na defensiva. — Sobre Ian? — Estou meio ofendida por ela não ter apenas mencionado isso comigo. Desde quando minha amiga conversa comigo através do marido? Isso não é legal em tudo. Isso me deixa com raiva que ele acha que pode ser essa pessoa, aquele intermediário em nossa amizade que estava em vigor muito antes de ele entrar em sua vida, e isso me deixa duplamente irritada com Andie. Parece que nossa amizade está tomando uma posição muito distante por trás de toda a sua família. E talvez seja assim que deve funcionar quando uma garota se casa e tem um bebê, mas parece muito terrível, e não gosto nem um pouco disso.

Ele suspira. — Suponho que ela está preocupada que você vai se machucar.

— Eu? Ou é com Ian que ela está preocupada? — Reviro os olhos enquanto olho pela janela lateral para a neve caindo no brilho das luzes da rua. — Como todo mundo na cidade parece estar.

— Oh, é com você que ela está preocupada. Definitivamente não é Ian, acredite em mim.

Eu olho para ele bruscamente sobre seu tom. — O que isso significa? Você não concorda com ela?

Ele bate os polegares no volante. — Acho que é um pouco complicado onde Ian está.

— Descomplique para mim. — Eu realmente quero chegar ao fundo dessa coisa para Ian. É tão estúpido como ele ficou preso no tempo como ele fez. Mesmo que eu não esteja mais planejando entrar em sua Wranglers, isso não significa que eu não queira ajudá-lo.

— Eu queria poder.

— Tente. — Estou ficando mais irritada a cada segundo. É como se Ian fosse uma causa perdida para todos ou algo, o que ele não é totalmente.

Mack começa a falar, mas não parece tão duro ou confiante como eu esperava. Ele soa... triste.

— Meu irmão teve um tempo difícil ultimamente.

Eu resisto à vontade de bufar minha descrença. Ian, sendo o bebê da família, assumiu o pior tipo de significado. Eles o tratam totalmente como se ele tivesse dez anos.

— Ele finalmente tomou a decisão de deixar a cidade e lutar por conta própria, o que é um grande negócio por aqui, mas ainda mais na minha família, e tudo ficou confuso.

— Então?

— Você sai de coisas assim. Você não se esconde por três anos.

Mack balança a cabeça. — Não, não é tão simples assim. Veja, ele está vivendo na minha sombra a vida toda. Não gosto mais do que ele, mas é um fato. Entrar na arquitetura era a maneira dele de se distanciar, de ser sua própria sombra.

— Bem, *é* muito diferente da pecuária.

— Sim. O problema é que ele não está realmente interessado em fazer arquitetura. De maneira nenhuma, na verdade.

Eu franzo a testa. Esta é a primeira vez que ouço isso. — O que? Ele não disse isso para mim.

— Quanto ele te contou? — Mack olha para mim por um momento antes de voltar a se concentrar em sua direção.

Eu dou de ombros, tentando lembrar. — Não muito. Só que ele não é fã dos invernos daqui, mas gosta de cuidar dos animais. Acho que é o que ele estava dizendo, de qualquer maneira.

Mack acena com a cabeça. — Está certo. O fato é que ele estava pronto para se mudar para Portland e ser essa pessoa que realmente não queria ser, só para sair daqui.

— Então... Ginny bagunçando isso não foi realmente uma coisa ruim, é o que você está dizendo.

— Bem, foi e não foi, dependendo da sua perspectiva.

— Como assim? — Eu sinto que estou recebendo as chaves do reino aqui, aprendendo todos os segredos de Ian.

— Foi bom porque o impediu de cometer dois erros. Ginny sendo a número um e começando uma carreira, ele não gosta muito de ser o segundo.

— E qual é a parte ruim?

— Ele teve que começar tudo de novo. De volta à minha sombra com os rumores adicionais que eu destruí seu casamento e chance na vida.

— Ele não acredita nesse lixo. — Estou brava com as pessoas que estão dizendo essas coisas, quem quer que sejam.

— Não na superfície, mas eu estaria disposto a apostar que há um pedaço dele que acredita sim... a peça que não quer se levantar e começar de novo.

— Veja? É o que estou dizendo. — Estou ficando toda animada. — Você entende, Mack. Ele está totalmente chafurdando no passado. Ele só precisa esquecer tudo isso e seguir em frente. Quero dizer, tudo isso. Estar sob sua sombra, Ginny, a coisa da arquitetura — tudo.

Mack ri. — Você entendeu tudo.

— Claro que entendi. Esse é o meu talento especial que você conhece... soluções. Você tem problemas, eu tenho soluções.

— Então, como resolver o problema de um cara de quase trinta anos que não quer seguir em frente? Qual é a solução?

Eu mastigo meu lábio quando considero qual seria o meu plano de ataque, se ainda estivesse interessada em Ian, o que não estou.

— Primeiro, eu conversaria com todos os seus amigos e familiares e pediria que parassem de sentir pena dele.

— Então o que? — A voz de Mack ri, mas ele está se segurando, então eu continuo. — Eu o sentaria e perguntaria o que ele realmente quer fazer da vida dele. Se não for trabalhar no rancho e não é arquitetura, tem que ser alguma coisa.

— Ok, parece razoável. E depois?

— E então o chutaria na bunda até que ele fosse atrás disso. Eu fui para a escola e comecei a fazer isso, seja o que for. — Eu sorrio e olho para Mac. — Veja? Simples.

Ele concorda. — Concordo. Quando começamos?

Eu pisco algumas vezes enquanto suas palavras internalizam. A caminhonete fica em silêncio.

— Bem, — ele pede. — Quando? Amanhã?

Eu balanço minha cabeça. — Não eu não. Alguém tem que fazer tudo isso.

— Por que não você?

— Porque.

— Você gosta dele, eu sei que você gosta.

Meu rosto fica vermelho, mas ele não consegue enxergar porque está muito escuro, graças a Deus. — Claro, que eu gosto dele. Como uma amiga.

Ele ri. — Você sempre persegue seus amigos ao redor da casa nus?

— Talvez. — Agora meu rosto está em chamas. Toda a sua família viu isso e agora minha humilhação está de volta com força total com ele.

— Eu duvido. Andie diz que você gosta dele, então eu sei que você gosta.

— Andie está muito errada; você deveria saber disso sobre ela, — eu digo.

— Oh, eu não penso assim. Tenho certeza que ela está certa cem por cento do tempo.

Olho para ele e o pego sorrindo. É doce e irritante ao mesmo tempo. — Você está tão laçado que nem é engraçado. — Eu tento parecer enojada em vez de estar com ciúmes. Estou feliz que minha amiga tem Mack ao lado dela, quando ele é claramente incrível, mas me faz bem ciente do fato de que não tenho algo assim, e eu quero isso. Quero muito isso.

— Laçado e orgulhoso de ser. — Ele olha, me pegando carrancuda para ele. — Ian é o mesmo tipo de cara, você sabe. Uma vez que ele ama uma garota, não há como voltar atrás. Ele está feito e nunca haverá outra para ele.

Engulo com esforço, o sentimento dentro de mim é difícil de entender. Isso dói demais. — É por isso que ele está tão confuso com a Ginny, é isso que você está dizendo?

— Não, não é isso que estou dizendo. De modo nenhum. Ele nunca se sentiu assim com ela.

Eu olho para ver se ele está brincando, mas ele parece sério. — Acho isso difícil de acreditar. Eles estavam caminhando ao para sempre.

— Sim, mas Ian não estava *lá*. O verdadeiro Ian nunca esteve lá com ela. Ele estava sempre agindo como o cara que achava que ela queria que ele fosse.

— O arquiteto, — eu digo.

— Exatamente. Ele alguma vez lhe disse que era ideia dela?

— O que?

— Sim. Ela estava com ele no ensino médio. Ela controlava o horário de aula, dizia que achava que ele era adequado para desenhar prédios e coisas assim. Ela sempre quis sair deste lugar. — Ele suspira. — Chamava de cidade caipira.

— Ela parece uma cadela manipuladora.

Mack suspira. — Ele era à saída dela. Não posso culpá-la por ver sua oportunidade e pegá-la. Eu só queria que não estivesse nas costas do meu irmão.

— Mas ela ainda está aqui. Sinto muito, Mack, mas isso não faz sentido para mim. Isto não é um bicho de sete cabeças. Se Ginny quisesse sair, ela poderia facilmente fazer isso. E você está me dizendo que Ian é um molenga? Acho que não. Ele é totalmente teimoso.

— Ian pode ser cabeça-dura na superfície, mas quando está com uma garota, ele é diferente, focado em fazê-la feliz. Foi isso que fomos ensinados por nosso pai, então é assim que fazemos as coisas. A razão que Ginny ainda está aqui é que não encontrou alguém para pegar sua carroça. Mas ela vai um dia, acredite em mim. Ela não foi feita para este lugar.

A ideia de Ian ser massa de modelar em minhas mãos quando para todos os outros é um teimoso cabeçudo tem apelo suficiente para começar a pensar em sua Wranglers novamente e vê-la em uma pilha no chão. É aquela coisa de síndrome do bad boy de novo. *Argh*, eu odeio totalmente meus hormônios às vezes.

— Como foi que Ginny se jogou em você? — A pergunta só sai da minha boca sem qualquer aviso, mas agora que saiu, estou curiosa o suficiente para ouvir a resposta para não me corrigir e retirar a pergunta.

— Horrível. Terrível. — As mãos de Mack apertam o volante com tanta força que suas veias saltam. — Um dos piores dias da minha vida, na verdade.

— Por quê? — É um tanto fascinante como ele está, mesmo depois de todo esse tempo. A maioria dos caras fica lisonjeado quando uma garota dá em cima dele, mesmo que seja inapropriado... às vezes, mas é o que é.

— Porque foi tão *errado*. Soube assim que aconteceu que destruiria meu irmão. E eu não pedi por isso. Eu nem vi isso chegando. Continuo pensando que talvez devesse, e se tivesse, poderia ter parado.

Essa resposta me incomoda. — Então, essencialmente, é sua culpa que a vida de Ian seja destruída. — Mais dessa coisa de facilitador. Não é de admirar que Ian esteja tão confuso.

Mack demora um pouco para responder. — Não, não exatamente. — Ele olha para mim, sua expressão séria e possivelmente torturada. — Você nunca cometeu um grande erro de julgamento, não viu algo que pudesse impedi-lo e viveu para se arrepender? Viu a vida de alguém mudada, irreparavelmente mudada e sabia que você tinha uma que disso?

Eu penso nisso por um tempo antes de responder. — Não, eu não tenho. Mas posso imaginar que seria uma droga.

Ele acena, voltando a olhar para a estrada. — Sim. É uma merda. Isso é um fato.

Estou tão confusa. Eu queria acabar com Ian e não me importar com a vida dele, mas agora Mack me faz pensar nele novamente, imaginando como o curso dos acontecimentos no mundo de Mack alterou a vida de Ian tão drasticamente. Pequenas coisas se tornaram grandes coisas, e o que estava errado se tornou certo e errado ao mesmo tempo. Não admira que Ian esteja tão perdido. Eu também ficaria tonta se fosse ele. Não há apenas proteção acontecendo aqui. Há culpa e a culpa é... amor.

Eu olho para Mack, e meu coração se derrete sobre como ele está chateado. Ele realmente ama muito seu irmão. Isso me faz desejar ter um irmão mais velho como ele.

— Você é um cara legal, Mack. Fico feliz que você e Andie se encontraram.

— Agradeço a Deus todos os dias que Ele a colocou no meu caminho.

Eu ri. — Mesmo que você tenha sido mergulhado em um coquetel?

Ele ri comigo. — Sim, mesmo assim. Eu ainda tenho essa camisa, você sabe. Não lavei.

— Eu não sei se acho isso encantador ou perturbador.

— Andie diz que é encantador.

— Ela diria. — digo isso como se eu estivesse insultando ela, mas na verdade só estou com ciúmes. Toda garota deveria ter um cara como Mack, salvando suas camisas sujas para as memórias que eles guardam.

A caminhonete fica em silêncio até que estamos quase de volta ao rancho.

— Então, quando começamos o plano? — Mack pergunta quando passamos pelo arco que leva à propriedade do rancho.

— Que plano?

— O plano para trazer Ian de volta aos trilhos.

Meu coração pula quando imagino meu papel nesse cenário. — Sempre que você quiser, eu acho. Não vou fazer parte disso. Estou saindo daqui a menos de duas semanas.

Mack diminui a velocidade e coloca a caminhonete no estacionamento. — Ele olha para mim, deixando o motor ligado. — Não vai funcionar sem você, Candice.

Eu paro, minha mão na porta, pronta para abri-la. — Por que não?

— Porque. Você é a única garota que ele tem interesse desde que tinha treze anos de idade, e ele precisa de um motivo para mudar. Você poderia ser esse motivo. Eu acho que ele precisa de você.

Meu queixo cai aberto. Isso é realmente Mack sentado ao meu lado, ou algum alienígena que assistiu muitas novelas dos anos oitenta que invadiu seu corpo?

— Eu tenho que ir, — eu digo, abrindo a porta e deslizando até a neve. Eu só deslizo um pouco quando meus pés batem no chão, mas aprendi a me segurar em portas e assentos até que eu tenha uma pegada firme, eu estou bem. Meu jeans fica seco.

— Pense nisso! —Mack grita enquanto eu fecho a porta.

Eu ando pelo chão, ansiosa para colocar alguma distância entre nós. Não há como responder de maneira inteligente às ideias dele, porque minha cabeça é apenas um furacão gigante por dentro.

Os pensamentos ficam circulando num emaranhado de emoções. Eu poderia ajudar Ian sem me apaixonar por ele? E se eu me apaixonar por ele, poderia deixá-lo para trás e voltar para a minha antiga vida? Receio que a resposta para ambas as perguntas seja *não*, então, enquanto subo as escadas para o meu quarto temporário, tento pensar em outra maneira de ajudá-lo a seguir em frente, sem me destruir no processo.

TRINTA E DOIS

DOMINGO DE MANHÃ AMANHECE BRILHANTE E o frio está comendo a minha bunda. Meu plano brilhante para abrir a janela do meu quarto para verificar a temperatura resulta em eu ficar com pelos das narinas congelados antes mesmo de sair do meu pijama. Eu coloco a metade das roupas que eu trouxe da Flórida, apenas tentando evitar que meus mamilos se quebrem, antes de descer as escadas.

— Aonde você vai tão cedo? — Maeve me pergunta quando entro na cozinha, minhas botas fazendo barulho no chão de madeira.

— Tomar café da manhã com Tate Montgomery. — Eu sorrio grande, tentando não revelar o fato de que estou em uma missão muito específica para consertar a vida de Andie. — Posso pegar emprestado um das caminhonetes do lado de fora?

O sorriso de Maeve desliza um pouco. — Eu poderia pedir Ian para levá-la a cidade, se você quiser. — Eu o ouvi chegar várias horas depois de mim na noite passada, mas não o vi desde que ele lutava no chão, nem quero. Não estou pronta ainda para encarar ele e meus sentimentos confusos. Eu tenho que ter este negócio sobre Andie resolvido primeiro. Um desastre de cada vez.

— Não, tudo bem, — eu digo. — Eu sei que ele está ocupado.

— Ele pediu para dizer-lhe que ele iria encontrá-la no celeiro quando você se levantasse para alimentar o bezerro.

Meu coração praticamente acelera nessa pequena declaração, mas mantenho firme a decisão. Eu não estou abandonando minha vaca bebê

ou permitindo que ela morra de fome. Eu sei que o Ian está lá para ela. E vou vê-la quando voltar do café da manhã.

— Vou mandar uma mensagem para ele e dizer para começar sem mim. Estarei de volta em algumas horas. — Maeve procura algo em sua bolsa. — Certo, tudo bem por mim. Aqui. Você pode levar a menor S-10 lá fora. A verde.

Eu pego as chaves dela e dou-lhe um abraço, tentando expressar sem palavras o fato de que quero dizer que a família dela é muito boa. — Obrigada, Maeve. Precise que pegue alguma coisa enquanto estiver na cidade?

— Não, tudo bem, querida. Eu tenho que ir mais tarde para várias coisas, então vou esperar.

— Entendido. Diga a Andie quando ela estiver acordada que chegarei em casa a tempo para o almoço.

— Vou dizer. Mack passou por aqui e disse que tiveram uma longa noite, então não a espero muito antes disso.

— Ok, bom. Melhor ainda. Até mais.

Saio de casa, aliviada por não precisar parar e ver Andie ainda. Estou ansiosa para segurar Sarah novamente e fazer com que ela me conheça, mas eu tenho um encontro de café da manhã para manter, e tenho a sensação de que vou conseguir muita informação boa de Tate. Ele definitivamente sabe alguma coisa. Talvez eu volte com tudo resolvido para ela, e podemos comemorar um pouco com chá e cappuccino.

A S-10 é bastante fácil de dirigir, mesmo que os pneus traseiros puxem um pouco. Chego à cidade em quarenta e cinco minutos, o que me deixa exatamente dez minutos atrasada para o café da manhã.

Entrando no restaurante fumegante, eu examino o salão. Está lotado, mas não há nenhum Tate em qualquer lugar que eu possa ver.

— Encontro com alguém? — Pergunta uma garota à minha esquerda. Eu reconheço sua voz imediatamente.

— Olá, Hannah Banana, — eu digo, meu tom cheio de doçura açucarada. Eu realmente só quero apertá-la até que sua cabeça boba saia, certa de que ela é a raiz de muitos problemas de Andie.

Ela perde o sorriso. — É apenas Hannah.

Eu a ignoro e examino o salão mais uma vez. — Eu deveria encontrar Tate Montgomery aqui, mas estou um pouco atrasada.

Ela inclina o quadril, uma cafeteira pendurada na mão. — Ele estava aqui, mas foi embora.

— Droga. — Eu mordo meu lábio, desejando ter seu número ou um jeito de entrar em contato com ele.

Agora o que devo fazer? Comprar outra arma? Mais botas? Eu coço os pontos no meu braço, tentando aliviar a coceira que se instala. Eu estremeço quando acidentalmente encosto nos pontos. *Maldito leão da montanha, arruinando minha pele perfeitamente imaculada.*

— Eu poderia chamá-lo para você, — diz Hannah. Ela está sorrindo demais para eu me sentir confortável.

— Okaaay... — Eu quero perguntar: *Qual é a pegadinha?* — Mas ela praticamente me para quando pega o telefone, pressiona alguns botões e começa a falar.

— Ei, Tate? Sim, sou eu, Hannah. Seu encontro está aqui esperando por você. Ian sabe que você vai encontrá-la aqui?

Total desordeira. Sua próxima ligação provavelmente será para Ian, dizendo exatamente o que estou fazendo e com quem estou lidando. Eu

tenho a impressão de que ele não é muito fã de Tate, e quem sabe qual é a motivação final de Hannah.

Ela faz uma pausa e depois olha para mim. — Você vai esperar por ele? — Eu aceno.

— Sim, ela vai esperar. — Ela pisca para mim. — Ok, vou dizer a ela. Até mais. Ela desliga e aponta para o balcão na extremidade do restaurante, bem à direita da janela da cozinha. — Sente-se. Ele estará aqui em dois segundos.

Fazendo meu caminho da porta da frente para o lugar mais distante, o lugar me lembra de um pesadelo recorrente que tenho, onde todos na sala me encaram e não dizem nada. Deve haver cinquenta pessoas aqui, e aparentemente nada do que eles estavam falando antes de eu chegar aqui é tão interessante quanto eu.

Sim. É verdade. Eu sou um silenciador humano. Ninguém fala quando me aproximo, mas ao contrário do meu pesadelo, estou usando calça, então a sensação não é tão horrível hoje quanto é quando estou dormindo.

Quando me sento no banquinho, ele começa a inclinar para a direita e depois para. Estou presa em um ângulo de trinta graus. Sempre que eu tento endireitá-lo, ele faz um barulho horrível e depois cai para o outro lado.

Squeeeak… bonk! Squeeaak… bonk!

Hannah coloca uma caneca de café vazia na minha frente. — Regular ou descafeinado?

— Que tal uma cadeira nova? — Levanto-me para olhar debaixo do assento. O que eu vejo imediatamente me faz desejar não ter me

incomodado. Que nojento. *Certamente eles já ouviram falar da peste bubônica em Baker City?*

Eu me levanto no assento e tento sorrir enquanto inclino bruscamente para a direita, mas é meio difícil considerar a gosma cinzenta peluda logo abaixo da minha bunda. Coloco minhas mãos nas laterais da almofada da cadeira para me ajudar a equilibrar, mas mantenho meus dedos apontados para o chão, para que não toquem acidentalmente nenhum dos germes de peste que estão debaixo de mim.

Squeeeak… bonk!

Eu espero que este assento seja realmente coberto com vinil natural e não algum outro material mais poroso.

— Não posso conseguir um novo banco, desculpe. Tenho uma casa cheia, como você pode ver. — Ela suspira, como se eu estivesse irritando-a. — Então? Regular ou descafeinado?

A porta se abre e os sinos balançam. Virando-me, vejo Tate parado na entrada, tirando o chapéu da cabeça. Várias pessoas o chamam, e ele balança a cabeça ou acena enquanto se aproxima de mim, com o chapéu posicionado na frente dele perto da cintura.

Ele é ainda melhor olhando em plena luz do dia do que era à noite, o que eu tenho certeza que viola algumas leis muito importantes da física óptica. Neste ponto, estou começando a questionar se há algum cowboy feio aqui no Oregon.

— Você veio mesmo, — diz ele, sorrindo enquanto se aproxima.

— Desculpe estar atrasada. Eu nunca dirigi na neve antes.

Squeeeeak... bonk!

Minha cadeira inclina para o outro lado, e eu pego o balcão e o braço dele para não cair. — A maldita cadeira está quebrada também. Acho que hoje não é meu dia.

— Não se preocupe com isso. Eu não estava longe. — Ele olha para o salão enquanto me estabiliza no meu quadril com uma mão grande e forte. — Hannah, você tem outros lugares?

— Para você, Tate? Sempre tenho. Apenas espere um segundo, e eu vou me livrar de alguém por você.

Eu me viro para encontrar Hannah piscando para ele.

Ugh. Eu realmente só quero dar um tapa nela agora, mesmo sabendo que ela está me resgatando desta cadeira de carrossel atrapalhada que teve muito prazer em me oferecer.

Dois minutos depois, Tate e eu estamos sentados em uma mesa, de frente um para o outro, e estou tentando agir de forma natural. É difícil quando sei que ele gosta de mim, mas eu só estou lá para bombeá-lo por informações. Parece desonesto e me deixa nervosa. Sim, ele é fofo, mas o fato é que ele não é Ian. Eu só tenho olhos para o cara que realmente não posso ter.

— Diga-me que você não é uma daquelas garotas que não comem comida de verdade, — diz ele, sorrindo de uma maneira provocante.

— Não, não sou. Estou pedindo um waffle e um pouco de bacon.

Ele sorri mais e olha para o cardápio. — É disso que estou falando. Nós vamos pedir dois de cada e eu vou ter alguns ovos também.

Depois que Hannah pega nosso pedido, ele se recosta no assento e apoia os braços nas costas de ambos os lados. — Vá em frente então. Eu sei que você veio aqui para me interrogar.

Eu faço uma careta, totalmente pega. Ele é mais esperto do que eu esperava que fosse tanto quanto bonito. — Isso parece terrível.

Ele me acena. — Não, não se preocupe com isso. Eu conheço meu lugar agora. Ian me endireitou. Apenas me diga o que você quer saber, e eu vou ver o que posso te dizer ou descobrir para você.

Eu ignoro o comentário de Ian me enquadrou em favor do livro aberto que ele está me oferecendo. *Andie primeiro, Ian depois.*

— Ok, então quais são os rumores sobre Andie? Por que ela não tem nenhum amigo aqui?

Ele estende a mão e gira a faca no topo da mesa, olhando para ela enquanto diz. — Eu suponho que poderia ser uma combinação de coisas.

— Como...?

— Bem, talvez as circunstâncias de ela estar aqui para começar. — Ele para a faca girando e, em seguida, inicia novamente na direção oposta.

— Que são...?

Ele encolhe os ombros, ainda sem olhar para mim. — Mack deixando a despedida de solteiro para ficar com ela, e então Ginny pulando para as conclusões erradas, e ela e Mack...

— Ela e Mack? Você quer dizer ela, Mack não teve nada a ver com isso.

Tate encolhe os ombros. — Acredite no que quiser. Alguns dizem que ele fez; alguns dizem que ele não fez. — Ele olha para mim.

Estou instantaneamente enfurecida. — Como eles ousam!

Quando ele não tem iniciativa para concordar comigo, eu baixo minha justa indignação. — O que você acha? Você acha que ele pediu por isso?

Ele encolhe os ombros novamente. — Provavelmente não. Eu não pensei muito sobre isso, para ser honesto. Eu poderia me importar menos com o que os MacKenzies fazem ou não fazem.

— Mas conhecendo Mack, como eu presumo que você conhece, ele é do tipo que vai atrás da noiva de seu irmão?

Tate balança a cabeça. — Não. Não iria.

— Bom. Mas eu sei que é uma história passada, então o que isso tem a ver com Andie agora?

Tate olha para Hannah antes de responder. — Eu não tenho certeza se você entenderia isso vindo de uma cidade grande como você, mas aqui as coisas são um pouco diferentes.

Eu me inclino mais perto e abaixo minha voz. — Como eles são diferentes? Explique para mim.

Ele se inclina também. — Por exemplo, as pessoas têm ideias em suas cabeças sobre outras pessoas, e mesmo quando as coisas não estão indo de acordo com o planejado, eles têm dificuldade em aceitá-lo.

— Dê-me algo específico. — Estou mantendo Hannah na minha mira, usando minha visão periférica. Se ela tentar vir e nos interromper, vou ter que causar uma distração ou algo assim. Talvez eu jogue algo do outro lado da sala. Isso deve funcionar. Eu provavelmente poderia enterrar uma dessas facas de manteiga na parede se eu precisasse.

— Pegue a Ginny, por exemplo. Ela é uma daquelas garotas que tinham em mente que Ian era dela 'corpo e alma' desde que eram crianças. Mas ele nunca foi assim.

— Como você sabe disso? — É como todo mundo, mas Ian e Ginny sabiam que Ian não estava apaixonado por ela. Eu acho que não é muito inacreditável, no entanto. Eu já vi isso muitas vezes com meus próprios

amigos. Aconteceu com Andie e seus ridículos namorados o tempo todo. Ela nunca poderia ver o total idiotas que eles eram, mesmo quando foi apontado em Inglês, como se eu dissesse as coisas mais óbvias como: *Ei, Andie, um cara que compra certificados de cirurgia plástica para o Dia dos Namorados é um bagunça total.* — Bradley foi quase a causa do fim da nossa amizade. Graças a Deus, Mack veio junto quando ele fez...

— Como eu sabia? — Ele encolhe os ombros. — Eu não sei. Você poderia apenas ver isso. Todos podiam ver, não só eu. Sempre que ela estava por perto, ele simplesmente desaparecia. Quero dizer, ele estava *lá*, mas não estava lá. Sabe o que eu quero dizer? Como um fantasma. O fantasma de Ian MacKenzie.

— Sim, eu acho que sim. — Soa muito parecido com o que Ian estava tentando descrever para mim mesmo, como ele estava sempre em segundo plano, com Ginny na frente.

— Mas isso a impediu? — Tate pergunta. — Não. Isso só a deixou mais determinada. É como se Hannah estivesse com Mack.

Eu olho para ela e a vejo enviando olhares nervosos em nossa direção. — Diga-me, — eu insisto. — Tudo.

Ele encolhe os ombros. — Tenho certeza que você sabe disso. Ela tinha suas garras em Mack desde o começo. Ele nunca deu a ela a hora do dia, realmente. Quero dizer, ele foi educado e tudo, mas nunca encorajador. Hannah imaginou que ele era dela, e como nunca namorou ninguém na cidade, as pessoas acharam que ela tinha o direito de acreditar nisso. Ela se mudou para sua casa algum tempo depois que ele voltou de Las Vegas e muitas pessoas simplesmente assumiram que eram um casal.

— Eles não eram. Ele estava apenas sendo legal.

— Isso é o que ele diz. Não é o que ela diz.

Eu olho para ele e depois para Hannah. — Ela é uma putinha mentirosa é o que ela é. — Se eu tivesse lasers nos meus olhos, ela seria fumaça agora.

Tate levanta as mãos. — Ei, não olhe para mim. Só estou contando a história.

— Não atire no mensageiro, — digo, acenando para ele.

— Eu ouvi que você atirou em Ian. — Tate sorri. — Muito engraçado se você me perguntar.

— Não mude de assunto. Como tudo isso se relaciona com Andie?

Ele suspira. — A maneira como as pessoas vêem por aqui, ela é a razão de tudo isso. Se ela não aparecesse, Ginny teria seu homem, Hannah teria seu homem e todos ficariam felizes.

— Não Ian ou Mack! — Eu digo muito alto.

Tate olha em volta nervosamente. — Relaxe, ok? Eu te disse que você não entenderia.

— Oh, eu entendo perfeitamente. — Eu balancei minha cabeça. — Algumas pessoas são apenas ignorantes.

— Não é tão fácil realmente, embora fosse? — Tate está olhando para mim, toda a seriedade em sua expressão. Isso me acalma consideravelmente.

Eu dou de ombros, sem entender o que ele está tentando dizer. — Por que não? Parece muito fácil para mim. Alguém não gosta de você, siga em frente. Fim de jogo.

— Talvez em uma cidade grande onde você tenha mil pessoas para escolher, mas por aqui não é assim. Você está de olho em um cara por mais da metade da sua vida, e então ele meio que permite que você saiba,

é nisso que você se concentra. E quando não é bom, você continua se concentrando nisso. Não é como se você tivesse muitas opções. Estar sozinho é... solitário.

Eu reviro meus olhos. — No caso de você não ter ouvido, Tate, há todo um mundo lá fora apenas esperando por você. — Eu olho em volta da sala. — Qualquer um de vocês. Ginny, Hannah... se elas não são felizes aqui, elas poderiam se mudar.

— Fácil para você dizer. Mas a maioria dessas pessoas nunca saiu daqui. Nem mesmo para umas férias. Suas famílias estão aqui há gerações, trabalhando a terra e a pecuária há centenas de anos. E nossas famílias têm grandes expectativas que são difíceis de sair de baixo.

Tudo soa tão deprimente, para não mencionar o século XVIII. — Isso aconteceu com você? Você está feliz?

Ele sorri de uma maneira agradável e fácil. Isso o deixa bonito, e é quase como se o sol tivesse entrado direto na lanchonete para estar conosco. — Oh, eu estou feliz o suficiente. E eu gosto da minha vida, apesar de admitir que possa ser solitário às vezes.

Eu inclino minha cabeça para o lado, de repente, percebendo que fiz um trabalho muito ruim de ter uma conversa com ele. — O que você faz exatamente?

— Eu sou mecânico. Minha garagem fica na Main Street.

Um sinal com um belo rosto aparece no meu banco de memória. — First-Rate Tate[43]?

— Isso aí.

Eu sorrio de volta. — Prazer em te conhecer, Primeira Classe.

[43] First-Rate Tate — Primeira classe Tate.

— Só Tate será melhor, obrigada. — Seu rosto fica encantadoramente rosa.

Dois pratos batem na nossa frente sem aviso prévio. — Dois waffles com bacon, ovos ao lado.

Hannah está lá e foi embora antes que qualquer um de nós pudesse responder. Ele acena para mim. — Agora você fez isso.

— Fiz o que? — Eu olho para o meu waffle, para Hannah, e depois de volta para ele.

— Primeiro você roubou Ian de Ginny, e agora você está me roubando de quem quer que esteja comigo.

Meus olhos se arregalam em tom de brincadeira. — Uau. Eu deveria estar com medo? — Olho ao redor do salão, tentando encontrar sua perseguidora. Eu não vejo ninguém olhando para nós, mas Hannah.

Ele se aproxima e me dá a cara assustadora. — Sim. — Ele balança as sobrancelhas. — Tenha medo. Tenha muito medo.

Nós dois rimos e mergulhamos em nossos waffles.

TRINTA E TRÊS

EU TENHO MUITO O QUE pensar no meu caminho de casa. Ao entrar na entrada da fazenda, meu plano está quase totalmente montado. Se Andie pudesse me ver agora, provavelmente diria que meu hamster está prestes a morrer de um ataque cardíaco, mas ela estaria errada. Meu hamster poderia competir no Ironman[44] se eles o deixassem. Ele também ganharia.

— Voltou tão cedo? — Maeve me pergunta enquanto bato os pés tirando a neve da minha bota no corredor da frente. — Sim. Hannah me conseguiu um lugar imediatamente, e eu devorei meu incrível waffle em tempo recorde.

Maeve parece um pouco desconfortável quando seu olhar se afasta de mim para descansar no chão. — Eu pensei que você estava tomando café da manhã com Tate Montgomery.

— Oh, eu fiz. E eu queria falar com você sobre isso, se você tiver um minuto. — Ela olha de volta para mim.

— Certo. Diga.

— Que tal café?

Ela sorri. — Boa ideia. Acabei de recolher ovos, e meus dedos podem precisar de um bom descongelamento.

Ela coloca o bule de café na cozinha enquanto me sento e faço alguns alongamentos nas pernas para manter a mente longe do fato de que os dedos dela acabaram de estar em lugares aonde o meu nunca irá.

Bunda de galinha. *Arrepio.*

---

[44]Ironman — é uma modalidade de triathlon de longas distâncias compreendendo aproximadamente 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42,195 m de corrida.

Estou distraído com essa ideia desagradável pelo estado dos meus músculos. Eu nem tenho certeza se poderia dar um chute alto agora, do jeito que sinto minhas pernas. Todo esse frio está encolhendo o meu corpo, transformando-o em uma bagunça de músculos encolhidos.

— Então você gosta dos waffles na cidade, hmm?

— Delícia. Eu voltaria aqui só para eles, mesmo que Andie não morasse aqui. — Ela ri.

— Bem, eu suponho que vou ter que experimentá-los, se eles são tão bons.

— Você nunca vai lá? — Eu estou começando a me perguntar se isso é algum tipo de epidemia de cidade, evitar Hannah.

— Não frequentemente e nunca para os waffles. Temos uma reunião de mulheres da fazenda uma vez a cada trimestre que eu participo, mas costumo ficar com café.

— Definitivamente experimente os waffles na próxima vez. Eles valem totalmente a viagem, mesmo nesta neve.

— Então, como você conheceu Tate? — Ela está de costas para mim enquanto pega as canecas e o açúcar.

— Ontem à noite na festa de Boog. Ele e eu fizemos um acordo, e a minha parte no trato foi tendo uma refeição da minha escolha com ele. Eu escolhi o café da manhã.

— Hmm... — Maeve diz.

Tenho a sensação de que a resposta dela realmente significa alguma coisa, mas é tudo o que ela me dá. — Eu tive essa ideia de que talvez ele pudesse me dizer algumas coisas... lançar alguma luz sobre um mistério particular que eu tropecei. — Eu tento fazer parecer intrigante. Ela é uma parte crítica do meu plano, então preciso do seu aval.

— Um mistério, né? Isso soa muito... misterioso. — Ela ri, virando-se com canecas e açúcar na mão.

— Andie já desceu? — Pergunto. Ela não está onde eu posso vê-la, e não há sons de bebê me chamando em sua presença, mas quero ter certeza de que ela não está dentro da distância da audição.

— Não, mas ela deveria estar aqui em uma hora ou mais. Está levando um pouco de tempo para se acostumar com o ritmo das coisas.

— Talvez devêssemos ir até lá.

— Nós vamos. Eu pretendo fazer uma pequena limpeza, lavar roupa e um pouco de comida. Você está convidado a se juntar a mim. Ouvi dizer que você é uma cozinheira incrível.

Meu rosto fica um pouco vermelho. — Você ouviu? De quem?

— Ian. Sinto muito, Angus e eu perdemos o seu espaguete. Talvez você possa fazer isso novamente antes de sair.

— Certo. A qualquer momento. — Aí que o pânico se instala...

O bule de café está pingando, preenchendo o silêncio. Não faz nada para acalmar meus nervos, agora que sei que minha destreza culinária inexistente está prestes a ser testada mais uma vez, só agora pela família inteira. Andie vai empinar totalmente um tijolo se ela descobrir o que eu tenho dito a essas pessoas sobre minhas habilidades. É melhor eu avisá-la antes do tempo. *Nota para si: Pague Andie para dizer que eu sou um chef especialista.*

Maeve quebra meus pensamentos. — Então, eu conheço o grande mistério, ou é um segredo?

— Na verdade, estou feliz que você tenha perguntado, porque você precisa conhecer o mistério para me ajudar a consertar as coisas.

Ela envolve as mãos em volta da caneca e sorri. — Ooh, isso parece bom.

Ela olha para a minha testa. Eu tento não olhar para cima para ver o que tem a atenção dela, mas não posso evitar. É possível que eu esteja com os olhos vesgos quando começo a contar o meu plano.

— É bom. Eu acho. De qualquer forma, percebi desde que estive aqui que Andie não tem exatamente muitos amigos.

Maeve perde o sorriso. — Sim, receio que pareça ser o caso. Eu nunca a vi passar tempo com ninguém além de nós.

— Há uma razão para isso.

As sobrancelhas de Maeve se erguem. — Há?

— Sim. Aparentemente, há rumores de que Andie é a razão pela qual Ian perdeu Ginny e Hannah perdeu Mack. Acho que Andie é a prostituta da cidade ou o ladra de marido da cidade ou algo assim.

— Isso é absolutamente ridículo! — Maeve está furiosa. — Nenhuma dessas mulheres tinha direito sobre meus garotos. Andie não tinha nada a ver com qualquer um deles perdendo o que quer que eles achem direito.

— Você deve ter ouvido essas coisas antes, certo? — Eu pergunto, meio que pressionando-a. — Quero dizer, você mora aqui. Você pertence a esse clube de fazendeiros ou qualquer outra coisa. Isso não é novidade para você, aposto.

Ela pega o bule de café, muito menos relaxada e calma do que há dois minutos. Ela pode até estar tremendo um pouco. Eu nunca a vi assim. Ela é sempre tão autossuficiente.

— Eu odeio dizer isso, mas sou tão sem amigos como Andie neste momento. — Ela traz o pote e preenche nossas canecas, deixando escapar

um longo suspiro de ar. — Perdi minhas duas melhores amigas para o câncer. Outra boa amiga foi embora, mudou-se para Seattle com seu novo marido. Quanto ao resto... Ela encolhe os ombros enquanto acrescenta dois torrões de açúcar em sua caneca... — Suponho que não falemos sobre essas coisas relacionadas a Andie. Provavelmente porque elas se preocupam com o que eu pensaria.

— Você não é muito fofoqueira, eu aceito.

— Não, não mesmo. — Ela sorri, mas não parece tão feliz. Pelo menos ela não está mais tremendo. — Eu não tenho tempo para isso. E é tudo bobagem de qualquer maneira. Tenho coisas melhores para fazer com o meu tempo.

— Bem, não precisa se preocupar. Eu sou uma fofoqueira experiente, e tenho a informação. — Eu pisco para ela para garantir que ela está em boas mãos. — Meu palpite é que Hannah, a Grande Idiota Banana tem espalhado mentiras por aí, porque ela é apenas amarga ou porque se enganou pensando que Mack terminará com Andie eventualmente, e então estará livre novamente. De qualquer forma, vamos acabar com isso e encontrar alguns amigos para Andie.

— Nós vamos? — Ela não parece muito entusiasmada, o que é decepcionante, já que ela seria uma grande jogadora no meu esquema. Eu vou ter que vender o peixe.

— Sim. Nós definitivamente vamos. Eu não posso deixar Baker sabendo que minha melhor amiga vai ficar sozinha aqui com coiotes-leões-fofoqueiras e sem alguém para conversar ou falar sobres bebês também. Nem sempre estou disponível por telefone, você sabe.

Maeve sorri. — Ouvi dizer que você está muito ocupada no seu salão. Você gosta de ter seu próprio negócio?

Qualquer outro dia do ano antes de eu vir para cá, minha resposta teria sido um sim entusiasta. Agora, esse sentimento morno vem sobre mim e sangra em minha resposta. — Simmmm. Quer dizer, eu amo isso. É apenas... Ocupa muito do meu tempo deixando longe de outras coisas.

— Outras coisas? Como o quê? Hobbies?

— Bem não. Quer dizer, cabelo e moda são meus hobbies. É apenas... Eu olho para o chão enquanto tento colocar em palavras o que está acontecendo no meu coração. — Eu acho que desde que eu estive aqui, nunca pensei sobre o que mais gostaria de ter em minha vida mas agora estou começando a pensar nessas coisas.

— Que tipo de coisas? Vacas?

Eu rio, mas então imagens do meu bebê vaca Candy vêm à mente, com Ian e eu lutando em torno de sua baia, e isso não parece tão bobo. — Mais ou menos. Talvez mais o modo de vida que você tem por aqui. Com maridos e bebês e galinhas e outras coisas. — Meu futuro marido pode ser o único a tocar suas bundas; Eu só vou fazer omeletes. Tenho certeza de que existem receitas online que posso seguir.

Ela ri. — Você acabou de resumir minha vida em uma frase. — Minha mão dispara para descansar em seu antebraço. — Não! Eu não quis dizer isso assim. Não quis soar como se a estivesse humilhando ou algo assim.

Ela dá um tapinha na minha mão. — Não se preocupe. Eu não me ofendi nem um pouco. Eu amo minha vida com vacas, galinhas, bebês e tudo mais.

— Não esqueça a parte do marido, — eu digo suavemente.

— Você quer se casar? — Ela pergunta, tomando um gole de café enquanto espera pela minha resposta. Ela está olhando para mim por cima da borda da caneca dela.

— Sim. Definitivamente. Antes eu não tinha certeza, mas agora estou.

— Antes de quê?

— Antes do que? — Eu pergunto a ela, brincando de idiota. Minha frequência cardíaca aumentou. Droga! Minha boca chegou na minha frente.

— Bem, você disse antes que não tinha certeza de querer se casar, mas agora você está. Eu só estava me perguntando que evento ou... pessoa... pode ter mudado de ideia.

Flagra! Obviamente meu hamster está muito mais fatigado do que pensava inicialmente. Eu entrei direto em uma armadilha de minha própria criação. Rápido! Pense em uma resposta que não envolva o Ian!

— Andie tendo um bebê, eu acho. Nunca pensei que poderia ser eu, mas agora sei. E vendo Candy nascer e eu e Ian ajudando-a a sobreviver — isso foi incrível. — Droga! Ian chegou à minha resposta depois de tudo. Meu hamster precisa de uma soneca séria.

— Você está vendo alguém lá?

— Não. Não no momento. — Só a ideia de deixar todos esses lindos cowboys por trás é meio deprimente. Não é que a West Palm não tenha seu quinhão de caras gostosos; é só que eles não são... Ian

Maldito seja, Hamster! Pare de me fazer pensar nele! Vá para a cama!

— Talvez você se apaixone por alguém aqui e então você vai querer ficar. — Ela pisca para mim e toma outro gole de seu café.

A enorme impossibilidade disso me deixa triste. — Não. Eu não posso mexer no meu negócio. Quer dizer, eu poderia vendê-lo, mas não gostaria. Eu passei anos construindo minha clientela. E eu tenho um parceiro. O nome dele é Jorge e ele me mataria se eu o deixasse.

— Você já namorou o Jorge?

Eu rio como isso seria ridículo. Ele em seus jeans skinny vermelhos e eu no meu Diesels. Nós definitivamente ficaríamos loucos se começássemos a nos beijar. Eu acho que seria mais confuso do que qualquer outra coisa. — Não nunca. Ele não está realmente em meninas. Mais como jogadores de rugby.

— Ah. — O rosto de Maeve fica um pouco rosa. — Isso deve ser difícil para ele.

— Sério, é. Não há muitos jogadores de rugby que são gays. Pelo menos não muitos que admitem isso. — Suspiro, pensando no pobre Jorge. Ele é ainda pior em namoro do que eu. O lado bom é que nos deu muita vontade de nos lamentar ao longo dos anos e nos deu muito tempo livre para investir em nossos negócios. Agora nenhum de nós precisa trabalhar um dia inteiro se não quisermos, mas o fazemos porque não há mais nada a fazer. Nós nos sacrificamos muito para chegar onde estamos agora. Eu costumava ter orgulho disso. Agora não tenho tanta certeza de que não tenha sido um erro.

— Então, de volta ao seu plano, — diz Maeve, relaxando em sua cadeira. — Sou todo ouvidos.

Meus sentimentos conflitantes sobre Ian voam pela janela quando meu plano surge para o ouvido apreciativo de Maeve.

— Nós vamos ter um chá de bebê.

— Um chá de bebê?

— Sim. Um chá de bebê. E vamos convidar alguém da cidade que você acha que pode estar no círculo de amigos de Andie, mas não Hannah.

Maeve parece estar encolhendo. — Não Hannah?

— Não. Não Hannah. Quero que todos vejam a Andie como ela mesma e deixe que eles decidam quem ela é sem ouvir o absurdo da Banana.

— Mas Hannah não se sentirá excluída? Ela não é a pessoa mais legal quando ela sente que está sendo cortada das coisas. Você pode perguntar a Mack sobre isso.

— Eu não me importo como ela se sente sobre isso. O importante é que Andie forja alguns laços com algumas garotas por aqui. Talvez até alguns que já tenham filhos, que possam ajudá-la quando tiver dúvidas.

Maeve franze a testa.

Estendo a mão e coloco minha mão em seu antebraço. — Não é que você não seja suficiente para o conselho e outras coisas, mas às vezes é bom ouvir de mais de uma fonte. E Andie não gosta muito de googlar.

Maeve sorri. — Oh, sem ofensa. Eu estava apenas tentando pensar quem poderíamos convidar. Há algumas meninas, filhas de algumas das senhoras no rancho do clube das mulheres em que estou...

— Isso seria ótimo! —Estou me sentindo muito cheia de mim mesmo agora. — Quantas você acha que poderia convidar para cá?

— Cinco? Talvez seis?

Eu estou sorrindo de orelha a orelha. — Perfeito. Isso vai fazer a bola rolar. Podemos fazer um almoço aqui na sua casa.

Maeve sorri de volta, mas falta alguma de sua faísca habitual. — Se você acha que é melhor.

— Claro que é. — Eu a acaricio na mão. — Você apenas faz os telefonemas e eu planejo todo o resto.

Nós terminamos nosso café, conversando sobre possibilidades de comida, e porque eu sou praticamente um chef profissional neste momento, eu serei o única a fazer toda a comida. Almôndegas suecas não podem ser tão difíceis de fazer, certo? Quero dizer, fiz molho de espaguete e tinha carne.

Maeve se levanta e leva nossas xícaras vazias para a pia. — Por que você não vê sobre alimentar seu bezerro, e eu vou fazer alguns telefonemas?

— Boa ideia. — Estou de pé, pronto para enfrentar o dia, armada com o conhecimento de que quando eu sair daqui, mesmo que esteja fazendo isso com um coração partido por deixar Ian para trás, a vida de Andie estará de volta aos trilhos. Nada, mas o melhor para a minha melhor amiga e minha afilhada.

TRINTA E QUATRO

ESTOU OLHANDO A PORTA DA BAIA da minha vaca bebê quando sinto que não estou mais sozinha no celeiro. Não é muito difícil sentir isso, já que essa pessoa deixa entrar uma enorme rajada de ar gelado que transforma meus mamilos em pedra.

Eu coloco meus braços em volta de mim para tentar me manter aquecida. Minha respiração sai em grandes baforadas brancas, fazendo parecer que estou fumando.

— Eu já a alimentei, — diz Ian. Ele parece aborrecido.

Eu me viro para responder, mas estou muito chocada com o rosto dele para dizer qualquer coisa.

— Meu Deus. Isso dói? — Estendo a mão e toco a mancha azul sob seus olhos. Ele empurra para trás.

— Sim, isso dói! Jesus, não toque nisso.

Eu alcanço novamente, mas paro com o dedo a alguns centímetros de distância. Ele não recua desta vez. — É melhor não.

Meu dedo se move um pouco mais para frente. Eu não estou no controle disso. Estou sendo possuída agora por uma mulher que quer ficar sob a pele de Ian. Ele é tão difícil de adivinhar, não é nem engraçado.

— Eu não estou brincando, Candice. Não me toque.

Eu franzo a testa. Ele não quer que eu toque seu olho — ou ele em geral? Meu dedo se move para baixo. Agora está apontado para a garganta dele.

— Você vai se arrepender, — ele avisa.

— Eu duvido muito disso, — eu digo, me aproximando ainda mais.

Nós dois estamos olhando para o meu dedo que está centrado em seu peito.

— Confie em mim, — diz ele. — Você vai se arrepender se esse dedo entrar em contato com qualquer parte minha.

Sem aviso, eu rapidamente levanto minha mão, batendo no nariz dele. — Feito!

Sem aviso, ele me agarra e me pega, me jogando por cima do ombro. — Whooop! —Um grito deixa meus pulmões junto com o resto do meu ar.

Ele me bate com força na bunda. — Eu avisei você, mulher!

— Ian! —Eu grito. — Coloque-me para baixo neste minuto!

— Oh, eu vou colocar você para baixo, tudo bem!

Pelos próximos segundos tudo o que posso sentir é o ombro sólido dele cavando no meu intestino. Então eu estou voando pelo ar.

— Aaaaaack! —Eu grito, pouco antes de pousar de costas em um grande monte de algo crocante.

Um monte de poeira e pedaços de feno voam sobre mim enquanto Ian está de pernas abertas em meus pés.

— Que diabos...? — Demoro alguns segundos para descobrir onde estou. Meus braços saem para testar minha teoria. — Você acabou de me jogar em uma pilha de feno?

— Não. Eu apenas joguei você em uma pilha de palha, City.

— Mesma coisa. Agora me ajude a sair daqui. Meu cabelo vai ficar arruinado. Eu levanto as duas mãos para ele puxar.

Ele franze a testa. — Preocupado que seu novo namorado não vai gostar?

Eu paro meu esforço e deixo meus braços caírem ao meu lado. — Meu novo namorado?

— Tate. Ouvi dizer que você tomou café da manhã com ele hoje.

Um sorriso lento atravessa meu rosto. Se isso não é ciúme em sua expressão e tom, então sou um fraude sem talento no departamento de beleza. A questão é, eu provoco Ian sobre isso ou alivio seus sentimentos feridos? *Hmm... O que fazer, o que fazer...?* — Não tente negar isso. Todos na cidade viram você.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você não viu.

— Não, mas outras pessoas viram.

— Como *você* descobriu?

— Não se preocupe com isso. O ponto é que eu sei. E você deve ter cuidado com esse cara. Ele tem uma má reputação na cidade.

— Awww, isso não é doce? Você realmente se importa comigo, não é, Ian?

Ele aumenta a carranca um pouco mais. — Você é amiga da minha cunhada. Suponho que me sinto obrigado a garantir que você não seja mal falada enquanto estiver visitando.

— Então é isso que é? Preocupação amigável? Uma obrigação? — Agora estou com raiva. Por que ele não pode ser apenas um adulto e admitir seus sentimentos? Ele obviamente quer entrar na minha Diesel[45]. Eu teria que ser cega para não ver isso.

— Sim. Exatamente. E agora eu fiz minhas obrigações. — Ele se vira e começa a sair.

Eu zombei. — Então você só vai me deixar aqui neste feno?

[45]Diesel — marca americana de roupas jeans.

Sua voz soa abafada quando ele se afasta. — Eu te disse que não é feno. Isto é palha.

Estou enfurecido em dois níveis. Primeiro, ele realmente *está* me deixando aqui, e segundo, ele está usando essa palavra que eu conheço por um fato que ele usa apenas para irritar sua mãe.

— *Não* é uma palavra! —Eu grito, mas ele me ignora.

Eu saio do feno ou palha ou o que diabos é com dois punhos cheios das coisas. Correndo atrás dele, espero até estar praticamente em cima dele antes de me soltar.

Eu arremesso esse material de feno tão forte quanto posso na parte de trás de sua cabeça. Como o rodeia em uma nuvem de cogumelo gigante de amarelo, eu paro, enquanto admirando a visão.

Uau. Eu tinha muito mais nas minhas mãos do que percebi.

Ele lentamente se vira e eu recuo. Sua cabeça e ombros estão cobertos de estercos e ele parece muito confuso.

— Você acabou de jogar palha em mim? — Ele pergunta, incrédulo.

Eu cruzo meus braços. — Tenho certeza que é feno.

Ele dá um passo em minha direção. — Isso foi uma má jogada, garota.

Eu dou outro passo para trás para manter alguma distância entre nós. Meu coração está acelerado agora, e não pelo esforço. É mais do perigo que vejo nos olhos dele. Mas não posso deixar que ele saiba que me intimida. — Não do meu ponto de vista, não foi.

Ele abaixa o ombro como se ele estivesse prestes a atacar alguém. Eu percebo tarde demais que alguém sou eu.

Gritando, eu me viro para correr, mas isso só torna mais fácil para ele me derrubar. Dois segundos depois, ambos estamos enterrados em palha.

— Saia de mim, seu idiota! —Eu grito, tentando jogar um pouco em seu rosto.

Ele me esquiva e enterra o rosto no meu pescoço. — Pare de jogar essa merda em todo lugar! Está coçando!

Eu paro para recuperar o fôlego e ver se ele está dizendo a verdade. Eu não sei se é um fato real ou apenas sua sugestão trabalhando sua mágica em mim, mas estou meio que me sentindo desconfortável.

— Você é o idiota que nos jogou aqui.

— Você pediu por isso. — Ele levanta a cabeça e olha para mim.

Nossos corpos são pressionados juntos de nossos estômagos para nossos peitos. Eu posso sentir seu coração batendo rapidamente através do meu casaco, o ritmo combinando com o meu.

— Você quis, — eu digo, minha voz diminuindo de volume. Eu posso ouvir o barulho de palha em outra parte do celeiro, que eu imagino como vindo da vaca Baby. Estamos sozinhos, mas não estamos sozinhos. É estranhamente sexy.

— Talvez eu queria, — diz ele.

Meu coração faz um duplo salto mortal.

Ele desloca seu peso, então mais dele está em mim. Eu posso sentir sua cintura ali contra a minha, e seu pau está tão duro quanto uma rocha.

Oh meu deus, oh meu deus, oh meu deus... O que está acontecendo?! Meu cérebro está girando fora de controle. Eu não consigo pensar direito. Estamos prestes a fazer isso no feno?

— Eu não entendo, — eu finalmente digo. Em caso de dúvida, basta dizer o que está em sua mente, esse é o meu lema. — O que está acontecendo aqui, quero dizer.

— Eu também não entendo. — Ele não está sorrindo.

— Você está bravo com isso? — Parece meio bobo ficar bravo com seus próprios sentimentos, então eu sorrio.

Parece tirar um pouco da raiva por ele. Sua expressão relaxa. — Talvez. Não tenho certeza.

Eu me contorço um pouco, tentando fazer com que uma coisa nas minhas costas pare de me cutucar. — É melhor você parar de se movimentar assim, — ele avisa.

O demônio em mim acende a vida. — Por quê? — Eu me contorço um pouco mais. — O que vai acontecer comigo se eu não fizer?

Ele empurra seus quadris em mim e ajusta seu comprimento duro em minha suavidade. — Você vai se arrepender porque eu não serei capaz de me controlar mais.

— Quem disse que você tem que se controlar ao meu redor? — Eu movo meus quadris em um ritmo mais lento, mas ele não vai confundir com irritação em palha.

Nós olhamos nos olhos um do outro pelo que parece ser para sempre. Então movo meus quadris um pouco mais e ele fecha suas pálpebras, empurrando-me em resposta.

— Você está em muitos problemas, porra, — ele sussurra.

— Você é o único que está em apuros, não eu, — eu sussurro de volta, abrindo as pernas para dar-lhe um melhor acesso.

Seus olhos se abrem muito devagar, e então seu sorriso preguiçoso está de volta. — Eu não tenho certeza se estou ouvindo direito. Você está dizendo que quer um pequeno rolo no feno? Comigo?

Eu dou risada. — Tenho certeza que já estamos fazendo isso. — Eu movo meus olhos ao redor para enfatizar o fato de que não há nada *além de* feno ao nosso redor.

Ele pega minha mão esquerda e coloca-a acima da minha cabeça, prendendo-a lá debaixo de um fardo duro do material amarelo. — Eu te disse, Candice... — ele abaixa o rosto até os nossos lábios estarem separados por um fio de cabelo... — não é feno. É palha.

E então ele está me beijando.

TRINTA E CINCO

ELE ABAIXA E DESABOTOA meu jeans.

— Eu poderia ajudá-lo se você soltar o meu braço, — eu digo.

— Você apenas mantém suas mãos onde eu posso vê-las, — diz ele, um aviso em seu tom. Ele pega meu outro braço machucado mais gentilmente e o coloca acima da minha cabeça também. — Deixe-os lá.

Ele se levanta de joelhos e puxa minhas calças para baixo.

— Oh meu deus, está tão frio aqui! —Eu digo com um grito.

— Não se preocupe baby, vou te aquecer bem rápido.

Eu abro minha boca para perguntar como, mas paro quando ele começa a me mostrar. Ele abaixa o rosto para minha calcinha e me beija através do material fino.

— Oh meu, — eu sussurro. Eu já estou molhada e tudo o que ele fez foi isso. Estou com muitos problemas.

Ele lambe as bordas da calcinha e, em seguida, desliza um dedo sob perto da parte interna da coxa. Ele ainda está me beijando, empurrando o ar quente através do material enquanto seu dedo desliza dentro da minha calcinha.

Minha respiração arqueja e meus quadris se movem um pouco, primeiro à esquerda, depois à direita. Seu toque leve está me matando.

— Relaxe, — diz ele, esfregando minhas coxas para cima e depois para baixo enquanto empurra seu rosto em minhas partes macias.

Suas mãos sobem e puxam minha calcinha para baixo, devagar. Ele olha para mim com uma expressão sombria antes de colocar a boca nas minhas dobras.

Quando sua língua quente sai e entra em mim, eu quase grito de alegria. Minhas pernas tremem de necessidade. Tenho que morder meu lábio com força para não contar a todos em um raio de quatrocentos metros o que estamos fazendo.

— Você está tão molhada, —ele diz, olhando para mim. — Eu não vou durar muito tempo. Já faz algum tempo. — Ele está se desculpando por estar muito excitado. Neste ponto, Ginny é a mulher mais burra do planeta no que me diz respeito.

— Nós vamos devagar, — eu digo, estendendo meus braços. — Faça sexo comigo agora.

— Mas você tem um gosto tão bom, — diz ele, colocando a boca em mim novamente.

Eu gemo, dividida entre querer mais disso e precisar senti-lo dentro de mim, mais dele, a parte que nos trará tanto prazer.

— Ian, por favor... Eu não vou durar muito tempo, ou se você continuar fazendo isso.

— Você está reclamando? — Ele pergunta, uma risada baixa vindo do fundo de seu peito.

— Não. Eu só quero gozar com você.

Ele enfia a mão no bolso de trás e tira um preservativo de sua carteira. — Você não tem que me dizer duas vezes.

Ele puxa a calça jeans para baixo e eu finalmente dou uma olhada no pacote que venho admirando há dias. Vê-lo correndo para fora do

chuveiro não lhe fez justiça. Quando ele está duro, há algum tipo de milagre da natureza acontecendo lá embaixo.

— Você está pronta para mim? — Ele pergunta, de joelhos e equilibrado entre as minhas pernas, a mão em seu pau.

— Você está pronto para mim, é a questão. — Eu abro mais as minhas pernas e movo meus quadris um pouco, ignorando a palha me cutucando em todos os lugares da cintura para baixo. Eu devo parecer ridícula com a minha jaqueta ainda em cima, e partes nuas abaixo, mas não estou disposta a congelar meus seios para parecer um pouco mais sexy.

Ian se aproxima e guia a cabeça do seu pau para minhas dobras. Ele está se concentrando em ser cuidadoso, mas eu posso ver o instante em que ele encontra o calor. Seu rosto relaxa e o prazer toma conta.

— Oh, baby, — ele diz, — Que sensação boa pra caralho.

Eu seguro meus braços. — Venha para dentro onde está quente.

— Não se importe se eu entrar, — diz ele, baixando o peso para baixo em mim e empurrando o resto de seu comprimento para dentro.

Eu gemo de felicidade. Isto é o paraíso, aqui mesmo nesta pilha de palha.

Ele também geme e começa a entrar e sair. Eu encontro cada impulso suave com um dos meus próprios. É tenro, mas exigente. Intoxicante. Estou tão perto do orgasmo, o que não faz sentido desde que começamos, mas é um fato. É porque é *ele*. É Ian em mim, o homem que me deixa louca, que quero bater com bolas de neve e pilhas de feno. Ele está em mim e dentro de mim, e ele quer me fazer gozar. Ele afirma que eu o deixo louco, mas ele me quer. Ele quer me possuir, fazer sexo comigo. Está soprando minha mente, me fazendo questionar tudo. O

que isto significa? Será que vamos ser um casal agora, ou isso é apenas um jogo? Espero que não seja um jogo para ele porque não é para mim.

Seu ritmo aumenta e todos os músculos de seu corpo ficam tensos. — Baby... Eu sinto Muito... Eu vou gozar...

— Eu também! — Eu suspiro, de repente ciente do fato de que eu perdi o controle de tudo...meus pensamentos, meu corpo, meus desejos. Estou pendurada nele pela sua vida, pronta para chorar com a necessidade. — Eu também! —Eu tento recuperar o fôlego. O que está acontecendo?! — Meu Deus!

Sinto as ondas de prazer chegando. Eu posso senti-las. Aproximando-se, construindo...

— Candice! — Ele grita. — Droga! — E então uma série de grunhidos e rosnados vem de sua garganta quando ele bate em mim repetidamente.

Eu perco quando ele está no meio do caminho. Sons estão saindo de mim que não fazem sentido. Eles soam como se fossem palavras, mas não são. Eu o seguro por tudo que eu tenho, montando esse louco carrossel até que ele finalmente pare de girar.

Ele continua quieto, desmorona todo o seu peso em mim e nós dois afundamos mais na palha.

Quando estou descendo do meu orgasmo, começo a notar pedaços de palha me cutucando em partes que são realmente desconfortáveis. Tipo, muito, *muito* desconfortável.

— Você está bem? — Pergunta ele.

— Intoxicada, na verdade. — Eu tento rir, mas sai meio ofegante. Ele rola para o lado, retirando-se no processo. — Melhor assim, — ele pergunta.

Eu concordo.

Ele fecha os olhos e cai de novo em cima de mim.

Eu não posso deixar de sorrir. — Ian?

— Sim? — Ele geme no meu pescoço.

— Você disse que eu ia me arrepender. — Eu estou praticamente sem fôlego que faz as palavras saírem difíceis.

— Sim, eu disse.

— Adivinha o quê? — Eu pergunto.

— O que?

— Eu não estou. Não me arrependo nem um pouco.

Ele levanta a cabeça e olha nos meus olhos. — Nem eu.

Nós dois estamos sorrindo como tolos. Eu sinto que posso pular do celeiro e voar de volta para a casa. Agora eu sei o que essa expressão "O amor te dá asas" significa. — Quer ir de novo? — Ele pergunta, o diabo em sua expressão.

Eu abro minha boca para responder, mas então o som de um bebê de vaca muito infeliz me interrompe.

Ian revira os olhos. — Segure esse pensamento. — Ele me beija com força e depois se levanta de joelhos. — Tenho que alimentar o bezerro. — Ele puxa a camisinha e a coloca em um lenço que tira do bolso. Ficando de pé, ele puxa a calça jeans para cima e os aperta. Ele tem pedaços de palha em todos os lugares.

— Eu pensei que você disse que já fez isso.

— Eu menti.

— Você é um idiota.

— Sim, o que posso dizer? — Ele me dá seu sorriso mais encantador. — Eu sou um idiota às vezes.

— Eu quero dizer isso! — Eu digo, lutando para sair da confusão. Minha bunda está rapidamente perdendo o calor que reuniu do nosso exercício.

— Santa mãe, está frio nesta espelunca. — O som de uma porta se abrindo interrompe meu próximo pensamento, e então a voz de Maeve vem da esquina. — Candice você está aqui? — Meus olhos arregalam e eu congelo. Ian também.

— Ela vai sair em um segundo, mãe! — Ele grita. Jogando minha calça, ele esfrega o cabelo, tentando desalojar toda a palha dele. Ele está apenas parcialmente bem sucedido.

— Tudo bem, — diz Maeve. — Diga a ela para ir até a casa. Eu tenho algumas respostas para ela que precisamos discutir.

— Respostas? — Ian olha para mim. — Do que ela está falando?

Finalmente estou de pé e quase vestida, empurrando-o para fora do caminho. — Nada com o que você precise se preocupar. — Fecho e abotoo minha calça jeans enquanto tento sair da pilha.

Ele me agarra antes que eu possa passar por ele.

Estou pronta para reclamar, mas então ele está se inclinando e me beijando calorosamente nos lábios. Meio que me enfeitiça e esqueço que Maeve me queria por alguma coisa.

— Diga-me todos os seus segredos, — diz ele de brincadeira.

Eu suspiro em derrota. Isso é tudo que ele precisa fazer, me dar aquele olhar, e eu estou pronta para me render. — Tudo bem. — Eu pisco algumas vezes tentando lembrar qual é o segredo. — Oh sim. Então, estou planejando um chá de bebê para Andie.

— Para que?

— Para tentar ajudá-la a conseguir algumas amigas.

Ian se distancia de mim. — Diga o que, agora?

Eu suspiro pesadamente, aborrecida por ter que me explicar quando Maeve precisa de mim. — Ela não tem nenhum amigo na cidade se você não notou. E isso é tudo por causa de Hannah espalhando rumores pela cidade. Vou consertar tudo isso.

— Como você irá fazer isso? E como você sabe toda essa merda de qualquer maneira?

— Tate me contou tudo que eu precisava saber. E eu decidi que tudo o que Andie precisa é uma oportunidade de se encontrar com essas meninas em sua casa e todas elas vão ver que ótima pessoa ela é e que quererem ser suas amigas.

Ian bufa. — Você acha que vai, hein?

Eu cruzo meus braços enquanto a febre do nosso tempo sexy se dissipa rapidamente no ar gelado. — Sim, de fato, eu acho.

Ele levanta uma sobrancelha. — Você está fazendo esse olhar em seu rosto novamente.

— Que olhar?

— Aquele que me pede para levá-la para a palha novamente... Acalmá-la. — Eu estendo a mão para bater nele, mas ele pega meu pulso.

— Me acalmar... Quem você pensa que é?

Ele me puxa para perto, até que nossos peitos estão se tocando novamente. — Eu sou o seu cara.

— Meu cara? — Eu suponho que é meio bobo, mas isso me faz ficar quente por dentro por ouvir ele dizer isso. Eu não posso mais sentir o frio. Até os meus pelos das narinas descongelaram-se.

— Sim. Se você quer que eu seja. — Ele olha para o meu queixo, como se tivesse medo de me olhar nos olhos.

Eu suspiro com uma mistura de felicidade e tristeza. — Eu adoraria que você fosse meu cara, — eu finalmente admito. — O único problema é que vivemos a um milhão de milhas de distância. — Eu não tenho certeza se estou falando da distância real ou do fato de que viemos de mundos diferentes.

— Assim? Você está aqui agora, certo?

Eu sei que suas palavras foram feitas para ser encorajadoras, mas tudo que elas fazem é me lembrar que não estarei aqui por muito tempo. Eu me afasto dele e sorrio. — Sim. Eu estou aqui agora. Mas tenho que ir falar com Maeve.

Ele gesticula em direção às portas do celeiro, sua voz soando resignada. — Continue. Eu alimentarei Candy por você.

— Obrigado, Ian. — Eu vou embora e deixo-o lá para cuidar das minhas tarefas mais uma vez, porque estar em torno dele mais tempo, vai começar a fazer meu coração doer.

TRINTA E SEIS

O QUE VOCÊ QUER DIZER COM nenhuma delas pode vir? — Pergunto, com as mãos nos quadris.

Maeve tenta sorrir, mas parece mais que ela tem uma cãibra no estômago. — Não importa a data que mencionei, todas disseram que estavam ocupadas. Eu tenho a impressão de que elas não estavam realmente.

— Como? Como você sabia?

Maeve suspira pesadamente e afunda-se em uma cadeira na mesa de jantar da cozinha. — Conversei com Janet, uma das mães delas, primeiro. Ela me garantiu que sua filha estava livre, mas depois, quando conversei com a filha, ela me disse que ia passar o dia inteiro na casa da Janet. Liguei para Janet e ela disse que era novidade para ela.

Meus olhos se estreitam em fendas e eu balanço minha cabeça quando percebo o quão longe o veneno de Hannah se espalhou pela cidade. — Ela vai se arrepender...

— Quem?

— Não importa. — Eu pego minha jaqueta na parte de trás da minha cadeira e coloco-o enquanto desço o corredor.

— Onde você está indo? — Pergunta Maeve, chamando da cozinha.

— Na cidade. Volto daqui à uma hora. — Saindo de casa, vou direto para o celeiro. Ian está saindo pela porta quando eu chego lá.

Ele olha para mim e fica na defensiva. — Seja o que for, eu não sou responsável por isso.

— Eu preciso de você para me levar para a cidade e me apoiar, se necessário.

— Te apoiar? — Ele ri. — Você quer que eu leve o meu rifle?

— Sim, se você acha que vai ajudar.

Ian agarra minha mão enquanto tento andar. — Espere aí um segundo.

Eu paro, mas só porque ele está tornando impossível para mim conseguir qualquer tração na neve. — O que, Ian? Estou com pressa.

— Isso é o que me preocupa. Você está parecendo o Exterminador do Futuro. Ele me puxa para ele e olha para mim. — O que está acontecendo? O que posso fazer para ajudar?

Parte da minha raiva esvai, substituída por mais daqueles sentimentos macios que Ian continua fazendo acontecer dentro de mim. Eu tenho que piscar de volta as lágrimas que saltam nos meus olhos por algum motivo. Estou tão confusa.

— Você está bem? — Pergunta ele.

— Sim, — eu digo, afastando-me dele. — Eu estou bem. — Eu uso a ponta da minha luva para limpar debaixo dos meus cílios inferiores. Eu não posso ter meu rímel escorrendo em todo o lugar quando estou prestes a derrubar, estilo country. — Eu só preciso ir conversar com Hannah.

— Hannah? Por quê? Sobre o quê?

— Eu vou te dizer quando chegarmos lá. Você pode dirigir?

Ian olha para as pastagens dos fundos e depois para as caminhonetes. — Eu suponho que sim, se não demorar muito.

Eu me viro para ir para a caminhonete. — Não vai demorar muito. Apenas me leve para a lanchonete, e teremos nossa pequena conversa e você poderá retornar para casa.

Ian olha para o relógio enquanto se aproxima de mim. — Vai ser hora do almoço então. Eles estão ocupados todos os dias ao meio-dia. Ela provavelmente não poderá falar com você até depois das duas.

— Oh, não se preocupe. Ela realmente só precisa ouvir, então ficaremos bem.

Eu chego à caminhonete e subo sem pensar nisso. Estou muito focado em ensinar Hannah uma coisa ou duas sobre garotas da cidade para me preocupar em cair ou parecer graciosa. Segundos depois, Ian e eu estamos sentados lado a lado na caminhonete. Estou olhando para a janela, esperando a caminhonete ligar, mas isso não acontece, então olho para ele e pergunto: — Qual é o problema?

— Você com certeza parece bonita subindo em minha caminhonete, — diz ele, sorrindo.

Mais da minha raiva de Hannah desaparece. — Pare de tentar me manipular para fazer o que você quer.

Ele ri. — Isso é mesmo possível?

— Não, então pare de tentar.

Ele ri na metade da estrada que leva à estrada enquanto eu trabalho em tirar toda a palha do meu cabelo.

TRINTA E SETE

O RESTAURANTE ESTÁ LOTADO. VÁRIAS pessoas estão esperando por mesas no momento em que entramos às doze e trinta. Eu não me incomodo de estar atrás delas, no entanto. Eu não estou aqui para waffles desta vez.

Examino o espaço e encontro Hannah atrás do balcão, servindo a alguém um pouco de café. É descafeinado, e isso me irrita provavelmente muito mais do que deveria. Eu sabia que ela estava mentindo antes, quando ela disse que eles não tinham nenhum. Essa puta.

Caminhando, eu ignoro os olhares de interesse que vêm de mim de todos no meu caminho. Eu paro quando estou na frente de Hannah, atrás das costas largas de um homem muito grande com cabelos escuros e cheios.

— Hannah, eu preciso falar com você.

Ela olha surpresa e depois franze a testa. — Estou ocupada.

— Eu preciso falar com você de qualquer maneira.

Eu sinto alguém nas minhas costas e me viro. Ian está lá, parecendo muito preocupado. Sua presença me tranquiliza e me faz sentir mais ousada.

— Hey, Hannah, — diz ele em saudação antes de voltar sua atenção para mim. Ele está falando pouco acima de um sussurro. — Talvez possamos fazer isso mais tarde, em outro lugar?

— Não, nós podemos fazer isso agora. — Eu cruzo os braços sobre o peito e volto a encarar Hannah.

Várias pessoas pararam de comer para assistir. O homem na minha frente se vira e percebo pela primeira vez que é o Boog.

— Olá, — ele diz.

Eu me encolho com a migalha de comida na barba dele. Pode ser ovo.

— Oi, Boog, — eu digo antes de voltar minha atenção para Hannah. — Você e eu precisamos conversar.

Ela inclina o quadril e bate a panela com tampo de laranja no balcão. É um milagre que não se rompa. — Como eu disse, estou *ocupada*. — Um pouco do café quente cai sobre o prato de Boog.

Ele olha para a piscina marrom em seu prato junto com Ian, mas sua violência com cafeína não me dissuade da minha missão nem um pouco.

— Ouvi dizer que você começou e espalhou rumores maliciosos sobre minha amiga Andie em toda a cidade no ano passado.

— Quem disse isso? — Hannah pergunta, seu rosto todo confuso. Ela olha para Boog. — Você disse isso?

A boca de Boog se abre, mas antes que ele possa falar, eu continuo.

— Não importa quem disse isso. O que importa é que isso e pare. *Hoje.* — Eu lhe dou meu olhar mais perigoso.

— Eu sei que você não está falando comigo, — diz ela, tirando a mão da cafeteira e cruzando os braços sobre o peito. Eles empurram seus peitos quase completamente para fora de seu top.

— Estou certamente falando com você, Hannah Banana.

Ela começa a desatar o avental em volta da cintura. — Eu te disse antes, meu nome é Hannah. Apenas *Hannah*! — Ela finalmente tira todas as tiras do avental. Depois de amassar a coisa inteira em uma bola, ela a joga no balcão, cobrindo metade do prato de Boog.

Sua atenção está de volta em mim. — Você diz mais uma palavra para mim sobre essa garota, e nós vamos ter um grande problema, — ela adverte.

Ela tirou seu avental, então sim, está totalmente *pronta.* Estou tão pronta para ensinar a sua cidadezinha uma lição de como as meninas da cidade rolam.

— Aquela *garota* é minha melhor amiga, e ela nunca fez nada para você, então é melhor você parar de falar sobre ela *ou então*.

Todo mundo no restaurante parou de falar ou comer. Todos os olhos estão em nós, e eu não me importo totalmente. Estou toda animada, vendo que Hannah de alguma forma acredita que tem o direito de arruinar a vida de minha melhor amiga.

— Você tem muita coragem vindo aqui e falando comigo desse jeito, — diz Hannah, olhando para mim. Sua cabeça balança um pouco.

Eu me inclino sobre o balcão um pouco e falo alto o suficiente para o lugar todo me ouvir. — Você tem muita coragem inventando mentiras sobre pessoas que você não sabe nada sobre.

— Eu não invento mentiras, — ela cospe de volta. — Eu apenas digo o que ouço.

— Então você está ouvindo errado.

— Quem disse?

Estamos praticamente nariz a nariz agora.

— Diz-me. Então você pode parar de dizer às pessoas que Andie separou você e Mack porque todos sabem que vocês nunca estiveram juntos. E você pode parar de dizer a todos que ela separou Ian e Ginny porque Ginny fez isso sozinha. Mack não tinha nada a ver com isso, e

Andie não tinha nada a ver com isso. — Eu recuo e deixo minhas palavras ao ar.

— Bem, adivinhe, senhorita sabe-tudo? — Hannah diz, com a boca toda torcida, — Eu não sou a única a dizer todas essas coisas, então você pode ir sentar no câmbio de Ian e girar até onde eu sei.

Minha boca se abre quando meu rosto queima vermelho-fogo. É tão óbvio que eu me sentei no câmbio de Ian?

Antes que eu possa responder, Ian coloca a mão no meu ombro e me puxa para trás do bar. — Hannah, se não está dizendo essas coisas, diga-nos quem é.

Hannah perde a expressão de raiva e começa a fazer beicinho. — Por que eu deveria?

— Porque se você não fizer isso, eu vou dizer a todos o que sei sobre certa confissão de bêbados que ouvi no dia quatro de julho do ano passado.

Ela olha rapidamente para Boog e depois para Ian. — Você *não iria*. — Ian sorri. — Oh, você sabe que eu faria.

Suas narinas se abrem. — Ian você é mal, você sabe disso?

— Nenhum argumento aqui. Você vai confessar ou eu vou começar a falar? Ele olha diretamente para Boog.

O rosto de Hannah fica branco. — Não! Não, estou falando, estou falando. — Ela pega o avental do balcão e se vira para o cozinheiro. — Eu estou fazendo uma pausa.

— Uma pausa? Você não pode dar um tempo agora! — Ele está falando com ela de volta, porque ela já está na metade do balcão no caminho para a porta da frente.

Ela só faz uma pausa para pegar um casaco inchado vermelho em um gancho na porta e, em seguida, ela está fora.

Boog apenas me dá uma sobrancelha levantada antes de voltar para o almoço. — Vamos. Vamos ouvir o que ela tem a dizer, — diz Ian no meu ouvido.

Eu ignoro os sussurros e olhares dos clientes do restaurante enquanto seguimos nosso caminho para fora.

— Ela não está se safando tão fácil, — murmuro enquanto passamos pela porta.

— Apenas deixe-a falar, — diz Ian. Ele passa os dedos pelas minhas luvas e enfia as duas mãos no bolso do casaco.

Eu tento manter o sorriso do meu rosto, mas é impossível. Ele está declarando ao mundo que estamos juntos, e eu não poderia estar mais feliz com isso. Mesmo que seja apenas uma aventura, com certeza é uma boa ideia. Eu não me lembro de estar tão excitada apenas para segurar a mão de alguém.

Nem mesmo quando Jimmy Cunningham agarrou minha mão com a sua pegajosa entre o quarto e o quinto período do ensino médio, fiquei emocionada. Talvez eu esteja tendo alguma coisa. Eu vou olhar no google meus sintomas mais tarde. Falta de ar? Verificar. Boazona briguenta? Verificar. Mudanças de humor? Dupla checagem. Um minuto eu quero rir, e no próximo eu quero bater cabeças como dois cocos. Eu estou definitivamente doente, provavelmente com algo sério.

Hannah para alguns passos pela calçada do lado de fora da lanchonete e solta um bafo de cabelo, fazendo com que a fumaça branca passe por todo o rosto. — Você tem coragem de entrar em meu trabalho e falando comigo assim. — Ela está gritando.

Não sei dizer se ela está falando comigo ou com o Ian, mas respondo mesmo assim. — Pare de espalhar mentiras sobre pessoas e você não terá que se preocupar mais com isso.

— Como eu deveria saber que são mentiras?

— Porque eles são sobre você, estúpida, e você sabe a verdade.

— Não me chame de estúpida, — diz ela, dando-me olhar de desdém.

— Não seja estúpida e eu não vou chamar. — Eu lhe dou o mesmo olhar.

Ian caminha de lado, então ele está quase entre nós. — Vamos. Vamos acabar com isso. — Ele se vira para Hannah. — Diga-nos quem está inventando as mentiras, Hannah.

— Eu não.

— Você diz. — Ian olha para ela.

— Isso não é bom o suficiente para você, Ian? — Ela faz beicinho novamente, e eu tenho que admitir, ela é muito boa nisso. — Nós costumávamos ser amigos, você sabe.

— Não, Hannah nunca fomos amigos. Você sempre foi uma dor na bunda.

— Bem, isso é simplesmente rude. — Ela tenta agir ofendida.

— Seja o que for! — Eu digo, interrompendo o restante do drama da escola. — Quem está falando mal sobre Andie pelas costas!

Ela se vira para mim, parecendo pronta para cuspir. — É Ginny, ok? — Ela vira seu olhar para Ian, sua expressão ficando mais suave. — Desculpa. Eu sei que você não queria ouvir isso, mas é verdade.

Ian fica muito quieto.

— Então, Ginny está dizendo a todos que Andie separou você e Mack e ela e Ian.

— Sim. — Hannah suspira e enfia as mãos nos bolsos do casaco. — Ela ficou com o coração partido quando Ian a largou. Ela pode estar embelezando os fatos um pouco, admito, mas não fui eu quem fez isso, ok? Eu tentei dizer a ela para deixar isso, mas ela não fez. Ela está super amarga. Sem limites.

Ian olha para o céu e balança a cabeça por alguns segundos. Então ele rosna e olha direto para a rua. — Isso é muito porra... eu despachei ela? Ela tem que ser louca.

— Você não a largou? — Eu pergunto, uma sensação aguda de esfaqueamento dentro do meu peito fazendo meu coração doer. Isso significa que ele nunca quis romper com ela em primeiro lugar? Ele ainda a ama? E se ele ama, por que isso me deixa tão triste? Estou saindo daqui!

— Claro que terminei com ela! — Ele diz, virando sua ira para mim. — Mas não foi *minha* escolha! Era *dela*! — Ele solta um longo suspiro e fala em uma voz mais calma. — Ela escolheu se jogar no meu irmão. Isso foi ela, não eu.

— Mas ela diz que você praticamente a fez fazer isso, — Hannah diz em voz baixa. — Ela estava apenas tentando chamar sua atenção. Você não teve que romper com ela sobre isso.

Ian olha para Hannah. — Você acredita seriamente nessa porcaria? — Hannah encolhe os ombros. — Mais ou menos?

— Bem, pare de fazer isso, porque não é verdade. — Ian está com os ombros curvados, soprando fumaça branca a cada respiração, balançando a cabeça.

— *Não* diga uma palavra, — eu digo, tentando aliviar o clima. Não posso deixar de me sentir triste porque talvez Mack estivesse errado sobre tudo o que ele acha que sabe sobre seu irmão. Mas isso não significa que eu quero que Ian fique triste. Talvez ele ainda queira estar com Ginny, e se é isso que quer, então vou ter que gostar dele o suficiente para ajudá-lo a conseguir. Isso é o que as pessoas fazem para as pessoas... que se importa.

Ian me encara. — Eu tenho uma palavra para você.

Meu queixo vai um pouco para o lado. — Vamos ouvir então.

Ian não diz nada. Nós apenas olhamos um para o outro. Eu estou usando toda a força de vontade que tenho para não sorrir. Ele é tão fofo quando está zangado.

— Então vocês estão namorando agora, hein? — Pergunta Hannah.

Eu rio um pouco. — É difícil fazer isso quando você nunca saiu para um encontro de verdade.

Ian franze a testa de brincadeira. — O que você quer dizer com eu nunca te levei em um encontro? Nós fomos juntos para o campo de tiro, onde você atirou em *mim* pelo caminho; Fomos verificar as vacas, alimentar o bezerro...

— Você não me levou para o campo, seu idiota, eu fui. E eu não atirei em você também.

Ele olha para Hannah. — Você viu minha cicatriz? Ela atirou em mim. Eu tenho testemunhas. — Hannah ri. — Está na hora de alguém atirar em você, idiota. — Ela começa a se afastar.

— Eu tenho que voltar ao trabalho.

Eu falo nas costas dela. — Obrigado por nos contar sobre Ginny. Mas é melhor você não continuar falando sobre Andie assim. Estou falando sério, Hannah!

Ela acena sobre a cabeça, as unhas vermelhas e brilhantes se exibindo contra o pano de fundo branco e nevado. — Sim. Certo.

Ian envolve seus braços em volta de mim por trás, prendendo meus braços ao meu lado. — Você é minha prisioneira.

— Eu tenho certeza que é você quem é meu prisioneiro, — eu digo, sorrindo. As pessoas no restaurante provavelmente estão nos encarando, mas eu não me importo. Deixe o mundo ver que esse homem me deixa completamente boba.

— Você sempre discute sobre tudo? — Pergunta ele.

— Não. E você?

— Não. Nunca. Só com você. Mas tenho certeza que não sou eu realmente discutindo. É você fazendo isso. — Ele beija meu pescoço e então bufa lá também como um porco selvagem ou algo assim, me dando arrepios por toda parte.

Eu me viro e jogo meus braços ao redor de seu pescoço, abraçando-o com força. — Pare com isso, Leitão.

— Eu não posso evitar. — Ele enterra o rosto no meu pescoço novamente. — Seu cheiro é tão bom. E você tem um gosto bom também. — Ele empurra seus quadris em mim um pouco, deixando-me saber que ele está pronto para ir novamente para outro rolo no feno ou na palha ou o que quer que seja esse material amarelo.

— Você é tão ruim, — eu digo, sorrindo como uma idiota louca. Eu o pegaria totalmente em pé aqui fora. Eu iria.

Um carro passa e buzina várias vezes. Então alguém grita pela janela: — Arranje um quarto!

Ian levanta a cabeça e depois vira e acena. O cara buzina mais um pouco. — Vamos. Vamos para casa. Ian coloca nossas mãos no bolso do casaco novamente.

Sua escolha de palavras me deixa triste. *Casa.* Lar é onde está o coração, mas eu moro na Flórida. Posso morar em um lugar diferente do meu coração? Fale sobre mudanças de humor. Estou de volta lutando contra as lágrimas novamente. Eu devo estar pronta para ter minha menstruação ou algo assim. Talvez o jetlag esteja atuando no meu calendário ou algo assim. Eu não deveria estar tão mal-humorada até a próxima semana.

— O que há de errado? — Ele me pergunta quando nos aproximamos da caminhonete.

— Nada. — Eu entro com a ajuda dele e espero que ele feche a porta, mas ele fica parado lá, olhando para mim.

— O quê? — Eu pergunto, evitando olhar em seus olhos. Eu me concentro no cabelo dele. — Você está triste ou brava ou algo assim.

— Não, eu não estou.

— Você está discutindo de novo.

— É você, não eu.

Ele se levanta no estribo da caminhonete e me beija rápido nos lábios antes de eu perceber o que ele está fazendo. — Mentirosa, — ele diz antes de pular e dar a volta na traseira da caminhonete.

Eu faço quatro respirações profundas, tentando me acalmar. Dar uma de bebê chorona para cima de Ian agora é a última coisa que eu

quero fazer. Eu tenho uma vida esperando por mim na Flórida. Não posso deixar essa pequena aventura sair do controle.

Nós voltamos para o rancho em silêncio.

TRINTA E OITO

EU ENTRO PELA PORTA E OUÇO vozes na cozinha. Seguindo os sons, encontro Andie ali, sentada à mesa e segurando o bebê. Maeve está pairando sobre elas.

— Oh, Sarah está aqui! —Eu digo, largando minha bolsa no chão na entrada da cozinha.

— A mãe dela está aqui também, — diz Andie em um tom irônico.

Eu a aceno. — Sim, sim, mas é o bebê que todo mundo quer ver, você sabe disso. Ela é nova, você é velha. Acostume-se a isso.

Andie tenta me chutar quando me aproximo, mas sou muito ágil para sua bunda pós-grávida. Eu pulo para o lado e continuo aproximando até ser capaz de me abaixar até minha afilhada.

Sarah está completamente enrolada em um cobertor fofo. A única coisa que mostra é o seu minúsculo rosto rosado. Seus olhos estão fechados e ela está fazendo caretas.

— Awww... Veja... ela está sonhando com amamentar. Que fofo é isso?

Andie sorri. — Ela é muito fofa, com certeza. Eu não consigo parar de encará-la. Ela é um milagre.

Eu olho para o tom estranho em sua voz para ver Andie chorando. — Por que você está triste com isso?

— Eu não estou triste, — ela diz, toda chorosa, — Estou tão feliz que não aguento mais. Eu nunca soube que ser mãe seria assim.

Eu concordo. — Sei exatamente o que você quer dizer.

— Você sabe? — Pergunta Maeve. — Você não tem filhos, não é?

Os olhos de Andie se assustam. — Não, você não tem. — Ela está franzindo a testa em confusão.

— Sim eu tenho. O nome dela é Candy e ela está no celeiro. — Levanto um pouco o queixo. — Ian e eu somos seus pais adotivos.

Andie sacode a cabeça. — Você é louca.

— Louca como uma raposa. — Eu olho para cima e olho para Maeve.

— O que foi isso? — Andie está apontando para o meu rosto.

— O que foi o que? — Eu sou a inocência personificada. Não há como ela conseguir qualquer coisa de mim. Tudo o que tenho que fazer é ficar estúpida por alguns minutos, e tudo isso acaba.

— Essa *piscadela*. — Ela ainda está apontando para o meu rosto. — Você apenas piscou para Maeve e não age como se não tivesse feito isso.

Eu pisco várias vezes. — Eu tinha um floco de neve no meu olho.

Andie estreita os olhos para mim. — Floco de neve, minha bunda. Está muito quente aqui para um floco de neve.

— Era *resíduo de* floco de neve, boba. De toda a poluição.

— Você é tão mentirosa. — Andie volta sua atenção para Maeve. — Diga-me sobre o que ela está planejando. Eu sei que ela te envolveu.

Os olhos de Maeve se arregalam e ela olha de Andie para mim.

Eu faço mímica cortando minha garganta, mas Andie vira realmente rápido e me pega. Ela bate a palma da mão na mesa, assustando o bebê. — Diga-me! —Ela insiste.

— Whoa, — eu digo, levantando e recuando um pouco. — Olá, hormônios.

Ela olha para mim enquanto ela rebate o bebê, tentando fazer com que a coisinha feche os olhos novamente. Do que eu posso ver aqui, ela está apavorada demais para baixar a guarda, e não a culpo. Andie está agindo como louca.

— Não são hormônios. Sou eu sendo mal-humorado por estar no escuro.

Eu a acaricio na mão. — Você não se preocupe. Tia Candice tem tudo sob controle.

— Tia Candice vai ter um pedaço de cabelo cortado em seu travesseiro se ela não começar a falar, — diz Andie em uma voz calma mortal.

Eu coloquei minhas mãos na minha cabeça em um gesto de proteção. — Santa *crueldade*. O que Baker City fez com minha amiga, afinal? — Eu sinto que fui abordada por uma terrorista. Qual é a sua próxima ação? Meus dedos? Ela vai acabar com isso também?

— Isso me fez uma pessoa sensata é o que aconteceu. Diga-me o que você tem feito enquanto eu estive a noite toda alimentando esse pequeno monstro.

Eu ando até Andie devagar e estendo a mão. — Dê o bebêeeee para mimmm... lá vamos nós... todo mundo está feliz...

Andie me afasta. — Você pode segurá-la depois que você confessar.

Minhas mãos vão para meus quadris, zangadas porque não estou apenas ameaçada, mas frustrada. — Você está me negando meus direitos como madrinha?

— Eu vou te negar muito mais do que isso, se você não começar a falar.

Estou completamente murcha. Eu mal consigo me sentar em uma cadeira antes de ficar totalmente desossada. Mal consigo levantar a cabeça para olhar a casca da minha ex-melhor amiga. Ela parece uma Andie gorducha por fora, mas por dentro...? Ela é puro demônio.

— Você não acha que está sendo apenas um pouco... Difícil? — Maeve pergunta, agindo como se estivesse pronta para Andie explodir. Andie é uma granada, com certeza.

— Você está brincando comigo? — Andie olha para mim e depois para Maeve. — Esta é a garota que há dois anos, sozinha persuadiu uma cidade inteira para parar de servir carne de búfalo, porque ela convenceu as pessoas de que o animal estava na lista de espécies ameaçadas de extinção.

Eu franzo a testa, lembrando daquela pequena pepita do meu passado. Eu não sei porque ela sempre tem que trazer isso quando as coisas não acontecem do jeito dela. Meu coração estava no lugar certo.

— Não é minha culpa que o Google mentiu, — digo em minha defesa.

Andie pisca seus olhos para mim. — O Google não é uma pessoa, ok? Não sei quantas vezes eu tenho que te dizer isso.

Eu olho em direção à porta, pensando que um cochilo pode ser um bom plano para mim agora. Um cochilo atrás de uma porta trancada. Não tenho certeza se posso controlar o humor de Andie com a graça que provavelmente é necessária nessa situação.

Maeve interrompe para me salvar. — Bem, os búfalos não estão ameaçados exatamente, mas eles certamente não são tão comuns hoje em dia quanto costumava ser. E o gado é muito mais abundante, então

talvez não seja uma coisa ruim se as pessoas derem aos rebanhos de búfalos a chance de crescerem.

Eu aponto para Maeve. — Sim, veja? Eu estava fazendo um favor a vocês. Você sabe quanto negócio você perderá se todos começarem a comer búfalos? Muito, isso é o quanto digo. E *então,* como você vai pagar pela faculdade de Sarah? — Eu aceno para dirigir meu ponto para casa.

Andie olha para mim sem expressão, apenas piscando algumas vezes. Isso me assusta mais do que qualquer humor que ela possa ter estado antes. Este é o rosto de advogado dela, e ela é uma ótima advogada.

Andie abaixa a cabeça uma fração, nunca quebrando o contato visual. — Diga-me o que eu quero saber.

Eu poderia lutar com ela, mas percebo que é inútil. Ela é como um cachorro com um osso gostoso às vezes. Um desses buldogues que são vítimas de trapaças.

— Bem. Você quer saber tanto? Eu vou te dizer. Maeve e eu...

Maeve levanta a mão. — Só para ficar claro, eu não fazia exatamente parte do comitê de planejamento.

— Ei!

Andie levanta a mão para nos impedir de ter o argumento lateral que eu estava planejando usar para distrair Andie. *Droga.*

— Eu sei, Maeve, — diz ela. — Ela enfia as pessoas em seus esquemas o tempo todo. — Andie volta a olhar para mim, esperando, silenciosamente exigindo minha explicação.

Estou tão pronta para deixar ir embora. Alguma puta malvada assumiu o corpo da minha melhor amiga e transformou-a em alguém com quem eu nunca sairia.

Eu me levanto, fazendo a cadeira raspar no chão. — Você sabe o que? Eu preciso de uma soneca.

Andie agarra meu pulso. — Sente. Fique. Tome um pouco de café. — Sua voz é um pouquinho menos. Quer dizer, mas ainda não é bom o suficiente para me fazer querer ouvir.

— Não, obrigada. Eu já tive uma dose extra de café por um dia. — Eu me viro para ir, mas ela ainda me tem em seu aperto. Eu me puxaria para longe dela, mas temo que Sarah acabe no chão.

— Por favor? Por mim?

Eu cerro os dentes e olho para ela. — Sua montanha-russa emocional está me dando uma chicotada, Andie.

Ela começa a chorar. — Eu sei. — Ela está chorando quando as palavras saem. — Eu também.

— Oh, pobre bebê! — Maeve exclama, correndo para se ajoelhar e dar um tapinha nas costas dela. — Tudo bem, querida; tudo ficará bem!

Andie olha para Sarah, ainda me segurando em seu aperto de morte de kung-fu. — Eu a amo tanto! Por que eu continuo chorando sobre isso?

— Baby blues[46], — diz Maeve, alisando o cabelo. — É totalmente normal. Você está apenas hormonal. Isso vai embora por conta própria, ou podemos conseguir alguns medicamentos. Não é nada para se envergonhar.

Sento-me em frente a ela, sentindo-me mal por ter chegado à conclusão de que minha amiga estava conscientemente sendo horrível

[46]Baby Blues ou Blues Puerperal ocorre com 80% das mães e é uma consequência das bruscas alterações hormonais após o parto. A palavra "Blues" em inglês significa tristeza e que tem a ver com o jeito que a mulher se sente durante esse período. "Além disso, nessa fase a mãe entra em contato com o bebê real, ela tem que lidar com os medos e ansiedades causados pelo novo papel materno e isso pode contribuir para o surgimento do Baby Blues".

comigo. Ela finalmente me deixa ir, deixando marcas vermelhas na minha pele.

— Eu sinto muito, Andie, — eu digo, deixando de lado todos os meus planos para fazer beicinho no futuro. — Não fique com raiva de mim.

Andie sacode a cabeça. — Não estou brava com você. Eu te amo. Nunca poderia estar com raiva de você.

Eu tento sorrir. — Mesmo que eu tentei planejar um chá de bebê para você, e não funcionou?

— Você fez isso por mim? — Seu choro para.

— Não, eu acabei de te contar. Eu *tentei* fazer isso, mas não deu certo. — Eu dou a Maeve um olhar conhecedor. — Mas tenho certeza que sei porque agora, no entanto. E eu estou nisso, acredite em mim. — Maeve levanta uma sobrancelha.

— Eu quero saber do que você está falando? — Andie pergunta, fungando enquanto ela limpa o nariz na manga. Ela parece exausta.

— Não, você não precisa. — Eu aceno com a cabeça uma vez para dar ênfase. — Ian está me ajudando, então não se preocupe. — Eu olho para a sogra de Andie. — Maeve, você está fora do comitê.

— Oh. Bom. Eu acho.

— Então, eu posso segurar o bebê ou o quê? — Eu pergunto, bufando um pouco de ar em aborrecimento. Hora de mudar de assunto.

Andie me dá um sorriso sem graça. — Claro que você pode. Você é a madrinha. — Ela entrega o pacote para mim e garante que eu tenha uma boa aderência antes que ela solte.

— Bom. Finalmente. — Eu olho para Sarah, que miraculosamente adormeceu mesmo em meio a todo drama. Ela já está dura como unhas,

aparentemente. — Abra seus olhos, menina. Você precisa memorizar meu rosto antes de eu ir embora.

Andie começa a rir e então a risada se transforma em lágrimas novamente.

Eu balanço minha cabeça com pena da minha amiga. — Não se preocupe, querida. Assim que eu tiver Sarah decorando meu rosto, vou procurar no Google aquela coisa de baby blues e organizar tudo para você.

Andie ri através do choro. — Obrigada, doutora Candice, web médica — Eu sorrio de volta para ela, feliz agora que ela está reconhecendo minhas habilidades. — De nada.

TRINTA E NOVE

ESTOU NO MEU QUARTO DEPOIS do meu cochilo, olhando para as poucas ofertas que minha mala guarda, quando Ian entra e deixa a porta entreaberta.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, me virando para encará-lo. Estou instantaneamente em chamas, mas de jeito nenhum vou tocá-lo na casa de seus pais. Eu me seguro nas costas de uma cadeira atrás de mim para me fortalecer.

Ele limpa a garganta. — Eu vim para ver se você quer sair comigo hoje à noite. — Eu pisco algumas vezes, tentando entender.

— Em um encontro, — ele esclarece.

Eu fico toda formigando por dentro, e de repente estou um pouco tímida. — Certo. Eu gostaria muito.

— Em dez minutos.

Eu franzo a testa, não estou mais sofrendo com aquele pequeno problema de timidez. — Você está brincando?

— Não, eu estou falando sério.

Eu dobrei meus braços no meu peito. — Você tem alguma ideia de como isso é rude? Apenas suponha que vou largar tudo e sair com você... como se eu já não tivesse planos?

— Você estava dormindo mais cedo.

— Então?

— E eu pensei que você queria confrontar Ginny, mas se você não quiser... — Ele se vira para sair pela porta.

Eu corro através do quarto e agarro seu braço. — Não! Espere.

Ele sorri. — Isso é o que eu pensei. — Sua cabeça desce, e ele rouba um beijo antes que eu saiba o que está vindo. — Esteja pronta para ir a um bar.

— Para um bar? Ainda não é hora do jantar.

— Torneio de dardo. Ginny entrou para brincar. Nós devemos chegar lá antes que muitas pessoas sejam eliminadas. Ela não é tão boa assim.

— Como você sabia que ela estava fazendo isso? — Eu vou até a minha mala e pego o suéter de cashmere preto que eu estava guardando para uma ocasião especial, imaginando se um torneio de dardo se qualifica.

— Tenho uma mensagem de Hannah.

Eu bufo. — Ela está te bajulando. Provavelmente quer se sentar no seu câmbio e girar ou o que quer que seja.

Ian vem atrás de mim e pressiona todo o seu corpo contra o meu, para que eu possa senti-lo praticamente da cabeça aos pés. — Eu estava meio que esperando poder convencê-la a fazer isso.

Metade de mim quer jogá-lo fora do quarto por ser tão rude, e a outra metade quer ir em frente e empurrá-lo para a cama para que eu possa montá-lo.

Em vez disso, não faço nada. Eu ignoro seu convite óbvio e levanto o suéter preto. — Você acha que isso vai funcionar? — Eu pergunto.

— Claro. — Ele acaricia meu pescoço.

— E sobre isso? — Eu pergunto, segurando uma camiseta.

— Certo. Perfeito.

Eu suspiro. — Ian, estes são pijamas.

— Tanto faz. Você parece quente em qualquer coisa. Ele está muito ocupado chupando meu pescoço para fazer qualquer sentido.

Ele belisca meu mamilo e eu pulo. Girando ao redor, eu me solto de seu aperto, falando em um sussurro alto. — Você é terrível! Esta é a casa dos seus pais!

— Então? — Ele vem para mim com as mãos abertas, como se ele fosse me agarrar pela cintura. — Eles são adultos. Eles sabem o que outros adultos fazem.

— Não na *casa* deles!

— Oh, você prefere o celeiro? — Ele está se aproximando, e eu estou ficando sem espaço para escapar.

Minhas pernas batem contra a cama. — Não, eu não, na verdade. Eu ainda estou tirando pedaços de feno do meu cabelo. — O calor está crescendo dentro de mim, e minha calcinha está ficando molhada. A vida é tão injusta. Tudo o que ele tem que fazer é olhar para mim com aqueles olhos verdes intensos e loucos, e eu enlouqueço por dentro.

Ele para bem na minha frente e descansa as mãos suavemente nos meus quadris. — Beije-me.

— Só uma vez, — eu digo no meu melhor tom mandão. — Então não mais. Você tem que sair do meu quarto.

— Ok, mas tem que ser um *bom*. — Ele sorri.

— Todos os meus beijos são bons. — Minhas mãos deslizam até o peito para ir ao redor de seu pescoço. Nós nos encaixamos tão perfeitamente juntos, como se ele fosse feito para mim, e eu fui feito para ele.

Ele abaixa a cabeça e diz: — Eu serei o juiz disso, — pouco antes de pressionar seus lábios nos meus. Sua boca é tão suave, não me pedindo nada, mas me fazendo querer dar a ele de qualquer maneira.

Nós nos separamos depois de apenas alguns segundos.

— Chega, — eu digo completamente insatisfeita, mas agindo como se tudo fosse exatamente como eu queria. — Agora você precisa ir.

Ele sacode a cabeça. — Não. Desculpe. O acordo foi um *bom* beijo.

-— Com licença, mas *foi* um bom beijo.

Ele torce o rosto e balança a cabeça um pouco. — Naaah, não tanto.

— O que? Como se atreve... Eu respiro um pouco de ar. — Bem. Você quer um bom beijo? Aqui está um bom beijo. — Eu agarro sua cabeça e o puxo para baixo, pronto para ficar com ele como ninguém.

Ele se afasta e levanta um dedo. — Um segundo.

— O que? — Primeiro ele me pede um bom beijo, e então, quando eu finalmente estou pronta para desabar, ele sai? Que tipo de psicologia reversa confusa e perturbadora é essa?

Atravessando a sala, ele vai até a porta e fecha, trancando antes de voltar.

Eu olho para ele de lado, feliz por não estar sendo abandonada, mas novamente preocupada que ele vai me convencer a fazer algo que parece malcriado. Infelizmente, qualquer coisa que tenha a ver com Ian parece que não pode estar errado, mesmo quando está claro.

— Ian. Eu te disse... nada de brincar na casa dos seus pais. — Ele estende os braços. — Apenas um bom beijo. Isso é tudo que preciso.

Ele está parado lá com uma protuberância gigante em suas calças, e tudo o que posso pensar é vê-lo nu. Eu olho para a porta e depois para as

calças dele novamente. Toda a regra sobre não fazer coisas ruins para garotas na casa de seus pais é cada vez mais tola e a cada segundo.

— Você está me matando, querida, — diz ele, com um sorriso bobo.

O seu olhar de dor me faz mudar de ideia. Eu jogo todas os meus tabus sobre a janela e espontaneamente reformulo minhas ideias de certo e errado. Feito.

— Tire a roupa, — eu digo, agarrada por alguma demônia puta que não consegue controlar sua libido. Tudo o que posso pensar é que preciso colocar minhas mãos em seu pau.

Ele nem me questiona. Sua camisa vem voando junto com suas meias e então seu jeans. Ele está de pé em cueca boxer com uma protuberância de tenda gigante na frente em menos de um minuto.

— Sua vez, — diz ele, olhando-me para cima e para baixo.

Eu decido que um ataque furtivo é a melhor maneira de lidar com essa situação. Isso vai ensiná-lo a tentar dar as cartas comigo.

Eu ando mais perto e ajo como se eu fosse tirar minha camisa, mas ao invés disso eu fico de joelhos, puxando a parte de cima da sua cueca. Seu pau sai e salta para cima e para baixo na frente do meu rosto, totalmente ereto.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta, confuso.

— Dando-lhe um *bom* beijo, então você vai sair do meu quarto.

QUARENTA

PEGO O PAU DE IAN em uma mão e descanso a outra na coxa. Minha boca vai até a ponta do seu pau e eu lambo com a minha língua, uma vez, duas vezes, e depois três vezes, trazendo meus lábios para deslizar e acentuar a sensação.

Sua respiração forte me diz que fiz a escolha certa. — Fodaaa, — diz ele com um longo suspiro.

— Não, não foda, — eu digo, e lambo-o novamente. — Apenas beijo.

Ele geme. Suas mãos se movem para os meus ombros quando eu começo a deslizar meus lábios sobre a ponta do seu pau e descendo o eixo. Minha língua gira ao redor enquanto meus lábios se movem para frente e para trás. Eu uso minha mão para acariciar o comprimento dele, e seus quadris se movem levemente com o ritmo que coloquei.

— Eu não fazia ideia... — ele diz.

— Mmm... — Eu não posso responder, muito ocupada lendo seus sinais, levando-o profundamente, certificando-me de trabalhar toda a extensão de seu pau.

Ele está ficando maior, mais grosso, então sei que estou fazendo o que ele gosta. Estou tentando continuar focada em seu prazer, mas ao mesmo tempo eu gostaria de ter tido tempo para tirar minhas roupas também, para que eu pudesse jogá-lo na cama e subir em cima antes que ele terminasse. Estou ficando seriamente excitada vendo ele começar a perder o controle.

Suor surgiu em seu rosto e peito. Ele está respirando pesadamente e seu aperto nos meus ombros aumentou. — Oh meu deus, querida... oh foda-se.. sim, é isso...

Minha outra mão vem para pegar suas bolas.

Ele geme e empurra para trás, afastando-se de mim.

— Tem alguma coisa errada? — Eu pergunto, olhando para ele do chão.

— Sim, — ele rosna, agarrando-me pelas axilas e puxando-me para os meus pés.

Estou tentando decidir se fico brava ou envergonhada quando ele pega a parte de baixo da minha camisa e a puxa para cima da minha cabeça.

— O que você...?

— Eu preciso estar dentro de você, — diz ele, ainda rosnando para mim.

De jeito nenhum vou argumentar com essa afirmação, já que concordo cem por cento de que essa é a melhor ideia para nós dois. Eu o ajudo a tirar minha calça e meias, rapidamente seguido pelo meu sutiã e calcinha.

Quando eu me movo para beijá-lo, ele me pega pela cintura e me vira. Minhas costas estão em seu peito e seu pau está pressionando na minha bunda.

Ele empurra seu pau para o lado para que ele possa se aproximar. Suas mãos deslizam para minha frente e vão para baixo, seu dedo deslizando na minha fenda.

— Mmm, você já está molhada, — ele diz no meu ouvido.

— Você me excita tanto, — eu sussurro de volta.

Então seu dedo está tocando meu clitóris e esfregando para frente e para trás, deslizando às vezes dentro de mim e depois saindo para esfregar novamente. O formigamento começa imediatamente, e eu abro minhas pernas, tentando responder à necessidade que está aumentando, mas não conseguindo me levar onde quero estar.

Ele empurra minha parte superior das costas para baixo com a outra mão e me inclino em resposta. Então seu grande pau está pressionando contra a minha abertura por trás, e eu suspiro com a facilidade com que entra.

— Oh, baby... — Ele diz, sua voz rouca.

— Shh, — eu aviso, vão preocupar as pessoas se nos ouvir, e então eu gemo também. Tanto por ser discreto.

Ele me pega pelos quadris e empurra todo para dentro de mim, batendo algumas vezes no final e esfregando para frente e para trás quando ele está totalmente enterrado.

Eu empurro contra ele, implorando por mais. Minhas mãos abrem e fecham nos lençóis, torcendo-as e transformando-as em pilhas enrugadas.

Ele constrói um ritmo, entrando e saindo, o atrito crescendo junto com o meu desejo. — Mais duro, — eu digo, sabendo que preciso sentir mais dele.

Ele bate em mim com tanta força, meus pés perdem o aperto no chão e eu caio para frente na cama.

Ele rasteja atrás de mim e empurra para mim de cima, rapidamente, como se ele não pudesse esperar que eu estivesse pronta.

Eu caio na cama no meu estômago, mas ele não para. Ele está indo mais e mais rápido, empurrando, exigindo, e eu tenho que levantar minha

bunda da cama o mais alto que posso para mantê-lo na melhor posição para ir fundo.

É louca a maneira como continuamos, não nos importando com o fim ou quem possa ouvir. Nós apenas temos essa *necessidade* de satisfazer, e nenhum de nós está disposto a se afastar disso. Eu nunca estive tão empolgada com alguém antes.

Suas mãos vêm debaixo de mim e puxam meus quadris ainda mais alto. Eu nem sabia que era capaz desse tipo de manobra, mas estou feliz por saber que sou. Ele está me acertando exatamente no ponto certo, a pressão empurrando meu mamilo e fazendo um formigamento vindo de algum lugar dentro de mim, seu pau duro e longo preenchendo cada pedaço de mim.

Ele está enlouquecendo, bombeando tão rápido que não consigo acompanhar seu ritmo. Eu não preciso, no entanto, já que meu corpo parece ter entrado em algum tipo de estado auto erótico. Eu nem sei mais onde estou — algum tipo de buraco negro, talvez. Eu poderia me importar menos se toda a casa nos ouvisse neste momento. Eu só quero que ele me leve até o fim desse passeio maluco. É tão bom, só espero que não termine tão cedo.

— Argh! — Ele grita, parando de repente. Ele está respirando com tanta força que parece um trem.

— O que há de errado? — Eu pergunto, também sem fôlego. — Vire-se.

— O que?

Antes que ele se incomode em responder, ele puxa para fora, me agarra pela cintura e me vira até a metade. — Isso é bom, bem aí.

Estou do meu lado e ele está sentado em uma das minhas pernas. A outra ele está levantando para colocar por cima do ombro.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, assustada e animada ao mesmo tempo. Estou latejando com a necessidade. Eu só quero ele de volta lá, fazendo-me sentir que estou em chamas novamente.

— Fodendo você. — Ele fica de joelhos e orienta seu pau em mim novamente. Ele está segurando minha perna com as duas mãos enquanto descansa contra o peito e vai por cima do ombro na parte de trás do meu joelho.

Eu nunca tive ninguém me fodendo de lado antes, mas não demoro muito para descobrir que eu gosto disso. Sim, por favor, Ian. Foda-me de lado.

— Oh, meu, deus, — eu digo enquanto ele faz uma pausa para esfregar alguns círculos em volta de mim com seu osso púbico. Estou recebendo uma massagem do lado de fora e do lado de dentro ao mesmo tempo. Passa pela minha cabeça que é assim que o céu é. Exatamente assim, apenas com cookies ilimitados que não fazem você ganhar peso.

— Você gosta disso? — Ele pergunta, colocando o polegar em meu clitóris, esfregando-o suavemente enquanto ele puxa para fora e entra novamente.

Eu aceno, incapaz de falar.

Ele continua me esfregando assim, parando, começando de novo, entrando e saindo, e eu chego cada vez mais perto do orgasmo indescritível que parece estar brincando de esconde-esconde comigo hoje. Eu não consigo gozar, mas tento não ficar frustrada com isso. Isso faz com que seja boa em preocupar com pequenos detalhes como esse. Eu sei que Ian nunca me deixaria frustrada.

Ele para e puxa para fora.

— O que há de errado? — Eu pergunto, preocupada que já estamos prontos.

— Eu preciso ir mais fundo. Eu quero ver seu rosto quando você gozar, e eu sei que você está perto.

Ele gentilmente me empurra de costas.

Eu abro minhas pernas e braços. — Vamos lá, — eu digo, sorrindo. — Me dê, me dê. — Ele sorri.

— Oh, eu pretendo, acredite em mim.

E então ele está dentro de mim novamente. Nós olhamos nos olhos um do outro enquanto o calor se forma dentro de mim novamente. Ele afunda em mim devagar, com cuidado, fazendo-me feliz em perceber cada centímetro dele.

O deslizamento fica mais liso. Mais fácil, conforme o calor aumenta. Eu sinto partes do meu corpo inchando lá, e o formigamento vem de dentro novamente. Desta vez, vem mais rápido e mais forte. Eu imagino que estou caindo.

Sua expressão fica escura e suas narinas se abrem. Os músculos de sua mandíbula começam a ficar tensos e soltos, repetidamente.

Eu começo a fechar meus olhos.

— Não, — diz ele. — Abra seus olhos. Eu quero observar você.

Eu faço o que ele diz e olho em seus impossivelmente olhos verdes. É intenso senti-lo em mim e em mim enquanto o observava me olhando atentamente. É como se estivéssemos de alguma forma sendo unidos, não mais dois indivíduos, mas um todo. É assustador, mas não posso negar que isso parece certo. Eu quero vê-lo gozar também.

Eu posso sentir o orgasmo vindo para nós dois ao mesmo tempo. Manter o olhar não é mais uma opção. Eu tenho que manter meus olhos com os dele ou me afogarei. Ele é a única coisa que me salva do certo esquecimento. Eu nunca senti que estou prestes a me perder completamente antes, como faço agora. É incrível, mas desconcertante ao mesmo tempo.

— Ian... — Estou desesperada, segurando-o com um aperto de ferro.

— Você vai gozar, — diz ele.

Eu aceno com a cabeça, meu rosto contorcendo-se com o prazer e a antecipação. — Sim.

— Eu também, — diz ele, sua voz principalmente para os grunhidos.

E então gozo. Só de saber que ele está no limite é o suficiente para me empurrar. O orgasmo para acabar com todos os orgasmos chega a me sobrecarregar.

As mãos de Ian estão em ambos os lados do meu rosto agora, segurando minha cabeça ainda, o nariz a apenas um centímetro do meu. Parece que ele está prestes a chorar, o jeito que suas sobrancelhas se juntam, a maneira como sua boca pressiona juntas enquanto ele grunhe, o suor escorrendo pelo seu rosto para pousar no meu.

Eu suspiro em doce liberação. — Ian! — Pareço que estou chorando. — Ian! Ian!

Ele entra em mim, grunhindo e rosnando quando eu chamo seu nome e várias sílabas que não fazem sentido.

Nós nos olhamos o tempo todo que montamos as ondas. Nenhum de nós pode respirar muito bem, pressionando nossos pulmões até que estejam prontos para explodir e ofegando uma ou duas vezes. Embebido

nas emoções e sentimentos, nós olhamos por uns momentos. Nada mais no mundo inteiro importa ou será tão bom novamente. É uma coisa agridoce como nenhuma outra.

— Eu te amo, — ele suspira, ainda empurrando para dentro de mim, usando o que parece ser os últimos pedaços de sua força.

— Eu também te amo, — eu digo de volta. Oprimido pela emoção assumindo, eu começo a chorar. E também não estou falando de um grito delicado, doce e atraente. Eu começo a chorar como um grande e velha bebê.

Ele chove pequenos beijos em todo o meu rosto, ainda me empurrando. — Não chore, baby.

— Eu não estou triste, — eu murmuro, através das minhas lágrimas, — Eu não estou triste em tudo, eu prometo. — É uma espécie de mentira, mas ele merece ser enganado dessa vez. Não quero que o coração dele quebre tanto quanto o meu quando eu for embora.

— Promete, — ele diz, ainda me beijando, diminuindo seus golpes.

— Prometo.

— Você quer que eu pare? — Ele pergunta, parando em seu beijo.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Nunca pare.

Ele sorri. — Eu tenho medo que meu pau tenha outras ideias.

Eu sinto que meio que desliza para fora de mim logo depois que ele diz isso. Isso me faz rir. — Pobre rapaz. — Ian olha para baixo em sua virilha. — Você o esgotou.

— Ele me desgastou, não o contrário. — De repente eu me sinto toda tímida, agora que eu percebo mais uma vez que estamos na casa dos pais de Ian e acabamos de fazer sexo louco. Nós até fizemos isso de *lado*, pelo amor de Deus.

Ian se apoia de lado e olha para mim, usando um dedo para traçar o contorno do meu mamilo. — Você tem seios fabulosos, você sabe disso?

— Eu mesmo comprei e paguei por eles, — digo, sem vergonha nem um pouco que melhorei o que Deus me deu.

— Eu aposto que você fica incrível em um maiô.

— Eu sorrio. — Eu gosto de pensar que sim.

— Eu gostaria de ver isso. — Ele parece melancólico.

— Não nesse tempo, você não vai. — Eu não me importo com o tipo de conversa doce que ele usa, não estou vestindo uma roupa de banho em Baker City durante o inverno.

— Está quente na Flórida agora? — Pergunta ele.

— Sim, bem quente. Nunca fica tão frio. Mas eu não diria que é tempo de traje de banho o ano todo. Apenas a maior parte do ano.

— Eu pesquisei rancho na Flórida, — ele diz, como se ele não estivesse falando diretamente ao meu coração. — Você sabia que é um dos maiores Estados pecuários nos Estados Unidos?

Eu franzo a testa para ele, me perguntando se ele está brincando comigo agora. — Você está falando sério?

— Sim. — Ele se ergue mais alto e descansa a mão na minha barriga. — Não tão longe de onde você mora, na verdade.

— Realmente? — Eu franzo a testa enquanto penso sobre isso. — Acho que vi algumas vacas ao lado da estrada. Mas é principalmente no caminho para o norte.

— Onde? New York?

Eu ri. — Não. Orlando, para ir para a Universal Studios ou qualquer outra coisa.

— Eu nunca estive lá. É divertido?

— Eu vou te levar algum dia.

— Que tal agora? — Ele pergunta, sua expressão muito séria. Eu olho para ele de perto, tentando detectar uma brincadeira.

— Agora?

— Sim. Vamos. — Ele me cutuca no braço. — Vamos para a Universal.

Eu alcanço e afago seu cabelo emaranhado. — Você é bobo.

Ele tira a minha mão do cabelo e beija meus dedos. — Não. Estou falando sério. Ele cuidadosamente coloca minha mão no meu estômago, mantendo-o sobre ele.

— Por que você não está rindo? — Eu pergunto.

— Porque estou falando sério. Se eu risse, isso estragaria o efeito.

Eu me arrasto para fora dele e me sento. — Você quer seriamente ir para a Flórida e ir para a Universal comigo?

— Sim.

— E você pesquisou rancho lá?

— Por quê? — Meu coração está bombeando mil batidas por minuto. Eu não posso respirar muito bem, mas estou tentando fingir como eu posso. Não quero que ele saiba que a própria ideia de que ele poderia querer estar comigo em uma base mais permanente me leva a um ataque apoplético.

Ele não me responde por um tempo. Então ele rola de costas e olha para o teto. — Eu te amo, Candice.

Minhas entranhas ficam todos engraçados ouvindo isso. Eu estava meio que esperando que ele não estivesse realmente ouvindo a minha grande declaração durante o nosso amor, na verdade. Uma coisa é estar

caída por um cara, mas é uma coisa totalmente diferente ele saber que estou toda na dele.

Andie diz que eu não sou de aventuras. Pela primeira vez, estou concordando com ela sobre isso, pelo menos no que diz respeito a Ian. Ian definitivamente não é aventureiro, e agora eu me apaixonei por ele. Tipo, *totalmente* caída. Nós realmente declaramos nosso amor um pelo outro quando gozamos? Quão idiota é isso? Eu suspiro. Não é tão ruim quando você está no meio disso, aparentemente.

Eu o cutuco com o pé. — Eu também te amo, mas...

Ele vira a cabeça para olhar para mim. Ele parece tão triste. — Mas o quê?

— Eu dou de ombros. — Mas... todo mundo vai dizer que somos loucos.

Ele encolhe os ombros também. — Quem se importa com o que todo mundo vai dizer? Não são eles que decidem se estamos felizes ou não.

Eu não consigo parar de sorrir. — Isso não pode estar acontecendo.

Ele se senta e fica ao lado da cama, estendendo as mãos. — Com certeza pode estar acontecendo.

QUARENTA E UM

EU ESTOU DE PÉ AO LADO DE UM IAN nu na beira da cama. Ele está olhando nos meus olhos, me segurando perto.

— Por que não ser natural? — Pergunta ele, como se a coisa mais fácil do mundo fosse fugir com alguém que você mal conhece, de um Estado superior esquerdo para um inferior direito.

— Eu não sei. Porque é irresponsável? — Meu argumento parece fraco para os meus ouvidos.

— Dane-se ser responsável. Eu tenho sido responsável por toda a minha vida e olha onde isso me levou.

— Em uma ótima vida com uma grande família?

— Solitário. Desejando estar em outro lugar vivendo com alguém quem não seja meu parente.

— Mas... você é do campo e eu sou da cidade. — Eu quero acreditar que essa coisa entre nós poderia funcionar, mas parece que eu deveria tentar nos convencer a sair disso. É o que Andie gostaria que eu fizesse. Ela vai ficar tão chateada. Isso me faz sentir mal por dentro.

— Eu não sou completamente do campo, e você não é completamente da cidade também. Não tente me dizer que você é.

Eu dou de ombros. Eu poderia ter discutido esse ponto com ele alguns dias atrás, quando estava escorregando e deslizando por todo o gelo, mas hoje não posso. Ele está totalmente certo. Eu sou uma mãe de vaca depois de tudo. E comprei uma arma e atirei em um leão da montanha com ela. Nada disso aconteceria na Flórida.

Ele aponta para o meu rosto. — Você está tentando pensar em alguns argumentos, e você não pode.

— Não, eu só estou pensando que eu gostei dessa coisa de vaca, e as botas são realmente fofas aqui. — Eu não mencionei a arma porque então ele vai me dar uma porcaria sobre atirar nele novamente.

— Vê? E você gosta de galinhas.

Eu levanto meu rosto. — Eu não tenho certeza sobre bundas de galinha, no entanto.

Ele franze a testa. — Bunda de galinha? Quem disse alguma coisa sobre isso?

— A coisa do ovo... — Eu digo, esperando por ele para pegar.

— Escute, se você não gosta de bunda de galinha, não precisamos tê-las. Eu só pensei que você gostaria de ovos frescos.

— Nós? O que você quer dizer com *nós*?

Ele me dá um sorriso vacilante. — Você não acha que eu estava falando apenas de tirar férias em Orlando, não é?

De repente estou tendo dificuldade em respirar. Eu tenho que me afastar dele para encontrar o oxigênio que preciso para sobreviver.

— Qual é o problema? — Ele pergunta, seus braços congelados na frente dele enquanto eu coloco alguma distância entre nós.

— Eu só... Eu só... Eu só preciso respirar. Meu rosto está subitamente frio e suado enquanto minhas orelhas estão em chamas. — Eu acho que estou prestes a entrar em combustão espontânea.

Ele ri. — Isso é apenas nervos.

Meu olhar percorre a sala, procurando minhas roupas perdidas. Preciso me vestir. Preciso sair daqui. Preciso *pensar*, e eu não posso fazer isso com o Ian tão perto, tão fofo, tão na luxúria comigo.

Tenho certeza de que é isso. Luxúria. Ele é dominado pela luxúria e se enganou acreditando que me ama. A dor que o pensamento faz no meu peito é horrível. Eu tenho que segurar meu coração para fazer isso parar. Talvez seja mesmo amor.

Mas, *ack* ! Os caras não *fazem* esse tipo de coisa. Essa é a *minha* coisa, me apaixonar por alguém completamente inadequado. Eu menti totalmente antes. Não sou namoradeira. Eu não faço *nada*. Eu só me apaixono. Esta sou eu. É quem eu sou. Mas nunca tive alguém fazendo isso de volta para mim. Não é de admirar que todos esses caras fugissem de mim. Fale sobre pressão. Fale sobre merda assustadora!

— Está bem, — diz Ian, colocando as calças e, em seguida, a camisa, como se ele não tivesse nenhuma preocupação. — Vou deixar você pensar sobre isso e, enquanto isso podemos ir ao bar e conversar com Ginny.

— Sim, — eu digo, apontando para ele. — Isso é uma *excelente* ideia. Vamos consertar a vida de Andie. —Antes de destruir a minha, preciso ter certeza de que a dela é sólida. É o mínimo que posso fazer antes de virar a casa inteira de cabeça para baixo.

Percebo então que isso só vai acabar mal para os MacKenzies. Ou eu levo o Ian embora, e nos apaixonamos ainda mais e quase nunca o vemos novamente, ou deixo-o aqui com o coração partido e ainda mais amargo do que nunca.

Puta merda O que eu fiz?

QUARENTA E DOIS

CONSIGO FAZER MEU cabelo e maquiagem e parecer vagamente apresentável antes de entrar na caminhonete com Ian e Mack. Por alguma razão, nos convocamos a bunda de Mack para a nossa missão, mas eu fiz Ian prometer não dizer uma palavra ao irmão sobre quais são nossos planos. Vou ter que falar com a Ginny no banheiro ou algo assim. A última coisa que eu preciso é que Mack fale para Andie das minhas aventuras. O que ela não sabe não vai machucá-la, e eu pretendo continuar assim.

— Então, como a paternidade está te tratando? — Ian pergunta a Mack enquanto seguimos pela longa estrada até a rodovia.

— Adoravelmente — diz Mack sem hesitar. — Poderia fazer sem a privação do sono, mas por outro lado, é perfeito. Andie é uma ótima mãe. Sarah é uma garota de sorte por tê-la.

— A mãe diz que Andie tem o baby blues.

— Sim, um pouco, mas ela está controlando isso. Você sabe como é.

Eu me viro para olhar para Mack. — Como você sabe?

Mack dá de ombros. — Acontece no mundo animal também às vezes.

Eu concordo. Isso faz todo sentido para mim. Passei um tempinho antes do meu cochilo com meu primeiro amor, o Google, e aprendi um pouco sobre o tornado de hormônios que destruía o corpo de Andie. Isso me fez querer fazer um banho quente para ela, mas quando liguei para ela para discutir, ela recusou a minha oferta.

— Se vocês dois quiserem sair alguma noite, Candice e eu poderemos ficar com ela, — diz Ian.

Meu coração pula no meu peito. Quão fofo isso seria? Ian e eu, fingindo serem pais por um tempo.

Meu rosto fica branco novamente. Pais? Ian e eu? Oh meu deus, oh meu deus, oh meu Deus.

— O que há de errado com você? — Ian pergunta. — Você está se sentindo bem? Você parece meio pálida.

— Eu? — Meus olhos se arregalam. Ele está lendo mentes agora também? — Nada mesmo. Nenhuma coisa.

Ele ri, balançando a cabeça. — Mentirosa.

— Como vai a viagem até agora, Candice? — Mack me pergunta. — Andie se sente mal por não ter tido mais tempo para passar com você.

— Oh, tem sido ótimo. Ian tem me mantido ocupada. — Eu quero morrer quando as palavras saírem da minha boca. Mais como o seu pau tem me mantido ocupada. Puta merda. Nós fizemos isso totalmente na casa dos pais *e no* celeiro deles.

Ian olha para mim, mas mantém a boca fechada, felizmente. — Então eu ouvi, — diz Mack.

Estou sem palavras. Graças a Deus Ian não está sofrendo o mesmo problema.

— O que é que isso quer dizer? — Pergunta ele, olhando em seu espelho retrovisor para Mack.

— Nada. Só que eu ouvi que vocês todos foram para a cidade algumas vezes juntos.

Ele ri — Ouvi dizer que ela atirou em você também.

— Ela fez. — Ian acena com a cabeça. — A sangue frio, eu poderia acrescentar.

Eu suspiro, já cansada dessa conversa. — Eu não atirei nele, o Karma fez. E eu nunca fui chamada de sangue frio em toda a minha vida, então não comece agora.

Ele me dá um tapinha na perna e, em seguida, passa a mão para apertar minha coxa muito perto de lugares que ele não deveria estar tocando em público. — Eu sinto muito, querida. Você está certa. Você não é sangue frio.

Eu levanto a mão dele e dou a ele o olhar "Tire as mãos da mercadoria." A última coisa de que preciso é que Mack informe a Andie sobre Ian e eu. Eu nunca vou ouvir o final disso, com certeza.

Ian olha para mim, confuso, mas depois volta para sua direção. Não estamos longe da rodovia, e essa é a parte que tem mais buracos na estrada, então ele precisa se concentrar. Eu tenho uma missão para realizar esta noite, e não posso fazer isso em uma vala na beira da estrada.

— Então, qual é o plano hoje à noite? — Mack pergunta. —

Plano? — Eu sou toda inocência. — Que plano?

— Apenas três pessoas para uma bebida, isso é tudo, — diz Ian.

— Você pode cortar o papo furado, — diz Mack. — Mamãe me contou tudo.

Eu reviro meus olhos e bufo meu desgosto. — Ninguém pode manter um segredo nesta família? — Ian está sorrindo muito.

— Não. Ei, Mack... Candice lhe disse que ela e eu estamos fugindo para Orlando?

Mack se inclina para o banco da frente e olha para mim. — Por que, não, ela não, na verdade. — Ele me cutuca no ombro. — Diga, Candice.

Meu queixo está preso. Os únicos sons que saem são os de frustração e surpresa.

— Sim. Eu propus a ideia hoje cedo, e ela esta toda nisso, — diz Ian. As palavras saem de mim antes que eu possa detê-las.

— Eu não estou.

— Você não está? — Ian olha para mim com preocupação em seus olhos. — Você está falando sério?

— Sim. Não. — Eu respiro fundo e deixo sair. — Eu não sei o que pensar. — Confusa é provavelmente a melhor palavra. Olho pela janela lateral para não ter que olhar para o rosto incrivelmente lindo.

Mack ri. — Bem, eu acho que é uma boa ideia, se alguém se importa com a minha opinião. — Ele se senta em seu lugar.

Estou chocada. Eu tenho que me virar e olhar para trás para ver se ele está apenas brincando comigo. — Você está falando sério? — Ele com certeza está fazendo uma boa imitação de alguém que é, com aquele chapéu de vaqueiro e aqueles olhos azuis frios dele. Ele definitivamente não está sorrindo.

— Por que não? — Ele encolhe os ombros. — Casei com minha esposa depois de conhecê-la apenas algumas horas. Eu definitivamente acredito nisso. Quando você sabe, você simplesmente sabe.

Ian me dá um tapinha na perna. — Veja? Eu te disse.

Eu me viro e afundo no meu assento um pouco. Isso tudo está se movendo tão rápido para mim. Eu não posso acreditar que os MacKenzies deixariam Ian assim, sem uma palavra contra isso. Seus pais ficarão furiosos com certeza. Um irmão mais velho pode se dar ao luxo de ser casual sobre isso, mas sua mãe, ela vai ficar brava. Ela provavelmente vai querer me atropelar com sua pequena caminhonete.

Mack está falando de novo, me tirando dos meus pensamentos. — Mamãe estava dizendo ontem como ela gostaria que você encontrasse alguém para ir a uma aventura. Ela diz que é o que você precisa. Você está apenas murchando em Baker.

— Ela disse isso? — Ian balança a cabeça. — Droga. Até minha própria família está pronta para me expulsar.

— Você tem que admitir, — Mack diz, — você tem sido um pé no saco nos últimos anos.

— Sim, bem... Estou farto disso. — Ian franze a testa. — Só vou remediar um pequeno mal entendido hoje à noite, e então eu vou seguir em frente. — Ele olha para mim. — Para frente e para cima.

Eu tento sorrir, mas por dentro estou morrendo. E se eu for apenas uma grande decepção para ele?

E se ele entrar no meu salão e rir do meu trabalho, minha vida, meus amigos? É tão diferente do que ele está acostumado. É realmente possível que a cidade e o campo vivam em harmonia juntos?

— Sim, estou realmente ansioso para conhecer o mundo de Candice, — diz ele.

Oomph. Eu acho que vamos descobrir. Eu tento não deixar esse pensamento me mandar para um beco sem saída.

QUARENTA E TRÊS

O BAR É FOLEIRO. ESTÁ ESCURO, cheira a cerveja velha e está cheio de caras gordos vestindo camisas de flanela. Alguém arrota quando eu entro e sinto um cheiro de salame.

— Ah, vamos lá, Dave, — diz Ian, caminhando entre o agressor e eu. Ele acena com a mão na frente do rosto enquanto faz uma careta.

— E aí Ian, como está cara? — O arrotador ergue a mão, mas ele não consegue mantê-la parada. Eventualmente, ele desiste de fazer um cumprimento de high five com Ian e deixa cair na sua perna com um tapa.

— Já está baleado? Cara, você está frito. — Ian se aproxima e dá um tapinha nas costas dele, com força. — Que tal uma xícara de café, cara? Está de pé?

— Sim, isso é uma boa ideia, eu acho. — O cara está balançando a cabeça, com os olhos vidrados.

Eu me afasto antes de ver mais algum acidente. Se esse cara vomitar, vou chutá-lo, e eu ainda nem cheguei a três metros da porta.

— Então, estamos aqui para ver Ginny, é isso? — Mack me pergunta.

Eu olho por cima do ombro para Ian. Ele está segurando seu amigo Dave enquanto o barman lhe serve café. Eu acho que Mack é meu novo parceiro.

— Sim. Eu preciso apenas conversar com ela por um segundo, e então podemos ir embora.

Mack aponta. — Você a encontrará naquela sala dos fundos ali. É onde estão todas as tábuas de dardos. Cuidado com as tábuas, no entanto. Certifique-se de ficar no lado oposto delas.

Ele pisca quando começo a ir, então ao invés de gritar com ele por insultar minha inteligência, eu digo — Obrigada, — e o deixo no bar pedindo cervejas.

Eu vejo Tate Montgomery do outro lado da sala e aceno para ele. Ele parece que vai ficar de pé e se aproximar, mas corto o contato visual e me afasto. Não quero que Ian consiga outro olho negro em meu nome. Ele já vai parecer um inferno quando aparecer na Flórida com aquele olho roxo que ele tem.

É então que percebo que estou considerando seriamente sua oferta de voltar para casa comigo. Eu devo estar louca, balanço minha cabeça para tirá-la dessa linha de pensamento. Preciso me concentrar na missão em mãos. *Andie agora, Ian depois.*

Eu atravesso um arco e vejo Ginny no outro lado da sala. Ela está no meio de alguns caras e duas outras garotas, sendo uma delas Hannah. Meus olhos se estreitam enquanto tomo a cena. Hannah queria que Ian e eu acreditássemos que ela era inocente no esquema das coisas, mas vê-la aqui esta noite me faz duvidar disso.

Eu ando, ignorando todos os olhos que estão em mim. Quando estou no meio do caminho do meu destino Hannah me percebe e bate em Ginny no braço. Todas as pessoas em seu pequeno grupo se viram para me ver chegar.

Meu coração começa a martelar no meu peito. *Fácil agora, Candice. Você tem uma arma. Você é foda. Leões tem medo de você. Não deixe que ela te intimide.* Eu levanto meu queixo e ergo meus seios um

pouco. Ninguém, e quero dizer que *ninguém* vai falar sobre minha melhor amiga depois de hoje à noite.

Meus superpoderes estão em alerta total. Apenas deixe Ginny tentar alguma coisa.

— Olá, — eu digo quando passo na frente dela. Eu odeio admitir isso, mas seu cabelo parece incrível, e suas botas são adoráveis. Eu não tenho ideia de como ela está andando na neve com eles, no entanto. As solas são pretas e não de borracha de astronauta de 2,5 centímetros de espessura como a minha.

— Olá. Candice, certo? — Ela olha por cima do meu ombro. — Onde está Ian?

— Não importa onde Ian esteja. Estou aqui para discutir sobre Andie.

Ela sorri, franzindo os lábios um pouco antes de responder. — Sobre isso?

— Sim, sobre isso. Ouça... — eu gesticulo para Hannah -— Eu ouvi fofocas que você tem espalhado com rumores sobre minha amiga Andie MacKenzie.

— Eu não. — Ela é tão orgulhosa que quero dar um tapa nela, mas resisto.

— Hannah diz que você está dizendo às pessoas que Andie separou você e Ian.

— Isso é verdade, Hannah? — Ela pergunta sem sequer olhar para sua amiga.

— Não. — Hannah toma um gole de sua cerveja. — Eu não disse isso.

— Você é um mentirosa, — eu digo, apontando para ela por cima do ombro de Ginny. — Eu vou lidar com você mais tarde. — Volto minha atenção para Ginny. — Mas por enquanto, estou aqui para você.

— Oh, eu estou lisonjeada. — Ginny coloca a mão em seu coração e bate os cílios.

Eu estreito meus olhos para ela. — Então, quando você estava sendo amigável no hospital, você estava apenas me irritando, hein?

— Você é tão inteligente. — Ela inclina a cabeça e fala em um tom doce de sarcasmo. — Você foi à faculdade?

— De fato, eu fui. Universidade da Flórida. Graduada com louvor. E você sim?

— Sim. — Ela coloca o queixo para fora. — Em La Grande.

— Faculdade comunitária, — diz Hannah, inclinando-se para nós para esclarecer. Ginny perde sua expressão arrogante em um instante.

— Cale a boca, Hannah.

— Você cale a boca, Ginny. — Hannah olha para a amiga e toma outro gole de sua cerveja. O sorriso de Ginny está sem graça. — De qualquer forma, não temos nada a dizer sobre sua amiga Andie, então você pode seguir em frente. — Ela aponta para os alvos do outro lado da sala, três dardos emplumados saindo do topo de seus dedos. — Estamos no meio de um torneio aqui.

Eu arranco os dardos da mão dela e jogo todos os três juntos na prancha dela. Um deles gruda na borda e o resto bate na parede de lado e cai no chão.

— Ei!

— Essa é a sua vez, — diz um cara do outro time. — Você tem... — ele olha para o alvo -— um monte de nada. — Sua equipe inteira ri.

Ela empurra meu ombro. — Você estragou minha pontuação!

Eu a empurro de volta. — Você estragou a *vida* da minha melhor amiga!

Gina parece estar prestes a ficar louca. Seu rosto está vermelho brilhante e seus olhos quase caem da cabeça. — Você me toca de novo, e vamos brigar.

— Você diz mais uma palavra sobre Andie ou Ian, pode ter certeza que vamos brigar. — Eu balanço a cabeça um pouco para que ela saiba que estou falando sério.

Sua boca se torce em algo seriamente feio. — Andie MacKenzie é vagabunda que não só arruinou meu casamento com Ian e toda a minha vida, mas a vida de Hannah também.

Largo minha bolsa no chão atrás de mim e levanto as mangas. — Tudo bem, é isso. Eu te avisei.

Hannah parece preocupada, mas Ginny não. Ela parece estranhamente excitada com a perspectiva de que eu vá bater nela.

Os caras recuam e começam a rir, cutucando um ao outro em antecipação. Você pensaria que estávamos prestes a pular em uma banheira de gelatina do jeito que eles estão olhando para nós. *Idiotas*

Estou tão ocupada, certificando-me de que o material da minha blusa esteja alto o suficiente nos meus cotovelos, para que não seja arruinado que eu não esteja preparada para o primeiro movimento de Ginny. Ela me cega com uma bofetada no rosto, chicoteando minha cabeça para o lado.

Eu me recupero uma fração de segundo depois e pulo nela sem pensar, indo para o cabelo dela. Eu sei que é a maneira mais fácil de

conseguir uma garota em seus joelhos. Eu sou um maldito ninja quando se trata dessa merda.

Ela grita. — Ow! Esse é o meu cabelo, sua puta!

Eu puxo com toda minha força, levando-a de joelhos com dor. — Se você quiser mantê-lo, você vai ter que prometer deixar Andie em paz.

— Dane-se Andie! E foda-se você também, sua lunática! Eu puxo com mais força. — O que é que foi isso?

Ela tem as mãos para cima, tentando desfazer o meu aperto, mas não tem jeito. Eu estou usando meu aperto de kung-fu de aço. Um terremoto não poderia me tirar dela, mesmo que ela esteja me matando, mexendo com os meus pontos do jeito que ela está.

— Ei, pare! — Ela desiste de tentar me tirar do seus cabelos e, em vez disso, bate minhas coxas e minhas panturrilhas repetidamente.

A multidão está ficando louca, torcendo por nós. Deus, Baker City é cheio de imbecis completos. Eu nunca vou morar aqui. Não me importo com o quão fofo Ian seja. Isso me torna ainda mais dedicada a consertar as coisas para Andie. Ela está presa aqui. Ela não tem escolha, mas não há razão para que ela tenha que sofrer com cadelas como esta dando-lhe dor.

Eu seguro firme, bloqueando a dor do ataque de Ginny. Se eu deixá-la, ela é obrigada a me matar ou estourar um dos meus peitos, pelo menos, e não quero ter que passar por essa cirurgia novamente, com certeza. Levou uma eternidade antes que eu pudesse segurar um secador novamente depois de meus implantes.

— Candice, o que diabos? — É Ian e ele está de pé à minha direita.

— Apenas fique para trás, Ian. Eu tenho isso sob controle. — Eu estou grunhindo com o esforço de absorver os socos de Ginny. Ela tem algumas juntas realmente ossudas.

— O que há de errado com vocês? — Grita Mack, dirigindo-se a Hannah e aos outros espectadores. Ele coloca duas cervejas na mesa mais alta.

— Ginny, levante-se. — Ele vem por trás dela e a levanta de pé.

Ian me pega por trás, mas eu não vou soltar o cabelo da moça por nada. Esta é a minha única alavanca para conseguir o que eu vim aqui.

— Solte, cadela! — Ginny grita.

— Não até que você prometa parar de inventar mentiras sobre a minha amiga!

— Eu não estou contando nenhuma mentira sobre essa puta!

— Agora, espere um segundo, — diz Mack.

Foi quando soltei o cabelo de Ginny. Essa é uma confissão tão boa que acho que não vou conseguir melhor, mas é bom o suficiente para mim. Agora Mack sabe o que está acontecendo, e logo todo mundo também vai.

Deixei Ian me puxar de volta e colocar alguma distância entre nós e ela. Meus pontos estão pegando fogo, mas não sinto nenhum escape de sangue, então considero isso uma vitória.

— O que você chamou minha esposa? — Mack está de pé em toda a sua altura agora, e é bastante impressionante.

Ginny se levanta e tenta corrigir seu bagunçado cabelo. Parece que uma família de ratos fez uma festa, então é muito inútil. Isso me faz feliz.

— Você me ouviu, — Ginny cospe. — Puta. — E então ela realmente cuspiu, bem aos pés de Mack.

Eu me movo para ir atrás dela novamente, mas Ian me agarra por trás. — Calma aí assassina. Deixe ela dizer.

— Ela dizer? Ela está mentindo sobre Andie, sua cunhada.

— Ela está apenas magoada, — ele diz em uma voz realmente calma.

Ginny vira um olhar assassino em sua direção. — Foda-se, Ian. Você arruinou *tudo*.

— Eu? *Eu* arruinei tudo? — Ele ri, mas é um som muito amargo.

Parece que todos em todo o bar entraram na sala de dardo para testemunhar o espetáculo. Eu tento consertar minhas mangas para que elas fiquem mais apresentáveis e movo-me para ficar ao lado de Ian em vez de na frente dele. Ele me pega pela mão e se certifica de que todos vejam levantando nossos braços entrelaçados e me beijando na parte de trás dos meus dedos.

— Sim, *você*, — diz Ginny. — Nós tínhamos um plano, ok? Uma vida em que vivíamos juntos e você se afastou de tudo isso. De dez anos vivendo nossas vidas juntos, Ian. Fazendo planos para o nosso futuro.

Mack solta um longo assobio de ar. — Fazendo seus planos, não dele.

Ela vira a cabeça para olhar o defensor de Ian. — Cale a boca, Mack. Oque você sabe? Você nunca teve a hora do dia para o seu irmãozinho. Então você ainda não faz, nem agora.

— Ei, isso é fora de limites, — diz Ian, dando um passo em direção a ela.

Mack balança a cabeça. — Talvez você esteja certo, Ginny, mas isso não faz o que você fez algo bom.

— Ei, não dê ouvidos a ela, — diz Ian. Ele está falando com seu irmão no início, mas depois ele olha para a sala, examinando todos os rostos das pessoas que estão ouvindo e assistindo. — Nenhum de vocês a escuta, ouviu? Ela está cheia de raiva e ciúmes. Tudo saindo de sua boca é uma maldita mentira.

— Não é! —Ela grita. Ela aponta para Ian. — Você me abandonou!

— Você me traiu! — Ele grita de volta. — Com meu irmão entre todas as pessoas!

Ela zomba. — Ele pediu por isso. Ele basicamente me implorou por isso.

Mack olha para ela com uma expressão chocada. — Você está falando sério? — Ele olha para Ian. — Você não pode acreditar nela.

— Claro que não acredito nela. — Ian está enojado. — Deus, quão ridícula você pode ser, Ginny? Jesus, por que eu nunca vi isso antes? — Ian recua, como se ele não pudesse estar perto mais dela. Ele me arrasta com ele, balançando a cabeça.

Ela está chorando, mas furiosa. — Você me amou, Ian. Você ainda ama. Eu sei que você ama! É por isso que você está sempre bebendo. Você sente minha falta. Você sente falta de *nós*. Ela dá um passo em direção a ele com a mão estendida.

— Não me toque! — Ele grita, jogando um braço na frente dele em um gesto defensivo. — Nem chegue perto de mim.

— Ian!

— Não! —Ele solta minha mão e segura às palmas das mãos na direção dela. — Fique longe. Sério, Ginny. Você está perturbada ou algo assim. Não há mais nada entre nós. Pra começar nunca realmente houve.

O mundo meio que diminui nesse ponto. Os sons da multidão, da música tocando ao fundo, do meu coração batendo... tudo se une e se torna um grande bloco de ruído branco. Eu assisto em câmera lenta enquanto Ginny faz seu próximo movimento.

Seus olhos se movem para a esquerda e para a direita, observando as expressões zombeteiras, a descrença chocada, os risos saindo da multidão. E então, em um flash de movimento, ela pega vários dardos de um cara em pé perto dela e começa a jogá-los em nós, deixando escapar um grito primal que eu sei que vou ouvir nos meus pesadelos pelos próximos dez anos, pelo menos.

QUARENTA E QUATRO

VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO A SE TORNAR regular neste lugar, — diz a enfermeira Ratched número dois, a mesma que estava por perto nos primeiros pontos.

Eu estremeço quando ela limpa as feridas do meu braço. — Sim. Eu adoro vir aqui. A gelatina é incrível.

Ela ri. — Você acha que a gelatina é boa, você deveria provar o pudim.

— Sério? — Eu pergunto, realmente prestando atenção agora.

Ela pisca para mim. — Não, não a sério. É horrível. Fique longe do pudim. — Estou muito chocada com sua gentileza de responder, e ela sai antes de eu me recuperar.

Ian vem andando pela esquina da cortina, segurando o braço dele. — Como você está? — Ele pergunta, parando na minha frente.

Eu estou sentada em uma das camas rolantes no pronto-socorro do hospital, então tenho que olhar para cima para ver seus olhos. Eles estão injetados de sangue, cortesia de Tate Montgomery, destaca-se em total relevo contra sua pele pálida. Eu me sinto terrível que ele parece tão horrível. Isso é tudo minha culpa.

— Estou bem, — eu digo. — E *você*?

Ian se inclina até nossas testas se tocarem. — Se você me disser que posso ir para a Flórida com você, vou me sentir ótimo. Perfeito.

Eu alcanço e envolvo meu braço bom em volta do pescoço dele. — Você pode vir para a Flórida comigo quando quiser.

Ele me beija por alguns segundos e eu absorvo esse amor o máximo que posso. Depois de ter recebido os dardos, sou muito grata por qualquer prazer que possa ter em minha vida.

Um médico caminha pela borda da cortina e nos vê lá. — Então este é o casal feliz, — diz ele, olhando para o meu gráfico. — Parece que você se esquivou de uma bala hoje à noite.

— Mais como alguns dardos, — diz Ian. — Embora eu tenha sido atingido por uma bala no outro dia...

Eu pulo na conversa. — Tudo vai ficar bem, espero? — Eu estou tentando mudar o assunto simultaneamente do incidente de tiro e ignorar a dor no meu braço. Eu pensei que um arranhão de leão era ruim, mas acontece que um buraco de dardo de duas polegadas também é horrível.

— Sim. Não atingiu nenhuma artéria importante, nós limpamos tudo, e a injeção contra o tétano deve mantê-la segura. Eu só vou prescrever alguns antibióticos para afastar a infecção. Quem sabe onde esses dardos estavam antes de chegarem ao seu braço?

— E minhas costas, — diz Ian.

O médico acena com a cabeça. — E suas costas. Certo. Ele marca algo no meu prontuário. — Eu vou dar a você o mesmo conselho. — Ele olha para cima e sorri. — Evite tomar as pílulas antes de comer e fique longe de bares onde eles jogam dardos.

— Entendi, — diz Ian, apertando a mão dele. — Obrigado, doutor.

— Nada. Até mais. — Ele nos deixa no cubículo atrás da cortina.

— Então você tem certeza que quer que eu fique com você na Flórida? — Pergunta ele.

— Não é se eu quero você por perto; é se você quer ficar comigo.

Ele aproxima e tira o cabelo dos meus olhos. — Como você pode dizer isso? Você sabe que eu amo ficar com você.

— Mas por que?

— Porque, você é inteligente, você é engraçada, você é linda...

— Isso é verdade. Eu sou essas coisas. — Eu sorrio, cheia de felicidade para fazer qualquer outra coisa.

— E você é praticamente uma web médica.

— Estou feliz que você aprecie meu conhecimento médico.

— Ei, você totalmente receitou isso. Injeção contra tétano e antibióticos.

— Sim, bem, isso foi fácil. Eu lhe disse que diagnostiquei uma das minhas pacientes com insuficiência cardíaca congestiva pós-parto uma vez?

— Não. — Ele se inclina para me beijar com ternura. — Mas eu não posso esperar para ouvir tudo sobre suas intervenções médicas.

Eu olho para o chão, meu coração oprimido pelo medo.

— Vamos, baby. Diga-me o que está te incomodando. É porque estou indo rápido demais? — Balanço a cabeça e levanto os olhos para olhar para ele. Eu preciso que ele saiba que estou dizendo a verdade.

— Eu estou bem com a rapidez com que você se move. Talvez porque eu tenha visto acontecer com Andie, ou aprendido sobre isso depois, o que seja... Quer dizer, amor à primeira vista acontece, certo?

— Somos a prova disso. — Ele me beija uma vez e depois volta a escutar.

— Só estou preocupada que você não goste da minha vida em casa. Que você não vai gostar da minha empresa, do meu parceiro ou dos meus amigos.

— Tenho certeza de que, se fizerem parte da sua vida, vou amá-los. Como eu não poderia não gostar? — Eu faço uma careta.

— Eles não são como seus amigos aqui.

— Bom. Eu preciso de uma mudança, — diz ele. — Além disso, você sabe que eu não fui para faculdade aqui. Estou acostumado com a vida na cidade grande.

— Eugene é a vida da cidade grande? — Eu sei de Andie que é onde sua faculdade fica, mas eu nunca pesquisei o lugar para aprender alguma coisa sobre isso.

— Grande o suficiente. — Ele me pega pela mão e se ajoelha.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, o pânico me tomando.

— Só estou tentando te ver melhor, — diz ele. — Baby, eu só quero que você esteja confortável. Se isso for demais, cedo demais, vou tentar entender.

Eu corro minhas mãos pelo seu cabelo incrivelmente grosso e me inclino para beijá-lo na testa. Eu amo o cheiro dele, mesmo depois de ele estar em um bar sujo, preso com dardos, e depois limpado com limpador de hospital.

— Não, vou ficar bem, — eu tranquilizo ele e a mim mesmo da melhor maneira possível. — Você pode simplesmente vir para a Flórida comigo, e você vai conhecer meus amigos e ver meu salão e nós iremos ver como vamos fazer. Talvez você fique um pouco, e talvez volte para Baker City e possamos ser amigos.

Meu coração quase quebra só de pensar nisso, mas tenho que dar isso a ele, essa saída de emergência. Eu tenho que saber que ele vai embora se não estiver feliz, porque a última coisa que quero é um cara fingindo me amar quando não o faz.

— Quando podemos sair? — Pergunta ele.

Eu ri. — Depois de passar algum tempo com minha afilhada e a vaca baby. Eu tenho minha passagem para sair daqui a uma semana.

— Bem. Uma semana será. — Ele se levanta e estende a mão para eu me juntar a ele. — Pronta para voltar para casa?

— Sim. — Eu nunca pensei que eu consideraria Baker City minha casa, mas hoje posso definitivamente ver isso como uma casa longe de casa, especialmente com Ian.

Saio do pronto-socorro e vou para o frio, mas nunca me senti mais quente na vida, mesmo quando os flocos de neve cobrem meu cabelo e ombros.

QUARENTA E CINCO

MINHA ÚLTIMA SEMANA EM BAKER City passa. Eu raramente vejo Ian, com todas as vacas parindo bebês na neve, a pequena Candy exigindo ser alimentada o tempo todo, e Andie finalmente conseguindo dormir e querendo visitas. Sarah mal começou a olhar para as coisas e é hora de eu ir. Estou um pouquinho estressada por pensar que ela não me conheceu adequadamente.

Eu também estou dez vezes mais nervosa sobre Ian conhecer minha vida na Flórida do que quando ele mencionou pela primeira vez. Agora é Andie tentando me dar conselhos e conversas estimulantes, uma inversão total de papéis.

— Você vai ficar bem, ele vai ficar bem. Acredite em mim, ele é muito mente aberta. — Enquanto arrumo minha mala, Andie observa, amamentando Sarah como se fosse uma segunda natureza. Ela é tão boa em ser mãe. Eu não estou mais com inveja dela — apenas olhando para o dia em que posso tentar imitar suas habilidades de supermãe.

— Mas e o Jorge e Sunil e todo o meu pessoal? — Eu só tenho um funcionário, tecnicamente, e isso é Sunil. Jorge é meu parceiro, e todos os outros são contratados independentes que alugam meu espaço no salão. Todos eles estão lá há anos e anos, tanto tempo que é como se fossem minha família. Se eles não gostarem de Ian, eu não sei como isso poderia funcionar entre nós.

Andie revira os olhos. — Jorge é lindo, Sunil é uma boneca e seu pessoal é incrível. Confie em mim, Ian vai se encaixar.

— Ele é um cowboy, — eu digo, rindo da ideia dele se encaixar em um grupo de gays, imigrantes e fashionistas.

— Você vai ver. — Andie move Sarah para o outro seio. — Amor conquista tudo.

— Você realmente acha que ele me ama? — Sento-me ao lado da cama e olho para Andie, tentando fazer o detector de mentiras humanas nela. Suas pupilas parecem estar do mesmo tamanho e seu contato visual é muito bom. Eu acho que ela está dizendo a verdade.

— Claro que eu acredito. Não estaria encorajando isso se não acreditasse. — Ela faz uma careta de dor quando Sarah se agarra. — Eu não quero ver você se machucar, — diz ela, — mas você precisa arriscar para conseguir tudo.

— Eu quero ter tudo. Como você tem. — Eu estendo a mão e aperto seu braço.

— Graças a você, — diz ela, levantando uma sobrancelha.

Eu sorrio. — Eu não fiz nada.

— Por favor, — ela zomba. — Um dia depois de você ter batido na Ginny, eu tive dois convites para as festas da Tupperware, e uma garota com quem eu falei duas vezes começou a organizar um chá de bebê para mim.

— Ei, isto foi Maeve. Ela é a pessoa que começou a apresentá-la ao redor.

— Mas você é a única que mostrou toda a cidade que Ginny é uma mentirosa.

— Ginny é uma mentirosa na cadeia, — eu acrescento, feliz que ela teve o que merecia.

Uma garota estúpida me fez ter um nó horrível no músculo do meu braço que provavelmente é permanente. Eu ainda não consigo segurar uma prancha por mais de cinco minutos sem minha mão ficar dormente.

— Isso é o que você ganha por cometer agressão e lesão corporal, — diz Andie. — Eu conversei com o promotor. Ela provavelmente só vai ter um aviso.

— Melhor que nada, — eu digo. — Meu objetivo era descobrir a verdade, e foi o que fizemos.

— Você é minha super-heroína, — diz Andie calorosamente, seus olhos ficando úmidos.

— Não chore, — eu digo, apontando para o meu rosto. — Você vai fazer o meu rímel escorrer.

— Você realmente tem que ir hoje? — Andie pergunta em sua voz chorosa.

— Sim, eu realmente tenho. Jorge está ameaçando se mudar para Fiji se eu não voltar ao trabalho amanhã.

— Você disse a eles que você está levando Ian com você? — Eu faço uma careta.

— Não.

Andie sacode a cabeça. — Boa sorte com isso.

Ela conhece Jorge muito bem, então há muito significado nessa frase dela. — Obrigada. Eu acho.

Ian enfia a cabeça na porta. — Você já está pronta para ir? Precisamos fugir se vamos pegar o voo.

Eu concordo. — Pronta. — Eu fecho minha bolsa e dou uma última olhada ao redor do quarto para me certificar de que não esqueci de

nada. O lugar está vazio, mas cheio de lembranças que eu odeio deixar para trás.

Ian entra e pega minha mala, e fico impressionada com a diferença de tudo agora, apenas duas semanas depois de eu cheguei. Meu primeiro dia aqui eu não queria que ele tocasse minhas coisas ou chegasse perto de mim. Ele era o cara mau fazendo minha melhor amiga infeliz. Agora não quero nada *além de* ele me tocar, e ele nunca foi realmente o problema de Andie. Ele tem sido um dos seus maiores apoiantes, além de Mack. Sinto que não acabei de ganhar uma pequena afilhada na minha vida, mas uma outra família inteira também. Não me lembro de uma época da minha vida em que fiquei mais feliz. Isso assusta demais essa coisa amorosa em mim.

— Prometa que ligará assim que chegar. Eu quero ouvir tudo, — diz Andie, abraçando-me da melhor maneira possível com um braço. Sarah continua sugando como se nada estivesse acontecendo.

— Eu prometo. — Eu beijo a cabeça confusa do bebê. — Não me esqueça enquanto eu estiver fora. — Inalando sua sentença celestial, sorrio quando seus cabelos minúsculos fazem cócegas no meu nariz.

— Ela não vai esquecer-se de você. Eu mostrarei a ela sua foto todos os dias. E se você me enviar vídeos, vou passá-los para ela diariamente. Andie me agarra em outro abraço. — Eu não quero deixar você ir. — Ela está chorando de novo, ainda faz muito isso.

Eu dou tapinhas nas costas dela. — Eu vou ficar bem. E eu vou visitar novamente em breve.

Nenhum de nós falou sobre a possibilidade de Ian e eu não dermos certo na Flórida e que isso tornaria as visitas a Baker muito

desconfortáveis. Decidimos atravessar a ponte quando e se alguma vez chegarmos a ela.

— Estou indo embora! —Ian grita do andar de baixo.

Andie ri, enxugando as lágrimas. — Ele com certeza está ansioso para chegar à Flórida.

— Eu sei, — eu digo, limpando um pouco de poeira dos meus olhos. Flocos de neve poluídos estúpidos. — Espero que ele não fique muito desapontado quando suas bolas começarem a suar assim que ele sair do avião.

A risada de Andie é como um bálsamo para o meu coração dolorido. Eu odeio sair desse lugar. Eu tenho vivido em um mundo de fantasia onde Ian me ama, e nós temos um sexo incrível louco toda noite que fica cada vez melhor e nada pode ficar no caminho do nosso romance de amor à primeira vista. Temo que o mundo real venha a cair sobre nossas cabeças na Flórida, e tudo o que me resta são as memórias de Ian. Assim como Ginny tem. Ginny maluca que joga dardos em pessoas em bares.

— Me liga. Não esqueça, — Andie me lembra enquanto desço as escadas.

— Eu não vou esquecer, — eu digo.

Eu estou quase no carro quando sou atingido pela vontade irresistível de sair para o celeiro uma última vez. Estive praticamente morando lá a semana toda, e Candy e eu já nos despedimos esta manhã, mas tenho que vê-la apenas mais uma vez.

— Vamos, baby, temos que ir! — Ian grita do carro.

— Eu já volto! —Eu grito enquanto corro através da neve até o celeiro. Eu nem escorrego, meu corpo está completamente adaptado às superfícies geladas agora.

— Oi, menina Candy, — eu digo para o bebê enquanto eu olho pela porta da baia. Ela já está maior, mais ainda do que ontem. — Vou ter saudades tuas.

Ela olha para mim e mugi. Meu coração se parte em dez pedaços. Eu queria que a companhia aérea me deixasse levá-la comigo. Eu teria pago para colocá-la em uma caixa de cães Dog Alemão, mas eles disseram que não poderiam transportar gado. Idiotas.

A voz de um homem vem de mais fundo no celeiro, indo em minha direção. — Nós vamos cuidar dela para você.

Eu sorrio, olhando para ele. — Obrigado, Angus. Eu agradeço. Realmente vou sentir falta dela.

— Ela também vai sentir sua falta, espero. Nenhuma vaca neste rancho já teve tanta atenção, posso te dizer isso.

Eu sei que suas palavras são destinadas a me acalmar, mas agora estou preocupada. — E se ela ficar sozinha? E se ela estiver com medo de ficar sozinha?

Angus sorri e aponta para o canto da baia onde a palha é mais funda. — Não pense que você vai ter que se preocupar tanto com isso.

Eu olho para que eu possa ver melhor. — O que é isso? — Eu pergunto, percebendo um movimento nas sombras.

— Bebê cabra. Trouxe-a ontem. Ela é uma amiga de Candy, então ela não ficará muito estressada.

Eu jogo meus braços ao redor de Angus e quase choro de alívio, ignorando a dor no meu braço. — Você é tão legal! Muito obrigada!

Ele me dá um tapinha desajeitado nas costas. — Não tem de que. Obrigado por ajudar tanto o Ian.

Eu me afasto para olhar para ele.

— Maeve e eu somos muito gratos a você por mostrá-lo a Flórida. Eu sei que ele está querendo há muito tempo.

— Para a Flórida?

— Para qualquer lugar, menos aqui. — Angus olha para o chão. — Meu garoto está perdido há muito tempo. Parece que talvez ele tenha se encontrado novamente, mas acho que veremos.

— Sim. Eu acho que nós vamos, — eu digo baixinho. — Aconteça o que acontecer, quero que você saiba que eu realmente me importo muito com ele.

Ele me dá um tapinha no ombro. — Eu sei que você faz. O mesmo acontece com Maeve. Apenas sejam honesto um com o outro, e você ficará bem.

Eu aceno, aceitando seu sábio conselho. — Vejo você de novo em breve, espero! — Eu tento ficar alegre, mesmo que queira chorar. Deixar este lugar é muito mais difícil do que eu jamais pensei que seria. Não sei o que faria se Ian estivesse ficando para trás.

Agora eu acho que sei o que Andie estava passando quando ela veio aqui para dizer adeus a Mack. Uma vez que você está com esses MacKenzies, é praticamente impossível se sentir bem sem eles novamente. Não é de admirar que Ginny tenha sido balística sobre nós. Eu quase posso perdoá-la por colocar buracos em mim e em Ian. Quase.

— Tenha um voo seguro. Eu tenho que ir ver as galinhas, — diz Angus.

— Eu pensei que as bundas de galinha eram o domínio de Maeve.

Angus franze a testa. — Bem, suponho. Mas eu tenho que colocar uma nova ninhada juntos. Parece que ela tem alguns filhotes chegando pelo correio.

Eu nem quero obter esclarecimentos sobre essa afirmação. — Ok, bem, tchau. Obrigado por sua hospitalidade.

— De nada. Estamos aqui sempre. — Angus acena para mim enquanto se afasta e eu volto para a caminhonete. Ian tem o motor ligado e o aquecedor explodindo.

Eu entro e coloco o cinto de segurança, curvando-me sobre a abertura para aquecer minhas mãos. — Você está pronta para começar essa festa? — Ian pergunta, seu rosto iluminado de emoção.

— Você sabe que eu estou.

— Beijo de sorte, — diz ele, inclinando-se para mim.

Eu me inclino e fecho os lábios com ele, levando o beijo mais fundo até meus dedos do pé formigarem. — Mmm, — diz ele, sentando-se em linha reta e mudando a caminhonete para a estrada.

— Foi bom? — Eu pergunto.

— Claro que sim, esse foi bom. Todos os seus beijos são bons. — Sorrio até o aeroporto em Boise, Idaho.

QUARENTA E SEIS

ALERTAS DE MENSAGEM DE TEXTO COMEÇAM A APITAR assim que o avião pousa e eu ligo meu telefone. Jorge me enviou quatro mensagens na última meia hora.

JÁ CHEGOU?

NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ AGORA.

ESTOU FALANDO SÉRIO, C, VENHA AO SALÃO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.

VOCÊ ESTÁ ME IGNORANDO?

— Há algo errado? — Ian me pergunta do assento à minha esquerda.

Meus peitos saltam desconfortavelmente enquanto nós taxiamos até o portão. Por que eles sempre têm aeroportos tão acidentados por aqui?

Eu mandei um recado para o Jorge e disse para ele manter a piriquita na calça. Estamos há pelo menos meia hora da grande revelação. Todo o salão está pirando comigo trazendo um homem comigo, nada menos que um cowboy. Eles me fizeram pedir ao Ian para usar seu chapéu de cowboy. Eu tenho que admitir, ainda me dá arrepios ao vê-lo ali de pé, vestindo jeans e um chapéu preto.

Eu suspiro. — Nunca se sabe com o Jorge. Ele poderia estar falando sério, poderia estar tendo um momento dramático.

— Um momento dramático?

Eu tento sorrir. — Meu parceiro é propenso ao drama. Ele tem muita... muita energia.

— Parece o meu tipo de cara.

— Hehheh... bem, ele não é... exatamente.

Ian franze a testa. — Eu não entendo.

Eu decido dizer e ver o que acontece. — Jorge é gay. — Ian fica lá sem fazer nada.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ele.

— Eu deveria dizer alguma coisa agora? — Pergunta ele.

— Eu meio que esperava que sim.

Ele parece estar pensando muito. — Ok, que tal se eu dizeeeerrr... bom para ele? Isso funciona?

Eu o cutuco, um pouco do meu estresse saindo do meu peito. Pelo menos eu sei que ele não é homofóbico. — Isso funciona. Mas estou te avisando... ele não é apenas um pouco gay; Ele é *muito* gay.

— Eu não sabia que havia níveis de homossexualidade. Que nível é ele?

Eu sei que ele está brincando comigo, mas brinco de qualquer jeito. — Ele é um nível onze.

Ian sorri. — Mal posso esperar para conhecê-lo.

— Por quê?

— Porque eu sou gay também.

Meu coração para por uma fração de segundo até ver sua expressão. Eu rio de alívio. — Você é ridículo.

— Não, você é ridícula. Você está tão preocupada com tudo. Mal posso esperar para conhece-lo porque o Jorge é seu parceiro. Ele está com você há mais de dez anos, a maioria das horas do dia. Se eu vou te

convencer a se apaixonar por mim, ele saberá como fazer isso acontecer. Estou contando com ele para salvar minha vida amorosa.

Eu acaricio seu braço e descanso minha cabeça em seu ombro grosso. — Estou apaixonado por você, bobo.

— Você pode me amar um pouco, mas eu preciso que você me ame mais.

Eu não tenho resposta para isso. Conheço todos eles, mas ele só conhece um pedaço de mim, as férias de Candice. Será que ele ainda quer estar comigo quando conhecer o meu verdadeiro eu, a Candice de todas as semanas do ano? Teremos que ver isso.

Eu não estou fazendo isso de propósito, mas um pedaço do meu coração está se segurando, esperando para ver se vale a pena arriscar-se totalmente e entregar-se a Ian. Foi esmagado muitas vezes para acreditar que o amor bidirecional realmente existe.

O avião finalmente para de andar, e somos capazes de sair e encontrar nossa bagagem na esteira. Meu carro está coberto de poeira da construção local, mas ele liga sem nenhum problema e nos leva a rodovia em pouco tempo.

— Eu gosto do seu carro, — diz Ian. — Eu sempre quis um carro esportivo como este. E é preto também, meu favorito.

No ano passado, gastei e comprei um carro da crise da meia-idade, embora ainda esteja a pelo menos quinze anos desse evento, espero. — Você quer dirigir? — Eu pergunto.

— Mais tarde. Quando eu acostumar mais. Além disso — ele estende a mão e esfrega minha coxa, — eu meio que gosto de ver você trocar essas engrenagens.

Um flash de Hannah Banana vem à mente e eu sorrio. Aquela pobre garota mal orientada. Ela acabou sem amigos no momento em que partimos. Ginny a cortou, e todas as outras garotas que agora estão se juntando a Andie. Ela vai ter que sair da cidade para encontrar alguém que lhe dê atenção.

— Ei, qual era esse segredo que você tinha sobre Hannah? — Eu pergunto, quando o confronto do restaurante passa em minha cabeça.

— O que?

-— Lembra quando estávamos no restaurante e você ameaçou contar o segredo dela? Algo sobre o quatro de julho? Foi sobre Boog?

— Não. Era sobre o Tate Montgomery. Boog é meio-irmão de Hannah, e ele lhe dá toneladas de merda, então ela não queria que ele soubesse sobre Tate. Ela não quer que ninguém saiba sobre ele. Eu acho que ele é sua paixão secreta, super secreta ou o que seja. Ela me contou sobre isso quando bebeu em um piquenique.

Estou franzindo a testa, tentando resolver isso em minha mente. — Eu pensei que ela era toda em Mack.

— Ela estava, mas depois que Andie chegou à cidade, ela abandonou essa fantasia. Aparentemente, uma noite ela e Tate compartilharam um beijo ou algum absurdo.

— Aw, pobre menina. Tate parece ser um cara legal.

— Tate ficará bem. Ele precisa manter as mãos longe da minha garota, no entanto.

Eu sorrio. Eu sou a garota de Ian. É oficial. Isso me emociona e me assusta em igual medida. Eu uso o resto da rodovia apontando saídas ou lugares de interesse, coisas que quero que ele veja antes de sair. Ele comprou uma passagem de ida e volta para que não houvesse nenhuma

pressão sobre nós, ou assim ele afirma. Não tenho certeza se está funcionando, mas o que o faz feliz. Quanto mais nos aproximamos do salão, mais nervosa fico.

Quando entro no meu estacionamento, tenho que parar e respirar fundo antes de poder sair. Ian está de pé atrás do carro quando eu finalmente saio.

— Parece que você está prestes a cair, — diz ele, levando-me em um abraço caloroso. Ele beija minha cabeça enquanto eu envolvo meus braços ao redor dele e seguro.

— Apenas relaxe, ok? Tudo vai ficar bem.

— Vai?

— Sim. Melhor que bem. Agora vamos. — Ele me empurra e segura minha mão. — Mostre-me ao seu salão. Eu quero ver toda a sua vida, começando agora.

— Ok. — Eu ando pela calçada com os saltos que eu troquei uma vez que estávamos fora do avião, amando a sensação de terra firme que não desliza sob meus pés. Eu sou muito mais graciosa na Flórida do que em Oregon. — Então esta é a rua em que meu salão está. Algumas noites a cidade tem grandes eventos, e este lugar fica lotado.

— É legal. Isso é um carrinho?

— Sim, mas não anda. É apenas para embelezar.

— Eu gosto disso.

Por enquanto, tudo bem. Eu sorrio nervosamente. — E lá em cima você pode ver meu salão. Viu o toldo?

— Sim. Parece muito legal daqui.

Eu solto Ian para que possa mandar um texto para Jorge: *A ÁGUIA POUSOU.*

QUARENTA E SETE

AINDA ESTAMOS A TRÊS METROS DA PORTA DA FRENTE quando ela se abre, e o Jorge sai correndo na ponta dos pés.

— Oh meu deus, ela está aqui! Ela está de volta! E trouxe um belo namorado com ela!

Jorge convenceu alguém a raspar uma parte lateral em seu cabelo para ele. O resto de seu cabelo está com gel e penteado, a parte de cima ainda tem cabelo, e alguns arabescos estão presos nas bordas do rosto para efeito. Ele é parecido com príncipe, mas o príncipe que você veria em um livro de Alice no País das Maravilhas. Ele também está usando seu jeans favorito skinny vermelho com um top rosa forte que está amarrado na parte inferior.

Eu falo em voz baixa. — Veja? Nível onze.

Ian sussurra de volta. — Não, eu acho que ele é mais um nove, se você me perguntar.

Eu rio enquanto Jorge se aproxima, incapaz de manter minha felicidade ao ver meu amigo e parceiro. Ele é realmente uma pessoa especial. — Chegando! — Eu digo em uma voz cantada, soltando Ian e abrindo os braços para o abraço que estou prestes a receber.

Jorge me alcança e envolve seus longos e magros braços em volta de mim e aperta enquanto ele grita. — Oooooooh, garota, eu senti muito a sua falta. Nunca, nunca, nunca, jamais, vá embora por tanto tempo novamente. — Ele se separa por alguns segundos para olhar para Ian antes de voltar a me abraçar novamente. — Ou apenas me leve com você

na próxima vez, — ele sussurra no meu ouvido. — Santo cowboy gostoso, Candice!

Eu sei que Ian pode ouvi-lo, mas ele está fingindo que não. Ele está ali parado, esperando para ser apresentado, usando aquele chapéu de cowboy, uma camiseta e jeans. Ele está recebendo olhares apreciativos de praticamente qualquer pessoa que passa, homem ou mulher. Pela primeira vez desde que conheci Ian, estou com ciúmes. E se ele se apaixonar por outra pessoa enquanto estiver aqui?

Jorge me solta e se levanta direto para encarar o Ian. Ele descansa as mãos na bunda e se inclina para um lado e para o outro, conseguindo uma boa olhada no meu amante cowboy.

— Então, você é o único homem que finalmente ganhou.

— Jorge, cale-se, — eu digo, preocupada com o que Ian vai pensar. Eu não disse a Ian que nunca trouxe um homem ao salão antes. Este lugar sempre foi minha zona segura, minha casa longe de casa. Nenhum homem mereceu vir aqui antes de Ian, Jorge está certo sobre isso.

— Eu acho que sim, — diz Ian, estendendo a mão para um aperto. — Prazer em conhecê-lo. Você deve ser Jorge.

Jorge bate na mão de Ian e abre os braços. — Abraços. Nós só fazemos abraços aqui.

Ian acena com a cabeça. — Se você diz isso. — Ele aproxima e dá um abraço em Jorge, o que eu espero ser um pouco estranho na melhor das hipóteses. Mas ele me surpreende e a Jorge, agarrando Jorge em um abraço de urso e levantando-o do chão por um segundo antes de colocá-lo de volta e deixá-lo ir.

Jorge solta um grito feminino assim que seus pés deixam o chão. Sua expressão facial é clássica, e eu odeio não ter minha câmera pronta. Ele está em choque, e acredite quando digo que é preciso *muito* para chocar o Jorge.

— Oh, meu... agora é *isso* que eu chamo de abraço. — Jorge abana o rosto, e não é apenas um ato. Ele está suando.

— Ok, hormônios, relaxe, — eu digo. — Vamos para dentro, onde tem ar condicionado.

— Você usa ar condicionado no inverno? — Ian pergunta, seguindo Jorge para dentro.

— Sim. Fica tão úmido que as paredes mofam, se não o fizermos. Além disso, temos os secadores e todas as chapinhas. Fica quente aqui mesmo no inverno.

Ian acena com a cabeça todo o tempo que está andando dentro da área do foyer. A fonte de granito está borbulhando água no pequeno lago de carpas no chão, e as telhas de mármore fazem meus saltos estalarem enquanto eu ando até a área de recepção. Os óleos essenciais que difundimos no ar geralmente têm um efeito calmante imediato em mim, mas hoje eles não estão funcionando. Eu sinto que estou andando com o desafio de Ian. Ele vai odiar isso aqui? Ele odiará meus amigos? Até agora as coisas estão parecendo boas, mas há mais algumas barreiras potenciais no caminho.

Quando nos aproximamos da recepção, estendo minha mão para o pequeno homem de pele escura sentado atrás dela. — Ian, este é Sunil. Sunil, este é Ian.

— O cowboy. Nós ouvimos tudo sobre você. — Sunil se levanta e oferece uma mão bem cuidada. — Prazer em conhecê-lo, senhor.

— Você pode me chamar de Ian se estiver tudo bem para você, — diz ele, apertando a mão de Sunil.

— Claro, Ian. E você pode me chamar de Sunny, se quiser. Todos os meus amigos fazem. — Ian sorri.

Estou suando junto com o Jorge. Dois para baixo, vários para ir, mas se o olhar apreciativo no rosto de Jorge e o sorriso em Sunil é qualquer indicação, estou quase livre de tudo isso.

Entro na área principal do salão, gesticulando ao redor da sala. Todas as cadeiras estão cheias, mas todo mundo para de trabalhar para dizer olá ou acenar. Eu sei que todos eles vão nos abordar mais tarde para obter todos os detalhes de mim. Por enquanto eles têm clientes para atender.

— Estas são as salas que Jorge e eu alugamos para vários coloristas e estilistas. A sala de xampu está ali. Atrás, temos salas de massagem e depilação, manicures e outros tratamentos de spa.

— Uau, parece que você tem tudo aqui. — Ian acena com a cabeça enquanto seu olhar varre a sala. Ele sorri e acena para as pessoas que o cumprimentam.

— Nós tentamos. — Estou orgulhosa e com medo. Eu sei que temos um bom lugar, mas quanto é que um cowboy que castra touros a vida toda poderá apreciar um salão de spa?

Jorge está de pé no outro lado de Ian. — Ian querido tire seu chapéu para mim. — Ian tira o chapéu sem questionar e fica lá pronto para inspeção, como não se incomodasse como eu o vi. É como se ele estivesse se divertindo sendo o centro das atenções, o alienígena que caiu em terras estrangeiras.

Jorge corre os dedos pelos cabelos de Ian. — Ó meu Deus. Tão grosso e saudável!

— Estou cortando depois, — eu digo, piscando para Ian.

— Garota de sorte, — diz Jorge, olhando para algumas pontas do cabelo de Ian mais de perto. — Não tem uma ponta dupla à vista. Que tipo de produto você usa?

— Xampu. Da mercearia.

Jorge olha para mim atrás das costas de Ian, suas sobrancelhas se formam na letra S em sua testa. — Ele está fazendo piada?

— Não. Ele é uma espécie de tradicional, acho que você poderia dizer.

Jorge tem o dedo no lábio e ele está balançando a cabeça, de volta para inspecionar o cabelo de Ian. — O que eu poderia fazer com um homem como você. Mmm Mmm Mmm.

Eu ri. — A dona está aqui?

Jorge revira os olhos e balança a cabeça, como se um pensamento realmente desagradável estivesse dentro dele e ele quisesse tirá-lo. — Ela está de volta. Suas *garras* afiadas.

Eu olho para Ian. — Você está pronto?

Pela primeira vez na viagem, Ian parece um pouco preocupado.

— Eu não sei. Eu estou?

Eu o pego pelo braço e o levo para a parte de trás. — Esta é a última pessoa que eu quero que você conheça. Ela vem aqui toda semana, três vezes por semana, desde que Jorge e eu abrimos nossas portas. Ela é nossa mais regular, regular.

— Sua mais regular, regular?

— Sim. E ela odeia todo mundo.

— Até você?

— Até eu. Até o Jorge. Mesmo ensolarado. Ela não tem um osso bom em seu corpo.

— Então o que você está me dizendo é ficar preparado para ser odiado.

— Essencialmente, sim. — Eu abaixo minha voz e falo mais perto de seu ouvido. — Não diga a Jorge que eu disse isso, mas no fundo ela é uma boa pessoa. Mas ela não tem vergonha de dizer exatamente o que ela pensa, então estou curiosa para saber o que ela vai dizer quando ver você.

— Ela é mais velha? — Ele sussurra

— Sim. Já está com oitenta anos, embora ela não nos conte o número real.

— Estou um pouco assustado, vou ser sincero. Vovó Lettie me deu uma vassourada e eu nunca a esqueci.

— Eu me lembro dela do casamento no ano passado. Confie em mim... ela é um anjo comparado a Mildred.

Paramos do lado de fora da entrada da área de manicure. — Você está pronto? — Eu pergunto, nervosa. Eu nunca contei isso a ninguém, nem mesmo a Jorge, mas meio que vejo Mildred como a avó que nunca tive. Ela tem uma língua afiada e zero graça quando se trata de interagir com as pessoas, mas ela me disse algumas coisas ao longo dos anos que realmente me ajudaram, a primeira coisa é que eu deveria tomar Jorge como um parceiro. Ela reconheceu desde cedo que ele tinha o nível de energia e conhecimento para fazer as coisas acontecerem por nós. Ela viu uma compatibilidade entre Jorge e mim que a maioria das pessoas teria perdido. Ela finge odiá-lo, mas eu sei o contrário. Eu deixo Jorge pegar sua

calcinha, porque ela deixa todo mundo feliz. Jorge ama nada mais que drama.

— Eu acho que estou tão pronto como sempre estarei, — diz Ian, balançando o chapéu na cabeça um pouco, efetivamente aproximando-o mais perto de seus olhos. Isso faz com que ele pareça mais sexy, e eu decido naquele momento que se Mildred pode odiar esse cara, ela não tem alma.

— Siga-me, — eu digo, entrando na sala dos fundos.

Mildred não está sozinha. Nossa manicure está lá, e outra cliente está esperando que seu esmalte seque, lendo uma revista enquanto ela passa o tempo, suas pálpebras ameaçam se fechar. Em mais de uma ocasião, deixei as pessoas tirar uma soneca quando soube que não tinham compromissos urgentes depois de sua sessão conosco. Sempre me pareceu idiota criar um ambiente relaxante e depois afastar as pessoas disso.

— Bem, bem, bem, se não é a vagabunda Sally voltando para nos agraciar com a sua presença, — Mildred diz, olhando para mim através de sua garrafa grossa de Coca-Cola.

— Olá, Mildred. Como você tem estado? Eu senti sua falta. — Beijo minha mão e aceno para ela. Ela não é muito de toque físico, mas ela sofre dos meus beijos aéreos.

— Mesmo que sempre. Não morta ainda, mas um pé no túmulo. — Ela olha para Ian. — E o que, por favor, o que é isso? — Ela gesticula com um dedo ossudo na direção de Ian.

Eu coloco minha mão no braço de Ian e sorrio. — Este é o Ian. Eu o trouxe de volta comigo do Oregon.

— Para quê? — Mildred pisca para ele, olhando para o chapéu. — Você vai se casar com ele? — Meu queixo cai e meu rosto queima vermelho.

— Uh... — Ian e eu não conversamos sobre casamento. Sim, nós discutimos ele morando aqui, mas foi isso. Estou tão envergonhada agora, não é nem engraçado. Eu gostaria de poder voltar no tempo e trazer Ian aqui em um dia que Mildred não estivesse por perto.

Ian se aproxima e se senta na cadeira ao lado de Mildred. — Talvez. Se eu puder convencê-la, é uma boa ideia.

Mildred bufa. — Boa sorte com isso. — Ela volta sua atenção para a manicure. — Ei! Cuidado aí garota. Eu tenho cutículas sensíveis, você sabe. — Ela olha para Ian. — É tão difícil encontrar uma boa ajuda nos dias de hoje. A incompetência está em todo lugar.

Ian se inclina e olha para os dedos de Mildred. — Eles parecem muito bons para mim. — Ele aponta para o calcanhar do pé dela que está na pedicure. — Como você chama isso?

Mildred se inclina e olha para os pés dela. — Como eu chamo o que?

— O que ela está fazendo com o seu pé aí. Parece que ela tem um ralador de queijo na mão.

Mildred gargalha. — Claro que sim, não é? Nunca pensei nisso dessa maneira.

Ian parece preocupado. — Tem certeza de que quer que ela sirva queijo aos seus pés?

— É bom. Deixa o bebê liso. Você deveria tentar. Aposto que você vai gostar.

Ian sacode a cabeça. — Não, Senhora. Eu gosto dos meus pés onde eles pertencem. Nas minhas botas. — Mildred acena para Jorge, que está se escondendo atrás de mim na entrada. — Ei, dedos cintilantes por que você não vem aqui e faz os pés dele? Aposto que ele poderia usar um pouco de queijo gratinado! — A boca de Jorge se abre, e ele olha para mim.

Eu dou de ombros, completamente perdida.

— Você acha que eu deveria? — Ian pede Mildred. — Eu não sei. Parece um pouco perigoso. Ela tem uma coisa afiada em você agora. É melhor ter cuidado. — Ian aponta para o alicate de cutícula que estão trabalhando no dedão de Mildred. Ela é propensa a machucar as cutículas.

— Você está me dizendo que um grande e forte cowboy como você tem medo de fazer pedicure? Vamos lá, não seja uma grande boceta.

Ian ri. — Uma grande boceta? Você acabou de me chamar de grande boceta?

Mildred encolhe os ombros e pega sua revista. — Eu chamo isso como eu vejo.

Ian senta na cadeira e tira o chapéu, descansando os pés na beira da banheira. — Não posso deixar alguém manchar meu bom nome assim e sair impune.

— Desonrado. Isso é um quarto de palavra. — Mildred está agindo como se não estivesse prestando atenção nele, mas eu sei melhor. Ela está tão encantada com ele quanto Jorge e eu estamos, em seu próprio jeito malcriado de velhinha. Meu coração está derretendo em uma poça de gosma enquanto o vejo trabalhar para derrubar suas paredes. Ninguém nunca conseguiu essa conversa da mulher. E eu a

conheço bem o suficiente para ver que ela o acha encantador. É bem impossível não fazer isso.

Ele inclina a cabeça para encará-la. — Você vai segurar minha mão durante a parte do ralador de queijo? — Ele pergunta a ela.

Ela gargalha. — Pegue sua namorada para segurar sua mão. Eu sou comprometida.

Ian olha para mim. — Você vai segurar minha mão? — Ele pergunta.

Eu caminho e fico ao lado dele. — Claro, baby. Eu vou segurar sua mão.

Ele olha por cima do meu ombro para Jorge e pisca antes de se concentrar em mim novamente. — Que tal casar comigo? Você vai fazer isso também?

QUARENTA E OITO

EU ESTOU DE PÉ LÁ, SEGURANDO SUA MÃO, confusa enquanto o vejo alcançar o bolso e cavar algo.

— O que? — Tenho certeza de que não entendo o que ele está fazendo. —Isso é outra provocação em Mildred que não estou compreendendo?

Ele puxa uma caixa preta do bolso e abre a tampa com um dedo. — Você me ouviu. Eu perguntei se você vai segurar minha mão durante a parte de ralador de queijo e se vai se casar comigo.

Um anel de diamante brilha de uma caixinha de veludo preto. Meu coração para de bater.

— OHHH, MEUUU, DEUS! — Jorge grita em uma voz mais adequada para um game show. — ELE ESTÁ PROPONDO A ELA AQUI MESMO NO SALÃO! — Jorge começa a pular para cima e para baixo como um pula-pula humano. — SUNNY! VENHA LOGO AQUI!

Estou muito chocada para responder. Minha boca está aberta, mas nenhuma palavra vai sair. O homem mais bonito de todo o mundo, aquele que aceitou todos os meus amigos e a minha vovó mais excêntrica com braços abertos... literalmente de braços abertos... quer estar comigo para sempre. Eu estou em coma, tendo um sonho em coma? Aquele leão realmente me despedaçou, e tudo isso foi uma fantasia inventada em minha mente drogada? Eu ainda estou em um hospital do Oregon sendo cutucada e cutucada pela enfermeira Ratched?

— Bem? Você vai responder ou não? — Mildred diz, tão irritada como sempre. — Nós não temos o dia todo.

Eu olho para ela, lágrimas nos meus olhos. — Devo dizer sim?

— Você o ama?

Eu concordo. — Sim. Muito.

— Ele é bom para você?

Eu aceno de novo. — O melhor.

— Ele te dá orgasmos?

Eu dou uma risada. — Sim.

Ela encolhe os ombros e volta para sua revista. — Diria sim se fosse você, mas não sou eu que ele está perguntando.

Ian aponta para Mildred com o polegar. — Mildred diria sim.

— Se você não disser sim, eu vou desistir, — diz Jorge.

— Você não pode desistir; você é dono deste lugar — eu digo, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Eu vou vender. Juro por Deus que vou.

Ian segura o chapéu contra o peito e me dá um sorriso nervoso. — Baby, eu não posso prometer a você que sempre serei perfeito, mas vou fazer o meu melhor para tentar, e vou fazer disso o objetivo da minha vida para sempre ter certeza de que você está feliz. Tudo o que você precisa fazer é casar comigo e eu farei o resto.

Não consigo pensar em um único motivo para dizer não mais.

— Sim. Eu vou casar com você. — Meu coração começa a bater em uma corrida louca, e meu rosto fica vermelho. Eu não posso acreditar que acabei de ficar noiva!

Ian tira o anel da caixa e coloca no meu dedo.

— Isso se encaixa perfeitamente, — eu digo em uma pequena voz de menina, virando meu dedo para a esquerda e para a direita para que a luz a pegue e faça brilhar mais.

— Claro que sim. Andie me ajudou a escolher. — Ele sorri, seu rosto se iluminando com amor e luz. Eu nunca vi nada tão incrível em toda a minha vida.

Eu não consigo parar de chorar quando todos os meus amigos me cercam e me abraçam de todos os ângulos. Ian espera sua vez, mas quando ele finalmente tem uma chance, ele envolve seus braços fortes em volta de mim e enterra seu rosto no meu pescoço, levantando-me do chão.

— Amo você, City, — diz ele.

— Eu também te amo, Country, — eu digo de volta.

— Arrumem um quarto, — diz Mildred.

Quando olho por cima do ombro de Ian para ela, vejo que está sorrindo.

QUARENTA E NOVE

A BRISA VINDA DO oceano é tão suave e livre de umidade quanto eu já vi. Meu simples vestido branco pega e flutua em meus joelhos enquanto eu seguro meu buquê na minha cintura.

— Você está pronta? — Angus pergunta, segurando um cotovelo para mim.

— Tão pronta como sempre estarei, — eu digo, colocando a mão pelo braço dele.

— Eu me sinto muito sortudo, sendo o único a guiá-la pelo corredor. — Nós caminhamos devagar desde que os joelhos de Angus não são os melhores nos dias de hoje.

Eu sorrio, me sentindo muito tímida. — Como meu pai já faleceu, eu realmente não sabia o que fazer.

Ele dá um tapinha na minha mão. — Eu sou seu sogro agora. Você pode me chamar de pai se quiser. Angus, se você preferir. Só estou orgulhoso de poder ter duas filhas agora, quando tudo o que eu pensava que teria são filhos.

Saímos da pequena sala de banquete do hotel e seguimos por uma pequena área da piscina para chegar ao calçadão que nos levará até a praia onde nossa festa de casamento está esperando.

— Obrigado por ajudar o Ian a começar aqui, — eu digo enquanto caminhamos pela área da piscina.

— Nós sempre dissemos a ele quando ele estivesse pronto, queríamos ser investidores. Ele tem uma boa cabeça em seus ombros e a ética do trabalho para se orgulhar. Ele fará o rancho funcionar.

— Eu não posso acreditar que vou ter galinhas. — Eu rio de toda a ideia. Angus acabou de construir a cooperativa para nós ontem. Eu quase chorei com o quão fofa as minúsculas venezianas que ele colocou nas janelas.

— Você sempre pode fazer Ian recolher os ovos, — Angus diz, sabendo da minha extrema paranoia de bundas de galinhas.

— Não, eu vou fazer isso. As pessoas têm que se sacrificar quando escolhe ser casados. Eu só vou ter que lidar.

— É isso aí garota, — diz ele, sorrindo e me dando tapinhas novamente. — Nós vamos fazer de você uma fazendeira.

Quando começamos a caminhar pelo calçadão, vejo meu futuro marido esperando por mim. Ele está de pé no final, na areia, ao lado de um padre que contratamos por algumas horas, vestindo um smoking e seu chapéu de cowboy preto. Andie está do outro lado do padre, segurando um buquê e de pé ao lado de Jorge. Ambos estão em rosa. Kelly não conseguiu, porque está prestes a dar à luz, mas ela me enviou uma foto dela em um vestido rosa, e eu coloquei dentro das minhas flores. Eu dou uma olhada agora para me lembrar que ela está aqui em espírito.

Mack é o padrinho de Ian, e Boog está ao lado dele, parecendo extremamente desconfortável em um smoking, com a barba pendurada na frente.

É uma equipe bastante heterogênea que temos, mas eu não gostaria de outra forma, e nem Ian, graças a Deus. Eu finalmente

encontrei um homem que me quer exatamente como sou e me ama de volta tanto quanto eu o amo.

Quando chego ao final do calçadão, eu pulo na areia, felizmente só preciso ir alguns metros antes de estar no braço de Ian. Saltos e areia não combinam muito bem, mas de jeito nenhum eu ia usar chinelos no meu grande dia.

— Fui convidado para manter esta cerimônia curta e doce, — diz o padre sorrindo para todos, — e a melhor maneira que eu sei fazer isso é pedir ao casal para escrever seus próprios votos, que Candice e Ian têm felizmente feito. Ian, você gostaria de começar?

— Sim, estou feliz em começar. — Ian pisca para mim, mas posso dizer que está tão nervoso quanto eu. Suas mãos tremem enquanto ele puxa o papel para ler o que escreveu. O papel treme.

— Candice. — Ele olha para mim e sorri. Seus lábios tremem. — A garota mais linda que eu já conheci. Eu sabia que ela era a única para mim no dia em que me deu um tiro na perna.

Quase todo mundo ri. Alguns dos hóspedes menos conhecidos ficam boquiabertos. Eu tenho que morder minha bochecha para não sorrir. Ele vai pagar por essa à noite.

— E então, quando ela me derrubou no chão e encheu meu rosto de neve, eu sabia que ela era uma lutadora, isso a tornava ainda mais meu tipo de garota.

Eu balanço minha cabeça para ele e olho para sua mãe. Ela está balançando a cabeça também, mas sorrindo através das lágrimas ao mesmo tempo.

— Quando ela se jogou na frente de um leão da montanha e salvou minha vida, eu sabia que estaria muito melhor com ela por perto, com

todos os perigos da vida que poderiam vir sobre mim quando eu crescesse. Eu soube então que ela é corajosa, exatamente o tipo de mulher que você quer para a vida inteira.

Vários convidados estão concordando. Outros estão olhando ao redor, provavelmente tentando decidir se ele está inventando tudo isso.

— Quando ela trouxe o bezerro de volta à vida e cuidou dela da maneira mais carinhosa, sabia que seria uma boa mãe para nossos filhos. Isso é muito importante para mim, já que me considero um homem de família e planejo ter cerca de dez filhos.

Estou chorando agora, imaginando ter bebês do Ian. Eles vão ser pessoas incríveis, eu sei disso. Eu não tenho certeza sobre dez deles, no entanto. Nós vamos ter que negociar esse ponto.

— E quando ela entrou em uma briga de bar com uma garota que estava falando besteira sobre sua amiga e que levou um dardo no braço por mim, eu sabia que ela era leal e uma grande companheira. Esse é o tipo de mulher que você quer ao seu lado quando envelhecer e, eventualmente tiver incontinência.

Eu não posso mais ouvir os convidados. Tudo que eu posso ouvir são as palavras de Ian. Estou tão apaixonada por esse homem — deveria ser impossível amar alguém tanto assim. Mas não estou trocando suas fraldas, de jeito nenhum.

— Por último e não menos importante, quando ela me levou para casa e me apresentou a sua família maravilhosa, eu sabia que ela confiava em mim com seu coração. E só quero dizer hoje, diante de todas essas testemunhas, que vou trabalhar todos os dias de nossas vidas juntos para continuar ganhando e merecendo essa confiança, porque sei o quanto essa qualidade é valiosa em um relacionamento.

Ele acena com a cabeça uma vez para mim, enxuga o suor da testa e da boca com um lenço e depois diz: — Sua vez, City. — Ele enfia o papel no bolso sem se preocupar em dobrá-lo.

Eu alcanço a frente do meu vestido e tiro meus votos do meu sutiã.

Os olhos de Ian brilham e os convidados riem quando eu abro o papel. Está um pouco suado e um pouco da tinta ficou manchada. Ainda bem que já li centenas de vezes.

Limpo minha garganta para tirar o pigarro, ignorando as lágrimas que agora estão secando rastros de sal no meu rosto.

— Se você tivesse me dito há seis meses que eu estaria casando com um cowboy, vivendo em uma fazenda de gado, e colocando minha mão em bundas de galinhas, eu teria dito a você que deve estar pensando em minha amiga Andie. Eu olho por cima do meu ombro para ela, e ela me sopra um beijo enquanto chora.

— Mas aqui estou eu, casando-me com um cowboy e vivendo em um rancho, e Deus me ajude, tocando em bundas de galinhas todas as manhãs.

Ian ri silenciosamente e se aproxima.

Eu bato nele com minhas flores para fazê-lo manter distância.

— Algumas pessoas na minha vida me chamaram de louca. Talvez até um pouco boba. Eles questionam minha necessidade de pesquisar coisas e pesquisar condições médicas. Ian é a única pessoa no mundo que apenas aceita essas coisas como parte de quem eu sou. Faço uma pausa e olho para a multidão. — O Google é meu amigo, pessoal. Estou falando sério. Não é uma *pessoa*, é um grupo coletivo de pessoas que querem se ajudar, e isso é uma coisa boa.

Eu volto para o meu papel. — A coisa sobre o Ian é que até que eu o conheci, não sabia o que queria na minha vida. Eu pensei que minha vida estava completa e perfeita. Mas quando o conheci e de repente tive ele na minha cara, como literalmente empurrando neve na minha cara, eu não sabia o que estava perdendo. Agora eu sei. Havia essa pessoa que não estava na minha vida e que precisava estar. Alguém que me amaria, não importa o quê, mesmo quando meus seios se esvaziarem e minha bunda afundar e eu tiver estrias como a de Andie por toda a minha barriga.

Ian franze a testa e balança a cabeça, forçando-me a bater nele com minhas flores novamente. Andie limpa a garganta, mas eu a ignoro.

— De qualquer forma, o que estou dizendo é que encontrei a verdadeira felicidade e não vou estragar tudo. Eu te honro, às vezes te obedeço, faço seu cabelo e suas unhas, sua roupa em todos os dias estranhos do mês, e eu também cozinho se você quiser, embora tenha que confessar que o espaguete que fiz para você foi a primeira vez que cozinhei alguma coisa, então você pode querer investir em alguns livros de culinária ou algumas lições para mim antes de aceitar essa parte da minha oferta.

— Eu acho que você deveria prometer me obedecer o tempo todo, — sussurra Ian.

— Só no quarto, — eu sussurro de volta.

— Funciona para mim, — diz ele, sorrindo de orelha a orelha.

Eu limpo minha garganta para terminar. — E por último, mas não menos importante, prometo ser a melhor esposa de fazendeiro que posso ser, desde que eu sei que é onde seu coração está, e é isso que você realmente quer fazer com sua vida.

Eu olho e aceno para o padre. — Pronto. É isso.

O padre gesticula para Mack. — Os anéis? — Mack os entrega.

— Ian e Candice vão agora trocar anéis, símbolos de amor eterno que os une para sempre.

A simples faixa de ouro desliza na minha mão com facilidade. Desta vez, ajudei a escolhê-lo. Ian ficou surpreso que fosse tão simples, mas eu expliquei que queria algo que eu pudesse usar quando estivesse brincando com bundas de galinhas e vaca bebê também. Meu diamante às vezes precisa ser tirado quando a situação exigir, mas meu anel será uma coisa para sempre.

A aliança de ouro de Ian está linda contra sua pele bronzeada. Apenas seis meses ao sol e ele parece um nativo. Todas aquelas horas colocando arame farpado fizeram dele um verdadeiro fazendeiro da Flórida. Estou muito feliz por termos encontrado alguma terra não muito longe do meu salão. Eu posso fazer um trajeto enquanto Ian está esperando por mim em uma extremidade, e Jorge esperando na outra. Eu olho para meus amigos e vejo todos eles enxugando as lágrimas.

— Você pode beijar sua noiva, Ian. — O padre dá um passo para trás, e eu não percebo por que até que de repente eu estou mergulhada quase na areia.

— Beije-me, City.

— Com prazer, Country. — Eu agarro seu pescoço e o beijo com tudo que posso. Quando ele finalmente me levanta de novo, estou sem fôlego.

O padre joga os braços para fora. — Senhoras e senhores, eu apresento a vocês o Sr. E Sra. Ian e Candice MacKenzie!

Ian pega minha mão e a segura acima de nós. — Nós brilhamos, não queimamos! — Ele grita para a multidão.

— Luceo non oro! — Grita toda sua família de volta.

Meu marido me pega e me carrega pela areia até o calçadão. Enquanto ele me leva até a sala de recepção, sorri para mim, seu chapéu de cowboy me protege do sol quente da Flórida.

— Você está feliz, City? — Ele pergunta, seus olhos brilhando verdes.

— Mais feliz do que já estive em toda a minha vida. E você?

— Não poderia estar mais feliz. Você me faz querer ser a melhor versão de mim. — Ele me coloca para baixo e tira alguns cabelos do meu rosto, em pé, peito a peito comigo. — Como estou indo até agora?

— Brilhando, não queimando, baby.

— Excelente. — Ele abaixa a cabeça e me beija novamente, e eu esqueço onde estamos e o que estamos fazendo. Eu só posso pensar e sentir o quanto amo esse meu cowboy.

FIM.